

DM.  
CORT.1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

**A CONCEPÇÃO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO EM  
ALUNOS DO 4º E 7º ANO DE ESCOLARIDADE**

Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica

Por: Luísa Maria Roque de Pinho Norton de Matos Cortes

Orientador: Professor Doutor Frederico Pereira

Lisboa, Janeiro 1997

**A CONCEPÇÃO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO EM  
ALUNOS DO 4º E 7º ANO DE ESCOLARIDADE**



Centro de Documentação do I.S.P.A.

Telex. 885 91 84

Reg. 10014

C'

Ao Tiago e ao Tomás,

por tudo o que não pude dar...

# ÍNDICE

## VOLUME I

	Pág
<b>AGRADECIMENTOS</b>	5
<b>I. INTRODUÇÃO</b>	6
<b>II. ARGUMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	11
1. Evolução do pensamento psicanalítico sobre o conceito de <u>agressão</u> .	12
2. Abordagem sócio-cognitiva do comportamento agressivo.	41
3. Abordagem fenomenográfica.	49
3.1. A propósito da Representação.	59
4. Questões sobre o desenvolvimento moral.	63
<b>III. METODOLOGIA</b>	
1. Justificação metodológica	71
2. Apresentação do trabalho	76
2.1. Definição do problema	76
2.2. Hipóteses de trabalho	77
2.3. Definição de variáveis	78
2.4. Sujeitos	80
2.4.1. Critérios de selecção da amostra	80
2.4.2. Justificação dos critérios utilizados	82
a) 1º critério- Idade / Nível de escolaridade	82
b) 2º critério- Sexo	84
c) 3º critério - Agressividade	85
2.4.3. Dimensão dos grupos	86
2.4.4. Caracterização dos grupos	87

2.5. Instrumentos	92
2.5.1. Avaliação do comportamento agressivo	92
2.5.2. Entrevista sobre a concepção da agressão	94
2.5.2.1. Apresentação do guião /questionário	94
2.5.2.2. Análise das questões do guião / questionário	95
2.5.2.3. Apresentação dos episódios críticos	98
2.5.2.4. Análise dos episódios críticos	101
2.6. Procedimentos	103
2.6.1. Descrição das escolas	104
2.7. Organização dos dados recolhidos	106
2.7.1. Grelha de análise: descrição das categorias definidas.	107
2.7.2. Definição operacional das categorias	111

#### **IV. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS** 122

1. Apresentação e análise dos resultados	123
2. Apresentação e análise das respostas ao questionário em função do nível de escolaridade / idade	125
2.1. Pergunta 1	125
2.2. Pergunta 2	129
2.3. Pergunta 3	131
2.4. Pergunta 4	136
2.5. Pergunta 5	138
2.6. Pergunta 6	143
2.7. Pergunta 7	145
2.8. Pergunta 8	147
2.9. Pergunta 9	149
2.10. Pergunta 10	152
3. Apresentação e análise das respostas ao questionário em função do sexo.	154
3.1 Pergunta 1	154
3.2 Pergunta 2	155
3.3 Pergunta 3	157
3.4 Pergunta 4	158
3.5 Pergunta 5	159
3.6 Pergunta 6	160
3.7 Pergunta 7	161
3.8 Pergunta 8	162
3.9 Pergunta 9	163
3.10 Pergunta 10	164

<b>4. Apresentação e análise das repostas ao questionário em função da agressividade.</b>	<b>165</b>
4.1. Pergunta 1	165
4.2. Pergunta 2	167
4.3. Pergunta 3	178
4.4. Pergunta 4	170
4.5. Pergunta 5	172
4.6. Pergunta 6	173
4.7. Pergunta 7	174
4.8. Pergunta 8	175
4.9. Pergunta 9	176
4.10 Pergunta 10	177
<b>5. Apresentação e análise dos dados relativos aos episódios críticos</b>	
5.1. Dados relativos ao episódio crítico do Externato GrãoVasco	179
5.2. Análise das repostas do Externato Grão Vasco	181
5.3. Dados relativos ao episódio do Patronato Cristo Rei	183
5.4. Análise das repostas do Patronato Cristo Rei	185
5.5. Análise comparativa das repostas aos episódios críticos do Grão Vasco e Patronato Cristo Rei.	187
5.6. Dados relativos ao 7º Ano 2ª	188
5.7. Análise das repostas do 7º ano 2ª	190
5.8. Dados relativos ao 7º ano 3ª	191
5.9. Análise das repostas do 7º ano 3ª	194
5.10. Análise comparativa das repostas aos episódios críticos do 7º ano 2ª e 3ª	195

## **V. DISCUSSÃO**

<b>1. Discussão</b>	<b>199</b>
1.1. Discussão 1	199
1.2. Discussão 2	212
1.3. Discussão 3	218
1.4. Discussão final das três hipóteses	225
1.5. Discussão dos episódios críticos	244

<b>VI. CONCLUSÕES</b>	<b>249</b>
<b>VII. RESUMO</b>	<b>253</b>
<b>VIII. BIBLIOGRAFIA</b>	<b>257</b>

## **VOLUME II**

### **ANEXOS**

- 1. Anexo I - Quadro de Caracterização da amostra**
- 2. Anexo II - Transcrição dos dados das entrevistas**
- 3. Anexo III - Organização dos dados das entrevistas**
- 4. Anexo IV - Categorização das respostas**
- 5. Anexo V - Quadros de resultados**
- 6. Anexo VI - Escala de avaliação da agressividade**

## **AGRADECIMENTOS**

A Realização deste trabalho não teria sido possível sem a preciosa colaboração de várias pessoas, a quem desejo agradecer.

Ao Professor Doutor Frederico Pereira, pelo seu apoio na orientação.

À escola Secundária Ferreira Borges, ao Externato Patronato Cristo Rei, e ao Externato Grão Vasco, pela disponibilidade e colaboração que tiveram na realização do estudo.

Ao Professor Ference Marton, pela sua prontidão e generosidade no envio de alguns artigos necessários à elaboração do trabalho.

À Dra. Sofia Ambrósio, pela discussão de ideias, apoio e conforto dado ao longo do trabalho.

À Dra. Mafalda Pais de Almeida, pela disponibilidade e pela preciosa ajuda na parte final do trabalho.

Ao meu marido pela colaboração na discussão e revisão do trabalho e por todo o apoio nos momentos mais difíceis.

A todas as crianças e jovens que participaram no estudo, pela sua colaboração e sinceridade.

Por último, à minha família pela colaboração e apoio sempre disponibilizados.

## I. INTRODUÇÃO

Falar de agressão ou de comportamento agressivo é sempre falar de um conceito lato que, à primeira vista nos parece quase indefinível. Antes de mais, pelo facto de não existir apenas um único estilo de agressividade ou comportamento agressivo, mas antes um extenso, variado e bastante heterogéneo conjunto de manifestações mais ou menos directas, mais ou menos complexas, que nos fazem percorrer longos caminhos à procura de um fio condutor. Em segundo lugar porque, desta mesma variedade ao nível expressivo e comportamental, surgem diferentes abordagens teóricas e tentativas de compreensão da agressão por vezes muito divergentes, proporcionando grelhas de leitura díspares e até contraditórias.

Vulgarmente, e referindo-nos às crianças e pré-adolescentes (grupos avaliados neste estudo) a primeira ideia que nos poderá surgir é a de alguém que bate, que ofende verbalmente, cujo comportamento nos agride e nos leva a descobrir um sentimento terrível. Seja talvez uma "ferida" provocada pela acção do outro, ou ainda a tomada de consciência da nossa própria agressividade, que existe, mas que com frequência negamos, desejando poder vê-la apenas no outro, no exterior.

A agressão não poderá, porém, ser apenas apresentada na sua vertente negativa, destrutiva, como vulgarmente é pensada. Existe, sem qualquer dúvida, a vertente positiva e construtiva da agressão, indispensável para o processo de crescimento e construção pessoal. Sem esta todo o desejo, a criatividade, a capacidade construtiva do sujeito dificilmente poderiam existir. (A agressão está directamente implicada e presente no desenvolvimento pessoal de cada um, seja ao nível da construção da identidade, da autonomia, da separação, da negação, etc... , seja ao nível da actividade construtiva e da acção do sujeito sobre o mundo físico e social.)

(Pensamos que a compreensão subjectiva e pessoal da agressão, e mesmo do comportamento agressivo, só poderá advir do estudo do interior de cada um, do seu próprio mundo interno onde sentimentos e desejos coexistem.) A partir desta análise talvez possamos perceber quais os caminhos, funções e sentidos que a agressividade adquire, num desejo consciente de a conhecer, e, desta forma, afinal, melhor nos conhecermos.

¶

Este desejo levou-nos a pensar na forma como crianças e pré-adolescentes poderão pensar e sentir a agressão. Partimos então para junto destes, questionando-os e levando-os a pensar, a reflectir, a orientar a sua atenção para um fenómeno de presença constante nos anseios do Homem, mas que poucas vezes é pensado e reflectido fora de situações críticas pontuais.

A compreensão deste fenómeno é muitas vezes perspectivada à luz de inúmeras teorias e de conceitos desenvolvimentistas que, à partida, poderão saturar a nossa capacidade de escuta e de atenção, condicionando, assim, o acesso à essência do nosso estudo. Concretamente desejávamos conhecer o modo como os sujeitos viviam e pensavam a agressão, reservando para isso um espaço mental tão livre e disponível quanto possível, onde os nossos conhecimentos prévios não condicionassem e alterassem as verdadeiras vivências de cada um. Deste propósito, surgiu a ideia de questionar e trabalhar directamente com as crianças e pré-adolescentes.

Subjacente ao nosso interesse pelo desenvolvimento deste estudo, esteve sempre a tese de que é pensando e reflectindo sobre os fenómenos, tornando-os objectos da nossa atenção e consciência, que qualquer um de nós evolui na sua relação com estes. Investigar sobre o que pensam os sujeitos em estudo sobre a agressão, poderá também ser um modo de os levar a pensar e a crescer na sua relação com esta. A elaboração deste projecto não deixou de conter um desejo, talvez

ambicioso, de lhes proporcionar um espaço para pensar, palco de novos pensamentos capazes de se transformarem e evoluírem, levando assim à transformação dos sujeitos. Transformação essa no sentido do crescimento do desejo de descoberta da verdade, da verdade de cada um. Deste modo, seria possível chegar à construção de pensamentos que não toleram o vazio, o vazio da mente, o vazio dos sentidos, um vazio sem sentido, onde as acções, nossas e de outros, não encontram luz, morrem e por isso horrorizam.

Talvez porque o tempo de criança já lá vai, e o nosso próprio desejo de pensar, de aceitar, de acolher aquilo que foram os nossos pensamentos tenha permanecido insatisfeito, talvez por isso, hoje, nos propusemos, partindo de algo de criança que em nós persiste, entrar nesta descoberta. Descoberta que acabou por assumir alguns aspectos formais, metódicos e metodológicos, pouco harmonizáveis com uma “viagem” sonhadora, mais livre, mas certamente também mais desorganizada, e que foi, afinal, motor deste trabalho. Neste trabalho propusemo-nos procurar, dentro de cada sujeito, a sua própria abordagem, para que, todos os elementos dele resultantes proviessem da fonte, do discurso, da descoberta de si feita por cada um.

Pareceu-nos difícil, e aliás não fazia parte das nossas motivações, elaborar um trabalho onde existisse um rigoroso controle de todos os factores que naturalmente fazem parte da história pessoal de cada um. Optámos pela pesquisa exploratória, influenciada pela fenomenografia, através da qual procurámos explorar o que os próprios sujeitos se permitem descobrir sobre a sua concepção do comportamento agressivo / agressão. Foram formuladas algumas questões, com o intuito de orientar e de estimular o próprio pensamento dos sujeitos, deixando contudo espaço para que cada um libertasse o seu pensar e pudesse também mergulhar no seu mundo, estabelecendo-se, desta forma, uma relação interna entre o sujeito e o fenómeno pensado.

O discurso dos sujeitos serviu-nos como ponto de partida da análise, comparação e procura de entendimento das diferentes formas de pensar a agressão. Idade, sexo e níveis de agressividade foram parâmetros tidos em conta e que nos permitiram digerir e dar sentido a todo um vasto conjunto de dados obtidos.

Iniciámos a apresentação deste trabalho de investigação com uma reflexão teórica com base nalgumas contribuições de diferentes escolas que abordam o fenómeno da agressão. Optámos por nos centrar naquelas com as quais mais nos identificamos.

Começámos por abordar a evolução do conceito da agressão à luz da teoria psicanalítica. Dentro desta, mais uma vez, seleccionámos alguns autores, quer por serem marcos indispensáveis à evolução do conhecimento sobre esta matéria, quer por apresentarem conceitos e teorias que têm em nós um sentido e um eco particular.

Seguidamente apresentamos alguns estudos, conceitos e resultados provenientes de uma abordagem sócio-cognitiva. São consideradas algumas características do pensar dos sujeitos agressivos e não agressivos, como ainda algumas ideias e atribuições feitas sobre o comportamento agressivo. É uma abordagem que elucida sobre a cognição, mas também sobre os modos de agir e viver o comportamento agressivo na relação com o outro. Através desta abordagem sócio-cognitiva aproximamo-nos do objecto da nossa investigação, seja pelo seu conteúdo, seja pelas estratégias de investigação utilizadas, nas quais o sujeito concreto é estudado directamente na sua interacção com o mundo e com o outro.

A abordagem fenomenográfica teve também um contributo relevante para a nossa investigação, pelo que delineámos um quadro descritivo esclarecedor da sua origem, evolução e principais contribuições.

Terminaremos a reflexão teórica com uma consideração sobre o desenvolvimento moral, temática que nos pareceu estar indirectamente relacionada com questões presentes na parte prática deste estudo.

Num segundo momento, apresentaremos a parte prática do trabalho. Nesta, estudaremos quais as formas de concepção de agressão, e o modo como estas são influenciadas pelo nível de escolaridade, sexo e agressividade dos sujeitos em estudo. Serão apresentados os aspectos metodológicos que estiveram presentes na investigação de campo, os resultados obtidos e a respectiva análise.

Por fim procederemos à apresentação da discussão e conclusões.

## II. ARGUMENTAÇÃO TEÓRICA

## **1. EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO PSICANALÍTICO SOBRE O CONCEITO DE AGRESSÃO**

A elaboração de um trabalho de investigação no qual o conceito de agressão ocupa um lugar privilegiado, e o nosso interesse pelo pensamento psicanalítico, levou-nos a desejar compreender de que forma este mesmo conceito tem vindo a ser tratado no âmbito da teoria psicanalítica.

Mais do que tentar fazer uma revisão exaustiva sobre o que desde Freud tem vindo a ser pensado a este respeito, pretendemos antes reflectir sobre a forma como o conceito evoluiu, traçando uma linha desenvolvimental que abranja algumas das várias leituras e aplicações que lhe têm sido atribuídas ao longo dos tempos. Focaremos, para tal, alguns autores que nos parecem fundamentais enquanto marcos de evolução do pensamento a este respeito.

As leituras feitas deixaram-nos a impressão da existência de uma imensidão de textos e reflexões sobre esta temática, sem que, contudo, nos pareça ter sido produzido um pensamento sistematizado e organizado relativo à agressão enquanto conceito geral. As implicações várias deste conceito em diferentes campos de interesse, influenciados pela prática clínica e experiência dos vários autores, levam a uma aparente dispersão na forma de compreensão da noção de agressão.

Está fora do âmbito deste trabalho, perceber a forma como a agressão se liga à psicopatologia em geral e mais especificamente ao campo das perversões sexuais. Tentaremos organizar um pensamento sobre a evolução do conceito de agressão tendo em conta sobretudo três grandes momentos e as teorias que lhes correspondem. Esquemáticamente, e por isso mesmo de forma simplificada, as teorias a que nos referiremos são as seguintes:

- a) Teoria das pulsões,
- b) Teoria da relação de objecto,
- c) Teoria da dinâmica do self,

Será pois à luz destas três grandes linhas de pensamento, que tentaremos compreender como é concebida a agressão, considerando alguns dos autores que pensamos serem mais representativos de cada uma delas.

## **À LUZ DA TEORIA DAS PULSÕES**

Freud deixou-nos algumas dificuldades e contradições relativamente à compreensão da agressão. Tendo alterado as suas primeiras teorias, ficando insatisfeito com a sua segunda, parece ainda contradizer-se nos seus últimos escritos. (Clancier, Faure, Pragier, 1984)

Como refere Laplanche e Pontalis (1971/1967), "Segundo um modo de ver corrente, Freud só tardiamente teria reconhecido a importância da agressividade." (p.38) Freud suportava mal a aceitação de um monismo pulsional, que terá sido objecto do seu conflito com Yung, tendo necessidade de criar um dualismo para a sua reflexão. Poderia ter pensado numa hipótese de criar um dualismo, sugerindo por oposição à libido uma pulsão de agressão. As contestações duramente formuladas por Freud em relação a Adler, e à ideia de que a única força que regeria o funcionamento mental seria a agressividade, sob a forma de protesto masculino, levaram-no a recusar essa ideia. A recusa à existência de uma pulsão agressiva autónoma, não quer contudo significar que Freud antes de 1920 se recusasse a ter em conta os movimentos e expressões agressivas.

Segundo a 1ª teoria das pulsões (1910), as pulsões sexuais têm como opostas as pulsões de auto-conservação. Estas, de um modo geral, têm por função a manutenção e a afirmação da existência individual, "a fome constitui o seu

protótipo” (Laplanche e Pontalis,1971/1969 p.521). As pulsões sexuais serviriam a sexualidade e a obtenção do prazer sexual. Este dualismo pulsional compreende dois aspectos: o apoio das pulsões sexuais em pulsões de auto-conservação e o papel determinante da sua oposição no conflito psíquico.

As pulsões de auto-conservação, segundo Laplanche e Pontalis (1971), assimilam as pulsões do ego que se contrapõem, por sua vez, às pulsões sexuais. As pulsões do ego são identificadas, por um lado, com as pulsões de auto-conservação e por outro lado com a função repressiva, sendo, desde então, representado o conflito entre a libido e as pulsões do ego (Freud 1981/1915). As pulsões do ego seriam um tipo específico de pulsões cuja energia estaria colocada ao serviço do ego no conflito defensivo.

A teoria psicanalítica dá, nesta altura, aos instintos inatos o papel principal na formação da personalidade. Como refere Freud, A. (1973/1949 [1947]), a reclamação das forças instintuais do desenvolvimento resulta no desenvolvimento das novas funções, as chamadas funções do ego. A tarefa principal destas funções é vista na tentativa de reconciliar o desejo de gratificação feito pelas forças instintuais com as condições existentes no meio da criança. É em função das condições existentes no meio da criança, que as funções do ego poderão gratificar os pedidos feitos pelas forças instintuais. O ego encontrar-se-á perante um conflito que resolverá desprezando o que acontece no mundo exterior (negação) ou ignorando as exigências do mundo interno (repressão).

A introdução do Narcisismo em 1915 levou a uma nova reformulação, e à oposição entre pulsões sexuais e pulsões do ego foi introduzida uma outra distinção: as pulsões sexuais podem fazer incidir a sua energia num objecto exterior (libido objectal) ou no próprio ego (libido do ego ou narcísica) “A libido alojada no ego foi descrita como narcísica. A libido narcísica era obviamente também manifestação da força do instinto sexual” (Freud 1981/1920 [1922 ], p.52)

No âmbito desta 1ª teoria, Freud, apesar de não formular um pensamento claro sobre o papel da agressividade, não deixou de o considerar e a ele se referir de várias maneiras: a resistência como marca agressiva, a conjunção dos desejos amorosos e hostis no complexo de Édipo,...etc. Fundamentalmente, os impulsos de natureza agressiva, manifestação de destrutividade e crueldade, eram tratados como componentes da sexualidade, sendo vistos nas várias fases do desenvolvimento líbidoal. (Hartmann, 1977/1949)

O comportamento agressivo das crianças foi observado em conjunção com o comportamento sexual. Anna Freud (1973/1948[1949]) refere como as crianças pequenas enquanto prosseguem os seus objectivos pré-genitais, possuem uma considerável falta de consideração pelos sentimentos dos outros: hostilidade para com o meio, sadismo, agressão e destrutividade. As expressões agressivas tornam-se evidentes nas alturas sádicas e agressivas na parte final da fase oral. O seu período crítico inscreve-se na fase anal, onde o desejo de magoar ou destruir coisas e pessoas, e de atacar sadicamente pessoas amadas parece ter tanta importância como os interesses anais. Tornam-se também evidentes, em conexão com as manifestações do complexo de Édipo, através do amor violento da criança pelo pai do sexo oposto, acompanhado por hostilidade e desejos de morte contra o pai do mesmo sexo.

Freud em 1915 assume a pulsão de domínio como pulsão não sexual, cujo objectivo é dominar o objecto pela força. Considera-a como parte das pulsões do ego, que, em conjunção com outras pulsões, serviam a auto-conservação, e cujos constituintes essenciais incluem os impulsos agressivos (Hartmann 1977/1949). Estes estariam ao serviço do ego para fins de preservação da vida e de salvaguarda da satisfação instintual.

Pela introdução da polarização derivada da consideração sobre a incidência das pulsões sexuais sobre um objecto exterior ou o próprio ego, o interesse é desviado da oposição pulsões do ego-pulsões sexuais. Freud aproxima-se

progressivamente de uma teoria monista da energia pulsional, tantas vezes por ele contestada, e que se desvaneceu quando de novo afirmou um outro dualismo: o das pulsões de vida e de morte. (Laplanche e Pontalis 1971/1969).

Segundo Laplanche et Pontalis (1971/1969) a pulsão de morte "designa uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem para a redução completa de tensões, isto é, tendem a reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico" (p.538) e, as pulsões de vida são aquelas que "Freud contrapõe, na sua última teoria, às pulsões de morte. Elas tendem a constituir unidades cada vez maiores, e a mantê-las. As pulsões de vida, também designadas pelo termo «Eros», abrangem não apenas as pulsões sexuais propriamente ditas mas ainda as pulsões de auto-conservação". (p.537)

É em 1920 que Freud introduz esta oposição, levando-a até à sua morte. Esta sua tese tem sido objecto de muita controvérsia e suscita questões que ainda hoje parecem permanecer.

A proposta das pulsões de morte é introduzida no decorrer de várias questões que se vão colocando a Freud. a) A tomada em consideração dos fenómenos de repetição que dificilmente se deixam reduzir à busca de uma satisfação libidinal ou a uma simples experiência de domínio sobre as experiências desagradáveis. Freud vê nelas o sinal «demoníaco» de uma força irreprimível, independente do princípio do prazer e susceptível de se lhe opôr; b) A importância que a noção de ambivalência e de agressividade vão obtendo na clínica psicanalítica. c) A ideia de que o ódio não poderia ser entendido, metapsicologicamente como proveniente das pulsões sexuais. Deste modo, progressivamente, a noção de pulsão de morte vai-se impondo a Freud, não deixando este de referir que a sua concepção é baseada em considerações especulativas e que assenta essencialmente em bases teóricas, não deixando portanto de estar sujeita a objecções da mesma natureza. A forma como esta ideia se impõe a Freud, levou-o em 1981/1920, a descrevê-la como " a tendência dominante da vida mental e talvez da vida nervosa em geral, é o

esforço para reduzir , para manter constante ou para remover a tensão interna (princípio de Nirvana) devido à estimulação de uma tendência que toma expressão no princípio do prazer, o nosso reconhecimento deste facto é uma das nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte” (p. 56).

A exigência dualística, fundamental no pensamento Freudiano, persiste nesta 2ª teoria levando-o a considerar a pulsão de vida por oposição à pulsão de morte. Freud (1981/1920) por outro lado refere que “Eros opera desde o início da vida e aparece como um “instinto de vida” em oposição ao instinto de morte que surge pelo aparecimento de vida na substância orgânica “ (p.56), estas pulsões de vida tendem a conservar as unidades vitais que existem e ainda a constituir, a partir destas, unidades mais englobantes. A pulsão de vida tende a estabelecer e manter formas mais organizadas e mais diferenciadas e mesmo o aumento das diferenças ao nível energético entre o organismo e o meio.

Laplanche (1984), considerando a 2ª teoria pulsional de Freud, enfatiza a ideia de que é a sexualidade com investimento no objecto e a sexualidade com investimento no Eu (narcísica) que vai dar origem à ideia de pulsão de vida. Por outro lado a sexualidade não investida, demoníaca, é aquela que origina a noção de pulsão de morte. Esta sexualidade desligada, visando a rápida descarga de energia, estará associada ao processo primário e à compulsão à repetição. Este dualismo pulsional, do ponto de vista energético, teve sempre que ser conciliado com o monismo energético, o da libido, pois Freud sempre se recusou a postular uma energia própria às pulsões de morte.

( Mas como explicar a agressão à luz desta teoria pulsional ?

A pulsão de morte aponta a tendência existente nos organismos vivos de passarem do orgânico para o inorgânico, a tendência para a redução de tensões, e designará, segundo Lagache (1982/1960), uma tendência primária

para a auto-destruição. A agressividade só seria voltada para o exterior, secundariamente, pela mediação da libido narcísica.)

(Os dois instintos de vida e de morte têm objectivos diferentes, sendo o do instinto de morte ou instinto de destruição o retorno ao estado inorgânico.) Seria o retorno das coisas vivas à fonte donde provieram e a partir das quais se desenvolveram, o retorno a um estado inicial. Estes dois instintos operam um contra o outro nas suas funções biológicas. Deste modo o acto de alimentação será uma destruição do objecto com o objectivo final de o devorar, e o acto sexual será um acto de agressão com o objectivo de alcançar a mais íntima união. Estas acções mútuas e concorrentes dos dois instintos básicos dão lugar a todo o conjunto de variações que encontramos no fenómeno da vida. A modificação das proporções de fusão dos dois instintos poderá ter os resultados mais diversos. Um aumento da agressividade sexual levará um amante a agir como um criminoso sexual, enquanto que uma diminuição do factor agressivo poderá torná-lo impotente. (Freud, 1981/ 1937-1939)

Desde que o instinto opere internamente, como instinto de morte, este permanece silencioso, só se evidenciando quando se dirige para o exterior como instinto de destruição. Parece ser fundamental para a preservação do indivíduo, que isto possa ocorrer, sendo que o aparelho muscular serve este objectivo (Freud 1981/ 1937-1939). Freud (1981/ 1923-1925) utilizando uma linguagem biológica exprime precisamente esta ideia: "It appears that, as a result of the combination of unicellular organisms into multicellular forms of life, the death instinct of the single cell can successfully be neutralized and the destructive impulses be diverted on the external world through the instrumentality of a special organ, this special organ would seem to be the muscular apparatus (p. 41).

Tendo em conta a fusão entre o instinto de vida e de morte em diferentes e variados tipos de proporções, Freud (1981/1923-1925) propõe que a componente sádica do instinto sexual, seria um exemplo clássico de uma fusão instintual, e o sadismo, que se tornou independente como uma

perversão, seria o exemplo de uma cisão ainda que não no seu extremo. Para Freud, no que respeita ao objectivo da descarga, o instinto de destruição é normalmente posto ao serviço de Eros.

Refere-nos ainda que quando o super ego se estabelece, uma quantidade considerável do instinto agressivo se fixa no interior do ego e opera de forma auto-destrutiva. A contenção da agressividade no interior não é geralmente de salutar e conduz à doença (Freud, 1981/1937-1939).

## **À LUZ DA TEORIA DE RELAÇÃO DE OBJECTO**

Mélanie Klein introduz uma grande mudança ao nível conceptual, pela importância que dá às relações de objecto na estruturação da vida mental. O seu trabalho reflecte a ligação e influência de alguns dos conceitos freudianos, mas que são agora pensados e desenvolvidos sobre um outro vertex de análise. A aceitação da teoria das pulsões não é feita por Mélanie Klein sem a apresentação de algumas divergências, que resultam em contributos para o pensamento psicanalítico.

Para Klein existe, desde a nascença, um Eu capaz de sentir angústia, aplicar mecanismos de defesa e estabelecer relações de objecto primitivas no fantasma e na realidade. Este seu ponto de vista não está totalmente em desacordo com Freud, pois sabemos que Freud também descreveu a forma como a pulsão de morte, no início da vida, seria desviada para o exterior, e ainda conhecemos o seu conceito de desejo alucinatório, que presume a capacidade do Eu formar uma relação de objecto fantasiada (Segal 1976/1969).

Depois da introdução do conceito de pulsão de morte por Freud, Mélanie Klein, em 1923, percebe que este é fundamental para explicar o início precoce do super ego e a sua severidade. Adopta este conceito alertando para o facto de o mesmo não ser assim tão silencioso, como Freud proclamava, mas como

possuindo manifestações clínicas profundas, como sejam a dureza do próprio super ego.

Em 1932 Klein considera finalmente o sadismo, não como uma componente da libido, mas como uma pulsão separada presente desde o início da vida. Refere que as fantasias sádicas da criança seriam uma manifestação clínica da pulsão de morte, e reflectiriam uma expressão “não silenciosa” desta mesma pulsão. Klein a partir de 1932 considera o primeiro ano de vida como sendo a época do sadismo máximo, passando, a partir de então, a divergir de Abraham, ao deixar de considerar e atribuir o sadismo a um período tardio do 1º ano de vida. A partir desta altura a visão Kleiniana da mente e do desenvolvimento centra-se no conflito inerente entre a pulsão de morte e a libido. (Hinshelwood, 1992/1989)

O domínio das pulsões de morte resulta na inveja, masoquismo e outras formas de perversão ou outros estados de agressão patológica, sendo que, por seu lado, a saúde se apoia no domínio das pulsões de vida.

A inveja seria algo ambivalente, uma vez que implica o reconhecimento da necessidade de satisfação e representa uma fusão da pulsão de morte e de vida, onde a primeira teria ascendência. Quando dominam as pulsões de vida, os impulsos invejosos são modificados no sentido do ciúme e de outras formas mais sadias como sejam a competitividade, ambição e aspiração. (Hinshelwood, 1992/1989)

Em Inveja e gratidão (Segal 1976/1969), o pensamento de Klein acerca da inveja é clarificado, distinguindo-se a inveja do ciúme. A inveja é considerada como a mais antiga dos dois e valorizada como um dos sentimentos fundamentais mais primitivos.

A inveja existe desde que o recém nascido se dá conta que o seio é uma fonte de vida e gratificação e de que pelo processo de idealização o seio é sentido como a fonte de todo o bem estar físico e psíquico. O sentimento de que este objecto maravilhoso poderá desaparecer levará ao aumento do seu amor por

ele e ao desejo de o possuir, de o preservar e de o proteger, mas suscita, simultaneamente, o desejo de ser ele próprio a fonte de tal perfeição. Tudo isto levará a que o recém nascido experimente sentimentos dolorosos de inveja, que implicam o desejo de estragar as qualidades do objecto capaz de provocar tais sentimentos dolorosos (Segal 1976/1969). A inveja, tal como o ciúme, deseja obter as boas qualidades do objecto, mas se tal for possível, tenderá a levar o sujeito a danificá-los, exactamente para afastar a origem desse mesmo sentimento de inveja. Apesar de proceder do amor e da admiração primitivos, a inveja tem uma componente libidinal menos forte que a avidez, e é inundada pela pulsão de morte. Pode ser considerada como a mais antiga exteriorização da pulsão de morte

Klein (1992/1937) explica-nos como ao nível da relação de objecto se processa o mecanismo do amor e do ódio na criança. O primeiro objecto de amor e de ódio é tanto desejado como odiado com grande intensidade, caracterizando os primeiros instintos do bebé. Este ama a sua mãe quando esta lhe satisfaz as suas necessidades de alimentação, aliviando-lhe a sensação de fome e dando-lhes o prazer sensual pela estimulação da boca ao sugar o mamilo. Esta gratificação constitui uma parte essencial da gratificação infantil e é a sua expressão inicial. Mas quando a criança tem fome e os seus desejos não são satisfeitos, ou quando sente dôr, toda a situação se altera, surgem os sentimentos agressivos, e o bebé fica dominado pelos impulsos de destruir a mesma pessoa que é objecto de todos os seus desejos. A experiência de estados de dôr, de falta de seio e outras sensações semelhantes sentidas como destruidoras para o próprio corpo, fazem aumentar a agressão, infelicidade e medos. (Hinshelwood, 1992/1989)

Klein, pensa a dinâmica de desenvolvimento das relações de objecto à luz do movimento pulsional, do jogo entre as pulsões de vida e de morte. Explica como o Eu imaturo do recém nascido é, desde muito cedo, exposto a esta angústia resultante da polarização inata das pulsões: o conflito entre a pulsão de morte e de vida. É exposto logo de seguida ao choque da realidade externa que é tanto angustiante como vivificante. Confrontado com a angústia da

pulsão de morte o Eu desvia-se. Este desvio da pulsão de morte, já considerado por Freud, é visto por Melanie Klein quer como uma projecção, quer como uma transformação da pulsão de morte em agressividade. O Eu cliva-se e projecta no exterior, sobre o objecto original, a parte de si mesmo que contém a pulsão de morte.

O seio, sentido como contendo uma larga parte da sua pulsão de morte, passa a parecer mau e ameaçador para o seu Eu, despertando um sentimento de perseguição. O medo da pulsão de morte foi, deste modo, transformado em medo de um perseguidor. A parte da pulsão de morte que permanece no Eu, transforma-se numa agressividade dirigida contra os objectos. Em paralelo, estabelece-se uma relação com o objecto ideal, pois, quando a pulsão de morte é projectada para o exterior para distanciar a angústia vivida, a libido é igualmente projectada com o fim, simultaneamente, de criar um objecto que satisfaça os desejos pulsionais do Eu e de conservar a vida. As angústias e relações de objecto vividas nesta fase levam Klein a chamar posição paranóide-esquizóide a esta fase do desenvolvimento. O fortalecimento progressivo do Eu e a segurança em relação à posse de um objecto ideal, vão levar a que o recém nascido tenha menos medo das suas pulsões más e seja menos tentado a projecta-las para o exterior, diminuindo os sentimentos de perseguição e o poder atribuído ao mau objecto. Em consequência disto a clivagem e a projecção diminuem, dando pouco a pouco lugar a um movimento em direcção à integração do Eu e do objecto que culminará na posição depressiva. (Segal, 1976/1969)

Para Klein as experiências reais de satisfação e de frustração, são acompanhadas, respectivamente, por fantasias agradáveis e fantasias destrutivas. Deste modo consoante as experiências vividas, o bebé desenvolverá boas fantasias em relação ao objecto, ou fantasias agressivas pelas quais desejará morder e ferir a sua mãe e o seio, destruindo-a também a ela. Em relação a estas fantasias, que equivalem aos desejos de morte, o bebé sente que o que deseja nas suas fantasias acontece de facto, o que indica que ele imagina destruir realmente o objecto dos seus impulsos

destrutivos. O bebé poderá encontrar um suporte contra estes medos nas fantasias onnipotentes de restauração. Depois de ter mordido e ferido a sua mãe pela sua fantasia, poderá também, em fantasia, restaurá-la e juntar as várias partes para a reparar.

Klein e Rivière (1975/1937), referem como em relação ao ser humano toda a experiência de dependência em relação ao meio em geral ou a uma determinada pessoa são susceptíveis de despertar uma forte agressividade, isto porque ao mesmo tempo que a segurança colectiva é salvaguardada, a segurança individual é ameaçada, pois subitamente poderemos sofrer uma privação irremediável. Será esta a razão pela qual as relações de dependência tenderão a despertar uma resistência e sentimentos agressivos. No bebé, a tomada de consciência da sua dependência e a descoberta de que não poderá satisfazer os seus próprios desejos, levará a que chore, grite e se torne agressivo. Os sentimentos paralelos de vazio e solidão levarão a que em breve uma reacção de cólera agressiva se instale. A reacção imediata a este estado doloroso, é a tentativa de recuperar e salvaguardar a segurança vivida antes de sentir a privação e antes de despertarem as pulsões agressivas, desenvolvendo-se assim a necessidade de segurança contra os riscos temíveis. O ódio, a agressividade, a inveja, o ciúme, todos estes sentimentos que os adultos sentem e exprimem, são derivados desta experiência primitiva e da necessidade de os controlar, se desejamos sobreviver e obter algum prazer na vida. ( Klein, Rivière, 1975/1937)

Kernberg (1995/1992), analisando a dinâmica da agressão nos transtornos da personalidade, refere a forma como concebe os afectos intimamente ligados à origem das pulsões e à relação de objecto. Para Kernberg os afectos, estruturas instintivas desenvolvimentalmente activadas, são o aspecto psíquico dos padrões psicofisiológicos que, ao se organizarem, vão constituir as pulsões agressivas e libidinais. As relações objectais têm um papel preponderante no desenvolvimento afectivo inicial, pois as pulsões e os estados afectivos correspondentes são integrados pelas interacções de prazer

ou de raiva que o bebé tem. Neste sentido, a perspectiva de Kernberg associa-se à perspectiva Kleiniana pela importância dada às relações objectais na organização da vida psíquica:

As observações de bebés comprovam a existência precoce da agressividade como afecto e cuja função será a eliminação da fonte de dor ou de irritação. Uma das funções iniciais da agressividade é eliminar o obstáculo e sinalizar, a quem cuida do bebé, que deve contribuir para a eliminação do factor irritante. Num estágio de evolução posterior, as reacções agressivas podem funcionar como esforços para resgatar um sentimento de autonomia frente a situações altamente frustrantes, percebidas, inconscientemente, como uma activação de relações de objecto persecutórias e más.

Uma reacção agressiva, pela sua natureza danificadora e difusa, e pela sua indefinição relativamente aos conteúdos cognitivos específicos e às correspondentes relações de objecto, poderá conduzir a uma análise da agressividade enquanto afecto primitivo puro. No entanto, a análise das reacções de agressividade, como a raiva, revelam sempre a presença de uma fantasia subjacente, consciente ou inconsciente, que inclui uma relação específica entre um aspecto do self e algo do outro significativo.

Nas fantasias inconscientes, que aparecem em redor das reacções de agressividade, esta significa tanto a activação de uma relação de objecto má, quanto o desejo de a eliminar e restaurar uma relação de objecto totalmente boa.

Kernberg assinala como pela análise da transferência, se poderão perceber, em casos de organização "borderline" da personalidade, através de que forma os ataques de agressividade transferenciais vão dando lugar à emergência do ódio.

O ódio é um afecto agressivo complexo, afecto primário em volta do qual a pulsão de agressão se agrupa. Poderá tornar-se na mais importante

componente agressiva, sobrepondo-se a outros afectos agressivos como sejam a inveja e a aversão.

Na transferência, o estado afectivo básico que caracteriza a activação da agressão é a agressividade. A irritação é um afecto agressivo brando que sinaliza o potencial para as reacções agressivas. A raiva é um afecto mais intenso do que a irritação e é mais diferenciado pelo seu conteúdo cognitivo e pela natureza da relação objectal activada. O ódio é um afecto complexo, cujo aspecto cognitivo é crónico e estável. O objectivo primeiro do indivíduo consumido pelo ódio, é a destruição do objecto; destruir o objecto específico da fantasia inconsciente e os seus derivativos conscientes. Uma forma extrema do ódio será a eliminação física do objecto, a sua desvalorização radical (generalizando-se na destruição simbólica), ou ainda pelo suicídio, quando o self é identificado com o objecto odiado, sendo a auto-destruição a única forma de o eliminar.

Nem sempre o ódio é considerado um afecto patológico, podendo por vezes ser desencadeado como resposta a um perigo real e objectivo, sendo que motivações inconscientes poderão infiltrar-se, intensificando-o e transformando-o em vingança. Quando se trata de um caso de predisposição caracteriológica, o ódio reflecte sempre a psicopatologia da agressão.

Kernberg desenvolve uma vasta obra sobre a psicopatologia da agressão nas várias organizações da personalidade, cujo conteúdo porém, não se encontra no âmbito deste trabalho. A referência a este autor pareceu-nos, apesar disso, fundamental pois a sua compreensão dos afectos a partir da relação objectal, é sem dúvida uma contribuição importante para os esforços de organização de um pensamento sobre a agressão.

Os autores que apresentaremos em seguida não poderão ser situados como teóricos da relação de objecto. São, porém, autores fundamentais, pós kleinianos, que apesar de não considerarem apenas a relação de objecto

interna, contribuíram, através da observação de crianças, para uma melhor compreensão do comportamento agressivo.

Spitz através do seu trabalho de observação de crianças, e na tentativa de esclarecer a forma como o psiquismo infantil se organiza e se desenvolve, esclarece algo que nos parece fundamental referir a propósito do estudo da agressão. A sua ideia sobre este conceito, longe de passar por uma teoria pulsional, apoia-se sobre os organizadores da vida mental da criança e desta forma numa perspectiva activa de crescimento e desenvolvimento. Spitz (1962/1957) estabelece uma relação, de maior importância, entre a utilização do “Não” pela criança e a forma de expressão de agressão. Para Spitz o conceito “Não” não existe no inconsciente. A negação é algo criado pelo Eu e que é posto ao serviço da função de julgamento do Eu, pressupondo, desde logo, um certo grau de organização. Existe um precursor do conceito ideacional de negação que se expressa na situação de aleitamento por volta dos 3 meses; ao voltar o rosto a criança consegue recusar o seio. A primeira manifestação da negação só poderá ser considerada quando do surgimento da angústia do estranho, pois ela constitui exactamente a recusa de aproximação de uma pessoa estranha.

A aquisição do “Não” é o sinal de um novo nível de autonomia, da consciência do “outro” e da consciência de si, ela é o início de uma reestruturação do funcionamento mental a um nível de complexidade mais elevado, que implica um desenvolvimento considerável do Eu.

Este “Não” “constitui um laço de identificação com o objecto libidinal” (Spitz, 1962/1957, p.37). O “Não” em virtude do investimento agressivo de que foi alvo ao longo das diversas experiências de desprazer, torna-se um veículo apropriado para exprimir a agressão. Spitz clarifica como o “Não” é um meio empregue para exprimir a agressão, no mecanismo de defesa de identificação ao agressor. Aqui o agressor é constituído pelo objecto frustrante, contra o qual se precipita o seu próprio Eu, transformando a mãe no objecto em relação ao qual assume o papel de sujeito activo.

É por volta dos 7/ 9 meses que o objecto libidinal impõe proibições à criança contra várias formas de gratificação, sendo a partir destas experiências de desprazer que o objecto libidinal se torna no primeiro objecto ao qual a destrutividade infantil se liga (Parens, 1989).

Esta utilização do “Não” contra o objecto libidinal é uma etapa por onde se introduz a possibilidade de substituir o ataque pela discussão, podendo-se estabelecer as relações sociais entre os homens.

Mahler (1977/1975) refere como no processo de separação-individação a autonomia é defendida pela criança pela utilização do “Não”, assim como pela agressão crescente e pelo negativismo da fase anal. Na fase de reaproximação, coincidente com a fase anal (dos 14 aos 22 meses) assistimos aos primeiros sinais de agressão directa neste processo de crescimento, assim como ao aumento da possessão em relação à mãe e a uma avidez impulsiva (Mahler 1979/1972). Mais uma vez Mahler perspectiva o “Não” no enquadramento da concretização do desejo de autonomia e de possessão do objecto de amor, como algo através do qual a criança poderá exprimir de forma activa e não destrutiva a sua desaprovação, zanga e desejo.

Parens (1989) refere o envolvimento directo que a destrutividade hostil tem nesta subfase de reaproximação. Explica este maior envolvimento através de dois factores: as batalhas anteriores travadas pela criança, assim como os resíduos de conflitos de ambivalência, vão levar a que um maior ou menor grau de destrutividade hostil intervenha a este nível. Por outro lado a crise intrapsíquica inerente a esta fase, e proposta por Mahler, leva a que o ego tenha que mediar e resolver as manifestações entre comportamentos opostos ou desejos ambivalentes, o desejo de estar separado do objecto, para se individualizar e, contra isto, o desejo de permanecer com o parceiro simbiótico (objecto libidinal). Quando um conflito anterior de marcada ambivalência já foi despertado em experiências passadas, a valência de destrutividade hostil poderá ser maior, e a crise da reaproximação poderá, desencadear mais

facilmente ansiedade intrapsíquica e, desta forma, produzir mais hostilidade e ambivalência.

A agressão é perspectivada no sentido positivo, de favorecimento do crescimento pelo desenvolvimento da autonomia, que levarão certamente à construção da identidade do sujeito. Pensar em construção de identidade e desenvolvimento de um Eu autónomo, sem a presença de uma componente agressiva estruturante, não nos parece possível, sendo, certamente, o que Spitz e Mahler deixam transparecer em alguns momentos do seu pensamento e obra. É interessante como Parens (1989) refere um acréscimo da agressão associado exactamente aos esforços feitos pela criança em relação à autonomia. Assiste-se a um aumento dos esforços de exploração com as tentativas de locomoção que lhe estão associadas. Estes esforços, quando correm bem, dão origem a um "love affair " (Greenacre 1960) com o mundo, mas se por alguma razão, estes esforços são frustrados pelos que cuidam da criança, o grau de desprazer aumenta rapidamente. Nestas alturas por vezes assiste-se a um aumento da destrutividade hostil na criança, e mesmo na mãe. É em relação à figura que, limita e frustra alguns dos desejos de autonomia, criando obstáculo às gratificações da criança, que a agressividade é dirigida.

Bion, pós Keiniano, apesar de não ter trabalhado directamente sobre a problemática da agressão, aborda várias vezes ao longo da sua obra o problema do ódio, da destruição, do ataque ao vínculo e ao pensamento. Nas próximas linhas desejaríamos referir algumas ideias do pensamento deste autor, que é para nós uma referência teórica com um imenso significado.

Bion (1972/19172), refere como na personalidade psicótica se assiste a um predomínio dos impulsos destrutivos, que se manifestam por um ódio violento à realidade, tanto interna como externa, assim como aos sentidos, às partes da personalidade e aos elementos psíquicos que contactam e reconhecem a realidade, e a todas as funções associadas à consciência.

Bion (1959) fala-nos dos sujeitos cuja parte psicótica da personalidade realiza ataques destrutivos a qualquer coisa que sinta ter uma função de ligação. Os ataques que a determinada altura se generalizam a qualquer objecto, começam por ser ataques feitos pela criança ao seio materno, constituindo o protótipo de todos os ataques posteriores. Os ataques feitos pela parte psicótica tanto poderão ser dirigidos para o exterior, como poderão ser feitos em relação a diferentes aspectos da personalidade do sujeito. "O ataque dirigido contra aspectos do eu (self) determina que as principais actividades mentais, em especial o aparelho de percepção assim como também os vínculos com os objectos, apareçam mutilados e transformados em pequenas partículas ou objectos que são expulsos violentamente." (Bion 1973, p.47) Todos estes elementos fragmentados, evacuados através da identificação projectiva patológica, passam a ter uma independência própria e são percebidos pelo sujeito como algo que ameaça perigosamente do exterior.

A identificação projectiva é um dos factores principais na formação de símbolos e na comunicação humana, determinando a relação de empatia com o objecto, pela possibilidade deste se colocar no lugar do outro e compreender melhor os seus sentimentos. É um mecanismo que simultaneamente alivia o ego das partes más, preservando as boas, e protegendo-as de ataques e destruições. As partes más do ego, projectados no exterior, poderão ser reintrojectados de forma diferente e serem por isso toleráveis para o sujeito. Bion (1972,) considerou este mecanismo como "a origem da actividade que logo se manifestará como a capacidade para pensar." (p.48)

Em paralelo Bion descreve uma forma de identificação projectiva patológica que é utilizada pela personalidade psicótica e na qual predominam a voracidade e a inveja. A dissociação do ego, origina uma multiplicidade de fragmentos que são projectados no objecto criando uma realidade bizarra que se torna persecutória. Através da identificação projectiva o paciente psicótico tenta livrar-se de todas as funções egóicas (consciência, atenção e julgamento) e ainda de todos os elementos que tenham a função de vincular.

“Quando a mente se encontra neste estado, a emoção é odiada e atacada pelo ego.” (Bion 1959, p. 315)

Esta breve análise da identificação projectiva patológica e do ódio que o sujeito tem à vinculação e à realidade, sentindo esta última como persecutória, poderá conduzir-nos a uma melhor compreensão do que se poderá passar num sujeito cujo modo de relação e compreensão do real seja fundamentalmente destrutivo.

## **À LUZ DA TEORIA DA DINÂMICA DO SELF**

Kohut (1973) concebendo o fenómeno da agressão à luz do seu pensamento sobre o narcisismo e estabelecendo ligações entre ambos, refere, que esta, não poderá nunca ser vista como uma propensão para a qual o homem tende, nem como uma conceptualização de uma pulsão.

A convicção de Kohut assenta na forma como o fenómeno da agressão provém da matriz do narcisismo arcaico, ou seja, do fenómeno da raiva narcísica. Compreender a relação entre raiva narcísica e a agressão no pensamento de Kohut, torna-se fundamental. Kohut associa a perigosidade da agressão humana a formas organizadas e ordenadas de actividade onde a destrutividade do sujeito está fundida com as suas convicções de grandeza e com a devoção a figuras onnipotentes arcaicas. É claro para Kohut, que a raiva narcísica pertence a um amplo campo psicológico de agressão, destrutividade e zanga, sendo claramente uma manifestação da propensão humana em direcção às respostas agressivas. A raiva narcísica é entendida na sua relação com a agressão como a prontidão com que um indivíduo, que tenha sofrido graves injúrias ou que tenha sido tratado de forma sádica pelos seus pais enquanto criança, e que tenha tendência a envergonhar-se, reagirá,

a uma situação potencialmente provocadora de vergonha, ou seja, apenas poderá aplicar activamente aos outros as injúrias narcísicas que ele mesmo tem mais medo de sofrer. Dois fenómenos podem ser concebidos na sua relação com a raiva narcísica:

- a) A zanga de uma pessoa que, por alguma incapacidade ou defeito cerebral, não seja capaz de resolver uma tarefa que poderia ser facilmente resolvida. O sujeito poderá responder a esta sua incapacidade com uma zanga, correspondente a uma raiva desencadeada pela perda de controlo sobre o seu próprio pensamento, algo considerado como intimamente seu;
- b) A zanga de uma criança que sofreu um ferimento menor e que dá voz à sua dor física e ao medo, mas também a um ferimento narcísico, perguntando-se “Como poderá isto ter acontecido?” Segundo Kohut (1973), esta protestará contra o self grandioso imperfeito e contra o self-objecto que permitiu o insulto.

Subjacente a estes estados emocionais existirá a insistência na perfeição do self-objecto idealizado e na limitação do poder do self grandioso que deverá permanecer purificado.

A necessidade de vingança e a compulsão infindável, não pertencem a uma agressividade integrada, mas reflectem o modo como a agressividade está mobilizada à luz de um self grandioso arcaico que se exprime dentro de um quadro de percepção arcaica da realidade. Aquele que inflige a dor, o inimigo, não é visto como um “outro” independente, com uma fonte de impulsos autónoma, mas antes como um defeito de uma realidade percebida de forma narcisicamente perfeita. A raiva narcísica surge, tanto na criança que insiste na grandiosidade e onipotência do self e no self-objecto, como no adulto fixado narcisicamente, cujas estruturas narcísicas arcaicas permaneceram imutáveis e isoladas do resto do crescimento do seu psiquismo.

Não obstante a reacção a um ataque narcísico poder implicar raiva, uma reacção intensa de raiva narcísica só ocorrerá nos indivíduos cuja

necessidade de controle absoluto sobre o meio arcaico seja indispensável, pois, a manutenção da sua auto-estima, dependerá da disponibilidade das funções de aprovação em espelho de um self-objecto que se admira, ou na oportunidade de junção a um ser perfeito. Apesar da grande variabilidade de manifestações comportamentais de raiva-narcísica, todas elas têm traços em comum pois provêm de uma mesma matriz de visão narcísica e pré-narcísica do mundo.

A perturbação essencial subjacente à raiva narcísica está relacionada com a estrutura narcísica. O self grandioso do sujeito espera um absoluto controle sobre uma realidade arcaica experienciada narcisicamente. Os mecanismos como a agressão, o controle, o poder da personalidade, são desencadeados com a esperança de alcançar um controle sobre o self-objecto. Para Kohut é a mistura desorganizada de descargas maciças e bloqueio na área de agressão não-neutralizada, surgindo depois da não satisfação do self-objecto arcaico, o qual é o substrato metapsicológico da manifestação e da experiência de raiva narcísica.

Kohut (1971) refere que a grande parte do comportamento delinquente manifesto ou encoberto nas personalidades narcísicas, não se deve à falha do super-ego, nem a um padrão de impulsividade descomplicado mas simplesmente à fraqueza de um ego frente aos impulsos. O “acting out” de personalidades narcísicas é um sintoma formado como consequência de uma ruptura parcial de aspectos reprimidos do self grandioso.

Parens (1989), referindo-se ao trabalho de Kohut, aponta a evolução do seu pensamento entre a apresentação da raiva narcísica (1972) e os estudos posteriores a 1977. Para Kohut a destrutividade do homem como fenómeno psicológico é secundária, surgindo como resultado da uma falha do meio-self-objecto em ir ao encontro da necessidade que a criança tem para respostas empáticas. A agressão enquanto destrutividade hostil não é elementar, sendo desde o princípio uma componente da assertividade da criança. A raiva destrutiva é sempre motivada por uma ferida no self e nunca a manifestação

de uma pulsão biológica destrutiva. Kohut defende que a quebra da configuração psíquica isola a componente de assertividade transformando-a secundariamente em raiva. No início, Kohut propõe a existência de uma "agressão elementar" que é primitiva, e que, desde logo está ao serviço do estabelecimento de um self rudimentar e posteriormente ao serviço da sua manutenção. Esta agressividade não destrutiva é uma parte da assertividade. Kohut postula duas formas de agressão hostil e não-hostil, referindo-se a uma perspectiva de desenvolvimento. Ambas fazem parte do indivíduo saudável tendendo a balança para qualquer um dos dois lados em função das características empáticas ou frustrantes do meio. Parens (1989), refere como a sua concepção de agressão se aproxima muito da de Kohut, apesar de terem percursos de investigação divergentes.

Rochlin (1973) referido em Parens (1989), situando-se dentro da mesma linha de pensamento de Kohut, sublinha a existência de uma relação íntima entre o narcisismo e a agressão. Para Rochlin, o narcisismo e a agressão estão juntos desde sempre e vão-se desenvolvendo conjuntamente ao longo dos tempos. Defende que quando o narcisismo é ameaçado, o sujeito é ameaçado, a auto-estima é magoada, então a agressividade aparecerá. A agressão emerge para restaurar a auto-estima possibilitando ao indivíduo retomar o seu valor. Esta agressão pode ser enorme, mas não é sempre destrutiva, podendo tornar-se também em criatividade. A relação entre estes dois conceitos é contínua, e o narcisismo, se está precário, desencadeia a agressão para manter o seu equilíbrio. Rochlin enfatiza a ideia de que a ferida no narcisismo, posteriormente desencadeadora de agressividade, nem sempre provém do meio. Esta poderá ser produzida pela própria auto-crítica sendo uma ameaça constante existente dentro de nós que também provoca a agressão. As circunstâncias da nossa existência levam a que a nossa auto-estima seja, em cada momento, elevada ou diminuída. A agressão é constantemente posta em acção face à vulnerabilidade do narcisismo do homem. Rochlin vê também a agressão na adaptação construtiva, quando esta em vez de visar a destruição se transfere para o controle e para a aquisição de competências.

Rochlin rejeita definitivamente a agressão como uma pulsão instintual, defendendo que em cada fase do narcisismo, a agressão e a hostilidade são desencadeadas, não dependendo de qualquer quantidade de energia armazenada nem do exercício de umas supostas forças instintuais. Não existirá portanto uma agressividade destrutiva dada ao nascimento, pelo contrário, a agressão será gerada por experiências de excessivo desprazer, seja por injúrias narcísicas ou outras.

Para Rochlin a agressão, considerando-a na sua ligação com o narcisismo, pode ter várias formas de manifestação. Fala da agressão como assertividade, na medida em que ela é invocada para restaurar a auto-estima; como actividade, não havendo dúvida que a agressão é necessária para que a criança atinja os seus objectivos egocêntricos, é uma agressividade inócua; como destrutividade hostil, pois, pela falha na resolução dos desejos, uma baixa da auto-estima será desencadeada e uma atitude hostil se desenvolverá; e ainda como instrumento de gratificação narcísica, na qual a agressão está implementada ao serviço do ego e do super-ego. Para Rochlin é ao serviço do self que a agressão tem a sua função natural.

Segundo Parens (1989) Gunther, tal como Kohut, propõe que a agressividade se desenvolve ao longo do crescimento do sujeito. Gunther, em 1980, desenvolve as proposições do self sobre a agressão em termos de "saúde". Propõe, tal como para a saúde, que a assertividade ao serviço dos objectivos gerais do self, é uma predisposição biológica inata em direcção à acção. O comportamento agressivo, como uma forma de assertividade, é uma expressão de todo o self em acção, sendo esta assertividade saudável implementada em inúmeras actividades humanas incluindo o trabalho. Uma mudança na qualidade de agressão é evocada pela crescente necessidade do estado de frustração. A experiência de excessivo desprazer, tem um papel fundamental na transformação da agressão benigna em destrutividade hostil.

A construção da teoria de Parens (1989) sobre a agressão, decorre da observação de crianças dos 4 aos 6 meses cujos resultados contrariam a visão psicanalítica clássica, de que a agressão é, na sua origem, inerentemente destrutiva. Contraria todo o pensamento psicanalítico decorrente da segunda teoria das pulsões de Freud, através da qual a agressão é o resultado da auto-destrutividade voltada para o exterior em virtude de mecanismos de adaptação primários. Esta destrutividade poderia, mais tarde, ser modificada (neutralizada) pelas influências do crescimento e pelo envolvimento das funções do ego. O indivíduo poderia proteger-se contra a destrutividade do self e exercer controle sobre esta pulsão destrutiva inata. As suas observações levaram-no a encontrar, em crianças com menos de 6 meses, uma pressão interna para a exploração, que levaria o self a explorar o meio apoiado no funcionamento sensório-motor. Parens (1989) defende que a agressão, concebida enquanto pulsão instintual, compreende várias tendências, concretizadas nos diferentes tipos de agressão:

- a) Agressão não destrutiva: Manifestar-se-ia desde os primeiros meses de vida, levando-o a rejeitar a pulsão de morte de Freud (1920) e a estabelecer duas hipóteses: uma primeira, em que é defendida a presença de uma tendência não destrutiva na pulsão agressiva, mesmo antes de ser possível ao ego infantil neutralizar a agressão; uma segunda, em que a agressão é considerada como não sendo, inerentemente, apenas destrutiva. O objectivo deste tipo de agressão será o desenvolvimento da confiança do ego em relação ao controle tanto do meio como do ego. É uma força motivacional inerente à procura da autonomia, competição à segurança e protecção do próprio self. Está intimamente ligada a objectivos narcísicos.
- b) Destrutividade não afectiva: Seria uma agressão inerentemente destrutiva sem ser hostil e que deriva filogeneticamente da agressão como a "caça". Parens sugere que o protótipo deste tipo de agressão será o sugar e o comer. É uma agressividade sobretudo dependente das necessidades fisiológicas, podendo ser assumida como sendo cíclica e espontânea-vegetativa, activada dentro da criança.
- c) Destrutividade hostil: Tornar-se-ia evidente no recém nascido, sendo a reacção de raiva da criança a reacção mais primitiva desta tendência. A

destrutividade hostil, enquanto tendência na agressão, emerge antes da criança ter capacidade para a controlar, antes do ego a poder dirigir. Relativamente a esta destrutividade hostil, Parens estabelece três hipóteses. Uma primeira, referindo que a destrutividade hostil não surge espontaneamente; uma segunda onde se esclarece que o mecanismo para a experimentar e a exprimir é construído num continuum psicossomático pronto a funcionar desde o nascimento; e, finalmente, uma terceira em que refere como este mecanismo só será activado se surgir uma experiência de um desprazer excessivo. É um tipo de agressividade que só surgirá no início do 2º ano de vida. Terá como base "agir para controlar o outro" e emerge sob a influência de excessivo desprazer. É normalmente concebida em termos de raiva e de ódio e é vista como geradora de ambivalência.

Para Parens a agressividade não destrutiva e a agressividade hostil são as mais importantes no trabalho clínico. É ao nível da concepção destes dois tipos de agressão que a perspectiva de Parens se aproxima da de Kohut.

Parens (1989) refere como as pulsões agressivas não poderão ser organizadas de uma forma tão sequencial como a que foi estabelecida em relação ao desenvolvimento libidinal, e, por outro lado, que os desenvolvimentos sofridos pelo ego, são fundamentais para a assimilação das mudanças inerentes às pulsões durante o progressivo desenvolvimento da organização psíquica.

Donald Winnicott, tendo desenvolvido as suas ideias dentro de uma linha de pensamento onde a dinâmica do self é central, dedica uma considerável parte da sua obra à problemática da agressividade e suas raízes, à agressão e à delinquência. Estes temas prendem-se directamente com a problemática deste estudo e são de extrema importância para o nosso trabalho, pelo que passamos a expôr as ideias deste autor.

Winnicott em (1950-1955), refere, antes de mais, que o comportamento agressivo e a pulsão agressiva não devem ser estudados um sem o outro, pois nenhum acto agressivo poderá ser compreendido como um acto isolado. Em Winnicott (1984/1955) diz-nos que o amor e o ódio constituem os dois

elementos principais a partir dos quais se constroem as relações humanas, e que ambos envolvem agressividade. Este amor e ódio estão presentes no bebê com plena intensidade.

Para Winnicott (1984/1955), a agressão tem dois significados principais, por um lado constitui directa ou indirectamente uma reacção à frustração, e, por outro, é uma das muitas fontes de energia do indivíduo. Na pulsão libidinal-agressiva teremos sempre que ter uma agressividade reaccional. Simultaneamente se tentarmos observar o início da agressividade num indivíduo, verificamos como existem alguns elementos que datam dos movimentos fetais. O bebê faz passar alguma da sua motricidade nas experiências instintuais, conjugando-a com a tendência para se movimentar e obter, desse modo, alguma espécie de prazer muscular. São estes primeiros movimentos do bebê que o levam à descoberta do que é o Não-Eu, e, conseqüentemente, ao início das relações com os objectos externos. Verificamos como a agressão está sempre ligada à descoberta do que é o Eu e o Não-Eu da criança.

A motricidade é a forma através da qual a criança pode conhecer e descobrir o meio, desenvolvendo-se a partir do núcleo e formando uma nova individualidade. Serve ainda para reagir contra a invasão excessiva do meio, protegendo-se. Neste caso assistimos a um retraimento em direcção ao repouso, que permite, por si só, a experiência individual. Numa situação extrema, em que a invasão do meio é excessivamente intensa, não sobrando tempo para uma existência individual, o estado narcísico primário não evolui para a individualidade, desenvolvendo-se o que Winnicott chama um "falso self", que tem por função esconder o verdadeiro.

Nas três formas descritas assistimos a diferentes integrações da motricidade a nível das experiências do Id. No 2º e 3º caso descritos é necessário que o indivíduo encontre oposição do meio para que possa servir-se da sua motricidade, não havendo possibilidade para uma ligação entre esta e o potencial libidinal senão através da erotização dos elementos agressivos, o

que será fonte de potenciais tendências sádicas e masoquistas. Para se sentir real o indivíduo terá que ser cruel e destrutor. (Winnicott, 1950-1955)

No primeiro caso a ligação entre os elementos agressivos e libidinais opera-se passando por um primeiro estágio de pré-união, no qual a criança ainda não se preocupa com o resultado das suas acções, que visam, em primeiro lugar, atingir os seus objectivos, é um estado onde ainda não existe a solicitude. É, simultaneamente, um estágio pré-cruel onde também não existe crueldade, a satisfação dos desejos do id ainda não são da responsabilidade do Eu. Poderá existir uma qualidade destruidora na pulsão libidinal, apesar do objectivo da criança não ser destrutor. Neste estágio, a criança não se dá conta de que aquilo que destrói quando está excitada, é o mesmo que ama quando está tranquila.

Progressivamente, assistimos a uma suficiente integração do Eu, para que a criança passe a preocupar-se com os resultados das suas acções. Entramos no estágio de união que implica um estado de solicitude. É daqui que surge a capacidade da criança se sentir culpada, pois, parte da agressividade, transforma-se em culpabilidade ou num equivalente físico. Apercebendo-se de que aquilo que destruiu é o mesmo que ama, poderá a partir de então ter a hipótese de reparar aquilo que destruiu. Este mecanismo de união nem sempre opera completamente, pelo que poderemos assistir, frequentemente, à presença da agressividade não unificada. Nestas situações em que a união não é completa, o sujeito vive nas suas relações sentimentos de ódio e de amor, separadamente.

As tendências agressivas só provocam uma experiência de satisfação se encontrarem uma oposição proveniente do meio, daquilo que é o Não-Eu. No entanto, temos que considerar que a oposição existe sem ser proveniente do exterior, ou seja, as tendências agressivas podem encontrar oposição no interior do próprio sujeito.

Não podendo deduzir que a agressividade provém da reacção à frustração, é concebível que o potencial de agressão de qualquer bebé seja afectado pela quantidade de oposição que ele encontra. (Winnicott, 1950 -1955)

A mágica do pensamento infantil, é algo que poderá levar a criança a, rapidamente, aniquilar o mundo e também a recriá-lo. Por detrás da destrutividade, está uma destrutividade mágica que caminha passo a passo com a criação mágica. É a mãe que, progressivamente, vai possibilitar à criança o reconhecimento da existência de um mundo que se situa fora do seu controle mágico. A criança tornar-se-á capaz de agredir, odiar, gritar, sem que, contudo, aniquile magicamente o mundo. A agressão concreta torna-se uma realização positiva que se sobrepõe à destruição mágica. (Winnicott 1984/1955)

No desenvolvimento da criança, encontramos com frequência manifestações opostas à agressão:

- Encontramos a criança tímida que tende a encontrar a agressividade não no seu Eu mas em qualquer outro lugar, fora dela, ficando com medo pela expectativa de que esta se volte para si própria a partir do mundo externo. São crianças que estão sempre na expectativa da perseguição tornando-se agressivas, pela auto-defesa que pensam ter que fazer para se protegerem dos ataques imaginados.

-Uma outra forma de comportamento oposta à agressão pode ser encontrada na criança que mantém dentro dela a agressividade, tornando-se tensa, controlada e séria. Nesta existe um certo grau de inibição de todos os impulsos e da capacidade criadora, empobrecendo-se o funcionamento da criança. Apesar da perda da liberdade interior, o auto-domínio começa a desenvolver-se, paralelamente, a um respeito pelos outros. A criança sã desenvolve esta capacidade de se colocar no lugar do outro, identificando-se com as pessoas e objectos externos. Um excesso de controle poderá levar a criança a momentos de explosão de raiva, através dos quais surjam sentimentos e condutas agressivas.

O sonho e o brincar são formas pelas quais a criança pode experimentar, em fantasia, e através da representação, sentimentos de destruição e de zanga contra o objecto que é, simultaneamente, amado. O símbolo pode ser atacado, tornando a criança capaz de experimentar tudo o que encontra na sua realidade psíquica pessoal, incluindo o ódio e o amor.

O pensamento psicanalítico não é, certamente, o único capaz de trazer luz à compreensão da problemática da agressão. Não nos faria porém sentido trabalhar com conteúdos inerentes à questão da agressão sem tentar organizar dentro de nós, através desta pesquisa, um pouco do que foi, e é pensado, em termos psicanalíticos sobre esta temática. Partindo de uma melhor organização dos conteúdos em termos teóricos, estaremos a proporcionar um quadro de recepção para o material desta investigação, mais amplo e mais enriquecido, que poderá, valorizar a própria leitura dos resultados.

Na abordagem teórica que nos propomos fazer, passaremos a analisar os aspectos referentes à problemática da agressão sob um prisma sócio-cognitivo.

## **2. ABORDAGEM SÓCIO-COGNITIVA DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA CRIANÇA**

Durante as últimas décadas, assistiu-se a um interesse crescente sobre o papel que a cognição desempenha na psicopatologia infantil e nos problemas de comportamento. O interesse por este campo adveio da ideia de que os humanos responderiam primeiramente às representações cognitivas e a experiências do seu meio que às experiências em si mesmas. (Dodge et al, 1992)

O esforço feito no sentido de compreender como é que os desvios ao nível do processamento de informação se relacionam com o comportamento dos sujeitos, permitiu concluir que os desvios das respostas competentes parecem ser característicos de problemas tão diversos como a depressão e o comportamento agressivo. Crianças impulsivas podem mostrar déficits nos padrões de processamento de informação cognitiva, enquanto que as crianças deprimidas mostram distorções na sua avaliação. (Dodge et al, 1992)

Os estudos que tentam compreender a ligação entre a compreensão das relações interpessoais e os comportamentos agressivos nas crianças, partem da hipótese geral de que a forma como o indivíduo representa o outro e como compreende as relações inter-pessoais, tem um efeito directo sobre a sua própria conduta social. (Gagnon, 1991)

Selman e os seus colaboradores terão concluído que o desenvolvimento da compreensão das relações inter-pessoais, faz-se numa mesma ordem sequencial, podendo os sujeitos perturbados emocionalmente sofrer uma certa "décalage" de desenvolvimento em relação às outras crianças (Gagnon, 1991).

São vários os estudos que tentam compreender a forma como os sujeitos agressivos e não agressivos avaliam as diferentes situações em que vivem.

Selman (1980) formula um modelo de desenvolvimento da compreensão das relações interpessoais, segundo o qual se coloca a hipótese de que os sujeitos agressivos apresentariam traços mais persistentes de egocentrismo na compreensão das relações com o outro do que as crianças não agressivas (Gagnon 1991). Esta ideia vem no sentido da existência de uma “*décalage*” desenvolvimental na compreensão de situações sociais, que irá intervir directamente na forma como o indivíduo compreende as relações entre as pessoas.

Dentro da perspectiva de estudo da relação entre o processamento de informação social e o comportamento agressivo, verifica-se que a relação entre as variáveis sócio-cognitivas, e este último, tem vindo a obter uma atenção crescente (Dodge et al, 1982).

Diversos autores defendem que as diferenças ao nível das competências sociais cognitivas podem estar relacionadas com as diferenças individuais nas respostas retaliatórias das crianças (Dodge et al, 1982).

Dodge (1980), sugere que a cognição social das crianças agressivas está distorcida. No seu estudo original, acreditava que o estatuto do “colega instigador” tinha um profundo impacto nas atribuições feitas pelos sujeitos. Em estudos efectuados verifica-se que, quando o colega tem reputação de criança agressiva, os sujeitos tendem a atribuir hostilidade ao seu comportamento e a responderem frequentemente de forma agressiva. Quando o par é uma criança não-agressiva, os sujeitos atribuem o seu comportamento a intenções benignas e não retaliam (Dodge et al, 1982).

Parece ainda existir uma interacção significativa entre o estatuto do sujeito (agressivo/não agressivo) e o locus de estímulo externo (dirigido a ele próprio ou a um colega). Quando o resultado da história é dirigida ao próprio sujeito, os sujeitos agressivos atribuem mais hostilidade aos pares do que os sujeitos não agressivos. Sendo o resultado da história dirigida a um outro par, os sujeitos agressivos não diferem dos sujeitos não agressivos na atribuição da

hostilidade. Esta diferença ocorre apenas quando a acção é directamente dirigida para o sujeito.

Os sujeitos mostraram ainda respostas retaliatórias mais agressivas quando o par instigador era um rapaz agressivo do que quando era uma rapaz não agressivo. É interessante o resultado, de que as atribuições desviadas efectuadas por sujeitos agressivos só tinham lugar quando estes eram receptores da acção e nunca quando a acção era direccionada para outro. As atribuições enviesadas só ocorrem quando o resultado da acção é dirigido para o rapaz agressivo.

Os resultados destes estudos foram justificados pelo facto da participação no acontecimento agressivo poder interferir no processamento de informação, levando à formulação de atribuições desviantes. As atribuições dos rapazes agressivos podem resultar das expectativas que têm de que os seus pares se comportam de forma hostil para com eles. Mostram de certa maneira a presença de um traço paranóide a este respeito.

Os resultados de estudos de Dogde e Newman (1981) (Referido por Dodge 1982) demonstraram os enviesamentos das atribuições como função de uma memorização selectiva de partes distorcidas de uma pista social. Os rapazes agressivos tenderão a lembrar selectivamente as porções hostis do seu meio.

De acordo com o modelo de informação social delineado por Dodge (1986) as respostas comportamentais de um indivíduo a uma situação social seguem um conjunto de passos sequenciais de processamento de informação que estão, normalmente, fora da consciência do sujeito, excepto em situações altamente novas e complexas. Os passos delineados são : a) codificação de pistas sociais do meio, b) formação de uma representação mental e interpretação dessas pistas, c) procura de possíveis respostas comportamentais, d) decisão por uma resposta das várias geradas, e) desempenho da resposta escolhida. Poderá existir um déficite ou um viés em

qualquer um destes passos, levando, conseqüentemente, à produção de uma resposta agressiva (Dodge, 1992).

Resultados de estudos (Gouze 1981,1987) referidos por Dodge (1992) indicam que as crianças agressivas, na codificação de pistas sociais, parecem procurar menos pistas sociais antes de fazerem atribuições sobre uma outra criança, do que as crianças não-agressivas. As crianças agressivas são mais capazes de focar as pistas agressivas do meio do que os seus pares não-agressivos e têm mais problemas em retirar a atenção das pistas agressivas. No passo da interpretação das pistas, as crianças agressivas introduzem um desvio no sentido de fazerem atribuições de intenções agressivas de acordo com o comportamento dos outros. As crianças agressivas parecem gerar mais respostas agressivas e menos respostas positivas do que acontece com os seus pares. As crianças agressivas, ao nível da decisão de respostas, parecem também valorizar mais as respostas agressivas e menos as positivas, do que acontece com os seus pares. As crianças agressivas mostram-se também mais confiantes na sua capacidade de utilização de respostas agressivas e menos confiantes na sua capacidade em inibir a agressão, do que os seus pares não-agressivos. Todos estes dados parecem sugerir a existência de um padrão de biases cognitivo e déficits que poderão influenciar as crianças a agir agressivamente. Não é, contudo, conhecido se estas biases são a causa ou a consequência do comportamento agressivo. (Dodge et al., 1992)

Existem alguns dados que indicam que muitas vezes não se tratam de distorções feitas à realidade pelas crianças agressivas, mas antes que estas poderão tirar conclusões que terão suporte na sua história social e pessoal passada. Por outro lado, estas crianças parecem levar este tipo de expectativas sociais para novos meios e novos encontros, onde, os seus pares não terão qualquer tipo de pré-concepção sobre eles. Neste tipo de contexto, as atribuições de intenções hostis feitas pelas crianças agressivas, representam uma distorção da realidade social em comparação com as atribuições feitas pelos seus pares não agressivos (Dodge, 1991).

Estudos levados a cabo por Dodge (1991) sobre a influência que a agressão poderá ter para o comportamento de rejeição entre pares, levam-nos a concluir que o comportamento mais correlacionado com a rejeição de pares, especialmente entre rapazes, é, de facto, a agressão. A rejeição entre pares parece contudo estar dependente de alguns factores como sejam a idade e o sexo. A rejeição aparece fortemente relacionada com a agressão em crianças da escola primária e não tanto em crianças da pré-primária. Na pré-primária a agressão parece ser mais prevalente mas menos violenta, o que leva a que não seja percebida como tão desviante. A relação entre rejeição - agressão é mais comum entre rapazes do que entre raparigas, provavelmente por existirem menos episódios agressivos entre as raparigas (Dodge, 1991). Mas nem todos os actos agressivos têm o mesmo impacto na impressão que os pares formam sobre as crianças agressivas. As circunstâncias que circundam um acto agressivo podem ser importantes na forma como os pares percebem o agressor.

A forma como os pares percebem a realidade, como atribuem intenções sobre os actos agressivos, levam à dicotomização de dois tipos de agressão: agressão reactiva e agressão proactiva (anticipatória). Esta distinção corresponde a dois padrões de cognição social, estando a agressão reactiva ligada a uma tendência para atribuir intenções hostis em excesso ao alvo de agressão (Dodge, 1991), e estando a agressão proactiva relacionada com crenças quanto à efectividade social da agressão. (Dodge, 1991).

Alguns autores subdividiram a agressão anticipatória em agressão instrumental e agressão verbal, tendo a agressão instrumental menos elementos interpessoais hostis do que a agressão verbal.

Resultados de estudos levam à conclusão de que os rapazes vistos como rejeitados e agressivos, eram igualmente aqueles que instigavam mais agressão instrumental e eram também aqueles mais capazes de acrescentar o nível de agressão instrumental quando eles próprios eram alvo desse tipo de agressão.

As agressões reactiva e a verbal, parecem ter, por outro lado, uma influência social mais negativa para os rapazes mais velhos do que para os mais novos. Poderá justificar este dado o facto da agressão verbal e a agressão reactiva poderem ter uma função mais adaptativa para as crianças que começam a relacionar-se com o grupo de pares, do que para crianças mais velhas que já tiveram um grande número de experiências a esse nível (Dodge, 1991). O que foi considerado uma ameaça pode consistir numa estratégia a utilizar na altura de entrada para a escola. Com o desenvolvimento podem surgir outras formas mais adaptativas para o estabelecimento do domínio social, pelo que a agressão verbal e a agressão reactiva se tornam meios inaceitáveis. A agressão verbal ou de ameaça não é, num primeiro nível, um tipo de agressão humilhante ou abusadora, sendo antes uma reacção proactiva ao serviço do estabelecimento do domínio dentro do grupo de pares. Da mesma forma a agressão reactiva parece ser mais aceitável no grupo de crianças mais novas porque representa o fazer face a um grupo de colegas. Este tipo de comportamento leva à obtenção de um estatuto mais elevado na hierarquia social escolar.

Os rapazes mais velhos distinguem a agressão reactiva justificada da injustificada e poderão ver a primeira como socialmente aceitável, mas não sentirão o mesmo acerca da agressão reactiva não justificada. A agressão reactiva envolve com menos frequência, um único acto de agressão pelo agressor e, mais frequentemente, um acréscimo da intensidade da agressão pela criança que a iniciou. Quando o alvo da agressão se defende, o agressor irá, com maior probabilidade, aumentar o nível de agressão do que parar. Na agressão anticipatória, instrumental ou verbal, tipicamente, o agressor suspende a agressão depois de a ter feito uma vez, independentemente do tipo de resposta obtida.

Os agressores reactivos sentem que estão correctos acerca do seu comportamento agressivo, enquanto que os agressores proactivos reconhecem que estão errados ou que estão simplesmente a testar o seu alvo. Desta forma, resulta que os agressores reactivos não parecem crer que eles

próprios sejam verdadeiramente agressores, o que, para Dodge (1991), corresponderá a um enviesamento da atribuição hostil. Os agressores reactivos sentem-se ameaçados pelo seu alvo de agressão, e desta forma vêem-se eles mesmos como vítimas que se estão apenas a defender. A única diferença encontrada nos alvos de episódios de ameaça ou de agressão instrumental, foi que estes últimos eram mais capazes de se defenderem e os primeiros mais facilmente se submetiam.

Os rapazes que se sujeitam à agressão instrumental poderão oferecer mais resistência pois sabem que poderão perder um brinquedo (existe normalmente um objecto em jogo), mas submeter-se-ão aos ameaçadores porque, se eles se submeterem, rapidamente o episódio acabará. (Dodge 1991)

Resultados de vários estudos (Dodge, 1991) sugerem que, apesar das crianças agressivas não serem apreciadas pela maioria dos colegas, estas eram capazes de controlar sujeitos de forma a terem "amizades" recíprocas e serem membros nucleares de sub-grupos sociais. Eram, portanto, crianças que tinham filiações com pares apesar de um modo geral serem pouco populares. Apesar das crianças agressivas terem alguns laços de amizade, as suas relações parecem mostrar menor confiança e capacidade de resolução dos conflitos. Portanto apesar das crianças agressivas terem relações com os pares, esse tipo de relações poderá não providenciar grande coisa em termos de desenvolvimento pessoal e social .

A agressividade da criança, assim como o meio familiar, têm sido detectados como os melhores indícios das dificuldades de adaptação social na adolescência. Entre os vários comportamentos estudados, foi frequentemente demonstrado que o comportamento agressivo da criança, ao longo da sua infância, aparece como o melhor indicativo dos comportamentos anti-sociais na infância e na idade adulta. (Charlebois et col, 1987)

Numa tentativa de compreender que tipo de influência teriam as diferenças de sexo a nível do comportamento agressivo, Maccoby e Jacklin, 1974 (Hyde

1984), concluíram que as diferenças relativas à agressão estão bem estabelecidas. Mostraram que a diferença ocorre em todas as culturas para as quais existem dados disponíveis, sendo os rapazes bastante mais agressivos do que as raparigas tanto física como verbalmente. A questão sobre a origem destas diferenças é posta através da hipótese da mesma ser biológica. Tal facto foi refutado por resultados de estudos que sugerem que as diferenças de género não são significativas em crianças com idade inferior a 6 anos. De qualquer forma, parece existir uma tendência para as diferenças de sexo serem superiores entre crianças mais novas do que entre sujeitos mais velhos.

Esta breve abordagem sócio-cognitiva da agressão ou do comportamento agressivo, foi por nós desenvolvida não apenas pelos contributos teóricos que proporciona, mas por ser uma abordagem que terá também por objecto de conhecimento o comportamento agressivo na criança na sua relação com a realidade e com o outro. Questiona-se sobre o modo como este se processa, que tipo de informação veícula e ainda sobre as diferenças decorrentes da forma como a realidade é compreendida.

Sendo, todas estas questões, sem dúvida, centrais para um melhor conhecimento do tema da agressão, sabemos que o objecto de investigação do nosso trabalho não é tanto a criança agressiva e a forma como ela assimila e reage a um meio hostil, mas antes o próprio pensamento da criança sobre o fenómeno da agressão.

A questão: "O que pensam as crianças sobre a agressão?", é central no presente trabalho. O nosso estudo, e os resultados decorrentes de uma questão deste tipo, vieram encontrar eco e, a partir daí apoio, na perspectiva fenomenográfica. Foi à luz desta perspectiva, desenvolvida por Marton, que o nosso trabalho se estruturou, encontrando nesta um campo teórico e científico consistente. Por estas razões apresentaremos no capítulo seguinte uma breve reflexão sobre a formação, objectivos e conteúdos da fenomenografia.

### 3. ABORDAGEM FENOMENOGRÁFICA

Na elaboração metodológica do presente trabalho, a abordagem fenomenográfica ocupa um lugar de particular relevo, pelo que nos parece importante enunciar os seus objectivos, características e possibilidades na investigação

Marton (1981) introduziu o conceito de fenomenografia enquanto método de pesquisa. Nos trabalhos que o conduziram à delimitação deste método, Marton lembra como é frequente em Psicologia Educacional questionarmos porque é que algumas crianças aprendem melhor do que outras na escola e indica que qualquer resposta a uma questão deste tipo será sempre uma declaração feita acerca da realidade. Propõe-nos ainda uma outra questão alternativa, assente numa proposta por Saljo (1981) pela qual indagamos o que é que as pessoas pensam acerca das razões que levam algumas crianças a aprender melhor do que outras. Sugere que qualquer resposta a este segundo tipo de questão será sempre uma declaração acerca da concepção das pessoas sobre a realidade. Através desta segunda questão, que constitui uma segunda perspectiva de estudo, apresenta-nos uma indagação orientada para as ideias das pessoas acerca do mundo ou da experiência que têm sobre este. Marton considera que a descoberta das diferentes formas através das quais as pessoas experienciam, interpretam, compreendem, percebem, apreendem ou conceptualizam vários aspectos da realidade, é suficientemente interessante por si só, e não apenas pela sua potencialidade pedagógica ou pela necessidade de formação de um campo de conhecimento. Refere ainda que para conhecer a forma como as pessoas pensam os fenómenos do mundo (o sucesso escolar, por exemplo), é necessário investigar directamente este problema, pois a resposta não poderá derivar nem do que sabemos acerca das propriedades da mente humana, nem dos diferentes sistemas

conceptuais. A diferença existente entre a realidade e a percepção da realidade é auto evidente.

O objectivo do programa de pesquisa fenomenográfica não é classificar, comparar grupos, explicar, predizer nem fazer julgamentos justos ou injustos acerca das pessoas; é sim encontrar e sistematizar as formas de pensamento pelas quais os sujeitos interpretam aspectos da realidade - aspectos que são socialmente significativos e que se supõem ser partilhados pelos membros de um determinado tipo de sociedade.

De certa maneira os objectivos da fenomenografia podem ser complementares ou próximos de outros presentes noutros processos de pesquisas por visarem, igualmente, descrever, analisar e compreender experiências. Pesquisas efectuadas numa série de disciplinas levaram a descrições de experiências orientadas para o conteúdo, e a descrições interpretativas das várias formas através das quais os sujeitos vêem o mundo. No entanto, nenhuma delas conseguiu ainda atingir uma unidade científica.

Ao contrário destes outros campos de pesquisa, a fenomenografia caracteriza-se através de duas perspectivas fundamentais:

- Numa primeira que tem como objectivo a descrição de vários aspectos do mundo à nossa volta;
- Numa segunda pela qual se pretende descrever a experiência das pessoas sobre diversos aspectos do mundo.

A fenomenografia é uma especialização de pesquisa cujas raízes provêm de uma série de estudos sobre o "Aprender", realizados na Universidade de Gothenburg no início dos anos 70.

Estes estudos iniciaram-se a partir da simples observação de que certas pessoas aprendem melhor do que outras, o que conduziu à elaboração de uma primeira questão: "O que significa dizer que algumas pessoas aprendem

melhor do que outras?” Ao ser investigada, esta questão levou por si só à formulação de uma segunda interrogação: “Porque é que algumas pessoas são capazes de aprender melhor do que outras?”. O grande objectivo inicial foi descrever a aprendizagem através dos olhos de quem aprende.

O primeiro passo destes estudos visava tentar encontrar o conjunto de diferentes compreensões que os aprendizes desenvolvem sobre um conteúdo específico, através de diversas abordagens adoptadas sobre este.

O segundo consistia em procurar as ideias pré-concebidas dos aprendizes acerca de um fenómeno presente nas situações apresentadas. Foi também tido em consideração o acto de aprender, pois a concepção dos estudantes sobre o que efectivamente é aprender, pareceu ser fundamental para a forma como estes experienciam este mesmo acto e, deste modo para as abordagens adoptadas em relação a determinadas aprendizagens específicas.

A Psicologia piagetiana, segundo Marton (1981), é um campo de investigação do qual derivam uma parte das descobertas aqui referidas. Os trabalhos de Piaget e seus colaboradores constituem a mais extensa contribuição conhecida da descrição das diferentes formas como as pessoas conceptualizam o mundo à sua volta.

Jamais alguém providenciou descrições tão detalhadas e minuciosas das diferentes concepções das crianças sobre os vários aspectos da realidade como Piaget. Não há dúvida que uma extensa parte do seu trabalho prático foi desenvolvido a partir da perspectiva do fenómeno. Piaget simplesmente descreveu como eram vistos, aos olhos da criança, diversos aspectos do mundo. O primeiro objectivo, foi assim, trazer luz sobre as diferentes formas de desenvolvimento do conhecimento, reflectindo vários aspectos da realidade. O evoluir das pesquisas de Piaget conduziu-o ao estudo das semelhanças gerais entre os múltiplos aspectos da realidade e ainda à

consideração destas semelhanças formais como verdadeiras entidades psicológicas. Esta tendência pode ser interpretada como uma mudança pela qual a criança, e já não o mundo da criança, se tornou, gradualmente objecto das suas pesquisas. Poderia ter-se restringido a referir as semelhanças formais sem afirmar que existiria uma entidade psicológica comum subjacente aos vários conceitos formalmente semelhantes. Contrariamente, como sabemos, Piaget perspectivou a estrutura formal com uma existência factual, considerando-a como descritiva da estrutura psicológica do pensamento. O que é controlado, de acordo com este autor, não são os vários conceitos mas sim a estrutura formal, que quando aplicada a diferentes domínios suporta os diferentes conceitos.

Hundeide (1977) (Marton 1981) indicou consideráveis evidências sobre as razões pelas quais a criança resolve uma certa tarefa. A forma de resolução da tarefa, não é tanto uma função da sua estrutura lógica, mas sim do seu conteúdo e do contexto no qual é apresentada. A performance da criança é, acima de tudo, influenciada pela modo como interpreta as questões postas pelo investigador e pelas premissas nas quais este baseia as suas questões.

Não nos será possível conhecer a aprendizagem enquanto tal, nem as estruturas operatórias enquanto tais. Por outras palavras, a aprendizagem, as estruturas operatórias, e as concepções enquanto entidades psicológicas são epistemologicamente inatingíveis se separadas do contexto e do conteúdo. Poderemos, porém, descrever concepções de vários fenómenos de um modo perfeitamente válido, pois sabemos que as mesmas categorias de descrição surgem em diferentes situações, mesmo que o indivíduo se “mova” de uma categoria descritiva para a outra em diferentes ocasiões. O abandono da premissa piagetiana da existência psicológica de estados e de estruturas operatórias em indivíduos, está de acordo tanto com a acumulação de dados empíricos respeitantes à falta de generalização em termos da estrutura da tarefa, como com um ponto de vista relacional e

contextual do funcionamento humano. A restrição do significado do constructo utilizado por Piaget na caracterização do desenvolvimento do “sujeito conhecedor”, levaria a que o interesse reincidisse na contribuição mais notável da tradição piagetiana, o discernimento engenhoso e sensitivo das várias formas de pensamento, e de conhecimento da realidade. Marton defende que estas formas de pensamento não devem ser consideradas como categorias para classificar indivíduos, mas sim como categorias para descrever formas de perceber o mundo à nossa volta; se assim não fosse seria novamente reverter à tradição piagetiana sendo o mundo percebido, em vez da criança que percebe, de novo o foco da atenção.

Esta forma de compreensão, se tiver sucesso, poderá conduzir à descrição de diferentes concepções e ainda à identificação da distribuição, sobre as categorias, do grupo participante no estudo. Chegamos, portanto, a dois tipos diferentes de resultados, as próprias categorias de descrição e a distribuição dos sujeitos sobre elas mesmas. O primeiro resultado será qualitativo e o segundo quantitativo.

Acontece frequentemente nem sequer ser reconhecido que as categorias de descrição podem ser consideradas como resultados. Podemos considerar que os resultados de uma pesquisa se distinguem em dois aspectos diferentes: por um lado os resultados como categorias de descrição consideradas como instrumentos abstractos para serem utilizados na análise de casos concretos no futuro, por outro a aplicabilidade destas categorias em casos concretos, considerando a possibilidade de aplicar as categorias de forma a fazer uma consideração sobre um facto histórico tal como, por exemplo, que um indivíduo “x” exibiu a concepção “y” sobre as circunstâncias “z”.

Uma concepção existe no mundo real apenas em termos de um acto mental e é exibida por alguém, que fez algo num determinado “setting”. Ao falarmos em categorias de descrição, estamos a quebrar a perspectiva dinâmica e a

considerar as categorias como se estas fossem formas de pensamento “congeladas” (Marton 1981).

Em todas as investigações efectuadas à luz da fenomenografia, o princípio fundamental consiste em saber que em qualquer situação ou em qualquer fenómeno que as pessoas encontrem, podemos identificar um número qualitativamente diferente e logicamente interrelacionado de formas pelas quais esse mesmo fenómeno ou situação é experimentado ou compreendido (Marton 1990). Subsequentemente este princípio mostrou-se válido para ser aplicado a fenómenos ou situações que se situam fora do contexto educacional, no qual os estudos iniciais foram desenvolvidos.

A fenomenografia evoluiu, dos estudos empíricos sobre a aprendizagem, para uma especialização de pesquisa cujo objectivo é “A descrição de concepções do mundo à nossa volta” (Marton 1981). A fenomenografia é, pois, o estudo empírico das diferentes formas através das quais as pessoas experienciam, percebem, apreendem, compreendem, conceptualizam vários fenómenos do mundo que as rodeia.

As palavras experimentar, perceber...etc, são intermutáveis. É óbvio que existem diferenças nas definições destes termos, mas o número limitado de formas pelas quais um determinado fenómeno nos é apresentado, pode ser encontrado independentemente deste estar presente na experiência imediata ou num pensamento reflexivo. As diferentes formas pelas quais um fenómeno pode ser experimentado, percebido, apreendido, compreendido, conceptualizado etc..., de acordo com a nossa forma de o descrever, é independente das diferenças entre experiência, percepção, apreensão, compreensão, conceptualização etc...

O que é então a concepção de algo, ou a forma de algo experienciar? Não é uma representação mental ou uma estrutura cognitiva mas antes uma forma de se estar atento acerca de algo. Esta consciência de algo (awareness) é uma relação entre o sujeito e o objecto. Quando um objecto é

alvo da atenção de alguém, é sempre visto e pensado de alguma forma, por esse mesmo sujeito. Não podemos lidar com um objecto sem o experienciar ou conceptualizar de uma determinada maneira. Neste sentido não podemos considerar o sujeito e o objecto como sendo independentes, mas antes, como integrantes de uma unidade. Existe uma relação entre eles que pode ser designada pela sua relação interna. O sujeito e o objecto são o que são em relação um ao outro. Deste modo a forma de experienciar ou compreender um fenómeno diz tanto acerca do fenómeno experienciado e compreendido como diz acerca do sujeito que experiencia e compreende. "A compreensão é um acto e não uma entidade estática" (Renstrom, Andersson, & Marton, 1990)

A experiência ou a concepção de um fenómeno, a relação interna entre o sujeito e o objecto, é uma forma de delimitar um objecto do seu contexto e de o relacionar com o mesmo, ou com outros contextos. E é ainda uma forma de delimitar as partes componentes de um fenómeno e relacioná-las umas com as outras e com o todo.

A delimitação de um contexto e o relacionamento com um contexto constitui o horizonte externo de um fenómeno. A delimitação das partes e o seu relacionamento é o horizonte interno de um fenómeno. Os horizontes internos e externos juntos, formam o aspecto estrutural da experiência. Existe ainda um aspecto referencial correspondente ao significado que é inerente à experiência. As mudanças estruturais não podem ocorrer sem mudanças no significado, nem as mudanças de significado ocorrerão sem mudanças ao nível estrutural. Os aspectos estruturais e referenciais constituem-se dialecticamente um ao outro, sem que nenhum adquira supremacia.

As diferentes formas de experienciar um determinado fenómeno, caracterizado por categorias de descrição correspondentes, representam capacidades diferentes para lidar ou compreender esse mesmo fenómeno. Atendendo ao facto de que determinadas formas de experienciar o fenómeno

são mais eficientes do que outras, em relação com algum critério estabelecido, podemos estabelecer uma hierarquia de categorias de descrição.

Esta descrição categorial utilizada pelo sujeito, ou seja, a compreensão de um determinado fenómeno, é uma forma de estar atento a ele mesmo. A consciência de algo (awareness) é vista como a experiência total de uma pessoa acerca do mundo num determinado momento. Segundo Gurwitsch (1964) a consciência de algo é caracterizada por uma estrutura figura - fundo infinitamente diferenciada e não em termos de dicotomia atento/desatento ou consciente/subconsciente. Alguns aspectos que se apresentam num primeiro plano são explícitos e tematizados, outros que estão em segundo plano, estão implícitos, e não tematizados. Não existe, contudo, uma dicotomia entre duas classes de coisas, mas antes uma variação mais ou menos contínua.

Sabemos que estamos atentos a tudo, ainda que sempre de forma diferente. Num estudo fenomenográfico pretende-se explorar as diferentes formas através das quais podemos apreender uma situação ou um fenómeno. Queremos conhecer as diferenças na estrutura da atenção e o significado correspondente do fenómeno ou da situação.

A metodologia sobre a qual a fenomenografia se apoia para a recolha de dados tem sido a entrevista individual. É claro que aquilo que alguém experiencia pode ser expresso de diferentes formas, nesta perspectiva, existem estudos fenomenográficos onde as entrevistas de grupo, os desenhos, as respostas escritas... etc, têm sido as principais fontes de informação. Apesar destas várias formas de recolha de material, o método preferido é o da entrevista individual pois é através dela que com mais facilidade poderemos transformar realidades não temáticas ou implícitas em objectos de reflexão e, ao torná-las temáticas e explícitas, mais plenamente estaremos a explorar a consciência que os sujeitos dela têm.

A fenomenografia tem na experiência humana o seu objecto de pesquisa. O entrevistador não estará a estudar a sua própria consciência acerca de algo, mas sim a dos sujeitos. A entrevista deverá ser desenvolvida como um diálogo, deverá facilitar a tematização de aspectos da experiência do sujeito que não estavam previamente definidos. As experiências e a compreensão, são constituídas conjuntamente pelo entrevistador e entrevistado, elas não existem *à priori*, prontas para serem ditas, nem são apenas construções sociais situacionais. São aspectos da realidade dos sujeitos que se transformaram e deixaram de ser não reflectidos para passarem a ser reflectidos. A entrevista tem como objectivo tornar algo que tenha sido “não temático” no objecto da atenção do sujeito.

Depois das entrevistas serem transcritas o entrevistador deverá incidir a sua atenção em semelhanças e diferenças na forma como o fenómeno se apresenta aos participantes. As transcrições originadas das diferentes entrevistas dos indivíduos formam um todo indivisível, um conjunto de dados para ser analisado.

Dever-se-á, com vista à redução de dados, distinguir o que é relevante, tendo em conta o modo de experienciar o fenómeno, daquilo que não o é. O passo seguinte será identificar formas diferentes de compreender (ou de experienciar) o fenómeno. Existem dois mecanismos através dos quais se pode aceder à compreensão da forma de experienciar o fenómeno. Um é baseado nas semelhanças: quando duas expressões são diferentes ao nível da palavra, mas reflectem o mesmo significado, podemos apercebermo-nos de uma certa forma de compreensão do fenómeno. O outro é baseado nas diferenças: quando duas expressões reflectem dois significados diferentes, duas formas de compreensão do fenómeno tornam-se perceptíveis devido ao efeito de contraste.

As várias afirmações têm que ser vistas em relação com dois contextos. Um dos contextos é o “conjunto de significados” que deriva daquilo que todos os participantes disseram acerca da mesma coisa. O outro contexto é o que a

mesma pessoa disse acerca de outras coisas. Temos que atribuir sentido a uma expressão específica tanto em termos do contexto colectivo como do contexto individual, constituindo esta acção o elemento hermenêutico da abordagem fenomenográfica.

Depois das diferentes expressões terem sido agrupadas a atenção muda da relação entre as expressões para as relações entre os grupos. Temos que estabelecer quais os atributos críticos de cada grupo e quais os traços distintivos entre os grupos. Deste modo desenvolvemos o conjunto de categorias de descrição pelas quais podemos caracterizar a variação na forma como um determinado fenómeno é experienciado, conceptualizado, percebido. Existindo relações lógicas a determinar entre as categorias de descrição, representativas de capacidades diferentes pelas quais um fenómeno é visto em relação a um dado critério, uma hierarquia poderá ser estabelecida. Os diferentes passos descritos, têm que ser dados de um modo interactivo pois cada um deles tem consequências não apenas para os que se seguem, mas também para aqueles que os precedem.

As categorias de descrição e o espaço de dados "outcome space" (Entwistle, & Marton, 1984) são os resultados principais do estudo fenomenográfico. Desde o momento que são encontrados podem ser reaplicados aos dados donde provieram. Haverá um julgamento feito para cada caso individual pelo qual se avalia que categoria de descrição é aplicável, podendo-se obter uma distribuição de frequências das categorias de descrição.

Relativamente à validade deste tipo de metodologia, caberia perguntar se um outro avaliador obteria os mesmos resultados. Num estudo fenomenográfico a análise dos dados não é uma medida mas sim um procedimento de descoberta; pretende-se descobrir as diferentes formas pelas quais um fenómeno pode ser experienciado, tal como nas pesquisas piagetianas, "encontrar as categorias é uma forma de descoberta" (Pramling 1986, pp.33). Uma descoberta não tem que ser replicável, sendo que neste

caso o espaço de dados "outcome space", desde o momento em que se revelou, deverá ser comunicado para que outros investigadores possam reconhecer as diferentes formas de experienciar o fenómeno em questão.

O conceito "representação" está intimamente ligado às questões fenomenográficas que acabámos de descrever. Pensámos, por isso, que faria sentido referir, brevemente, algumas ideias a este respeito.

### **3.1. A PROPÓSITO DA REPRESENTAÇÃO**

Como foi exposto acima, a fenomenografia, mais do que uma metodologia sobre as formas através das quais os sujeitos representam os fenómenos, pretende conhecer o dinamismo inerente à relação interna entre o sujeito e o próprio fenómeno.

A ideia de reflectirmos sobre a noção de representação, com a qual de perto trabalhamos, não tem como objectivo uma exposição exaustiva do amplo campo abrangido por este conceito nas diversas áreas científicas, mas apenas situar um conceito que pensamos ter um papel importante na elaboração desta pesquisa. As referências e a inspiração piagetianas expressas nas investigações com metodologia fenomenográfica, levam-nos a pensar que uma reflexão sobre a representação, segundo Piaget, seria um contributo importante para o presente estudo. Como refere Pramling (1986), na recolha de dados, o método de Piaget, da entrevista clínica é utilizado como base.

Sabemos, situando-nos numa perspectiva piagetiana, que existem duas acepções principais segundo as quais o termo "representação" tem sido utilizado. Uma primeira diz respeito ao conhecimento e à forma como este

se organiza. É uma concepção complexa, pois refere-se tanto ao que é conhecido como à forma como esse conhecimento é estruturado. Uma segunda, refere-se ao termo "representação" enquanto utilização de símbolos. Nesta são consideradas as produções simbólicas como meio de representação de um aspecto do mundo ou do conhecimento deste. A representação envolve a relação entre o signo e o seu referente (Mandler, 1983).

Piaget distingue um sentido lato e um sentido restrito na representação. No seu sentido lato esta confundir-se-ia com o pensamento, com toda a inteligência, não se apoiando apenas na percepção e nos movimentos (característicos da inteligência sensório-motora), mas antes, sobre um sistema de conceitos ou de esquemas mentais. Este tipo de representação é muitas vezes referido como "representação conceptual".

No seu sentido restrito a representação reduz-se à imagem mental, ou seja, à evocação simbólica de realidades ausentes. Entendida neste sentido, a representação é tal como a linguagem uma manifestação, entre outras (desenho, jogo simbólico), da função simbólica.

A linguagem intervém ao nível da representação cognitiva, ou seja, ao nível da construção de conceitos. O significado do signo linguístico é identificável ao conceito, formando-se este também segundo o jogo da assimilação e acomodação. As primeiras palavras verbalizadas pela criança não são identificáveis aos signos, mas são simples expressões vocais assimiláveis a gestos práticos ou mímicas que não necessitam de representação conceptual; pelo que o momento em que a criança pronuncia uma palavra na ausência do objecto constitui uma assinalável evolução intelectual.

O conceito supõe uma definição fixa, correspondente a uma convenção estável que impõe a sua significação ao signo verbal; as classes ou

relações designadas por palavras comportam uma definição conceptual fixada pelo grupo social. (Laterasse, 1983)

Pereira (1990) citando André Jacob, lembra ainda que a linguagem, na compreensão das questões humanas, deve ser apreendida não apenas como uma actividade de informação mas também na sua vertente de formação, sendo constituinte do próprio sujeito e estruturando simultaneamente a experiência deste.

Piaget considera a presença dos símbolos como sendo necessária para recordar e, provavelmente, para todo o pensamento. Entende que o pensamento utiliza símbolos para se referir aos conceitos subjacentes que formam o conhecimento que temos acerca do mundo. Estaria Piaget certamente a referir-se ao pensamento consciente, tendo por isso, necessariamente, que envolver símbolos ou outras representações. No entanto, grande parte do nosso pensamento tem lugar fora do alcance da consciência e pode não envolver a manipulação de símbolos. (Mandler, 1983)

Apesar de Marton afirmar a influência dos estudos piagetianos na abordagem, parece-nos claro que Piaget, num segundo momento do seu trabalho, estaria sobretudo interessado no estudo dos processos de pensamento subjacentes à forma como os sujeitos representam os diferentes fenómenos. Seguindo estes autores linhas divergentes, não poderemos deixar de ser sensíveis a algumas evidências da história da investigação piagetiana ao nível desta abordagem fenomenográfica.

A referência feita por Piaget à necessidade da utilização dos símbolos para recordar qualquer conceito, estará certamente presente na fenomenografia. Contudo, esta última não se esgota na recordação de conceitos (pré-existentes) mas leva-nos à experiência de fenómenos ditos "não tematizados" que, para serem percebidos, não implicam recordação mas sim a atenção do sujeito.

O estudo da dinâmica de uma "relação interna" entre o fenómeno percebido e o sujeito que o percebe, constitui um contributo relevante na forma de abordar a concepção de fenómenos.

A referência aos trabalhos piagetianos e à sua concepção de representação está de tal modo presente na construção da metodologia fenomenográfica, que a sua omissão seria certamente uma lacuna na compreensão do nascimento desta forma de investigação sobre os fenómenos do mundo.

#### 4. QUESTÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO MORAL

A abordagem que nos propomos fazer sobre o desenvolvimento moral pareceu-nos importante uma vez que no questionário constam diversas questões que, pelo seu conteúdo implicam o quadro de referências morais dos sujeitos. Com efeito o conceito de agressão ou comportamento agressivo, introduz-nos imediatamente no campo do “bem” e do “mal”, o qual por si só nos aproxima das noções de justiça e de moral.

A questão da dimensão moral está presente tanto no processo como no conteúdo da escolarização. Professores e alunos encontram, constantemente, valores e questões morais. Apesar de serem, muitas vezes, temas implícitos, os professores sentem, quando conscientes destas questões, a necessidade de ajudar os seus alunos a adoptarem valores e a desenvolverem perspectivas morais mais adequadas.

Desejamos apresentar brevemente algumas questões que nos parecem imprescindíveis num trabalho que, apesar de não se centrar sobre desenvolvimento moral, poderá beneficiar de algumas contribuições desta área para uma melhor compreensão do seu próprio domínio de estudo: a concepção da agressão na relação do sujeito com o “outro”.

O estudo do juízo moral em Piaget fez parte inicialmente de um esforço para compreender como as crianças se orientam face ao mundo social. Piaget, deu particular importância ao desenvolvimento na criança do respeito pelas regras e do sentido de solidariedade para com a sociedade.

As crianças de 3 a 5 anos tendem a desenvolver uma forma de comunicação e relação egocêntrica com os outros e com o mundo. Do mesmo modo, no jogo, também agem egocentricamente. As crianças de 7, 8 anos, já jogam de forma diferente: utilizam regras e esperam que os outros também as utilizem, jogam em conjunto sendo que as regras utilizadas são tomadas no

seu sentido literal, não podendo ser alteradas em função de situações específicas. As crianças de 11, 12 anos, apesar de jogarem com regras, sabem que estas poderão e deverão ser alteradas em determinadas situações. Através destas diferentes formas de organizar os jogos, podemos observar o progresso feito relativamente à cooperação social e ao respeito pelas regras.

Para a compreensão das regras, estudada através de entrevistas com as crianças, Piaget definiu uma progressão em níveis. A primeira forma de compreensão das regras surge por volta dos 6 anos, acreditando as crianças que estas são "leis" imutáveis. Esta visão continua a ser predominante até cerca dos 11 anos, altura em que surge uma nova forma de compreender as regras. A partir daí estas vêm-se como resultantes de um acordo entre aqueles que jogam, podendo, se estes quiserem, ser alteradas.

A criança mais nova parece estar a imitar acções, ainda não consegue coordenar as acções com os outros e articula uma visão das regras como imutáveis. Este respeito baseia-se numa compreensão parcial e egocêntrica das regras, a criança não sabe porque é que elas existem, sabe apenas que as deve respeitar. Considera-as como fixas, pois não é capaz de se pôr no lugar de quem as criou e compreender o processo pelo qual se tomam as decisões (Hersh, Reimer & Paolitto, 1988/1979). A criança a este nível (heterónimo) tem um respeito unilateral pelos adultos (em relação à autoridade) e a moralidade é baseada na conformidade (Hetherington, & Parke, 1983).

À medida que a criança cresce, aumenta a sua experiência de interacção com os outros mudando também a sua forma de compreender as regras. Já é capaz de comunicar as intenções aos seus companheiros e já se consegue ver a ela e aos outros como pessoas que tomam decisões. Desenvolve-se um sentimento de partilha, baseado na capacidade de coordenar pensamentos e acções que amadurece o conceito moral de

cooperação. As regras emergem como acordos efectuados para que todos actuem de forma parecida, existindo um respeito mútuo pelas regras. Trata-se de um desenvolvimento social que implica conhecimento e afecto em que as emoções também vão sendo cognitivamente reestruturadas. No primeiro nível ( +/- 6 anos) o respeito baseia-se quase exclusivamente no medo. No segundo nível (+/- 11 anos), apesar das crianças terem medo de algumas pessoas, aprendem agora a distinguir o respeito do medo (Hersh, Reimer, & Paolitto, 1988/1979).

Neste segundo nível assiste-se a uma transformação da moralidade de conformidade e do respeito unilateral da criança pequena, numa moralidade de cooperação e num mútuo respeito. As bases para um nível de moralidade autónoma são a emergência da reciprocidade e da igualdade. A partir de então as regras poderão ser vistas como produtos de acordos mútuos, servindo o objectivo da cooperação e sendo, conseqüentemente, vistas como mutáveis.

A definição dos níveis morais deriva, em parte, da forma como Piaget perspectiva as capacidades cognitivas da criança. Tendo em conta a diferenciação crescente, que ocorre no desenvolvimento, consideramos duas fases com características distintas:

-Uma primeira referente ao egocentrismo, na qual predominam a indiferenciação entre a perspectiva do próprio e a dos outros e a incapacidade em diferenciar o mundo físico dos fenómenos mentais; as crianças pequenas confundem os aspectos subjectivos e objectivos da sua experiência. A este nível, heterónimo, existe uma incapacidade em compreender que as regras poderão ser relativas ao contexto social ou à perspectiva individual. Os julgamentos são feitos com base nas conseqüências materiais das acções em vez das intenções e motivações do autor. Estas crianças atribuem grande importância à quantidade de dano decorrente de uma acção, enquanto que as crianças mais velhas atribuem mais importância às intenções do autor.

- Uma segunda, correspondente ao nível autónomo, na qual o respeito já não é unilateral, as regras não são vistas como absolutas ou fixas e os julgamentos são baseados nas intenções. Piaget propõe que estas mudanças sejam decorrentes e estimuladas pelo aumento das interações entre os pares (na escola) e pelo decréscimo da orientação das relações para com a autoridade adulta, facto que normalmente ocorre no final da infância.

Para passar de uma perspectiva heterónoma para uma autónoma a criança terá que diferenciar mais claramente o self dos outros, passando a ser capaz de adoptar a perspectiva do outro. As relações com os pares vão reforçar e estimular a consideração pela perspectiva do outro. Neste processo o respeito mútuo substitui o respeito unilateral pela autoridade, e as bases do sentido de justiça, reciprocidade, igualdade e cooperação emergem. A crescente atenção dada à perspectiva do outro e às intenções subjectivas, leva à formulação de julgamentos muitas vezes baseados na intencionalidade e já não nas consequências.

Piaget reclama que o conceito de justiça não emerge até ao estágio autónomo, existindo até então uma moral heterónoma de constrangimento e respeito unilateral, uma moral de costumes, convenções e tradições que vai dar lugar a uma moral autónoma, de mútuo respeito e cooperação, que prevalece sobre os costumes e as convenções. (Hetherington, & Parke, 1983)

A teoria de Kohlberg, que está profundamente enraizada nos trabalhos de Piaget, contribuiu significativamente para a aplicação do conceito de desenvolvimento em estádios, ao estudo do juízo moral.

Na base da definição da estrutura mental como um todo onde "Tudo está relacionado com tudo mais.", Kohlberg admite que os estádios de desenvolvimento moral estejam relacionados com os aspectos mais básicos do desenvolvimento cognitivo. É proposto que o desenvolvimento moral

esteja parcialmente dependente do desenvolvimento cognitivo. O desenvolvimento moral está parcialmente dependente do desenvolvimento dos estádios cognitivos, sendo o desenvolvimento cognitivo necessário mas não suficiente para o desenvolvimento moral.

Nos seus estudos Kohlberg propõe aos sujeitos dilemas morais que estes deverão resolver. Tais dilemas fazem referência a três problemas de justiça: o primeiro é o da justiça distributiva, ou seja, a forma como a sociedade ou um terceiro distribui a honra, a riqueza e outros bens desejados pela comunidade. O segundo tipo de problema é o da justiça comutativa, que se centra no acordo voluntário de trocas equivalentes. Um terceiro tipo de problema é o da justiça correctiva que administra o princípio correctivo nas transações privadas que foram desiguais ou injustas e que requerem a restituição ou a compensação (Kohlberg, 1992).

Kohlberg chegou à definição de 6 estádios de juízo moral, considerados dentro de três níveis de raciocínio moral, sendo que cada nível contém dois estádios.

No primeiro nível, pré-convencional, a questão moral é tida em conta na perspectiva dos interesses concretos dos indivíduos implicados. Não está interessada na forma como a sociedade define o modo correcto de agir numa dada situação, mas sim nas consequências concretas decorrentes da decisão sobre uma determinada acção. Dentro deste nível, Kohlberg distingue dois estádios:

No estádio 1, a perspectiva é a de um realismo moral ingénuo. Ou seja, a significação moral de um acto, a sua bondade ou maldade vê-se como uma qualidade real, inerente a este. Este realismo clarifica-se pelo pressuposto de que os juízos morais são auto-evidentes. O castigo vê-se como algo importante no sentido em que se identifica com a má acção. Estão ausentes os conceitos como o merecimento ou a intencionalidade, através dos quais as circunstâncias particulares de um caso poderão alterar o seu significado

moral. As regras e atributos morais aplicam-se num sentido literal, absoluto e a noção de justiça caracteriza-se pela estrita igualdade. É uma moralidade heterónoma no sentido Piagetiano. O mal e o bem estão previamente definidos pelas autoridades.

O estágio 2 caracteriza-se por uma perspectiva individualista concreta. Existe a consciência de que cada pessoa tem os seus próprios interesses e que estes podem entrar em conflito. Desenvolve-se uma relatividade moral, mediante a compreensão de que diferentes pessoas podem ter diferentes justificações, igualmente válidas, para as suas reclamações de justiça. Reconhece-se a existência de mais do que uma perspectiva sobre a situação, e desenvolve-se o respeito pela legitimidade moral de prosseguir os interesses próprios. O "moralmente correcto" é relativo a uma situação concreta e a perspectiva que o sujeito tem sobre a situação é uma perspectiva pragmática, através da qual se deseja maximizar a satisfação das necessidades e desejos próprios, em vez de minimizar as consequências negativas da mesma (Kohlberg, 1992).

No segundo nível, convencional, o problema da moral é visto pela perspectiva de um membro da sociedade. Tem-se em conta aquilo que o grupo ou a sociedade espera do indivíduo, ou seja que este irá actuar de acordo com as suas normas morais. Neste nível a pessoa não só se esforça para evitar o castigo e a censura, como também para viver de acordo, com as definições aceites sobre o que é ser um bom membro de um grupo.

O estágio 3 situa-se neste segundo nível convencional, no qual as diferentes perspectivas se coordenam na óptica de uma terceira pessoa, que se expressa num conjunto de normas morais partilhadas. As normas distinguem-se das regras do estágio 1, e passam a representar uma integração de perspectivas que se reconhecem por separado. A primacia das normas partilhadas do estágio 3, obriga a dar ênfase ao altruista, ao pró social e aos bons e maus motivos. Aqui o indivíduo está interessado em manter a aprovação social e a confiança pessoal. As normas entendem-

se como expectativas partilhadas por pessoas em relação. A sua finalidade é tentar manter as relações e a lealdade, a confiança e os cuidados entre as pessoas da relação ou grupo. São normas que se sentem como obrigatórias (Kohlberg, 1992).

O estágio 4 caracteriza-se pela capacidade de adopção do ponto de vista do outro. A pessoa adopta a perspectiva do sistema social e não apenas do grupo em que participa ( Hersh, Reimer, & Paolitto, 1988/1979).

No terceiro nível definido, o nível pós-convencional, o problema moral é pensado numa perspectiva que transcende os valores da sociedade, isto é, o indivíduo admite regras que estão para além das ditadas pela sociedade, e que poderão, inclusive pô-las em causa. Dentro deste nível situam-se o estágio 5 e 6 que constituem etapas de raciocínio moral com princípios, que correspondem às áreas mais controversas da teoria de Kohlberg. Kohlberg pensa que são raros os adolescentes, aliás como os adultos, que utilizam este tipo de raciocínio.

### III METODOLOGIA

## 1- JUSTIFICAÇÃO METODOLÓGICA

As palavras “objectivo” e “subjectivo” são termos filosóficos que foram pesadamente carregados por uma herança de utilizações contraditórias e de discussões intermináveis e não conclusivas. (Popper, 1978)

O tipo de abordagem metodológica adoptada nesta investigação é influenciada pela perspectiva fenomenográfica desenvolvida por Marton (1981). São várias as investigações que utilizam este tipo de abordagem em estudos sobre a concepção de diferentes fenómenos: Pramling, (1986), (1988), sobre a concepção da aprendizagem, Renstrom, Anderson, Marton, (1990) sobre a concepção da matéria, Marton,(1990) sobre a fenomenografia da aprendizagem e outros.

A Fenomenografia tem por objectivo revelar as formas qualitativamente diferentes pelas quais as pessoas vêem, experimentam, compreendem os vários fenómenos do mundo à sua volta (Renstrom, et col. 1990). Considera que para qualquer fenómeno com o qual as pessoas se confrontam, parece existir um conjunto finito de formas qualitativamente diferentes segundo as quais esse mesmo fenómeno é experimentado, conceptualizado, aprendido. Como refere Marton (1990), podemos estudar as diferentes concepções de aprendizagem, tal como as de qualquer outro fenómeno.

Mais do que o fenómeno em si que é pensado ou da experiência que os humanos fazem deste, a fenomenografia incide sobre as relações entre os seres humanos e o mundo à sua volta. É um tipo de abordagem orientado para o conteúdo.

No presente estudo, o objectivo delineado prende-se com as diferentes concepções do comportamento agressivo/agressão. Tentar-se-á

compreender através de que forma o comportamento agressivo / agressão é pensado, conceptualizado, e experienciado pelos sujeitos.

Propomo-nos pois investigar o âmbito das relações estabelecidas entre sujeito e o comportamento agressivo, tal como a fenomenografia deseja revelar as compreensões dos diferentes fenómenos como relações Humano-Mundo. Nesta medida não se trata do estudo de fenómenos enquanto entidades psicológicas localizadas em indivíduos, mas antes das diferentes formas através das quais o mundo se apresenta aos indivíduos. Como refere Renstrom, (1990), um individuo não tem uma certa compreensão de um fenómeno, mas antes age e pensa de acordo com essa mesma compreensão; uma compreensão é um acto e não uma entidade estática.

Este tipo de metodologia tem algumas semelhanças com as descrições feitas por Piaget no seu trabalho, ao estabelecer uma análise qualitativa das diferentes formas pelas quais as crianças viam diferentes aspectos do mundo. Os trabalhos desenvolvidos por Piaget tinham porém um objectivo um tanto diferente, ao visar conhecer a estrutura de pensamento da criança mais do que as suas concepções enquanto tais. As entrevistas clínicas utilizadas serviam como veículo para o estudo da estrutura de pensamento existente por detrás das afirmações.

A linguagem é vista por Piaget essencialmente como um suporte do pensamento. Era a lógica que Piaget estudava através das respostas às provas verbais propostas à criança, sendo que a lógica e a linguagem eram interdependentes. (Laterasse, 1983).

Contrariamente à perspectiva Piagetiana, acima descrita, na nossa investigação, o conteúdo das afirmações tem uma importância crucial.

No presente estudo as questões e problemas postos à criança não se afastam do seu dia a dia, são questões centradas no contexto de desenvolvimento dos sujeitos. Não se requer uma resposta correcta, a

desenvolvimento dos sujeitos. Não se requer uma resposta correcta, a criança nunca se deverá sentir falhar, pois o verdadeiro objectivo que nos move é o interesse pelo que os sujeitos de facto dizem.

A opção por uma abordagem qualitativa do fenómeno da agressão / comportamento agressivo, pareceu-nos a mais indicada e a que melhor vinha ao encontro dos nossos objectivos. Dúvidas relativas à cientificidade do trabalho, da metodologia e da análise dos dados colocaram-se-nos especialmente no início, pois, a tradição científica empírica e positivista, não deixou de criar ao longo dos anos a ideia de que um trabalho para ser válido deveria obedecer a requisitos por ela determinados. A ideia de que “quantification is traditionally seen as the *sine qua non* of scientific method” (Henwood, & Pidgeon, 1992, pp. 98), foi algo que nos acompanhou quando inicialmente pensámos este trabalho.

O conhecimento de uma longa história de crítica ao método científico positivista como única base para a compreensão da actividade humana, levou-nos a pensar uma metodologia qualitativa. Como refere Henwood, e Pidgeon (1992), entre as ciências naturais e as ciências humanas estabelece-se uma clara distinção. Enquanto que a primeira, mais preocupada com a forma, poderia ser estudada pela observação externa de fenómenos e explicação das regularidades nos acontecimentos físicos, as ciências humanas deviam admitir a pesquisa do significado e a compreensão.

O paradigma naturalista enfatiza a descrição em vez da explicação segundo leis universais de causa - efeito, dando importância à explicação da realidade através dos olhos dos participantes, à procura do significado da experiência e do comportamento no seu contexto e na sua complexidade.

A distinção entre a pesquisa qualitativa e quantitativa é verdadeiramente um problema técnico, onde a escolha entre ambos se prende com a sua conveniência para responder a questões específicas da pesquisa. Os

métodos não são tanto válidos em si mesmos, mas poderão ser mais ou menos úteis para os objectivos propostos. (Henwood, & Pidgeon, 1992)

Não iremos, porém, considerar a pesquisa qualitativa unicamente como uma forma de preparação do terreno para futuros estudos, muito embora não descuremos as suas virtualidades neste campo. Entendemos que a pesquisa qualitativa pode também ser vista como central na conquista do conhecimento psicológico.

A opção pela técnica de entrevista situa-se dentro da mesma linha de pensamento, já que nos irá permitir alcançar o nosso objectivo através do acesso aos factos da palavra e aos factos veiculados pela palavra (Blanchet, 1986). A entrevista semi-directiva, tal como o estilo não-directivo de entrevista, poderá incitar a pessoa a contar as suas experiências e a exprimir as seus sentimentos, ou seja, a produzir representações levando-a, simultaneamente, a interrogar-se e a reflectir sobre o que diz (Blanchet, 1983). Sendo que neste tipo de entrevista de pesquisa, na qual o investigador é sempre quem pergunta, a inexistência de um pedido inicial do actor, leva a que este se desimplique parcialmente, embora permaneça o mestre do processo (Dállones, 1989).

A noção da entrevista como algo que nos poderá levar ao campo de interface entre o psicológico e o social, foi por nós descoberto durante o trabalho. A ideia de que algo nos nossos dados trazia uma dimensão do social, levou-nos a pensar o significado de tal facto e procurar uma justificação. Fez-nos sentido pensar a entrevista semi-directiva, do mesmo modo que se refere a entrevista não-directiva (Blanchet, 1983), como algo que poderá articular o discurso, na interface do psicológico e do social, e permitir neste sentido uma observação privilegiada desta zona de trocas, de turbulência de duas "faces de um mesmo corpo" onde coexistem o psicológico e o social.

Bronfenbrenner (1979) referido em (Silbereisen & Eyferth, 1986), dizia há uns anos atrás que a psicologia do desenvolvimento tradicional seria uma ciência na qual se estudava um comportamento estranho, numa situação estranha, com adultos estranhos; actualmente ela pode ser pensada de um modo diferente, sendo os indivíduos mais frequentemente estudados no seu meio natural considerando-se as interacções entre estes e o meio.

A elaboração da recolha de dados no meio natural dos sujeitos, obedecendo aos seus ritmos diários, e a introdução de situações contextuais conhecidas dos sujeitos, foi por nós efectuada com a intenção de considerar o indivíduo em interacção com o meio. A certeza da imensidão e complexidade do Homem levou-nos a optar pela análise da sua dimensão subjectiva, social e contextual.

## 2. APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

### 2.1. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Após a exposição da breve reflexão teórica sobre a dinâmica do comportamento agressivo e da agressividade, e depois de clarificarmos as nossas opções metodológicas, que orientam e delineiam pistas de trabalho, podemos agora expor e clarificar as questões centrais do presente estudo.

Partimos do princípio de que todos os indivíduos convivem sistematicamente com a sua própria agressividade e com a agressividade dos outros, surgindo desta interacção uma multiplicidade de ideias, pensamentos, concepções, sentimentos que são o que melhor evidencia as relações entre o sujeito e a agressividade/comportamento agressivo. Tal como se referiu a respeito da fenomenografia, para o fenómeno da agressão existirá certamente um conjunto amplo de formas qualitativamente diferentes segundo as quais o fenómeno da agressão/comportamento agressivo é experimentado, conceptualizado, aprendido.

Assim, desejamos saber:

- . Quais as formas qualitativamente diferentes pelas quais os sujeitos, crianças e pré-adolescentes, conceptualizam o fenómeno da agressão / comportamento agressivo.
- . Que tipo de diferenças qualitativas se encontram a respeito da concepção do fenómeno da agressão em função do sexo, idade e níveis de agressividade diferentes.

## **2.2- HIPÓTESES DE TRABALHO**

Em consequência da elaboração teórica e metodológica feita, chegámos à formulação das hipóteses de trabalho que orientam a nossa pesquisa e que melhor permitirão a compreensão das linhas de orientação do presente estudo.

### **Hipótese 1 :**

Os sujeitos do 4º ano conceptualizam o fenómeno da agressão de forma qualitativamente diferente da dos sujeitos do 7º ano.

Para clarificar a formulação da hipótese podemos dizer que as capacidades cognitivas dos sujeitos, o desenvolvimento afectivo / emocional, as experiências de vida e os contextos onde se situam cada um destes dois grupos, levarão certamente a que cada um deles conceptualize o fenómeno da agressão de forma qualitativamente diferente.

### **Hipótese 2:**

Os sujeitos do sexo feminino conceptualizam a agressão de forma qualitativamente diferente da dos sujeitos do sexo masculino.

Os sujeitos do sexo feminino e masculino, pelo seu desenvolvimento emocional específico, pelo tipo de experiências que vivenciam, pelos contextos onde se movem, apresentam formas de conceptualização da agressão distintas, que são reflexo de si mesmos nas suas relações com o mundo.

### **Hipótese 3:**

A forma de conceptualização da agressão pelos sujeitos “agressivos” é qualitativamente diferente da dos sujeitos “não - agressivos”

Os sujeitos cuja forma de relação com o mundo se caracteriza por um estilo agressivo, serão certamente sujeitos com propensão para a acção, para a não mentalização e para a não interiorização. Ao contrário, os sujeitos “não-agressivos”, tenderão a relacionar-se com o mundo de forma diferente, sendo esta menos dominada pela acção, e mais mentalizada e interiorizada. Estas formas de funcionamento levarão certamente a que a conceptualização que têm sobre a agressão seja qualitativamente diferente.

## **2.3- DEFINIÇÃO DE VARIÁVEIS**

Apesar de se tratar de uma abordagem qualitativa, no presente estudo exploratório utilizamos vários conceitos fundamentais cujo sentido será importante definir.

### **Variáveis independentes**

As variáveis independentes em jogo neste estudo são: nível de escolaridade/idade, sexo (feminino e masculino ) e a agressividade (sujeitos agressivos e sujeitos não agressivos). Estas três variáveis não foram por nós manipuladas, limitamo-nos a fazer uma selecção dos sujeitos que cumpriam os critérios de definição de cada uma delas.

Para o estudo das diferentes variáveis recorreremos a três escolas, duas de ensino primário (Externato Grão Vasco e Externato Patronato Cristo Rei) e uma de ensino secundário (Ferreira Borges). Destas, seleccionámos dois

grupos de sujeitos do 4º ano e dois grupos de sujeitos do 7º ano. Obtivemos dois grupos de nível de escolaridade / idade diferentes. Foram excluídas todas as crianças que apresentassem dificuldades intelectuais evidentes.

Dentro dos 4 grupos das três escolas seleccionámos 10 sujeitos do sexo feminino e 10 sujeitos do sexo masculino, para cada nível de escolaridade. Trabalhámos com um total de 20 sujeitos do sexo feminino e 20 sujeitos do sexo masculino.

Para a formação dos dois grupos de sujeitos “agressivos “ e “não agressivos” pedimos a colaboração dos professores das escolas, que os avaliaram a partir de uma escala adequada (avaliação do comportamento agressivo, pp.92), permitindo-nos criar critérios para a definição de cada um dos dois grupos. Os critérios de formação dos dois grupos estão expostos em “Critérios de selecção da amostra”, pp.80.

### **Variável dependente**

A variável dependente em análise consiste na concepção da agressão dos sujeitos. A concepção é aqui entendida na perspectiva de Marton (1990) e da fenomenografia, já atrás apresentada, ou seja, será o conjunto de formas pelas quais um determinado fenómeno é experimentado.

Neste contexto, a variável dependente expressa-se através do conjunto de categorias definidas na análise do conteúdo das respostas dos sujeitos. A avaliação desta variável foi efectuada através do questionário aberto.

## 2.4- SUJEITOS

### 2.4.1.- CRITÉRIOS DE SELECÇÃO DA AMOSTRA

Constituímos 2 grupos, para os quais atendemos aos critérios decorrentes de duas variáveis em estudo: Nível de escolaridade / Idade e Sexo.

Obtivemos dois grupos de idades distintas, recorrendo a dois níveis de escolaridade: 4º e 7º ano.

Formámos um grupo de sujeitos de idades compreendidas entre os 9 anos e 0 meses e os 10 anos e 12 meses, sujeitos do 4º ano de escolaridade, e um outro grupo de sujeitos de idades compreendidas entre os 12 anos e 0 meses e os 14 anos e 12 meses, sujeitos do 7º ano. O intervalo etário dos sujeitos dos 12 anos aos 14 anos é mais amplo que o dos sujeitos dos 9 aos 10 anos, este facto justifica-se pela heterogeneidade etária com que nos deparámos nas turmas do 7º ano. Pensamos porém que apesar da disparidade existente trata-se de um grupo cujos elementos se situam numa etapa comum do desenvolvimento : a pré-adolescência.

Um segundo critério utilizado para a constituição da amostra foi o sexo. Desta forma, de um grupo de sujeitos mais amplo retiramos aqueles que, para além de cumprirem os requisitos da variável idade, nos permitiriam formar, para cada grupo etário, dois sub-grupos: um do sexo feminino e outro do sexo masculino.

Numa 2ª fase do trabalho utilizámos um 3º critério para a formação dos grupos, este relaciona-se com uma das variáveis em estudo : "agressividade dos sujeitos". Da amostra inicial, definida a partir do 1º e 2º critério, extraímos dois sub-grupos de sujeitos que preenchem os critérios requeridos relativamente à variável "agressividade".

Foi pedido aos professores que avaliassem os seus alunos no que respeita à sua agressividade. Desta avaliação resultaram várias cotações. Trabalhámos apenas com os sujeitos sobre os quais os professores disseram “não terem” ou “quase nunca terem” comportamentos agressivos, e ainda com sujeitos cujos professores disseram “ter frequentemente” comportamentos agressivos. Foram eliminados da amostra, para esta 2ª fase do estudo, todos os sujeitos cujos professores consideravam a presença do comportamento agressivo como algo ocasional.

Tendo em conta que a máxima classificação possível relativamente a esta avaliação era 26 valores e a mínima 0 valores, estipulámos os seguintes critérios para a delimitação dos dois sub-grupos:

**SUJEITOS AGRESSIVOS** - Sujeitos cujos professores atribuem uma classificação relativa à existência de comportamentos agressivos que seja igual ou superior a 15 valores.

**SUJEITOS NÃO-AGRESSIVOS** - Sujeitos cujos professores atribuem uma classificação relativa à existência de comportamentos agressivos situada no intervalo de 0 a 3 valores inclusive.

A avaliação foi efectuada a partir de um questionário por nós fornecido, QECP (Charlebois et col, 1991) Foram-lhes dados alguns dias para a elaboração deste trabalho. ( Ver anexos VI)

Nos sub-grupos formados por sujeitos “agressivos” e “não-agressivos” não foram incluídos todos os sujeitos que pertenciam à amostra inicial. Trabalhámos apenas com um número reduzido de sujeitos que preenchiam os critérios definidos para cada grupo.

## 2.4.2.- JUSTIFICAÇÃO DOS CRITÉRIOS UTILIZADOS

### a) 1º critério - Idade / Nível de escolaridade

Optámos por utilizar a Idade / Nível de escolaridade como um dos critérios de selecção da amostra, pois a compreensão da forma como sujeitos de diferentes idades concebem a agressão e a ideia de que existirão divergências, é um dos pontos centrais do nosso estudo.

São vários os estudos que referem a existência de algumas diferenças na frequência e no tipo de agressividade em crianças de idades diferentes; especificamente na escola primária e na creche. As crianças mais novas, que frequentam a creche, não só têm mais comportamentos agressivos como o tipo de agressão utilizada é diferente da das mais velhas. As crianças mais novas utilizam preferencialmente uma agressão de carácter instrumental, e ao contrário, as mais velhas, utilizam uma agressão orientada sobretudo para as pessoas e mais hostil. ( Hetherington & Parke, 1993).

A agressão antecipatória pela qual as crianças tentam dominar outra pessoa e tomar posse de um objecto diminui ao longo do desenvolvimento.

Relativamente à estabilidade da agressão durante o desenvolvimento verifica-se que esta parece ser bastante estável, tanto para os rapazes como para as raparigas. (Hetherington & Parke, 1993). Estudos referidos por Henwood e Pidgeon (1992), indicam que os sujeitos mais agressivos aos 8 anos foram também avaliados como os mais agressivos aos 30 anos. A estabilidade do comportamento agressivo parece ser muito similar à estabilidade da competência intelectual, especialmente nos rapazes. A agressividade precoce foi igualmente predictiva de sérios comportamentos anti-sociais mais tardios, o que permite estabelecer uma relação entre a agressividade infantil e a apresentada na idade adulta.

A presença de vários tipos de diferenças encontrados em crianças de idades distintas relativamente a características várias do comportamento agressivo, levou-nos a desejar perceber se a forma como os sujeitos de diferentes idades concebem a agressão apresenta também algumas diferenças.

A nossa opção pelo nível etário estabelecido entre os 9 e os 10 anos resultou de se tratar de uma idade na qual os sujeitos já poderão analisar as questões propostas e verbalizar com à vontade aquilo que pensam. Este 2º aspecto torna-se relevante na medida em que o material recolhido proveio de verbalizações produzidas pelos sujeitos. Era-lhes pedido que analisassem a questão, reflectissem, relacionassem dados e expressassem o seu pensamento. Este nível etário poderia, por outro lado, apresentar um risco, do qual estávamos conscientes : o facto das produções verbais obtidas poderem ser excessivamente estereotipadas e convencionais, como é característico do período de latência. O objectivo desta fase do trabalho prendia-se exactamente com o estudo das diferentes formas de concepção do comportamento agressivo ao longo das etapas de desenvolvimento, razão pela qual nos pareceu pertinente analisar este grupo etário.

O grupo etário seleccionado dos 12 aos 14 anos, naturalmente mais à vontade a nível da expressão verbal e das capacidades cognitivas de análise de situações abstractas e hipotéticas, pareceu-nos ser um grupo que, não obstante a proximidade etária com o outro, poderia fazer certamente um tipo de abordagem diferente das situações propostas para análise. É ainda um grupo de sujeitos cujo funcionamento na esfera afectivo - emocional será característico de uma outra etapa do desenvolvimento : a pré-adolescência, e cuja realidade social quotidiana apresenta características específicas.

## **b) 2º critério - Sexo dos sujeitos**

Definimos como segundo critério o sexo dos sujeitos pois este correspondia a um 2º objectivo do estudo: a análise das diferenças entre as concepções da agressão dadas por sujeitos do sexo masculino e feminino. Pensamos que existem certamente características específicas ao desenvolvimento dos sujeitos de cada um dos sexos que os levarão a uma concepção de agressão assente em alguns aspectos diferentes.

São alguns os estudos que apresentam diferenças entre as raparigas e os rapazes na forma de se relacionarem com a agressividade (Hetherington & Parke, 1993). Os rapazes da escola primária estão mais frequentemente envolvidos em episódios agressivos do que as raparigas. Os estudos apontam também para a existência de diferenças ao nível do comportamento agressivo entre rapazes e raparigas. Darvill e Cheyne (1981) referidos por Hetherington e Parke (1993), afirmam que os rapazes são mais capazes de retaliar depois de serem atacados do que o são as raparigas. A agressão é mais frequente quando um rapaz está envolvido e ainda os rapazes parecem aprovar mais a agressão do que as raparigas (Huesmenn, Guerra, Zelli e Miller, referidos por Hetherington e Parke, 1993).

Os rapazes antecipam uma avaliação menos negativa em relação à desaprovação parental do que as raparigas. Quando a agressão é dirigida a um rapaz, as crianças esperam menos recompensas concretas, mais culpa, menos sofrimento da parte do alvo, menor desaprovação parental, maior desaprovação por parte dos colegas masculinos e menos das raparigas, do que quando o ataque é dirigido a uma rapariga. (Perry & Perry, 1989)

As raparigas e rapazes parecem ainda usar diferentes tipos de estratégias agressivas. As raparigas usam mais ostracismo e menos oposição directa. A exclusão de indivíduos de determinados grupos como estratégia agressiva cresce à medida que as raparigas entram na adolescência.

As diferenças encontradas ao nível das expectativas e resultados do acto agressivo, dos diferentes tipos de comportamento agressivo utilizados, suportam a ideia da possibilidade de existirem diferenças ao nível da concepção do comportamento agressivo entre rapazes e raparigas.

### **c) 3º Critério - Agressividade**

Como 3º critério definimos a agressividade dos sujeitos (sujeitos "agressivos" e sujeitos "não agressivos") segundo o ponto de vista dos professores. Foram apenas seleccionados os sujeitos cuja "cotação" obtida foi extrema, sendo excluídos todos os sujeitos com "cotações" medianas, ou seja, aqueles que não sejam nem muito nem pouco agressivos. Pareceu-nos que para avaliarmos a relação entre a concepção de agressão / comportamento agressivo dos sujeitos e a sua própria agressividade (avaliada a partir do prisma do professor), seria importante delimitarmos dois grupos extremos: um caracterizado como "frequentemente agressivo" e o outro como "raramente agressivo". A utilização deste critério adveio da nossa convicção de que a constante utilização da agressividade na resolução de situações conduziria facilmente os sujeitos a "sujeitos de acção" em oposição com eventuais "sujeitos de reflexão". Estes últimos sujeitos, que recorrem raramente à agressão poderão ser mais reflexivos, mais ponderados. Foram estas as razões que nos levaram a excluir os sujeitos avaliados pelos professores como tendo ocasionalmente comportamentos agressivos, pois considerávamos que não seriam característicos de nenhum destes dois grupos.

Relativamente à questão da agressão existem também alguns estudos que suportam a ideia de existência de diferenças a vários níveis entre os sujeitos agressivos e não agressivos. Os estudos de Hetherington e Parke (1993), indicam que as crianças mais agressivas, aquelas que são altamente agressivas, têm mais dificuldade em julgar as intenções dos seus colegas, o

que parece ser especialmente verdade em situações ambíguas. As crianças agressivas parecem ver o mundo como um lugar ameaçador e hostil. Elas percebem o mundo e as acções dos outros de forma diferente e vêem mais zanga e agressão nos outros do que as crianças menos agressivas. Os estudos de Boldizar, Perry e Perry (1989), indicam ainda que as crianças agressivas dão mais valor ao facto de conseguirem tomar controle sobre a vítima, à retaliação efectuada pela vítima, à rejeição dos pares e a uma auto-avaliação negativa, do que as não-agressivas.

### **2.4.3.- DIMENSÃO DOS GRUPOS**

Optámos, à partida, por trabalhar com dois grupo de sujeitos de dimensões equivalentes: 20 crianças do 4º ano e 20 crianças do 7º ano, sendo 10 do sexo feminino e 10 do sexo masculino para cada um dos anos. Partimos de uma amostra ligeiramente superior 30 / 30 para que se pudessem manter os 40 sujeitos independentemente da existência de falhas no processo de recolha de dados. No final da recolha, depois de excluídos aqueles cuja recolha de dados se mostrou incompleta, formámos os 2 grupos de sujeitos.

Os sujeitos que constituem o grupo do 4º ano provêm de 2 escolas distintas que aceitaram colaborar connosco: Externato Grão Vasco (10 sujeitos) e Externato Patronato Cristo Rei (10 sujeitos) Os sujeitos do 7º ano provêm da mesma escola mas de turmas diferentes : Escola Secundária Ferreira Borges, 7º ano 3ª (11 sujeitos) 7º ano 2ª ( 9 sujeitos).

A elaboração do estudo exigiu também a participação dos professores das turmas dos sujeitos. Foi pedido aos professores a sua colaboração, tanto na avaliação dos vários alunos da turma relativamente à questão da agressividade como na elaboração de um episódio que considerassem significativo relativamente à expressão do comportamento agressivo, que tivesse ocorrido na escola e que fosse provavelmente conhecido pelos sujeitos.

Participaram 2 professores do grupo de sujeitos do 4º ano, tendo avaliado cada um deles o seu próprio grupo de alunos e, sendo provenientes de escolas diferentes. Do grupo de sujeitos do 7º ano participaram igualmente 2 professores, da mesma escola, que conheciam a totalidade dos alunos. Cada um deles avaliou os 20 sujeitos do 7º ano. O episódio crítico de agressividade foi pedido apenas a um dos professores.

Os sujeitos com quem trabalhamos aparecem identificados ao longo do trabalho através da escola e respectiva turma a que pertencem. Dentro de cada turma os sujeitos aparecem numerados: Grão Vasco de 1 a 10, Patronato de 1 a 10, Ferreira Borges 7º 3ª de 1 a 11, Ferreira Borges 7º 2ª de 1 a 9.

#### 2.4.4.- CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS

##### a) Sexo

Relativamente à variável “Sexo” ambos os grupos do 4º ano apresentam o mesmo número de elementos do sexo feminino e masculino: 5 / 5 , 5 / 5 . Nos grupos do 7º ano encontramos uma distribuição por grupo divergente quanto a esta variável: 7º 3ª- 4 femininos / 7 masculinos e no 7º 2ª - 6 femininos / 3 masculinos. Os grupos do 7º ano divergem na sua constituição específica, aliás têm um número de elementos distinto, mas no seu conjunto obtém-se um total de 10 sujeitos do sexo masculino e 10 sujeitos do sexo feminino.

**Quadro 1: Distribuição dos grupos de sujeitos por sexo**

Nível de escolaridade ↓	Sexo →	Masculino	Feminino
4º Ano - Grão Vasco		5	5
4º Ano - Patronato		5	5
F. Borges - 7º 2ª		7	4
F. Borges - 7º 3ª		3	6

## b) Idade

Já que a selecção dos grupos etários foi feita a partir da frequência de um determinado nível de escolaridade, apresentamos aqui a distribuição dos sujeitos por idades relativamente aos dois níveis de escolaridade. O 4º ano de escolaridade é constituído por sujeitos de 9 e 10 anos, 13 e 7 respectivamente e o 7º ano de escolaridade é constituído por sujeitos de 12, 13 e 14 anos, 4, 3 e 13 respectivamente.

**Quadro 2: Distribuição dos sujeitos por idades**

Nível de escolaridade ↓	IDADE →	9	10	12	13	14
		ANOS	ANOS	ANOS	ANOS	ANOS
4º Ano		13	7	-	-	-
7º Ano		-	-	4	3	13

Como podemos observar, para cada nível de escolaridade, 4º e 7º ano, existem respectivamente maior número de sujeitos de 9 anos e maior número de sujeitos de 14 anos. A maior disparidade de idades ao nível do 7º ano salienta a presença e provavelmente o acréscimo do insucesso escolar nos níveis de escolaridade mais avançados. Note-se contudo que todos os sujeitos do 7º ano provêm de uma escola pública, enquanto que dos sujeitos do 4º ano, 50% provêm do ensino particular. Aliás, no universo do 4º ano, todos os sujeitos provenientes de escola particular têm apenas 9 anos, enquanto que dos 10 sujeitos provenientes da outra instituição, instituição privada de solidariedade social, 7 têm 10 anos. Existirão certamente muitos outros factores responsáveis pela presença de sujeitos mais velhos do que o esperado em níveis de escolaridade mais avançados. Não queríamos deixar de salientar o que nos parece evidente ao nível da nossa amostra,

ainda que tal facto seja certamente justificado por outros factores não analisados aqui.

### c) Agressividade

Da avaliação efectuada pelos professores quanto à agressividade dos sujeitos do estudo, resultou a seguinte distribuição:

**Quadro 3: Distribuição de sujeitos por valor de agressividade**

Nível de escolaridade ↓	Agressividade→	$a \leq 3$	$3 > a < 15$	$a \geq 15$
4º Ano		9	8	3
7º Ano		5	8	7

a= Valor de agressividade atribuído aos sujeitos pelos professores.

É interessante notar como ao nível do 4º ano parecem existir, segundo o critério dos professores, um número inferior de sujeitos com elevado nível de agressividade. Ao nível do 7º ano não se expressa qualquer diferença clara entre os três intervalos de agressividade delimitados.

Dos 40 sujeitos apresentados no quadro, trabalhámos apenas com 8 sujeitos “não agressivos”: 4 do 4º ano e 4 do 7º ano e com 7 sujeitos “agressivos”: 3 do 4º ano e 4 do 7ºano.

**Sujeitos “agressivos”** - 4º ano Grão Vasco - suj. 6

4º ano Patronato - suj 8 e 9

7º ano 2ª- suj 7 e 9

7º ano 3ª - suj 6 e 8

**Sujeitos “não agressivos”** - 4º ano Grão Vasco- suj. 1 e 10

4º ano Patronato - suj.1 e 2

7º ano 2ª- suj 1 e 3

7º ano 3ª - suj. 3 e 10

#### d) Número de irmãos

O número de irmãos de cada sujeito foi outra variável tida em conta na caracterização da amostra.

Quadro 4: Distribuição de sujeitos pelo número de irmãos

Nível de escolaridade ↓	Nº de irmãos →	0 IRMÃOS	1 IRMÃO	+ DE 1 IRMÃO
4º Ano		9	5	6
7º ano		1	8	11
Total		10	13	17

Em termos da caracterização do grupo de sujeitos em estudo, é interessante verificarmos como ao nível do 4º ano o número de sujeitos sem irmãos é 9 vezes superior ao do 7º ano. Demonstrará uma tendência cada vez maior para a existência de filhos únicos nos agregados familiares? Que tipo de consequências poderão daqui advir? Como organizarão estas crianças a sua componente agressiva na ausência de irmãos? Apesar desta não ser uma variável em estudo neste trabalho, não deixaria de ser interessante tentar perceber de que forma os filhos únicos farão a gestão da sua componente agressiva na família.

#### e) Situação familiar

Outra variável que tivemos em conta na caracterização da amostra em estudo foi o tipo de famílias donde provinham os sujeitos: biparentais, mono parentais, ou ainda qualquer outro tipo de situação. Apesar de no nosso estudo não trabalharmos esta variável especificamente, pensamos que o tipo de situação familiar de cada um dos sujeitos poderá ter algum peso na forma como estes se organizam face à sua própria agressividade e face à

agressividade externa. Independentemente da hipótese da existência de conflitos nas famílias biparentais, as famílias mono parentais sofreram um processo de ruptura, de desagregação, de perda, apresentando finalmente uma nova situação face à qual a criança se terá que readaptar, reorganizar. Como poderá este facto intervir na forma através da qual o sujeito lida com a sua agressividade? No presente estudo caracterizaremos apenas a amostra face a esta variável.

**Quadro 5: Distribuição de sujeitos de acordo com a sua situação familiar.**

Nível de escolaridade ↓	Situação familiar →	Famílias mono - parentais	Famílias bi - parentais
4º Ano		3	17
7º ano		6	14
Total		9	31

Apesar do número de sujeitos provenientes de situações familiares biparentais predominar, existem no total da amostra cerca de  $\frac{1}{4}$  de sujeitos cuja situação familiar é mono parental. Pensamos que é um dado importante a ter em conta e cuja relevância para a organização individual da agressividade será certamente relevante.

Foram excluídos da amostra quaisquer sujeitos que à partida fossem indicados pelos professores como tendo dificuldades intelectuais.

## 2.5- INSTRUMENTOS

### 2.5.1- AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO

A avaliação do comportamento agressivo dos sujeitos a partir das avaliações dos professores foi por nós efectuada através do “Questionnaire d'Évaluation du Comportement au Primaire” (QECP) (Charlebois et col. 1991). É um questionário já utilizado anteriormente para avaliar o comportamento social de sujeitos. O questionário é uma versão do Preschool Behavior Questionnaire (Behar et Stringfield 1974; Fowler et Park, 1979). As qualidades do instrumento quanto à fidelidade e validade foram estabelecidas por vários grupos de investigadores, demonstrando que se poderiam dele extrair dois factores estáveis: os comportamentos agressivos - hiperactivos e os comportamentos de ansiedade e retraimento social. Para o presente estudo utilizámos um dos factores: o de comportamentos agressivos - hiperactivos. Para a utilização do questionário nos anos escolares seguintes foram excluídos os itens originais da versão de Rutter (1967) (Charlebois et col. 1991).

Os itens do questionário, depois de serem traduzidos, foram avaliados por um conjunto de professores para que pudessem apreciá-los quanto à sua adequação na avaliação do comportamento agressivo dos sujeitos do 4º e 7º ano. Pronunciaram-se sobre este instrumento 6 professores: 3 do 4º ano e 3 do 7º ano.

Foi-lhes pedido que avaliassem e quantificassem cada um dos 13 itens através dos valores 0, 1 e 2 ; respectivamente: muito adequado, adequado, desadequado. A avaliação realizada pelos professores foi efectuada no sentido de perceber a credibilidade e a adequação dos diferentes itens para a avaliação do comportamento agressivo. Prosseguimos o estudo utilizando os mesmos itens inicialmente propostos. Foi apenas alterada uma pequena

particularidade nos itens 3, 9 e 13: onde estava “outras crianças” pusemos “os outros”.

Esta alteração foi introduzida por nos parecer pouco adequado referirmo-nos aos sujeitos do 7º ano como crianças.

Os 13 itens do questionário representam várias características associáveis a uma dimensão agressiva do comportamento do sujeito, sendo que alguns deles não expressam directamente um comportamento agressivo.

Este questionário foi por nós utilizado com o objectivo de apreciar como os professores avaliam os seus alunos em termos da componente agressividade. Esta avaliação permitir-nos-ia a formação de dois grupos diferentemente caracterizados quanto à agressividade: um grupo de sujeitos avaliado como “agressivo” e outro grupo como “não agressivo”. Para a formação dos dois grupos utilizámos um ponto de corte ao nível dos 58% e um outro ponto de corte ao nível dos 12%, sendo que todos os sujeitos cuja classificação os situava acima dos 58% formaram o grupo dos sujeitos “agressivos”, e todos aqueles que se situavam abaixo dos 11% formaram o grupo de sujeitos “não agressivos”.

A avaliação efectuada pelos professores ocorreu no final do ano escolar de modo a que estes últimos pudessem conhecer o melhor possível o comportamento habitual dos seus alunos no meio escolar.

As cotações foram efectuadas pelos professores pois estes, próximos dos pais, são os adultos que têm mais contacto com as crianças. Estão numa posição especialmente boa para observar crianças, as suas competências sociais e relação entre pares. (Achenbach, 1984).

## **2.5.2. - ENTREVISTA SOBRE A CONCEPÇÃO DA AGRESSÃO**

A entrevista teve por objectivo avaliar as concepções dos sujeitos sobre o comportamento agressivo / agressão. Desejávamos conhecer de que forma este era percebido, a que era atribuído, como era abordado e ainda, já que o trabalho decorreu no contexto escolar, como era concebida a agressão na relação com o professor.

Elaborámos um primeiro questionário ao qual responderam algumas crianças dos dois grupos etários. A análise das respostas dadas permitiu-nos corrigir alguns erros, reformular questões e eliminar outras e sobretudo tornar a linguagem mais adequada. Depois da reformulação, obtivemos o Guião / Questionário definitivo que foi utilizado nas entrevistas; note-se que para definir as mesmas realidades foram utilizadas diferentes expressões adaptadas à linguagem própria dos dois grupos etários. Do questionário faz parte um episódio crítico de agressividade que apresentamos de seguida.

### **2.5.2.1. APRESENTAÇÃO DO GUIÃO / QUESTIONÁRIO**

“Como toda a gente, e como os meninos (pessoas) da tua idade, mais novos ou mais velhos (as), tu já viste meninos (pessoas) a serem agressivos (as), a serem maus (más) uns (umas) para os (as) outros (outras), a empurrarem-se, a baterem-se, a partirem coisas dos outros, e penso... que isso poderá ter já acontecido também contigo... Vamos conversar um pouco sobre este assunto, gostava que me disseses o que pensas....”

- 1- Sabes que às vezes os (as) meninos (pessoas) são maus (más) uns (umas) para os (as) outros (outras), batem-se chamam-se nomes...  
Porque é que achas que isso acontece ? Porque fazem isso?

- 2- Porque é que achas que há uns (umas) meninos (pessoas) que fazem mais isso do que outros (as)? Há uns (umas) que são mais maus (más) que se batem mais do que outros (as) ?
- 3- Quando isso acontece contigo, quando algum (a) menino (a) te bate ou é mau (má) para ti o que é que fazes?
- 4- Nessas alturas o que é que ficas a pensar ?
- 5- Nestas situações costumavas pedir ajuda a outros ? Porquê?
- 6- Ajudas os (as) outros (as) meninos (pessoas) quando alguém está a ser mau para eles ?
- 7- Achas que os (as) meninos (pessoas) que batem e que são maus têm amigos ou não?
- 8- E achas que esses (as) meninos (pessoas) são fortes ou fracos ?
- 9- Às vezes entre os professores e os alunos também há agressividade, achas que os professores às vezes também são agressivos?
- 10- Nas alturas em que os professores ralham, põe de castigo, são agressivos de alguma maneira, achas que eles têm razão ? Achas que é justo ?

#### **2.5.2.2. ANÁLISE DAS QUESTÕES PRESENTES NO GUIÃO / QUESTIONÁRIO**

O guião / questionário utilizado nas entrevistas efectuadas foi elaborado especificamente para este estudo, de forma a podermos investigar o modo como os sujeitos da nossa amostra formulam as suas ideias, as suas

concepções sobre o comportamento agressivo/ agressão e alguns factos daí decorrentes. Pensamos que o comportamento agressivo pode ser utilizado ou pensado de formas muito distintas:

-Poderá tratar-se apenas de uma manifestação corporal ou verbal, sem sentido aparente, tomando a aparência de uma simples descarga. O sujeito poderá de facto recorrer a um acto ou verbalização agressivos, por ser esta a única, ou a melhor forma encontrada, para diminuir o sofrimento e tensões vividos num determinado momento.

-O comportamento agressivo poderá estar, por um lado, ao serviço de uma elaboração interna, mais evoluída, contribuindo para a elaboração mental da agressividade, sendo para isso necessário passar inicialmente por uma fase de acção para posteriormente aceder ao pensamento.

-Poderá ainda corresponder a um modelo de interacção no qual o sujeito se vê integrado. O estilo relacional familiar, sendo essencialmente centrado sobre o comportamento agressivo, poderá levar a que este se torne o mais típico e habitual do sujeito.

Por pensarmos que se trata de um tema amplo, optámos por efectuar este questionário de resposta aberta, através do qual o sujeito poderá exprimir o mais livremente possível as suas ideias, e levar mais longe o seu pensamento.

1- Com a primeira questão, e depois de tentarmos introduzir o sujeito no tema da agressão através da conversa introdutória, pretendemos entender como é que os sujeitos justificam o comportamento agressivo, como o compreendem, a que factores atribuem. Esta questão poderá levar o sujeito a pensar numa situação concreta, provavelmente relacionada com a sua própria experiência, implicando, para o início do questionário, um

menor esforço de abstracção e de distanciamento da sua realidade pessoal.

- 2- A 2ª questão pretende que o sujeito tente estabelecer a diferença entre as pessoas agressivas e não agressivas, tentando justificar o comportamento de uns e de outros. Nesta questão é-lhe exigido uma tarefa com maior grau de reflexão, onde terá que recorrer às suas convicções internas tentando ponderar justificações para estas duas formas de actuação tão distintas.
- 3- Visamos aqui abordar os aspectos mais práticos da reacção a uma situação de agressão. Coloca o sujeito face a um problema específico: "O que faço?" Pretende-se analisar a forma como terá, ou não, iniciativa para se empenhar numa estratégia de resolução do problema, que poderá passar pela capacidade da própria criança recorrer à acção, pela mobilização da sua própria agressividade.
- 4- Pretendemos agora, depois de se ter levado o sujeito a reflectir sobre formas de actuação da sua realidade pessoal, que este apoiado pela sua própria experiência, possa ser capaz de explicar que tipo de pensamentos lhe ocorrem em situações deste tipo. Há uma referência directa ao pensamento.
- 5- Com esta questão pretendemos averiguar sobre a autonomia do sujeito perante a ocorrência de um episódio agressivo. Existe auto-defesa? Recorre imediatamente à ajuda do adulto?
- 6- Através da 6ª questão pretendemos avaliar a forma como a criança compreende o outro, dentro da relação inter-pessoal, e como se mobiliza face a uma situação de agressão perante a qual é espectadora. Poderá esta forma de acção divergir daquela que o próprio sujeito tem quando é alvo de um comportamento agressivo?

- 7- A sétima questão visa abordar o problema da sociabilidade e da popularidade associada ao comportamento agressivo.
- 8- Pretendemos aqui, tendo em conta a pergunta anterior, que o sujeito possa efectuar a ligação entre sociabilidade, popularidade e força / autoridade. Pretendemos saber se os sujeitos associam comportamento agressivo a alguém forte / fraco (exteriormente / internamente) ou se estes dois factores serão independentes.
- 9- Nesta nona questão pretendemos transpor a problemática da agressividade para o contexto escolar. Entender como é que os sujeitos entrevistados, alunos de escolas, avaliam a relação que têm com o professor no que respeita à agressividade.
- 10- Admitindo a presença de alguma agressividade na relação professor-aluno, pretendemos com esta questão, saber como é que os alunos avaliam a adequação de eventuais comportamentos agressivos do professor. Consideram-nos justos ? Injustos?

Para além das 10 questões integradas no questionário/ guião de orientação da entrevista, foi também apresentada aos alunos uma situação específica, provavelmente conhecida, de um episódio crítico de agressão e que designamos por: Episódio crítico.

### **2.5.2.3. APRESENTAÇÃO DOS EPISÓDIOS CRÍTICOS**

Foi pedido aos professores das diferentes turmas que relatassem um episódio agressivo ocorrido na escola, que fosse provavelmente conhecido dos sujeitos.

### **Episódio crítico apresentado no 4º ano do Externato Grão Vasco:**

A Marta mexeu na mala da Rita sem a sua autorização. Queria ver um caderno que a Rita tinha. A Rita achou que a Marta não devia ter mexido na sua mala sem a sua autorização. Começaram a discutir, agredindo-se com palavras. Uma amiga de ambas meteu-se na discussão, tomando partido da Rita. A Marta não gostou e agrediu a amiga com um saco que tinha as suas sapatilhas. Aqui começaram as duas a agredir-se mutuamente.

### **Episódio crítico apresentado no 4º ano do Externato Patronato Cristo Rei:**

Durante o recreio, ao meio dia, já depois de terem almoçado, aparece um menino no corredor, lavado em lágrimas, porque lhe tinham desaparecido os cromos. Vieram pedir autorização à professora, ele e os amigos, para irem à sala fazer uma busca às malas dos outros. A professora quis saber como tudo se tinha passado e de onde tinham desaparecido os cromos. O Tiago arrumara o maço na mochila e depois do almoço foi busca-lo, para fazer umas trocas, e não o encontrou. Entretanto foram chegando mais colegas e a opinião geral já era a de que tinha sido um tal menino que tirara os cromos. Ele muito zangado dizia que não e que os ia procurar. Enquanto a professora os tentava acalmar, ele entrou na sala e logo de seguida saiu vitorioso, mostrando os cromos e dizendo: " Achei-os ! ". Ele zangou-se, barafustou, deu pontapés e acabou chorando em altos berros a sua inocência, na qual ninguém acreditou. O dono dos cromos quis-lhe bater, os outros queriam ajudar e foi difícil acalmá-los.

### **Episódio crítico apresentado ao 7º ano 2ª da escola Ferreira Borges:**

Um colega foi esperado fora da escola por um grupo de rapazes para lhe baterem. Como ele apanhou bastante, pois eles eram muitos, ficou revoltado

e quando se ia embora deu uma cabeçada num placard e para não cair, apoiou-se com a mão e cortou-se.

### **Episódio crítico apresentado ao 7º ano 3ª da escola Ferreira Borges:**

Uma colega bateu numa outra de tal maneira que, não se sabe se foi por isso, mas ela deixou de vir à escola.

No final da entrevista foi apresentado a cada grupo de sujeitos o episódio crítico respectivo, sendo-lhes pedido em seguida que dissessem o que pensavam sobre essa situação, e ainda o que fariam se uma situação idêntica tivesse ocorrido com eles.

A apresentação do episódio crítico foi feita para que os sujeitos depois de, ao longo do questionário, se terem pronunciado de forma mais abstracta sobre o problema da agressividade, pudessem pronunciar-se sobre um episódio concreto, deles conhecido. Pensámos que na análise do episódio crítico se iria certamente reflectir as ideias e concepções já referidas acima, mas aplicadas a um contexto concreto. Em primeiro lugar foi pedido aos sujeitos que dissessem o que pensavam sobre esta situação. Dirigimos o menos possível as respostas para que cada um pudesse explorar o mais livremente possível o seu pensamento. Em segundo lugar pretendemos que os sujeitos se tentassem colocar na situação, tendo para isso que se posicionar num dos lados do conflito, para que desta forma pudessemos apreciar com quem o sujeito se identificava, que lugar ocupava dentro da situação do conflito, como a avaliava e como agia.

## 2.5.2.4. ANÁLISE DOS EPISÓDIOS CRÍTICOS

### EPISÓDIO CRÍTICO DO EXTERNATO GRÃO VASCO

A situação de conflito inicia-se entre duas raparigas do mesmo ano. Uma delas viola a propriedade da outra, mexendo-lhe na mala. A proprietária da mala não gostou do que lhe fizeram. Inicia-se uma discussão. Os sujeitos começam a discutir agredindo-se com palavras. Um terceiro elemento, amiga de ambas, interfere defendendo a Rita (dona da mala). A outra rapariga, a que mexeu na mala, não gostou e agride fisicamente a amiga (3º elemento) que interferiu. Começaram as duas a agredir-se.

### ESQUEMA EXPLICATIVO

Sujeito viola a propriedade ↔ conflito ↔ sujeito lesado

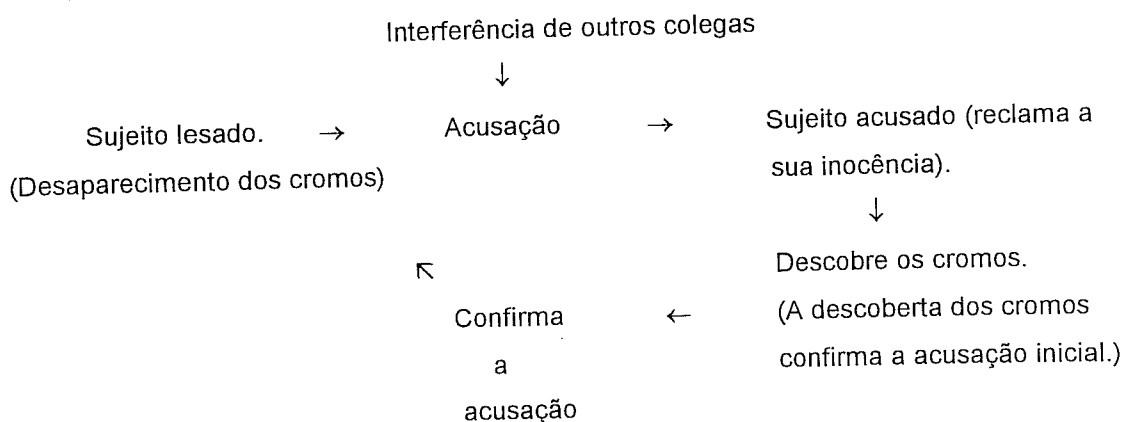
conflito ↙ ↘

3º elemento que interfere

### EPISÓDIO CRÍTICO DO PATRONATO CRISTO REI

Sujeito entristecido por ter sido alvo de um “roubo”. Associa-se aos amigos e vão pedir autorização para fazer uma busca às malas. A professora interfere querendo compreender a situação que lhe é explicada. Os colegas associam-se e acusam um outro colega de ter efectuado este acto. O colega acusado reclamou a sua inocência e propôs-se ajudar a procurar. Encontrou os cromos, regressou à sala e satisfeito mostrou-a ao grupo. Declarou-se inocente, mas ninguém acreditou, depois zangou-se, barafustou e deu pontapés. O rapaz lesado queria bater-lhe e os colegas queriam ajuda-lo. Foi difícil pôr termo à situação.

## ESQUEMA EXPLICATIVO



Em ambas as situações a acção que desencadeia o conflito relaciona-se com uma “violação da propriedade”: seja o “tirar dos cromos”, seja o “mexer na mala sem autorização”. Ambos os sujeitos se sentem lesados e retaliam com uma zanga/discussão, iniciando-se o conflito. Nas duas situações há a intromissão de outros elementos, alheios ao conflito inicial, que se associam ao sujeito lesado tomando o seu partido e querendo ajudá-lo. O episódio da escola Grão Vasco contém ainda a revolta do sujeito que efectuou inicialmente a acção, agredindo fisicamente o sujeito que intervém. O episódio crítico da escola Patronato contém outro elemento: a acusação.

### EPISÓDIOS CRÍTICOS DA ESCOLA FERREIRA BORGES 7º 2ª E 7º 3ª

Em ambos os episódios são omitidas as razões pelas quais os sujeitos terão iniciado o episódio agressivo.

Ambos os episódios se iniciam pela apresentação do acto agressivo.

Os episódios apesar de se referirem a cenas agressivas, são, em muitos pontos, divergentes:

- O episódio do 7º 3ª põe ênfase nas consequências do acto agressivo sobre o sujeito agredido: o sujeito deixa de ir à escola.
- O episódio do 7º 2ª põe ênfase na desigualdade de ambas as partes na situação de agressão entre os sujeitos. Surge também a componente de auto-agressão: o sujeito agredido, posteriormente auto-agride-se. A auto-agressão pode ser tida em conta como uma consequência da situação de agressão inicial.

## **2.6. PROCEDIMENTOS**

As entrevistas foram efectuadas no período decorrente entre Março e Abril de 1995. Tiveram a duração aproximada de 45 minutos. As crianças foram entrevistadas nas respectivas escolas, isto é: Escola Patronato Cristo Rei, Externato Grão Vasco, Escola Secundária Ferreira Borges, todas elas na área de Lisboa. As entrevistas decorreram em locais expressamente escolhidos: salas pequenas, calmas e tanto quanto possível isoladas, para evitar interferências inerentes ao normal funcionamento da escola.

Começámos por contactar as Directoras e Professores das diferentes escolas pedindo-lhes a sua permissão e colaboração para o desenvolvimento deste trabalho de investigação. Seguidamente pedimos autorização aos pais das crianças do 4º ano, informando-lhes do conteúdo e objectivo do estudo. Aos sujeitos do 7º ano foi-lhes directamente pedida a sua colaboração, e explicados os objectivos e conteúdos do estudo.

Conversámos depois com os professores das várias turmas apresentando-lhes as características do presente trabalho. Numa primeira fase foi-lhes pedido que fizessem a avaliação dos seus alunos relativamente ao comportamento agressivo, através do questionário por nós fornecido. Num segundo momento pedimos-lhes que descrevessem um episódio crítico de agressão ocorrido na escola, que fosse, provavelmente do conhecimento dos alunos.

Foram ainda dadas algumas indicações quanto ao modo de procedimento durante o período de recolha de dados:

- O trabalho na sala de aula deveria decorrer como habitualmente.
- A ordem de participação dos sujeitos no estudo seria aleatória.
- O professor não deveria dar qualquer tipo de explicação relativamente ao que se pretendia no estudo.

Depois da recolha de todo o material junto dos professores foram então efectuadas, em cada escola, as entrevistas com os sujeitos. Estas foram feitas sempre pela mesma pessoa e sempre gravadas.

No início da entrevista eram recolhidos alguns dados pessoais: idade, data de nascimento, número de irmãos, com quem reside, escolas frequentadas, insucesso escolar. Estes dados permitiram-nos fazer a caracterização da amostra e em certos casos utilizámo-los para a análise dos resultados obtidos.

### **2.6.1. DESCRIÇÃO DAS ESCOLAS**

#### **Externato Grão Vasco:**

A sala do 4º ano do externato Grão Vasco é ampla. Cada criança tem uma carteira de trabalho individual. São 30 crianças nesta sala de aula. A aula dá directamente para um pátio exterior amplo usado pelas crianças durante os tempos de recreio. Neste espaço existem árvores, escorregas e baloiços. O ambiente da sala é descontraído. Logo após o toque das 10 h. 30 m. as crianças correm para a sala e cada uma faz uma actividade, sem se sentarem nos seus lugares. Pelo contrário, uns conversam, outros já estão sentados a trabalhar, outros ainda se demoram no exterior por mais algum tempo. O professor, falando alto, começa por pôr ordem na sala, onde se ouve muito barulho. É bastante novo e colaborou desde o início no trabalho não se opondo a nada do que lhe foi sugerido. Fala das crianças e da forma como as avalia de um modo sempre afectuoso. O próprio professor refere muitas vezes que para além da agressão física existem episódios de agressão verbal. Teve bastante facilidade em descrever e em falar de alguns episódios críticos de agressão. Ficámos com a ideia de se tratar de alguém bastante atento, capaz de entender os afectos vividos pelas crianças.

### **Externato Patronato Cristo Rei:**

A escola situa-se numa zona habitacional da cidade de Lisboa. Está integrada nas instalações da Junta de Freguesia.

É uma escola pequena, onde desde o início sentimos uma certa escassez de espaço. Existe um pátio exterior usado nos tempos de recreio das crianças. Há algum barulho nos corredores enquanto os alunos se organizam para entrar nas salas de aula.

Dentro da sala os alunos estão calmos, parecem disciplinados.

A professora, já de alguma idade, tentou compreender o nosso projecto e colaborou connosco, fazendo-o de um modo agradável.

A elaboração do trabalho nesta escola fez-se sem grandes impedimentos. Foi-nos disponibilizada uma sala pequena, recatada, que, dentro do possível, mantinha as condições para a realização das entrevistas.

### **Escola secundária Ferreira Borges:**

Desta escola provêm todos os sujeitos do 7º ano da nossa amostra.

A escola situa-se num local muito agradável, bonito e espaçoso. Tivemos uma sensação agradável ao chegarmos à escola.

A escola está calma e vê-se pouca gente. Há um ambiente calmo e sereno que inicialmente não percebemos se era ambiente de trabalho, ou um ambiente deserto. Quando tocou a campainha, rapidamente esclarecemos a dúvida, era um ambiente de trabalho. Depois do toque tudo se altera, todo o espaço se preenche, com alunos que surgem de todas as portas. Fala-se alto, ouvem-se gritos, chamam-se uns aos outros. Formam-se grupos, param, conversam.

O ambiente calmo inicial dava lugar a esta agitação onde jovens de várias idades se passeiam, se agrupam.

A professora com quem trabalhámos é relativamente nova, tendo uma presença marcante, bastante sorridente e de fácil contacto. Conversámos,

exposemos-lhe os nossos objectivos e pedimos-lhe a sua colaboração mais directa. A sua reacção foi muito positiva, mostrou interesse e gosto em colaborar connosco. Espontaneamente começou a descrever as duas turmas do 7º ano, tendo em atenção aspectos individuais que as caracterizam. Deu-nos ideia de serem duas turmas com alguns problemas escolares, onde as desistências e insucessos parecem ser frequentes. A professora refere que são turmas complicadas. Sentimos a sua simpatia e afeição pelos seus alunos.

## **2.7- ORGANIZAÇÃO DOS DADOS RECOLHIDOS**

Para procedermos à análise do material recolhido através das entrevistas, utilizamos a técnica de análise de conteúdo

A análise de conteúdo, sendo uma técnica que visa a descrição objectiva e sistemática do conteúdo manifesto da comunicação, pressupõe, para ser utilizada, a delimitação de uma técnica com normas que permitam o rigor da análise.

Após a transcrição de todo o material verbal resultante das entrevistas, procedemos à análise do conteúdo.

A natureza dos dados: - respostas longas, por vezes pouco claras -, e a extensão do questionário, levou-nos a estabelecer um critério, segundo o qual se retirou de cada resposta as ideias fundamentais nela contidas. A análise do conteúdo das respostas não abrange todas as unidades de registo no sentido de uma palavra ou um grupo de palavras, mas antes as ideias principais presentes no texto. As ideias principais foram sempre aquelas que nos pareceram mais dominantes na resposta, aquelas a que o sujeito deu mais ênfase. Sempre que nas respostas surgiu mais do que um conteúdo, uma ideia, estes foram tidos em conta e categorizados.

Dois observadores independentes fizeram esta análise, a fim de diminuir a subjectividade da mesma. Surgiram, de qualquer modo, situações duvidosas, passíveis de várias interpretações, sendo que nessas pesou a nossa própria intuição.

A estrutura categorial que obtivemos foi criada a partir de elementos que surgiram no discurso. Pretendemos que as categorias formadas transmitissem correctamente as próprias ideias nelas contidas e consequentemente o próprio discurso dos entrevistados.

### **2.7.1. GRELHA DE ANÁLISE: DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS DEFINIDAS**

#### **Pergunta 1**

Nesta pergunta os sujeitos referem como justificam o comportamento agressivo.

#### **CATEGORIAS DEFINIDAS**

- 1- Influência do meio familiar
- 2- Causas intrínsecas / Características pessoais
- 3- Consequência de situações externa diversas
- 4- Consequência de comportamentos directos dos outros.

#### **Pergunta 2**

Nesta pergunta referem o que justifica a presença e a ausência do comportamento agressivo.

## CATEGORIAS DEFINIDAS

- 1- Influência familiar
- 2- Causas intrínsecas / Características pessoais
- 3- Consequência de situações ou acções do meio
- 4- Relacionada com comportamentos ou atitudes que tomam

### **Pergunta 3**

Nesta pergunta os sujeitos referem o que fazem quando são agredidos

## CATEGORIAS DEFINIDAS

- 1- Defesa por agressão física ou verbal
- 2- Queixa
- 3- Fuga declarada, ignorar
- 4- Compreensão e conselhos verbais

### **Pergunta 4**

Nesta pergunta os sujeitos referem o que pensam quando são agredidos

## CATEGORIAS DEFINIDAS

- 1- Sentimentos
- 2- Não penso, Não ligo
- 3- Atribuição de características a quem agride
- 4- Forma de agir, o que fazer ou dizer
- 5- Juízo de valor, Porquê da agressividade
- 6- Consequências do acto agressivo

### **Pergunta 5**

Sujeito refere se em situações de conflito pede ou não ajuda a alguém

#### **CATEGORIAS DEFINIDAS**

- 1- Não
- 2- Sim
- 3- Às vezes

As justificações para as respostas correspondentes às três categorias são sujeitas a uma análise qualitativa.

### **Pergunta 6**

O sujeito refere se ajuda ou não os outros quando estes se encontram em situação de conflito.

#### **CATEGORIAS DEFINIDAS**

- 1- Sim
- 2- Às vezes, com condições

As justificações são sujeitas a uma análise qualitativa.

### **Pergunta 7**

Referem se pensam que os sujeitos agressivos têm amigos ou não

#### **CATEGORIAS DEFINIDAS**

- 1- Têm dificuldade em fazer amigos
- 2- Têm amigos em condições precárias, por pouco tempo

### **Pergunta 8**

Referem se pensam que os sujeitos agressivos são fortes ou fracos.

### CATEGORIAS DEFINIDAS

- 1- Uns fortes, outros fracos
- 2- Fortes
- 3- Fracos
- 4- Dentro fracos / fora fortes

#### **Pergunta 9**

Os sujeitos referem se consideram que os professores por vezes também são agressivos.

### CATEGORIAS DEFINIDAS

- 1- Sim
- 2- Só às vezes
- 3- Não é agressivo

#### **Pergunta 10**

Os sujeitos referem se consideram que os sujeitos agressivos são ou não são justos.

### CATEGORIAS DEFINIDAS

- 1- São justos, avaliam bem
- 2- Não são justos
- 3- Às vezes sim, outras não

## 2.7.2. DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS CATEGORIAS

### PERGUNTA 1

#### **A - Influência do meio familiar**

As crianças referem justificações ou causas para o comportamento agressivo relacionadas com questões familiares: educação, relação com os pais por excesso ou deficit. O comportamento agressivo parece ser entendido aqui como algo que terá as suas raízes no núcleo familiar. Será um comportamento que poderá ser aprendido por imitação ou influência em situações familiares conflituosas, ou ainda poderá ser resultado do tipo de relação estabelecida com as figuras parentais.

Ex: "Não têm educação" ( Patronato, suj. 1 )

"É por causa da infância" ( 7º 3ª, suj. 5 )

#### **B - Causas intrínsecas / Características pessoais internas :**

Os inquiridos referem causas que se prendem com a própria "natureza interna". Referem factores que possam ser de natureza constitutiva do próprio sujeito (Ex: "São maus", "São agressivos de si" ) ou que poderão prender-se com estados de espírito ou emoções que experienciam.

Ex: "Há uns que são maus, ficam revoltados" ( Patronato , suj.3 )

" Por terem inveja" ( 7º 3ª, suj. 7 )

#### **C - Em consequência de situações externas diversas:**

Os inquiridos justificam a presença do comportamento agressivo através do contacto com situações externas diversas que contêm algo potencialmente agressivo ou algo capaz de desencadear um conflito, este mesmo gerador de agressividade. Aqui as justificações são mais difusas, não sendo a causa atribuída a um outro sujeito mas sim a uma situação.

Ex: "Pelo desemprego , vêem-se aflitas e para sobreviver são agressivas" (7º 3ª, suj. 2 )

"Podem ser influenciados pela T.V." ( 7º 2ª, suj. 7 )

#### **D - Em consequência de comportamentos directos dos outros:**

Nesta categoria as justificações relacionam-se com o comportamento que outras crianças tenham tido para com elas. A agressividade é justificada pelo conflito na relação dual ou com o grupo de pares.

Ex: "Quando me batem eu também bato" ( Patronato, suj. 9)

"Só batem quando faz mal um ao outro" ( Grão Vasco, suj. 10)

### **PERGUNTA 2**

#### **A - Questões de influência familiar:**

Nesta categoria estão incluídas as respostas ou justificações que fazem referência a factores de ordem familiar. O facto das crianças serem mais ou menos agressivas será justificado por relações familiares harmoniosas / conflituais, boa educação / Má educação, presença / ausência dos pais.

Ex: "Os pais não dão educação como deve ser" ( Grão Vasco, suj. 7)

"Boa educação" ( Patronato ,suj.1 )

#### **B - Causas intrínsecas relacionadas com características pessoais internas**

Nesta categoria estão presentes as respostas nas quais os sujeito refere características pessoais internas para justificar as diferenças quanto ao comportamento agressivo. Os factores indicados prendem-se com a natureza constitutiva da criança.

Ex: "Maneira de ser calmos" ( 7º 2ª , suj. 5 )

" Se calhar não são tão bons como os outros" (Grão Vasco, suj. 10 )

#### **C - Em consequência de situações ou acções do meio:**

Estão aqui presentes as justificações que se prendem com a acção directa de outros ou de situações. A justificação das diferenças no comportamento

agressivo é justificada pelo tipo de relação que têm com os outros pares e com o meio.

Ex: "Ouvem gritar, moram em bairros" ( 7º 2ª, suj. 8 )

"Quando pequenos os outros batiam neles" ( Patronato, suj. 3 )

#### **D - Relacionado com comportamentos e atitudes que tomam:**

Nesta categoria estão presentes os argumentos que se relacionam com atitudes que as crianças tomam, em situações onde o comportamento agressivo tem por fim a obtenção de um benefício secundário e ainda quando referem se o comportamento vai ou não vai ao encontro das expectativas dos pais.

Ex: "Armarem-se em bons e em maus pela popularidade" (7º 3ª, suj.8 )

"Uns querem ser mais populares e outros acham que sendo mais caladinhos são mais populares" (Grão Vasco, suj. 4 )

### **PERGUNTA 3**

#### **A - Defesa por agressão física ou verbal:**

Nesta categoria estão presentes todas as respostas em que os sujeitos referem recorrer a um comportamento físico ou verbal em resposta a uma agressão. Está presente a dimensão retaliatória do comportamento do sujeito. Evidencia-se também a presença da reciprocidade ao nível do pensamento subjacente a este tipo de respostas. A resposta do sujeito situa-se ao mesmo nível do comportamento agressivo de que foi alvo.

Ex: "Eu viro-me também" (7º 2ª, suj. 9 )

"Bato logo" ( Grão Vasco, suj. 2 )

#### **B - Queixa**

Aqui estão presentes todas as respostas que fazem referência queixa. Este tipo de respostas parece conter duas dimensões que se interligam: temos a dependência em relação ao outro que poderá auxiliar, o sujeito opta por uma

atitude passiva relativamente à sua auto-defesa; temos ainda a dimensão em que o sujeito se imaginará incapaz de se defender, impotente, não acreditando na sua capacidade de mobilização de um processo de defesa.

Ex: "Digo à professora" (Patronato, suj. 2 )

" Digo às empregadas" ( Grão Vasco, suj. 4)

### **C - Fuga declarada / Ignorar**

Nesta categoria as respostas do sujeito referem ignorar o que lhes sucedeu, não dando importância ao acontecimento e/ou ainda mobilizando um processo de fuga face à situação de perigo ou ameaça.

Poderá estar subjacente às respostas dos sujeitos a ideia de incapacidade de auto-defesa e portanto a necessidade de fuga, mas por outro lado poderá indicar uma estratégia passiva de defesa pela qual o sujeito se protege, ignora a provocação para se defender face à agressão e ao seu sentimento de incapacidade de resposta.

Nesta categoria os sujeitos exprimem o desejo de não envolvimento na situação de agressão. Não desejam ser vistos pelos outros como maus ou agressivos.

Ex: "Não ligo, viro as costas, vou-me embora " (Grão Vasco, suj. 7)

" Às vezes fico calmo e não ligo" ( 7º 3ª , suj. 7 )

### **D - Compreensão, conselhos verbais**

As respostas pertencentes a esta categoria referem alguma tentativa do sujeito no sentido de compreender a situação e o comportamento do outro. Neste tipo de respostas parece estar presente uma atitude moral, de julgamento, em que o sujeito se posiciona num plano superior ao da acção agressiva e tenta argumentar, aconselhar, ajudar. Nesta categoria os sujeitos exprimem o seu desejo de não envolvimento na situação de agressão.

Ex: "Temos que compreender a forma de ser" ( 7º 2ª suj. 5 )

"Se fôr pequenino digo só para ter cuidadinho" ( Grão Vasco, suj. 8 )

## PERGUNTA 4

### A - Sentimentos

Nesta categoria estão presentes todas as respostas que fazem referência aos sentimentos do sujeito. Indicando a capacidade que este tem para se auto - analisar e perceber que tipo de sentimentos experimenta nestas situações.

Ex: "Fico furiosa" ( Patronato, suj. 2 )

" Fico nervoso" ( 7º 3ª , suj. 11)

### B - Não penso ou não ligo

Aqui os sujeitos referem que não ligam, não pensam, seja porque desejam responder imediatamente, passando para o nível da acção sem conseguirem aceder ao pensamento, seja porque ao ignorarem a situação de forma defensiva evitam pensar nela. Forma de evitar o envolvimento com a situação de agressão .

Ex: "Não penso, não lhes dou trela ( 7º 3ª suj.9 )

### C - Atribuição de características a quem agride

Estão aqui presentes todas as respostas em que o sujeito tenta justificar o comportamento agressivo que ocorreu atribuindo características a quem agride. Pensamos que este tipo de resposta indicará o desejo que o sujeito tem de justificar a agressão para, em simultâneo, a poder controlar e posteriormente ficar mais tranquilo.

Ex: "Que ele deve ser maluco" ( 7º 2ª , suj.2 )

"Que podem estar arrependidos" (Grão Vasco, suj. 10)

### D - Forma de agir : o que fazer ou dizer

Nesta categoria estão presentes todas as respostas nas quais o sujeito refere algo que vai fazer ou que vai verbalizar. Não permanece ao nível do pensamento, como aliás lhe foi pedido e passa para um pensamento / acção.

Indica talvez a presença de uma maior impulsividade pela qual o sujeito se impede de sair do quadro de acção.

Ex: "Que lhe vou bater" ( Grão Vasco, suj. 9)

" Digo para ir dar uma volta" ( 7º 3ª , suj.8 )

### **E - Juízo de valor. Porquê da agressividade**

Nesta categoria o sujeito formula um juízo de valor sobre o comportamento ou questiona-se quanto à necessidade daquele comportamento. O sujeito posiciona-se ao nível da moral tentando justificar a necessidade de um comportamento desse tipo e avaliando a adequação desse comportamento.

Ex: "Penso que não devia ser" ( 7º 3ª, suj. 9 )

" Que o que ele fez não está bem, que vai pelo caminho do mal" ( Patronato, suj. 3)

### **F - Consequências do acto agressivo**

Estão aqui presentes todas as respostas onde estão referidas as preocupações face às consequências daquele acto. O sujeito preocupa-se com o que pode decorrer dali. Consequências que são globalmente negativas.

Ex: "Que me vai fazer mal" ( Patronato, suj. 6 )

" Nas consequências, no que pode acontecer" ( 7º 3ª , suj.9 )

## **PERGUNTA 5**

### **A - Não**

Sempre que os sujeitos dizem não pedir ajuda, dizem resolver a situação sozinhos. Esta resposta indica uma atitude autónoma que deixa transparecer uma certa confiança em relação à sua própria capacidade de defesa.

Ex: "Não peço" (7º 3ª , suj.5 )

"Não, defendo-me sozinha" (Patronato , suj.6 )

## **B - Sim**

Sempre que o sujeito refere pedir ajuda a alguém

Ex: "Sim, para nos ajudarem a bater nos outros" ( Grão Vasco, suj.9)

## **C - Às vezes**

Sempre que os sujeitos referem que às vezes pedem e outras vezes não pedem ajuda. Quando o pedido de ajuda é feito apenas em algumas condições.

Ex: " Às vezes sim, porque sinto que não consigo sair dali" ( 7º 2ª , suj. 2 )

## **PERGUNTA 6**

### **A - Sim**

Estão aqui presentes todas as respostas onde é expressa a ideia de que o sujeito ajuda incondicionalmente, não pondo condições para prestar essa ajuda.

Ex: "Sim intervenho, porque tenho pena, não gosto de ver as pessoas a baterem- se" ( 7º 3ª, suj. 2 )

"Sim, porque os amigos são para se ajudar uns aos outros" ( Patronato, suj.6)

### **B - Às vezes, com condições**

Aqui o sujeito refere prestar ajuda mas apenas em algumas situações, mediante determinadas condições.

As respostas ao nível desta categoria parece resultarem de um trabalho de reflexão que o sujeito faz sobre a situação de agressão. Mediante as condições que encontra, irá prestar ou não ajuda.

Ex: "Se acho que tem razão defendo-a" ( 7º 2ª, suj.4 )

"Às vezes separo-os e vou dizer às educadoras" (Patronato, suj.5 )

## PERGUNTA 7

### A - Têm dificuldade em fazer amigos

Nesta categoria estão incluídas as respostas onde se refere que os sujeitos agressivos têm dificuldade em fazer amigos. Esta dificuldade surge exactamente do facto destes serem agressivos, podendo criar relações de amizade conflituosas em que, pela presença da agressividade, os outros tenderão a afastar-se.

Ex: "Têm dificuldade em fazer amigos por isso mesmo, os amigos afastam-se porque a maneira de ser é muito diferente." ( 7º 2ª suj. 1 )

"Não fazem amigos com facilidade" (7º 3ª , suj.1 )

### B - Têm amigos em condições precárias, por pouco tempo

Aqui os sujeitos referem que os agressivos podem ter amigos mas são amizades pouco duradouras e pouco frequentes, pois é difícil alguém gostar de amizades agressivas. O envolvimento numa situação deste tipo implica a presença da agressão, situação que normalmente os sujeitos evitam. Está presente uma certa depreciação em relação aos sujeitos agressivos.

Ex: "Se têm amigos é por pouco tempo e é da mesma moeda que eles ( 7º2ª suj.4 )

"Têm , mas poucos porque as pessoas não gostam quando lhes batem" ( Grão Vasco, suj. 9 )

### C - Têm amigos agressivos / Más companhias.

Nesta categoria o sujeito não põe em causa a existência da relação de amizade, contudo a qualidade dessa relação é sempre marcada pela agressividade ou pela má qualidade. Está presente um certo juízo de valor relativamente ao significado de uma relação com alguém que é agressivo. Está ainda presente a ideia da influência na relação. Alguém que não seja agressivo, pelo facto de ter um amigo agressivo, torna-se como ele.

Ex: "Têm amigos agressivos e se têm um que não é agressivo estão sempre a mandar vir com ele e assim torna-se agressivo também." (7º2ª suj.8 )

"Só vão ter amigos agressivos porque um que não seja agressivo e tenha

um amigo vai seguir o caminho.” (Patronato, suj.5 )

#### **D - Não têm amigos**

Aqui os sujeitos referem que uma pessoa agressiva não terá amigos. Está presente a ideia de que não existe qualidade suficiente para se poder fazer amigos.

Ex:” Acho que não, depois falam de agressividade e andam sempre a bater”

(Grão Vasco, suj. 10 )

“Não , porque são pessoas más companhias” ( 7º 3ª , suj. 3 )

### **PERGUNTA 8**

#### **A - Uns são fortes e outros fracos**

Nesta categoria estão incluídas todas as respostas em que os sujeitos referem que algumas das crianças agressivas são fortes e outras são fracas. Não há uma relação directa e exclusiva com qualquer uma destas características: forte / fraco.

Ex: “Alguns são fortes, outros são fracos” ( Patronato, suj.1 )

“Alguns fortes e outros fracos. Alguns têm mais força para ser agressivos e outros não” (7º 3ª , suj.2 )

#### **B - Fortes**

Aqui os sujeitos referem explicitamente que os agressivos são fortes. Associam a agressividade à força.

Ex: “São fortes porque se fossem fracos não se iam meter” ( Grão Vasco, suj , 5 )

“Costumam ser fortes para se saberem defender” ( 7º 2ª, suj.7 )

#### **C - Fracos**

Aqui os sujeitos referem que os agressivos são fracos. Está implícita a ideia de fraqueza interior, de dependência em relação ao outro.

Ex: ”Fracos, o agressivo é que fica mais fraco porque os outros batem”

(Patronato, suj. 7 )

“Fracos, porque se deixam levar pelas más companhias, fazem tudo o que lhes mandam.” ( 7º 3ª , suj. 6 )

#### **D - Dentro fracos / Fora fortes**

Referem que um mesmo sujeito poderá ser, simultaneamente, forte e fraco; fracos por dentro, o que os levará à necessidade de luta, e fortes por fora o que lhes permitirá concretizar a agressão.

Ex: “Tentam-se mostrar fortes , mas por dentro são como uma pessoa normal ou até mais fracos. Por dentro são sensíveis e escondem o que são... têm medo de ser agredidos outra vez e então tentam ser fortes para que isso não aconteça.” ( 7º 2ª , suj. 1 )

“ Por dentro fracos, por fora fortes. Por dentro não são fortes porque batem nos outros meninos que fazem mal.” (Grão Vasco, suj. 10 )

### **PERGUNTA 9**

#### **A - Sim**

Estão aqui incluídas todas as respostas em que os sujeitos referem de forma categórica que o professor é agressivo. Os alunos aqui “ acusam” o professor de utilizar a agressividade na sala de aula. A agressividade é vista como uma arma poderosa que o professor utiliza sempre que se quer fazer respeitar.

Ex: “Quando não se faz o que o professor manda , depois o professor bate” ( Patronato, suj. 9 )

“Costuma haver agressividade” (7º 3ª, suj. 1 )

#### **B - Só às vezes**

Os sujeitos nesta categoria referem que por vezes os professores podem ser agressivos em determinadas situações que normalmente justificam esse comportamento. O comportamento agressivo do professor está, de certa forma, justificado pela actuação do aluno ou por uma outra circunstância.

Ex: “Os professores não são de ferro , há sempre um limite de paciência em que há conflitos” ( 7º 2ª , suj. 1 )

“ Só às vezes quando os alunos são maus” (Patronato, suj. 1 )

### **C - Não é agressivo**

As respostas presentes nesta categoria apresentam a ideia de que o professor não é agressivo, não tem comportamentos agressivos.

Ex: “ A minha professora não é agressiva” ( Patronato, suj. 5 )

“ Nunca vi” ( 7º 3ª , suj.8 )

## **PERGUNTA 10**

### **A - São justos / Avaliam bem**

Estão aqui presentes todas as respostas em que os sujeitos afirmam que o professor é justo, que avalia bem as situações que ocorrem.

Ex: “Acho que têm razão, porque são pessoas que sabem o que querem e se fazem é porque sabem.” ( 7º 2ª, suj. 1 )

### **B - Não são justos**

Sempre que os sujeitos afirmam que o professor não é justo.

Ex: “Fazem isso porque não têm outros meios, é logo “rua”. Têm paciência para os calmos e não têm para os mais agressivos” (7º 2ª, suj. 6)

“Têm sempre razão, mas não acho justo” (Patronato, suj 8 )

### **C - Às vezes sim / Outras não**

Aqui, estão presentes as respostas onde o professor por vezes é justo e por vezes não é .

Ex: “Às vezes manda injustamente. Claro que dão sempre razão aos professores.” ( 7º 3ª, suj. 6 )

“Às vezes têm razão, outras vezes não, às vezes acontece que o professor se engana e vai bater no outro que não fez nada.”

(Patronato, suj. 6 )

## **IV APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

## 1. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados decorrentes da entrevista foram trabalhados em relação às 3 questões ( e hipóteses) que apresentámos no início deste trabalho:

-Como evolui a concepção de agressão / comportamento agressivo ao longo do desenvolvimento ?

Temos aqui em conta os dois níveis de escolaridade estudados, correspondentes aos dois níveis etários;

-Existirão diferenças na concepção de agressão / comportamento agressivo dos sujeitos do sexo feminino e masculino ?

Analisaremos as respostas em função do sexo dos sujeitos.

-Apresentará diferenças a concepção de agressividade / comportamento agressivo nos sujeitos avaliados como “agressivos” e como “não agressivos”?

Tomaremos em consideração as respostas dos dois grupos de sujeitos.

Para cada um dos três tipos de análise, relativos às 10 questões do questionário, apresentaremos os resultados de cada pergunta individualmente, tentando salientar os aspectos que nos parecem significativos. As 10 questões serão analisadas sob cada uma das três dimensões individualmente.

Por último, analisaremos de forma independente as respostas dos sujeitos, relativamente ao episódio crítico apresentado. Nesta análise, teremos em conta apenas a perspectiva de desenvolvimento, e analisaremos as respostas unicamente em função do nível de escolaridade / Idade dos sujeitos da amostra.

A análise dos resultados será qualitativa, pois entendemos que num estudo exploratório deste tipo, será mais importante dar relevo a determinadas

tendências que se expressam nos resultados, tentando entender o seu significado, do que fazer uma avaliação exaustiva das eventuais diferenças encontradas, estatisticamente significativas, mas que nos levariam a trabalhar numericamente e não directamente sobre o conteúdo do material obtido.

Apesar de desde o início deste trabalho de investigação nos terem ocorrido inúmeras questões relativamente à cientificidade de uma análise deste tipo, tem-nos acompanhado o desejo de trabalhar unidades de discurso significativas, e não tanto traduzi-las para uma linguagem estatística, mais árida e menos próxima da realidade dos próprios sujeitos que queremos estudar. A própria dimensão da amostra por nós recolhida, não pretende de forma alguma ter dimensões de representatividade, mas antes permitir uma análise talvez mais aprofundada que tenha em conta os sujeitos com as suas características e contextos específicos. Deste modo, pensamos poder seguir uma linha de trabalho dinâmica, interligando várias dimensões e permitindo uma compreensão mais ampla e talvez mais verdadeira. Os resultados decorrentes deste trabalho poderão ser certamente utilizados, se considerados pertinentes, num outro tipo de estudo futuro, com uma abordagem metodológica estatística.

## 2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE / IDADE

### 2.1. ANÁLISE DA PERGUNTA 1

*Pergunta 1 - "Tu sabes que às vezes os (as) meninos (pessoas) são maus (más) uns (umas) para os (as) outros (outras) , batem-se, chamam-se nomes... porque é que tu achas que fazem isso? "*

**Quadro 6 : Distribuição das respostas dos sujeitos de níveis de escolaridade distintos pelas 4 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 1 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano	Patronato 4º Ano	Global 4º Ano	F.B. 7ºAno 2ª	F.B. 7ºAno 3ª	Global 7º Ano
A - Influência do meio familiar		1	2	3	7	6	13
B - Causas intrínsecas / Características pessoais		8	3	11	5	5	10
C - Consequência de situações externas		0	0	0	3	1	4
D - Consequência de comportamentos e acções directos dos outros		3	6	9	-	1	1
Nº de respostas		12	11	23	15	13	28

Relativamente à primeira categoria **"Influência do meio familiar"** encontramos uma diferença considerável entre o grupo do 4º e do 7º ano. Os sujeitos do 4º ano referem muito menos argumentos relacionados com a influência do meio familiar do que os do 7º ano.

Poderemos pensar que os do 7º ano se situam num período de pré-adolescência, no qual o distanciamento em relação aos pais pode já ser maior. Este processo de distanciamento no sentido da autonomia, em que os jovens se empenham na construção das suas próprias ideias, independentes

das dos seus pais, leva-os a ter possibilidade de olhar criticamente para aquilo que marcou, e talvez marque ainda, a relação entre eles e os pais. Estes jovens estão provavelmente a caminhar para uma maior independência, a partir da qual lhes será possível implicarem-se mais como sujeitos agentes e responsáveis neste mesmo processo. Vêm o seu passado como tendo sido altamente marcado e mesmo influenciado pelos seus pais e ambiente familiar.

Os sujeitos do 4º ano estarão ainda excessivamente implicados e envolvidos na sua própria dinâmica familiar; a forma como vêem os pais poderá estar, de certa forma, idealizada, não os responsabilizando pelo que de negativo poderá haver na relação. Contrariamente aos sujeitos do 7º ano, estes ainda não terão feito o percurso, no sentido da autonomia, necessário à elaboração de uma avaliação relativa à acção dos pais.

Para além desta análise entre os grupos do 4º e 7º ano, é interessante notar que ao nível do 7º ano de escolaridade, esta categoria foi a mais referida. Este facto poderá ligar-se à ideia de que nesta etapa do seu desenvolvimento estes jovens terão mesmo que pôr em causa, contestar, criticar o relacionamento com os pais, para que possam, a partir daí, construir uns novos, mas diferentes "Pais". Se ao nível do 4º ano podemos falar de uma certa idealização das figuras parentais, parece-nos que aqui assistimos ao inverso: as figuras parentais são postas em causa, são responsabilizadas.

Relativamente à 2ª categoria **"Causas intrínsecas / Características pessoais"**, não se evidenciam diferenças entre as respostas dos sujeitos do 4º e 7º ano. Numa análise mais minuciosa (a partir do quadro de apresentação de resultados à pergunta 1), pudemos detectar que ao nível do 7º ano este tipo de argumento é, em 6 dos 10 casos, acompanhado por outros tipos de justificações pertencentes à categoria "A"-**"Influências familiares"** e "C"- **"Consequência de situações externas"**. Este facto leva-

nos a pensar que ao nível do 7º ano os sujeitos, paralelamente a uma análise das características internas do sujeito agressor, dão também grande ênfase à interacção tanto com o meio familiar como com situações sociais mais amplas e diversificadas. A alusão às características pessoais internas não é por si só esclarecedora daquilo que pensam sobre a origem da agressão. É interessante, contudo, pensar que 50% dos sujeitos do 4º e 7º ano consideram este tipo de argumento, o que indica a importância que as características pessoais internas tomam na justificação do comportamento agressivo, em ambos os grupos. Trata-se de uma categoria importante para os dois grupos etários (alta frequência de resposta), que não parece sofrer alterações com o desenvolvimento.

No que respeita à categoria "C"- **"Consequência de situações externas"**, verifica-se que esta foi a menos mencionada em termos globais. Nenhum sujeito do 4º ano refere este tipo de argumento para justificar a agressividade. Paralelamente, apenas foram dadas 4 respostas deste tipo pelos sujeitos do 7º ano, sendo 3 destas conjugadas com outro tipo de argumentação.

É interessante pensar que uma criança de 9/10 anos, provavelmente ainda muito protegida, num meio fechado onde os contactos e o conhecimento sobre a realidade social mais ampla e diversificada são ainda pontuais, não justifique um comportamento, que tão bem conhece, através de factores que não domina e dos quais se sente distante. Existirá provavelmente alguma dificuldade em estabelecer relações entre situações externas diversas e abstractas e um comportamento concreto, observável. Existe entre o comportamento agressivo e este tipo de argumento uma relação que não é directa e, por isso mesmo, é mais difícil de se tornar perceptível para os sujeitos do 4º ano. À medida que crescem este tipo de factores tornam-se mais próximos, e portanto mais capazes de serem pensados, sendo provavelmente o que se passa com os sujeitos do 7º ano. De qualquer

modo os sujeitos do 4º ano não parecem ter uma perspectiva do mundo negativa e influente no comportamento.

Quanto à categoria “D”- **“Consequência de comportamentos e acções directas de outros”**, vimos surgir a este nível, mais uma vez, uma diferença considerável entre o 4º e o 7º ano. No grupo do 4º ano obtivemos 9 respostas deste tipo (6 isoladas no Patronato e 3 conjugadas no Grão Vasco). Este resultado mostra-nos a necessidade dos sujeitos de 9 /10 anos de justificar aquilo que vêem através de causas que sejam por si conhecidas e controladas. É uma avaliação feita a um nível mais superficial onde apenas se põem em relação dois factores conhecidos:

Comportamento agressivo

Desencadeante → agressão / comportamento agressivo

(Acção de um sujeito)

A análise não ultrapassa a dimensão do observável pela criança, ficando tudo o que se possa considerar menos evidente, por desvendar. Trata-se de uma concepção da agressão numa perspectiva reactiva.

No grupo do 7º ano surge apenas uma resposta deste tipo, e associada à categoria “B”. Neste caso o sujeito, apesar de atribuir directamente a justificação do comportamento agressivo a uma acção concreta, tenta também procurar uma justificação ao nível das características pessoais do sujeito. Os sujeitos do 7º ano não parecem ter uma compreensão da realidade, tão directa e simplista; procuram encontrar as múltiplas variáveis que se conjugam para justificar um comportamento deste tipo.

As respostas a esta primeira questão, testemunham um pensamento mais complexo, capaz de pensar nas interligações entre os diferentes factores. A forma como a criança encara o que é o comportamento agressivo, vai sofrendo alterações que acompanham a evolução que esta vai fazendo ao nível do seu próprio desenvolvimento afectivo e cognitivo.

## 2.2. ANÁLISE DA PERGUNTA 2

**Pergunta 2: “ Porque é que tu achas que há uns (umas) meninos (pessoas) que fazem que fazem mais isso do que outros ( outras) ...? Que são mais maus (más) , que se batem mais do que outros (outras)”**

**Quadro 7 : Distribuição das respostas dos dois grupos de nível de escolaridade/ idade distintos pelas 4 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 2 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano	Patronato 4º Ano	Global 4º Ano	F.B. 7ºAno 2ª	F.B. 7ºAno 3ª	Global 7º Ano
A - Questões de Influência familiar		4	6	10	5	3	8
B - Causas intrínsecas / Características internas		2	3	5	3	5	8
C - Consequência de situações ou acções do meio		2	1	3	4	2	6
D - Relacionado com comportamentos e atitudes que tomam		3	3	6	1	1	2
Nº de Respostas		11	13	24	13	11	24

Dentro da categoria “A”-“**Questões de influência familiar**” observamos que não existe uma diferença considerável entre as respostas dadas pelos sujeitos do 4º e 7º ano. O número de respostas dos dois grupos foi quase equivalente. É importante salientar que foi a mais referida por ambos os grupos. Isto poderá significar que todos consideram as questões de ordem familiar fundamentais na explicação das diferenças de expressão de comportamentos agressivos.

Na categoria "B"- "**Causas intrínsecas/ Características pessoais internas**" nota-se que os sujeitos do 7º ano a referem ligeiramente mais que os do 4º ano. Apesar de ambos os grupos de sujeitos relacionarem as causas do comportamento agressivo com as características pessoais internas de quem os exerce, os dados poderão indicar a tendência que os sujeitos do 7º ano, mais velhos, têm para valorizar este tipo de características. Ao longo do seu desenvolvimento o sujeito irá desenvolver capacidades de auto e hetero-análise que lhe possibilitarão, de uma forma mais consciente, uma maior preocupação pelas motivações e dinâmica interna.

Relativamente à categoria "C" -"**Consequência de situações ou acções do meio**", parece mais uma vez delinear-se uma tendência no sentido dos sujeitos do 7º ano utilizarem com mais frequência este tipo de argumentos que os sujeitos do 4º ano. Aqui as respostas vêm dar ênfase à contribuição que o meio e os "outros" poderão ter no desenvolvimento do comportamento agressivo. Os sujeitos do 7º ano, talvez mais conscientes da dimensão social e cultural do ser humano, têm tendência a valorizar as influências dos acontecimentos e acções provenientes do meio.

Na categoria "D"- "**Relacionado com comportamentos ou atitudes que tomam**", têm maior relevo as respostas das crianças do 4º ano, enquanto que as dos sujeitos do 7º ano são muito poucas. Pensamos que este dado poderá ser justificado pela presença de um certo egocentrismo nos sujeitos mais novos que tenderá a atenuar-se com o crescimento. Nota-se nestes uma maior tendência para justificarem a presença ou ausência do comportamento agressivo consoante as necessidades e desejos do próprio sujeito agressivo cujo comportamento poderá ter um objectivo que lhe interessa exclusivamente. Ao nível do 7º ano os sujeitos, menos centrados sobre as suas questões e interesses pessoais, tenderão a não utilizar com tanta frequência este tipo de argumentos para justificar a presença da agressão.

### 2.3. ANÁLISE DA PERGUNTA 3

**Pergunta 3: “Quando isso acontece contigo, quando algum (a) menino (pessoa) te bate ou é mau (má) para ti o que é que tu fazes?”**

**Quadro 8 : Distribuição das respostas dos dois grupos de nível de escolaridade/idade distintos pelas 4 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 3 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano	Patronato 4º Ano	Global 4º Ano	F.B. 7ºAno 2ª	F.B. 7ºAno 3ª	Global 7º Ano
A - Defesa por agressão física ou verbal		9	7	16	6	9	15
B - Queixa		2	5	7	-	-	-
C - Fuga declarada / Ignorar		3	2	5	5	5	10
D - Compreensão e conselhos verbais		2	2	4	5	3	8
Nº de respostas		16	16	32	16	17	33

A categoria “A” - **“Defesa por agressão física ou verbal”**, foi claramente a mais utilizada por ambos os grupos de sujeitos ao responderem à pergunta 3. Não se verificaram diferenças quanto ao número de respostas dadas pelos sujeitos do 4º e do 7º ano. O elevado número de respostas presentes nesta categoria mostra a forma como a maior parte destes sujeitos reage a uma situação de agressão: o recurso à defesa física ou verbal de forma retaliatória.

Perante uma situação de confronto com a necessidade de actuação face à ameaça, uma grande maioria dos sujeitos utiliza o argumento da defesa. Assegurar a sua própria integridade, preparar uma defesa tornam-se prioridade perante uma situação hipotética de agressão.

Relativamente à categoria "B" - **"Queixa"**, os resultados obtidos evidenciam uma diferença considerável entre os sujeitos do 4º e do 7º ano. Nenhum sujeito do 7º ano referiu fazer alguma vez queixa a alguém. Este dado parece indicar uma atitude de autonomia face ao adulto e, simultaneamente, a presença das ideias de auto-suficiência e da confiança na sua capacidade de defesa. Paralelamente, 7 dos 20 sujeitos do 4º ano, dizem queixar-se à professora, à educadora ou às empregadas. Esta atitude parece mostrar como, neste nível etário (9/10 anos), as crianças sentem ainda necessidade de ajuda e de protecção por parte do adulto. Estará subjacente uma maior dependência em relação ao adulto e, simultaneamente, a ideia de que sózinho não conseguirá defender-se.

Quanto à categoria "C" , **"Fuga declarada / Ignorar"**, verificamos que os sujeitos do 7º ano recorrem mais a este meio do que os do 4º ano. Existem, em ambos os grupos, alguns sujeitos que parecem adoptar esta atitude passiva de não envolvimento na situação da agressão. As respostas destes sujeitos parecem também indicar uma forma de protecção, um processo defensivo, para evitar as consequências de um eventual envolvimento. Este tipo de atitude que implica uma reflexão sobre as consequências da participação numa situação de agressão, parece tornar-se mais frequente nos sujeitos do 7º ano. Este facto será provavelmente resultado de uma maior capacidade de reflexão, distanciamento e análise das consequências em relação à situação.

Quanto à categoria "D"-**"Compreensão e conselhos verbais"**, os resultados indicam que a presença destes tende a aumentar com a idade. Este facto poderá ser consequência de maior capacidade de reflexão e de ponderação por parte do sujeito. Poderá haver um desejo de adaptação à regra e à ideia de "não agressão", que sabem existir no adulto.

Ao nível do 4º ano as respostas desta categoria, para além de serem menos frequentes, nunca apareceram isolados, surgindo sempre associados a argumentos da categoria “A”- **“Agressão física ou verbal”**. Não corresponderão, portanto, a uma atitude formada ou a uma reacção espontânea, mas talvez devam antes ser vistos como o início de uma tendência de ir ao encontro daquilo que agrada ao adulto. Ao nível do 7º ano este tipo de resposta já se encontra isolada, podendo indicar uma maior capacidade de reflexão do sujeito, uma menor utilização da resposta retaliatória imediata, e ainda a existência de um provável desejo de adaptação às expectativas sociais.

Uma análise qualitativa do conteúdo das respostas à categoria “A”- **“Defesa por agressão física ou verbal”**, na tentativa de compreender se a opção pela agressão física ou verbal é específica de um dos dois grupos etários, leva-nos a concluir que ambos as utilizam de forma idêntica. Salientamos porém que o número de respostas dando preferência à agressão física é superior à da agressão verbal.

#### **AVALIAÇÃO DO TIPO DE AGRESSÃO PRESENTE NOS ARGUMENTOS DA CATEGORIA “A” “DEFESA POR AGRESSÃO FÍSICA OU VERBAL”**

**Patronato, 4º ano**

**Nº SEXO**

- De vez em quando também chamo nomes (1) F
- Às vezes vamos na tentativa de bater (3) F
- Chamam-me nomes eu também chamo, quando me batem, também bato (4)F
- Descuido-me e também bato (5) F
- Depois eu bato-lhe (7) M
- Às vezes também lhe digo (8) M
- Às vezes também lhe digo nomes e bato-lhe (10) M

---

5 sujeitos referem a agressão física

4 sujeitos referem a agressão verbal

2 sujeitos referem os dois tipos de agressão

---

**Grão Vasco, 4º ano. Nº sexo**

- Vou lá bater-lhe (1) F
  - Fico nervosa depois dou-lhe um pontapé (2) F
  - Às vezes também bato F
  - Dou pontapés, estalos (4) F
  - Não bato, costume dizer asneiras (5) F
  - Chamando nomes ou batendo também (6) M
  - Às vezes faço o mesmo (7) M
  - Se ma bater eu também bato, se chama nomes eu também chamo (8) M
  - Às vezes bato, outras vezes não (9) M
- 

8 Sujeitos referem a agressão física

4 sujeitos referem a agressão verbal

2 sujeitos referem os dois tipos de agressão

---

**Ferreira Borges 7º 2ª . Nº Sexo**

- Tento conversar, acalmar o outro, no limite nem sei o que faço (1) F
  - Posso responder (4) F
  - Depende da maneira que ele me bater, se fôr a sério a história é outra (6) F
  - Se não quer falar eu também o agrido (7) M
  - Se me gozar ou bater eu também respondo (8) M
  - Se me bater eu viro-me também, einbora não resolva tudo à pancada (9) M
- 

4 sujeitos referem a agressão física

3 sujeitos referem a agressão verbal

1 sujeito refere os dois tipos de agressão

---

**Ferreira Borges 7º 3ª Nº Sexo**

- Defendo-me (1) F
- Também sou agressiva. Andar à pancada já aconteceu (3) F

- Também começo a lutar para não me chatearem (4) F
- Sei lá , começo a bater-lhes (6) M
- Se me chamam nomes eu não vou deixar assim (7) M
- Sou capaz de me virar a ele (8) M
- Chamo-lhe nomes, só bato às vezes (9) M
- Defendo-me (10) M
- Se tenho hipótese viro-me a ele (11) M

---

6 sujeitos referem a agressão física

0 sujeitos referem a agressão verbal

3 sujeitos não explicitam

---

**Legenda:**

(Número ) - Numeração atribuída ao sujeito ao longo do estudo

M - Sujeito do sexo masculino

F - Sujeito do sexo feminino

## 2.4. ANÁLISE DA PERGUNTA 4

**Pergunta 4: “Nessas alturas o que é que tu ficas a pensar ?**

**Quadro 9 : Distribuição das respostas dos dois grupos de nível de escolaridade/idade distintos pelas 6 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 4 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano	Patronato 4º Ano	Global 4º Ano	F.B. 7ºAno 2ª	F.B. 7ºAno 3ª	Global 7º Ano
A - Sentimentos		1	2	3	-	4	4
B - Não penso / Não ligo		-	-	-	1	3	4
C - Atribuição de características a quem agride		3	1	4	2	2	4
D - Forma de agir , o que posso fazer ou dizer		4	2	6	2	4	6
E- Juízo de valor / Porquê da agressividade		2	4	6	4	2	6
F- Consequências do acto agressivo		1	1	2	1	1	2
Nº de Respostas		11	10	21	10	16	26

Relativamente à pergunta 4, as respostas dos vários sujeitos foram bastante diversificadas, o que levou a uma dispersão e a uma diminuição do seu número por categoria. Este facto poderá ser indicativo da riqueza e da diversidade do pensamento destes sujeitos.

Não se destacam diferenças significativas entre os sujeitos do 4º e 7º ano. As respostas dadas obtiveram uma distribuição quase equivalente nos dois grupos, à excepção da categoria “B” **“Não penso / Não ligo”**. Esta foi mais referida pelos sujeitos do 7º ano, não sendo sequer referida pelos do 4º ano. Este dado parece ir ao encontro do que foi referido na pergunta 3

relativamente à categoria (fuga declarada / Ignorar ). Como os resultados presentes demonstram este tipo de atitude de “não envolvimento”, ou de “distanciamento em relação à situação de agressão” passa-se tanto ao nível da acção como ao nível do pensamento. Analisando o significado deste tipo de resposta podemos pensar que quando o sujeito é questionado sobre o que pensa numa situação deste tipo e refere apenas “não pensar”, existe certamente uma fuga à capacidade de reflexão e de pensamento, que pode existir em paralelo com a necessidade de acção do sujeito. Parece-nos contudo que os sujeitos do 7º ano, terão maior tendência para se manterem calmos, evitar o conflito e, nesse sentido, “não ligar” ao comportamento agressivo provocatório. Nos sujeitos mais novos, este tipo de resposta não existe sequer, concentrando-se, em vez disso, em grande parte na categoria “D”- **“ Penso em acções o que posso fazer”** e “E”-**“Juízo de valor / Porquê da agressividade ”**. Adiante-se que estas são frequentes em ambos os grupos.

## 2.5. ANÁLISE DA PERGUNTA 5

**Pergunta 5: “Nestas situações tu costumás pedir ajuda a outros ?**

**Quadro 10: Distribuição das respostas dos dois grupos de nível de escolaridade distintos pelas 3 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 5 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano	Patronato 4º Ano	Global 4º Ano	F.B. 7ºAno 2ª	F.B. 7ºAno 3ª	Global 7º Ano
A - Não		2	2	4	5	6	11
B - Sim		7	7	14	1	2	3
C - Às vezes		2	1	3	3	3	6
Nº de respostas		11	10	21	9	11	20

Na resposta à pergunta 5 (Pedes ajuda?) os resultados são significativamente diferentes entre os sujeitos do 4º e 7º ano. Assistimos a uma evolução significativa no sentido da diminuição da necessidade de pedir ajuda. Os sujeitos do 7º ano referem significativamente mais vezes que **“Não pedem ajuda”**- “A” do que os sujeitos mais novos. Maior ainda é a diferença entre o número de vezes que os sujeitos do 4º ano e do 7º ano dizem pedir ajuda. Estes resultados vão no sentido de confirmar a progressiva independência e o sentimento de auto-suficiência que se vai experimentando ao longo do desenvolvimento, e que se evidencia neste estudo entre sujeitos do 4º ano e do 7º ano.

## **ANÁLISE DAS JUSTIFICAÇÕES DADAS PELOS SUJEITOS**

### **CATEGORIA “A” ( Não )**

#### **Patronato**

Suj. 7 - “Eu não peço. Porque senão o outro vai chamar mais”

Suj. 9 - “Não. Eu resolvo sozinho”

#### **Grão Vasco**

Suj. 8 - “Nem por isso. Acho que consigo fazer sozinho”

Suj. 9 - “Não. Acho que resolvo sozinha”

#### **Ferreira Borges, 7º 2ª**

Suj. 1 - “Não. Tento afastar-me para não haver problemas, ou converso para desabafar e acalmar”

Suj. 4 - “Não. Nunca tive nessas situações. Sou alegre se me agridem ou eu respondo ou não ligo”

Suj.5 - “ Ajuda não. Sou capaz de falar com a minha mãe ou amigos”

Suj.6 - “Não. Tenho que resolver eu. Os outros não têm que se meter na conversa”

Suj. 7 - “Não peço. As coisas são comigo e não com os outros. Não têm nada a haver”

#### **Ferreira Borges, 7º 3ª**

Suj. 5 - “Não peço”

Suj. 6 - “Resolvo sozinho”

Suj. 7 - “Agora já não, quando era mais novo pedia. Eu trato das minhas coisas e pronto”

Suj.10 - “Não . Resolvo sozinha”

Suj. 11 - “Não. Não vale a pena eles não fazem nada. As pessoas têm medo”

### **CATEGORIA “B” ( SIM)**

#### **Patronato (Ajuda às professoras)**

Suj. 1 - “Diga às educadoras. Porque elas resolvem o problema. Às vezes não consigo sozinha”

Suj. 2 - “Às educadoras, ou professoras. Porque eu não gosto de bater

Suj. 5 - "Digo à minha professora. Porque eu não consigo sozinha"

Suj.8 - "Peço. Quando estou sozinho são muitos contra mim"

### **Patronato (Ajuda às amigas)**

Suj.2 . - "Peço às minhas amigas quando elas me aleijam porque são fortes e são minhas amigas e gostam de me defender"

Suj. 4 - "Às minhas amigas. Eu não sou suficiente estou mais acompanhada com as minhas amigas do que sozinha."

Suj.10 - "Tenho um colega que me ajuda sempre

### **Grão Vasco (Ajuda às professoras , empregadas)**

Suj.2 - "Peço ajuda. Quando são muitos e são fortes."

Suj. 3 - "Quando é uma situação grave e muitos contra mim. Porque não consigo, porque eu sou só uma."

Suj. 4 - Sim, às empregadas. Peço para me ajudarem a defender."

Suj. 5 - "Sim às empregadas. Porque são muitos e eu não consigo sozinha"

Suj.6 - "Sim, para nos ajudarem a bater nos outros."

Suj. 7 - "Sim, se forem maiores"

### **Grão Vasco (ajuda aos amigos)**

Suj.4 - "Sim, às minhas amigas. Peço para me ajudarem a defender"

### **Ferreira Borges, 7º 2ª**

Suj. 3 - "Talvez aos meus pais. Ajudavam-me a resolver de maneira civilizada e não como o outro fez."

### **Ferreira Borges, 7º 3ª**

Suj. 2 - "Peço aos que estão ao pé de mim. Vejo que não sou capaz que estou sózinha

### **Ferreira Borges 7º 3ª (Ajuda às amigas)**

Suj. 1- "Sim, costumo às minhas amigas quando estou aflita. Elas arranjam uma solução, vou desabafar, peço ajuda.

## **ANÁLISE DA CATEGORIA “C” “ÁS VEZES”**

### **Patronato**

Suj. 6 - “Quando são muitos, chamo alguns ou diga às educadoras. Fujo para ao pé delas”

### **Grão Vasco**

Suj.1 - Quando é necessário posso chamar uma empregada. Para que o menino não me continue a aleijar”

Suj. 10 - “Quando são muitos peço às empregadas. Elas põe de castigo os meninos”

### **Ferreira Borges, 7º 2ª**

Suj.2 - “Às vezes sim, porque sinto que não consigo sair dali”

Suj. 8 - “Só se os outros forem chamar alguém. Se é com ele, somos só nós os dois e ninguém tem de se meter”

Suj. 9 - “Às vezes quando vejo que é mais velho do que eu. Peço porque está mal baterem- me”

### **Ferreira Borges, 7º 3ª**

Suj. 3 - “Quando é preciso, se fôr mais velho, eu sei que não consigo”

Suj. 8 - “Sou capaz de pedir . Se vejo que não tenho hipóteses, se ele chamar amigos eu também chamo”

Suj. 9 - “Peço às vezes ao meu irmão.”

As justificações dadas pelo facto de não pedirem ajuda, ligam-se fundamentalmente ao desejo ou à capacidade de resolução do problema de uma forma autónoma, o que confirma o que tem vindo a ser dito atrás.

Por vezes é ainda referido que o pedido de ajuda não tem qualquer eficácia, “As pessoas não fazem nada, têm medo” (7º3ª., Suj. 11); ou que o resultado do pedido de ajuda pode aumentar a hipótese de uma agressão mais intensa: “Porque senão o outro vai chamar mais” ( Patronato, suj. 7 ). É

do pedido de ajuda pode aumentar a hipótese de uma agressão mais intensa: "Porque senão o outro vai chamar mais" ( Patronato, suj. 7 ). É ainda referida a ideia de afastamento para a resolução da situação de conflito, "Tento afastar-me para não haver problemas" ( 7º 2ª, Suj. 1 ).

Apesar de surgirem algumas justificações de tipos variados, a maioria dos sujeitos diz não pedir ajuda porque se sente capaz e deseja resolver o problema sozinho. Aliás um dos sujeitos verbaliza a evolução que observou em si mesmo. Refere: "Agora já não, quando era novo pedia. Eu trato das minhas coisas e pronto." ( 7º3ª Suj.7 ) Esta justificação indica claramente o movimento do sujeito no sentido da autonomia e da auto-suficiência.

Os sujeitos que dizem pedir ajuda são fundamentalmente do grupo do 4º ano. A maior parte destes dizem pedir ajuda a adultos: professores, educadoras, empregadas, etc... A ideia que subjaz a este pedido de ajuda é a incapacidade de reagir sozinho à agressão. Os outros são apresentados como fortes e o próprio sujeito, mais fraco, não consegue pôr fim à situação se não obtiver ajuda. Está aqui presente, simultaneamente, a capacidade de avaliação da situação e a tomada de consciência da sua incapacidade de resolução do problema. Esta ideia de incapacidade liga-se de perto à dependência que vivem em relação ao adulto.

Um grupo minoritário de sujeitos diz pedir ajuda aos amigos. Na justificação desta resposta está sempre presente a ideia de que os amigos são mais fortes, mais capazes, e que poderão facilitar a sua defesa. Está implícita, porém, a consciência da própria fragilidade do sujeito.

Relativamente às justificações para as respostas da categoria "C"- "**Às vezes** ", verificamos que o tipo de argumentos utilizados, tal como para a categoria "B", ligam-se fundamentalmente à ideia da incapacidade de resolução da situação. No entanto, esta ideia de incapacidade, é agora limitada a algumas situações consideradas mais difíceis. O respeito e a

dependência em relação à autoridade do adulto estão também presentes. O sujeito nesta situação faz uma avaliação da situação concluindo se necessita ou não de ajuda.

## 2.6. ANÁLISE DA PERGUNTA 6

*Pergunta 6: "Ajudas os outros quando alguém está a ser mau para eles ?*

**Quadro 11: Distribuição das respostas dos dois grupos de nível de escolaridade/idade distintos pelas 2 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 6 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano	Patronato 4º Ano	Global 4º Ano	F.B. 7ºAno 2ª	F.B. 7ºAno 3ª	Global 7º Ano
A - Sim		2	2	4	5	6	11
B - Às vezes, com condições		7	7	14	1	2	3
Nº de respostas		11	10	21	9	11	20

Ao nível da pergunta 6 verificamos que todos os sujeitos referiram prestar ajuda, não tendo havido um único que dissesse recusar a ajuda. Pensamos que é interessante esta ideia, pois revela uma descentração em relação a si mesmo, uma atenção com o que sucede ao outro, com aquilo que se passa ao seu redor. Foram significativamente mais, os sujeitos, que disseram prestar ajuda incondicionalmente, do que aqueles que puseram algumas condições ou referiram prestar ajuda só às vezes. Verificamos portanto que a maioria dos sujeitos está disposto a ajudar um colega que esteja a ser agredido, sem pôr condições. Estes dados poderão levar-nos a pensar sobre a questão da amizade, da relação entre pares, e da importância crescente que estas vão tendo ao longo do desenvolvimento.

## **Análise das justificações dadas pelos sujeitos:**

### **CATEGORIA “A” ( SIM )**

#### **Exemplos:**

- “Digo que não devem ser assim, assim não gostamos dele.” (Patronato, suj. 3 )
- “Vou separa-los porque podem ficar aleijados” (Patronato, suj. 10 )
- “Ajudo , é chato a pessoa estar só sem amigos, por isso eu ajudo” (Grão Vasco, suj. 4)
- “Acho que é delicado , que devo protege-lo do menino maior” (Grão Vasco, suj. 9 )
- “Sim, porque as pessoas talvez não se consigam defender” ( 7º 2ª, suj. 1 )
- “Primeiro separo-os, se não der, é pedir ajuda a alguém que os separe e eu falo com o outro” (7º 2ª , suj. 9 )
- “Ajudo porque é mau ver colegas minhas que estão mal” ( 7º 3ª , suj. 1 )
- “ Ajudo a resolver o assunto” ( 7º 3ª, suj. 7)

Na maior parte das justificações dadas pelos sujeitos tanto do 4º como do 7º ano estão presentes as ideias de: desejo de protecção, incapacidade de o outro se defender sozinho, medo das consequências da agressão e ainda a compreensão do que o sujeito poderá estar a viver ao nível das emoções. Ressalta uma certa empatia com o sofrimento do outro. Ex: (Grão Vasco, suj. 4 )

### **CATEGORIA “B” ( ÀS VEZES COM CONDIÇÕES )**

#### **Exemplo:**

- “Se é sério vou e ajudo, não gosto de deixar que eles se chateassem sem ajudar, aflige-me. Não gosto de ver as pessoas a darem-se mal.” ( 7º 2ª , suj. 3 )
- “Se acho que tem razão defendo-a.” ( 7º 2ª, suj. 4 )
- “Às vezes vou ajudar porque acho que está mal as pessoas baterem-se umas às outras.” (7º 3ª, suj. 4 )
- “Às vezes fico, não luto, porque também posso ficar na luta”( 7º 3ª, suj. 10 )
- “De vez em quando, quando estão a bater eu digo às educadoras, ralho.” (Patronato, suj. 1 )
- “Às vezes separo-os e vou dizer às educadoras” ( Patronato, suj. 5 )
- “De vez em quando, quando as crianças maiores estão a bater no míudo”( Grão Vasco, suj. 10 )

-“ Às vezes, outras vezes fico a olhar” ( Grão Vasco suj. 9 )

Nestas respostas os sujeitos põe pequenas reservas à ajuda que poderão prestar. Esta ajuda implica uma avaliação da situação e uma interrogação sobre a utilidade ou pertinência de uma eventual actuação. Por vezes também é expresso o receio do próprio sujeito ficar envolvido na luta.

## 2.7. ANÁLISE DA PERGUNTA 7

**Pergunta 7: “Tu achas que os meninos que batem e que são maus têm amigos ou não?”**

**Quadro12 : Distribuição das respostas dos dois grupos de nível de escolaridade/idade distintos pelas 4 categorias descritas.**

Categories de resposta pergunta 7 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano	Patronato 4º Ano	Global 4º Ano	F.B. 7ºAno 2ª	F.B. /ºAno 3ª	Global 7º Ano
A - Têm dificuldade em fazer amigos		0	0	0	2	2	4
B -Têm amigos por pouco tempo ou em condições precárias		5	1	6	4	1	5
C -Têm amigos agressivos / Más companhias		3	2	5	2	5	7
D - Não têm amigos		2	7	9	1	3	4
Nº de respostas		10	10	20	9	11	20

A análise das respostas a esta questão permite-nos retirar algumas ideias interessantes. Começámos por verificar que nenhum dos sujeitos do nosso estudo refere a presença da amizade de forma incondicional. A amizade com sujeitos agressivos não será provavelmente bem aceite, e será mesmo difícil de conceber. A presença de amizades não deixa de ser referida, mas é

sempre condicionada por alguns factores que dizem respeito à sua qualidade.

A categoria de respostas onde surge maior diferença entre os sujeitos do 4º e do 7º ano é a "D"- "**Não têm amigos**". Quase 50 % dos sujeitos do 4º ano (9 elementos), referiram que os meninos agressivos não têm amigos por serem maus, por proporcionarem más condições de amizade. No grupo dos sujeitos do 7º ano apenas 4 referem que " Não têm amigos". Este dado leva-nos a pensar na importância que a amizade e a relação entre pares adquire na adolescência. Pensamos que nesta fase do desenvolvimento a relação de amizade no grupo toma uma dimensão diferente, e é quase imprescindível ao desenvolvimento dos jovens. Deste modo os sujeitos do 7º ano do nosso estudo tiveram provavelmente dificuldade em recorrer a este argumento, pois ele traduz a ausência de uma componente fundamental ao seu desenvolvimento. Ao nível do 4º ano a circunstância de "Não terem amigos" pode ser quase vista como uma punição, aplicada pelo facto de serem agressivos. As consequências de um acto punível em termos da amizade ampliam-se, levando os sujeitos mais novos a referir mais vezes que os meninos agressivos não têm amigos.

Relativamente às categorias "B" e "C", que afirmam a presença da amizade mas condicionada, verificamos que estas são escolhidas por 23 sujeitos, mais de 50% da amostra. Parece-nos que um grande número deles dá importância à amizade e concebe-a mesmo dentro de um contexto agressivo. Os sujeitos ao responderem desta forma à nossa questão, estão imediatamente a pôr a amizade condicionada pelo comportamento agressivo. Definitivamente esta será afectada pela presença da agressividade.

Apenas 4 sujeitos do estudo, todos eles do 7º ano, referem "**Têm dificuldade em fazer amigos**"-"A". Pensamos que a dificuldade em fazer amigos só poderá ser sentida quando a amizade é também muito desejada.

Os elementos do 7º ano põem lado a lado o desejo de ter amigos e as dificuldades que os sujeitos agressivos terão em fazê-lo.

## 2.8. ANÁLISE DA PERGUNTA 8

*Pergunta 8: “Achas que esses meninos são fortes ou fracos ?*

**Quadro13: Distribuição das respostas dos dois grupos de nível de escolaridade/idade distintos pelas 4 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 8 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano	Patronato 4º Ano	Global 4º Ano	F.B. 7ºAno 2ª	F.B. 7ºAno 3ª	Global 7º Ano
A - Uns fortes , outros fracos		2	2	4	2	2	4
B -Fortes		7	5	12	3	6	9
C -Fracos		0	3	3	3	3	6
D - Dentro fracos / Fora fortes		1	0	1	1	0	1
Nº de respostas		10	10	20	9	11	20

Da análise das respostas a esta pergunta destaca-se o facto da categoria mais referida ter sido a “B”- (Fortes). 21 sujeitos da nossa amostra afirmaram que os sujeitos agressivos são fortes. Está aqui valorizada a dimensão física da força, relacionada com o comportamento agressivo. Os sujeitos acreditam que para serem agressivo têm que ser fortes. No entanto, nem todos são desta opinião; cerca de 25 % das respostas vão no sentido de associar o comportamento agressivo a sujeitos fracos. Está aqui presente a ideia de que a essência do sujeito será fraca, mas existirá um desejo de poder ser forte, de se “armar em bom”, o que os levará a actuarem de forma agressiva para obterem esse estatuto. Sentir-se-ão valorizados. A ideia de “ser forte” não deixa de estar associada ao comportamento agressivo, pois estes sujeitos, ditos fracos, actuam de forma agressiva para poderem ser vistos como “fortes”. A força não é vista como uma condição para se ser

agressivo, mas a agressão parece ser vista como um meio para se adquirir o estatuto de forte.

8 dos nossos sujeitos referem não encontrar uma relação directa entre o comportamento agressivo e o facto de se ser forte ou fraco. Associam de forma aleatória a força ou a fraqueza ao comportamento agressivo : tanto poderão ser fortes como fracos.

Há ainda 2 que dizem que os sujeitos agressivos serão fracos por dentro e fortes por fora. Esta é uma resposta que vai ao encontro das respostas da categoria "C"-**"Fracos"**, onde é referido que os sujeitos sendo fracos desejam ter uma aparência forte. Apesar de tudo, esta relação é aqui estabelecida de forma mais clara e consciente. Ao perceberem estes sujeitos como fracos, estão aqui a elaborar um juízo de valor, uma apreciação do comportamento agressivo. A agressividade só poderá provir de sujeitos fracos interiormente pois trata-se de um comportamento medíocre.

Não se verificam diferenças significativas nas respostas dos sujeitos do 4º e do 7º ano. Há apenas uma pequena diferença que poderá ser tida em conta, enquanto reveladora de uma tendência, isto no que se refere à categoria "B" e "C" "Fortes" e "Fracos". Os sujeitos do 4º ano referem mais vezes que os sujeitos agressivos são fortes, e os sujeitos do 7º ano referem mais vezes que os sujeitos agressivos serão fracos. Este resultado poderá estar relacionado com a capacidade crescente de analisar o que está por detrás da aparência da força ou do comportamento agressivo. Os sujeitos do 7º ano não consideraram o argumento da força aliado ao comportamento agressivo, tendo partido na busca de outro tipo de justificações, pensando inclusive na própria "fraqueza" do sujeito. Ao nível do 4º ano os sujeitos parecem fazer uma análise mais concreta do comportamento agressivo, tendo tendência a limitarem-se às suas características concretas e observáveis, onde a força parece dominar e atribuindo-a aos sujeitos de forma definitiva.

## 2.9. ANÁLISE DA PERGUNTA 9

**Pergunta 9: “Às vezes entre os professores e os alunos também há agressividade, tu achas que os professores também são agressivos?”**

**Quadro14: Distribuição das respostas dos dois grupos de nível de escolaridade/idade distintos pelas 3 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 9 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano	Patronato 4º Ano	Global 4º Ano	F.B. 7ºAno 2ª	F.B. 1ºAno 3ª	Global 7º Ano
A - Sim		3	6	9	5	2	7
B -Só às vezes		1	3	4	5	7	12
C - Não		2	1	3	1	0	1
Nº de respostas		6	10	16	11	9	20

↓  
Não responderam 4 crianças do Grão Vasco

Relativamente a esta categoria, surge um dado novo neste trabalho que é a ausência de resposta de 4 sujeitos do 4º ano. Contaremos portanto apenas com 16 respostas do 4º ano. Este dado parece vir indicar a dificuldade que algumas crianças encontram em falar da agressão / comportamento agressivo de um adulto, que é provavelmente visto como superior, detentor do poder e da autoridade. Confrontados com a questão 9, 4 não responderam, evitando provavelmente, criar um conflito por pensarem que aquilo que sentem em relação ao professor não vai ao encontro daquilo que julgam dever ser característica de uma figura destacada pelo seu poder / autoridade.

Quanto à categoria “A”, verificamos que uma grande maioria (+ de 50% ) dos sujeitos que responderam do 4º ano, pensam que os professores são de facto agressivos. A afirmação da agressividade do professor é superior nos sujeitos do 4º ano. Uma maior distância, e talvez um maior respeito em

relação a uma figura frequentemente idealizada, levarão, simultaneamente, estas crianças a ter respeito e temor pela "autoridade do professor". Este dado clarifica que os sujeitos mais novos vêem frequentemente o professor como uma figura normalmente agressiva. Estará de facto a agressividade presente de forma tão intensa nas escolas primárias? De que forma esta marcará o desenvolvimento das crianças que se amedrontam face à presença de um líder autoritário e agressivo? Teremos talvez que pensar na ligação que os sujeitos mais novos poderão fazer entre autoridade e agressividade.

Apesar da diferença entre os sujeitos do 4º e do 7º ano ser notória, existem contudo 35 % dos sujeitos do 7º ano que consideram os professores como sendo agressivos.

Quanto à categoria "B" "**Só às vezes**", os sujeitos do 7º ano reconhecem com maior frequência, do que os do 4º ano, que o professor poderá, por vezes, ser agressivo. 60% dos sujeitos têm esta ideia. Pensamos que eles, pela pluralidade de professores que têm, se poderão aperceber das diferenças que existem entre estes, e a partir daí fazer uma análise mais fina e precisa daquilo que é de facto a agressividade num professor. Desta forma, a avaliação do comportamento agressivo do professor poderá estar mais diferenciada da noção de autoridade e de poder, permitindo que a avaliação se faça a partir de situações concretas que limitam a percepção do comportamento agressivo.

O desenvolvimento moral e a capacidade crescente de julgamento de uma determinada acção alterará a forma como os sujeitos do 4º e 7º ano podem avaliar o comportamento agressivo do professor. Nos sujeitos do 7º ano o comportamento agressivo do professor não será, avaliado por si só, isolado da situação, descontextualizado, mas sim na sua relação com as acções da criança, numa situação contextual. Os sujeitos do 7º ano terão ainda maior facilidade em analisar as atitudes do professor e a sua adequação à situação

de sala de aula. Este facto poderá levá-los a uma maior responsabilização face aos seus actos e às consequências que eles poderão ter. Será portanto com mais facilidade estabelecida uma relação entre o acto e a consequência (incluindo o comportamento do professor), o que permitirá uma relação mais clara entre o comportamento agressivo e a situação que o desencadeou.

Relativamente à categoria "C"-**"Não"**, verificamos que, apesar da pequena frequência de resposta, foram mais os sujeitos do 4º ano do que os do 7º ano, que afirmaram que o professor não é agressivo. Apesar de isso não nos permitir retirar uma conclusão sólida, poderemos pensar sobre o seu significado. A idealização do professor, como já foi visto, está mais presente nos primeiros anos de escolaridade, onde ele poderá ser vivido como um prolongamento das figuras parentais. A sua autoridade e poder seriam aceites, e o professor também seria "Alguém bom que ensina os meninos". Ao nível do 4º ano poderemos encontrar ainda alguns sujeitos que, provavelmente, pensam o professor desta forma e não ousam criticá-lo. (Lembramos as 4 recusas de resposta) Ao nível do 7º ano será já mais difícil conceber o professor como um personagem perfeito, fazendo apenas boas acções. As suas acções serão postas em causa, avaliadas, e permitirão a formação de um juízo baseado em características concretas da realidade.

## 2.10. ANÁLISE DA PERGUNTA 10

**Pergunta 10:** “*Nas altura em que os professores ralham, põe de castigo, são agressivos de alguma maneira, achas que eles têm razão ? Achas que é justo ?*”

**Quadro15:** Distribuição das respostas dos dois grupos de nível de escolaridade/idade distintos pelas 3 categorias descritas.

Categorias de resposta pergunta 10 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano	Patronato 4º Ano	Global 4º Ano	F.B. 7ºAno 2ª	F.B. 7ºAno 3ª	Global 7º Ano
A - São justos / Avaliam bem		3	2	5	2	0	2
B -Não são justos		2	0	2	1	4	5
C - Às vezes sim, outras vezes não		5	8	13	6	7	13
Nº de respostas		10	10	20	9	11	20

Ao nível desta pergunta verificamos que a maioria dos sujeitos, tanto do 4º como do 7º ano, referem que o professor por vezes é justo e por vezes não o é- “C”. Este resultado indica como os sujeitos são capazes de fazer a sua própria avaliação das situações, apercebendo-se da adequação do comportamento dos professores. O facto dos professores, por vezes, não serem justos, falharem nas suas avaliações e atitudes, não os classifica imediatamente como “Injustos”, pois, nesta avaliação, parecem também pesar as vezes em que o comportamento do professor é “Justo.”

Quanto às duas categorias “A”-“**São justos / Avaliam bem**” e “B”-“**Não são justos**”, foram referidas por alguns sujeitos, o que revela existir quem considere os professores basicamente injustos ou basicamente justos. As

diferenças de frequência de resposta a esta categoria pelos sujeitos do 4º e do 7º ano não parecem significativas. Destaca-se uma ligeira diferença entre os sujeitos do 4º e do 7º ano, no sentido dos primeiros referirem mais vezes que os professores são incondicionalmente “justos”, e os segundos referirem mais vezes que são incondicionalmente “não justos”. Esta pequena diferença parece indicar uma tendência no sentido dos sujeitos deixarem de idealizar o professor.

### 3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO EM FUNÇÃO DO SEXO DOS SUJEITOS

#### 3.1. ANÁLISE DA PERGUNTA 1

*Pergunta 1 - "Tu sabes que às vezes os (as) meninos (pessoas) são maus (más) uns (umas) para os (as) outros (outras) , batem-se, chamam-se nomes... porque é que tu achas que fazem isso? "*

**Quadro 16: Distribuição das respostas dos sujeitos do sexo feminino e masculino do 4º e 7º ano, pelas 4 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 1 ↓	Níveis de escolaridade → Sexo →	Grão Vasco 4º Ano		Patronato 4º Ano		Global 4º Ano		F.B. 7ºAno 2ª		F.B. 7ºAno 3ª		Global 7º Ano		Global 4º e 7º Ano	
		M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.
A - Influência do meio familiar		1	0	1	1	2	1	3	4	4	2	7	6	9	7
B - Causas intrínsecas / Características pessoais		3	5	0	3	3	8	0	5	4	1	4	6	7	14
C - Consequência de situações externas		0	0	0	0	0	0	1	2	0	1	1	3	1	3
D - Consequência de comportamentos e acções directos dos outros		2	1	5	1	7	2	0	0	0	1	0	1	7	3
Nº de respostas		6	6	6	5	12	11	4	11	8	5	12	16	24	27

Relativamente à questão 1 e tendo em conta a diferença de sexos: feminino e masculino do 4º e do 7º ano, destaca-se a categoria "B"-**"Causas intrínsecas"**. As raparigas do 4º ano referem com bastante mais frequência este tipo de argumento do que os rapazes do mesmo ano. Elas parecem justificar mais vezes a agressão através de causas intrínsecas, responsabilizando o sujeito pelos seus actos.

Pelo seu lado, os rapazes do 4º ano referem mais vezes argumentos pelos quais associam a agressão a uma situação de resposta a um ataque prévio, considerando-a numa vertente de retaliação.

Relativamente ao 7º ano, a justificação do comportamento agressivo através de características intrínsecas ao sujeito é bastante assinalada por ambos os sexos, não sobressaindo uma diferença considerável entre ambos. Apesar de tudo as raparigas assinalam esta categoria ligeiramente mais. As diferenças encontradas na forma de justificação da agressividade entre os rapazes e as raparigas parecem tender a esbater-se com a idade.

### 3.2. ANÁLISE DA PERGUNTA 2

**Pergunta 2: “ Porque é que tu achas que há uns (umas) meninos (pessoas) que fazem que fazem mais isso do que outros ( outras) ...? Que são mais maus (más) , que se batem mais do que outros (outras)”**

**Quadro 17: Distribuição das respostas dos sujeitos do sexo feminino e masculino do 4º e 7º ano, pelas 4 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 2 ↓	Níveis de escolaridade → Sexo →	Grão Vasco 4º Ano		Patronato 4º Ano		Global 4º Ano		F.B. 7ºAno 2ª		F.B. 7ºAno 3ª		Global 7º Ano		Global 4º e 7º Ano	
		M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.
A - Questões de influência familiar		1	3	3	3	4	6	1	4	2	1	3	5	7	11
B - Causas intrínsecas / Características pessoais		2	0	2	1	4	1	1	2	2	3	3	5	7	6
C - Consequência de situações ou acções do meio		1	1	0	1	1	2	1	3	2	0	3	3	4	5
D - Relacionado com comportamentos e atitudes que tomam		2	1	1	2	3	3	1	0	1	0	2	0	5	3
Nº de respostas		6	5	6	7	12	12	4	9	7	4	11	13	23	25

Relativamente à pergunta 2 as diferenças entre sexos não parecem evidenciar-se significativamente em nenhuma das categorias de resposta, tanto para o 4º como para o 7º ano. Salientamos porém que entre os sujeitos do 4º e 7º ano no que respeita à categoria "A" -"**Influência familiar**" e nos sujeitos do 4º ano no que respeita à categoria "B"-"**Causas intrínsecas/características pessoais**", parece esboçar-se uma ligeira diferença. Dos 10 indivíduos que justificaram o comportamento dos sujeitos agressivos e não - agressivos a partir da influência familiar "A" no 4º ano, 6 são raparigas e apenas 4 são rapazes, e no 7º ano dos 8 sujeitos, 5 são raparigas e apenas 3 são rapazes. Na categoria "B", existem 4 rapazes do 4º ano que referem esta categoria e apenas uma rapariga que a refere.

É interessante verificar que a categoria "B" presente tanto na questão 1 como na questão 2, é referida em ambos os momentos de forma bastante diferente, sendo que na pergunta 1 é referida por 11 sujeitos ( 8 raparigas e 3 rapazes) e na pergunta 2 é apenas referida por 5 sujeitos (1 rapariga e 4 rapazes). A que poderemos atribuir esta diferença, visto serem os mesmos sujeitos questionados? Provavelmente ao facto dos sujeitos, quando confrontados com a constatação das diferenças existentes no comportamento terem menos tendência em atribuir esta diferença às suas características internas, criando uma dicotomia entre sujeitos com boas características internas e sujeitos com más características internas.

Quando a situação se põe apenas em termos da justificação do comportamento agressivo dos sujeitos, não se cria a dicotomia más características internas / boas características internas, sendo mais fácil pensar a este nível. A confrontação entre os sujeitos agressivos e não agressivos levará os sujeitos questionados a procurarem causas relacionadas com influências externas como sejam as questões da influência familiar, anulando a importância atribuída às características internas.

### 3.3. ANÁLISE DA PERGUNTA 3

**Pergunta 3:** “Quando isso acontece contigo, quando algum (a) menino (pessoa) te bate ou é mau (má) para ti o que é que tu fazes?”

**Quadro 18:** Distribuição das respostas dos sujeitos do sexo feminino e masculino do 4º e 7º ano, pelas 4 categorias descritas.

Categorias de resposta pergunta 3 ↓	Níveis de escolaridade → Sexo →	Grão Vasco 4º Ano		Patronato 4º Ano		Global 4º Ano		F.B. 7ºAno 2ª		F.B. 7ºAno 3ª		Global 7º Ano		Global 4º e 7º Ano	
		M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.
A - Defesa por agressão física ou verbal		4	5	3	4	7	9	3	3	6	3	9	6	16	15
B - Queixa		0	2	2	3	2	5	0	0	0	0	0	0	2	5
C - Fuga declarada		2	1	1	1	3	2	1	4	3	2	4	6	7	8
D - Compreensão e conselhos verbais		1	1	2	0	3	1	1	4	3	0	4	4	7	5
Nº de respostas		7	9	8	8	15	17	5	11	12	5	17	16	32	33

Na pergunta 3 importa salientar algumas diferenças entre as respostas dadas pelos sujeitos do sexo masculino e feminino. Ao nível do 4º ano, verificamos que dos 7 sujeitos que referem queixar-se a alguém “B”, 5 são raparigas e apenas 2 são rapazes. Este dado parece indicar uma maior tendência nas raparigas para recorrerem à ajuda de outros, talvez pela existência de uma maior dependência e ainda pela vivência de um sentimento de fragilidade que as levará a optarem por esta atitude “fazer queixa”, independentemente de poderem em simultâneo mobilizar a sua própria defesa. No 7º ano não existe qualquer diferença, já que nenhum sujeito referiu no seu discurso algo categorizável a nível da “Queixa”. Nas respostas às outras categorias notam-se algumas pequenas diferenças, sobretudo ao nível do 4º ano, mas que em nosso entender não são suficientemente relevantes para serem analisadas em si mesmas.

### 3.4. ANÁLISE DA PERGUNTA 4

**Pergunta 4: “Nessas alturas o que é que tu ficas a pensar ?**

**Quadro 19: Distribuição das respostas dos sujeitos do sexo feminino e masculino do 4º e 7º ano, pelas 4 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 4 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano		Patronato 4º Ano		Global 4º Ano		F.B. 7ºAno 2ª		F.B. 7ºAno 3ª		Global 7º Ano		Global 4º e 7º Ano	
		M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.
A - Sentimentos		1	0	0	2	1	2	0	0	3	1	3	1	4	3
B - Não penso / Não ligo		0	0	0	0	0	0	0	1	3	0	3	1	3	1
C - Atribuição de características a quem agride		1	2	0	1	1	3	0	2	1	1	1	3	2	6
D - Forma de agir , o que posso fazer ou dizer		3	1	1	1	4	2	2	0	2	2	4	2	8	4
E- Juízo de valor / Porquê da agressividade		1	1	2	2	3	3	1	3	2	0	3	3	6	6
F- Consequências do acto agressivo		0	1	1	0	1	1	1	0	1	0	2	0	3	1
Nº de Respostas		6	5	4	6	10	11	4	6	12	4	16	10	26	21

Na pergunta 4 constata-se uma grande dispersão das respostas pelas várias categorias, havendo conseqüentemente uma baixa frequência em cada uma delas. Da análise dos resultados sobressai uma tendência, em ambos os níveis de escolaridade, que se expressa tanto na categoria “C”-“**Atribuição de características a quem agride**” como na categoria “D”-“**Forma de agir , o que posso fazer ou dizer**”. Verifica-se que as raparigas terão maior tendência para procurar atribuir características a quem agride e os rapazes, por seu lado, a pensar mais naquilo que poderão fazer ou dizer face à presença de um acto agressivo. O discurso predominante nas raparigas, que toma lugar na categoria “C”, parece indicar uma atitude mais reflexiva, talvez de maior compreensão da situação. Por seu lado as respostas da

categoria “D”, fundamentalmente expressas por rapazes, parecem revelar uma maior tendência para a acção, para a procura de uma forma de retaliação física ou verbal.

### 3.5. ANÁLISE DA PERGUNTA 5

**Pergunta 5: “Nestas situações tu costumavas pedir ajuda a outros ?**

**Quadro 20 : Distribuição das respostas dos sujeitos do sexo feminino e masculino do 4º e 7º ano, pelas 4 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 5 ↓	Níveis de escolaridade → Sexo →	Grão Vasco 4º Ano		Patronato 4º Ano		Global 4º Ano		F.B. 7ºAno 2ª		F.B. 7ºAno 3ª		Global 7º Ano		Global 4º e 7º Ano	
		M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.
A - Não		2	0	2	0	4	0	1	4	5	1	6	5	10	5
B - Sim		2	5	2	5	4	10	0	1	0	2	0	3	4	13
C - Às vezes		1	1	1	0	2	1	2	1	2	1	4	2	6	3
Nº de respostas		5	6	5	5	10	11	3	6	7	4	10	10	20	21

Ao nível da pergunta 5, surgem alguns dados interessantes. Logo ao nível da categoria “A”-“Não”, notamos que os rapazes referem, consideravelmente mais vezes do que as raparigas, o facto de não necessitarem de ajuda. Esta diferença talvez possa revelar uma posição de maior autonomia e uma maior confiança na capacidade de auto-defesa dos rapazes. Esta tendência parece esbater-se com a idade, sendo que, ao nível do 7º ano, a frequência de resposta das raparigas e rapazes categorizada em “A” é quase equivalente.

Em paralelo, o número de raparigas do 4º ano que dizem pedir ajuda “C” quer a Educadores / Professores, quer a pais ou outros, é francamente superior ao de rapazes. Estas respostas poderão evidenciar uma maior

dependência da sua parte e uma maior facilidade na elaboração deste pedido de ajuda. Serão indicativas de alguma insegurança face à sua capacidade de defesa. Mais uma vez esta diferença entre as respostas dos dois sexos nos sujeitos do 4º ano tende a desaparecer com o crescimento. Nos sujeitos do 7º ano esta diferença, apesar de existir, é já bastante mais ténue, não se tornando relevante.

Em relação à categoria "C" os dados não clarificam qualquer diferença entre os sexos masculino e feminino destes dois níveis de escolaridade.

### 3.6. ANÁLISE DA PERGUNTA 6

**Pergunta 6: "Ajudas os outros quando alguém está a ser mau para eles ?"**

**Quadro 21: Distribuição das respostas dos sujeitos do sexo feminino e masculino do 4º e 7º ano, pelas 4 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 6 ↓	Níveis de escolaridade → Sexo →	Grão Vasco 4º Ano		Patronato 4º Ano		Global 4º Ano		F.B. 7º Ano 2ª		F.B. 7º Ano 3ª		Global 7º Ano		Global 4º e 7º Ano	
		M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.
A - Sim		3	3	5	3	8	6	1	3	6	3	7	6	15	12
B - Às vezes, com condições		2	2	0	2	2	4	2	3	1	1	3	4	5	8
Nº de respostas.		5	5	5	5	10	10	3	6	7	4	10	10	20	20

Ao nível desta questão, podemos verificar uma ligeira tendência por parte dos rapazes para se disporem a ajudar alguém que precise deles. Esta tendência é contudo bastante ténue e não merece grande relevo, sendo sintomática da ideia de que o rapaz, mais forte, habitualmente mais envolvido em brincadeiras e conflitos físicos, estará mais preparado para se envolver numa situação desse tipo ao ajudar alguém. No entanto a solidariedade, companheirismo e fidelidade presentes em qualquer prestação de ajuda, são certamente características tanto da amizade

masculina como feminina, levando por isso a que o argumento acima exposto não seja responsável pela divergência dos dados.

As raparigas, por seu lado, parecem tender a pôr mais condições para prestar ajuda do que os rapazes, referindo mais vezes a categoria "B" - "**Às vezes, com condições**". Parecem adoptar uma atitude mais cautelosa, transparecendo uma maior capacidade de análise da situação, sendo que os rapazes mais impulsivos, provavelmente não se questionarão da mesma forma sobre as condições presentes neste tipo de situações. Como já foi referido na análise dos níveis de escolaridade, é interessante verificar como nenhum sujeito, seja do sexo feminino ou masculino, recusa a ajuda de forma clara e imediata.

### 3.7. ANÁLISE DA PERGUNTA 7

*Pergunta 7: "Tu achas que os meninos que batem e que são maus têm amigos ou não?"*

**Quadro 22 : Distribuição das respostas dos sujeitos do sexo feminino e masculino do 4º e 7º ano, pelas 4 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 4 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano		Patronato 4º Ano		Global 4º Ano		F.B. 7ºAno 2ª		F.B. 7ºAno 3ª		Global 7º Ano		Global 4º e 7º Ano	
		M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.
A - Têm dificuldade em fazer amigos		0	0	0	0	0	0	0	2	1	1	1	3	1	3
B - Têm amigos por pouco tempo ou em condições precárias		3	2	1	0	4	2	1	3	1	0	2	3	6	5
C - Têm amigos agressivos, más companhias		1	2	1	1	2	3	2	0	4	1	6	1	8	4
D - Não têm amigos		1	1	3	4	4	5	0	1	1	2	1	3	5	8
Nº de Respostas		5	5	5	5	10	10	3	6	7	4	10	10	20	20

Na pergunta 7 destacam-se as respostas categorizadas em "C"-**"Têm amigos agressivos, más companhias"**. Nesta categoria, em relação aos sujeitos do 7º ano, verificamos que os rapazes referem significativamente mais vezes este argumento. Tal diferença não toma expressão ao nível do 4º ano. Talvez os rapazes mais velhos tenham maior consciência da forma como as características pessoais podem influenciar o tipo de amizades de cada um. Deste modo, os sujeitos agressivos, tenderiam a ter amizades com sujeitos igualmente agressivos. Estes sujeitos não negam a possibilidade da amizade mas pensam-na deste modo: Sujeitos agressivos → Amizades agressivas.

Verificamos ainda que existem mais sujeitos do sexo feminino que pensam que os sujeitos agressivos terão dificuldade em fazer amigos ou não terão mesmo amigos. Este tipo de argumento é apenas dado pelos sujeitos mais velhos.

### 3.8. ANÁLISE DA PERGUNTA 8

*Pergunta 8: "Achas que esses meninos são fortes ou fracos ?"*

Quadro 23: Distribuição das respostas dos sujeitos do sexo feminino e masculino do 4º e 7º ano, pelas 4 categorias descritas.

Categorias de resposta pergunta 8 ↓	Níveis de escolaridade →	Grão Vasco 4º Ano		Patronato 4º Ano		Global 4º Ano		F.B. 7ºAno 2ª		F.B. 7ºAno 3ª		Global 7º Ano		Global 4º e 7º Ano	
		M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.
A - Uns fortes , outros fracos		1	1	0	2	1	3	1	1	1	1	2	2	3	5
B - Fortes		3	4	2	3	5	7	2	1	4	2	6	3	11	10
C - Fracos		0	0	3	0	3	0	0	3	2	1	2	4	5	4
D - Dentro fracos / fora fortes		1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	1	1
Nº de Respostas		4	6	5	5	9	11	3	6	7	4	10	10	20	20

Não se verificam diferenças em termos das respostas dadas pelos sujeitos femininos e masculinos. Aliás, algumas pequenas diferenças, encontradas ao nível de um dos anos de escolaridade, são contraditadas, pelo outro ano, anulando-se o peso que qualquer uma delas poderia ter ao considerarmos o sexo dos sujeitos.

### 3.9. ANÁLISE DA PERGUNTA 9

*Pergunta 9: “Às vezes entre os professores e os alunos também há agressividade, Tu achas que os professores às vezes também são agressivos.*

**Quadro 24 : Distribuição das respostas dos sujeitos do sexo feminino e masculino do 4º e 7º ano, pelas 3 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 9 ↓	Níveis de escolaridade → Sexo →	Grão Vasco 4º Ano		Patronato 4º Ano		Global 4º Ano		F.B. 7ºAno 2ª		F.B. 7ºAno 3ª		Global 7º Ano		Global 4º e 7º Ano	
		M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.
A - Sim		2	1	3	3	5	4	1	1	4	1	5	2	10	6
B - Só às vezes		0	1	2	1	2	2	2	5	2	3	4	8	6	10
C - Não é agressivo		1	1	0	1	1	2	0	0	1	0	1	0	2	2
Nº de Respostas		3	3	5	5	8	8	3	6	7	4	10	10	18	18

As diferenças encontradas ao nível da pergunta 9 relativamente às respostas dadas pelos 2 sexos, são bastante mais claras nos sujeitos do 7º ano. Os sujeitos masculinos dizem que os professores são agressivos bastante mais vezes que os femininos. Estas, por seu lado, dizem que os professores são agressivos **“Só às vezes”**-“B”. São menos categóricas ao pensarem na agressividade dos professores e tendem a associa-la aos contextos, avaliando-a em função destes. Parece haver aqui, mais uma vez, uma atitude mais cautelosa, mais reflexiva e menos imediata nos julgamentos que fazem.

### 3.10. ANÁLISE DA PERGUNTA 10

**Pergunta 10:** “Nas altura em que os professores ralham, põe de castigo, são agressivos de alguma maneira, achas que eles têm razão ? Achas que é justo ?

**Quadro 25 :** Distribuição das respostas dos sujeitos do sexo feminino e masculino do 4º e 7º ano, pelas 3 categorias descritas.

Categorias de resposta pergunta 10 ↓	Níveis de escolaridade → Sexo →	Grão Vasco 4º Ano		Patronato 4º Ano		Global 4º Ano		F.B. 7ºAno 2ª		F.B. 7ºAno 3ª		Global 7º Ano		Global 4º e 7º Ano	
		M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.
A - São justos / avaliam bem		0	3	1	1	1	4	0	2	0	0	0	2	1	6
B - Não são justos		1	1	0	0	1	1	0	1	3	1	3	2	4	3
C - Às vezes sim outras não		4	1	4	4	8	5	3	3	4	3	7	6	15	11
Nº de Respostas		5	5	5	5	10	10	3	6	7	4	10	10	20	20

Quando pedimos aos sujeitos para avaliarem se os professores são ou não são justos, verificamos que a maioria deles, de ambos os sexos, refere algo categorizável a nível de “C”- **“Às vezes sim, outras não”**. Entre os sujeitos cujo discurso é categorizável em “A”-**“São justos / Avaliam bem”**, verificamos uma maioria do sexo feminino, tanto do 4º como do 7º ano. As raparigas, especialmente do 4º ano, parecem visualizar o professor como alguém justo nas suas atitudes e avaliações. A incidência deste tipo de resposta no grupo feminino leva-nos a pensar na facilidade ou cuidado que têm em manter a imagem do professor idealizada, não ousando contesta-la, havendo maior tendência na aceitação das atitudes do professor. Será que o seu comportamento é também mais calmo, menos perturbador existindo menos oportunidades de conflito? A adaptação da sua postura e comportamento às normas do professor, levará a que sejam menos frequentes as situações nas quais as raparigas se poderiam questionar sobre a adequação do comportamento do professor.

#### 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO EM FUNÇÃO DA AGRESSIVIDADE

Nesta análise consideramos apenas 8 sujeitos do 7º ano (4 “agressivos” e 4 “não agressivos”) e 7 sujeitos do 4º ano (3 “agressivos” e 4 “não agressivos”)

##### 4.1. Análise da pergunta 1

**Pergunta 1:** *“Tu sabes que às vezes os (as) meninos (pessoas) são maus (más) uns (umas) para os (as) outros (outras), batem-se, chamam-se nomes... Porque é que tu achas que fazem isto ?”*

**Quadro 26 :** Distribuição das respostas dos dois grupos de sujeitos “agressivos” e “não agressivos” dos dois níveis de escolaridade pelas 4 categorias descritas.

Categorias de resposta pergunta 1 ↓	Sujeitos “Agressivos” e “Não agressivos” Níveis de escolaridade→	“Não agressivos” 4º Ano	“Agressivos” 4º Ano	“Não agressivos” 7º Ano	“Agressivos” 7º Ano	4º / 7ºano	
						N.Agr./Agr.	
A - Influência do meio familiar		1	1*	1*	4	2	6
B - Causas intrínsecas /Características pessoais		1	0	4	1*	5	1
C - Consequência de situações externas		1	0	0	1*	1	1
D - Consequência de comportamentos e acções directas dos outros		1	3	0	0	1	3
Nº de respostas		4	4	5	6	9	11

Ao nível do 4º ano verificamos que o discurso dos diferentes sujeitos “não agressivos” abrange as 4 categorias de resposta. Não se verificando padrão típico para justificar o comportamento agressivo que estivesse associado especificamente aos sujeitos “ não agressivos “ mais novos.

Em relação ao discurso dos sujeitos “agressivos” do 4º ano, verificamos que os 3 sujeitos em questão pensam ou justificam o comportamento agressivo através de argumentos de retaliação. O comportamento agressivo é justificado pela acção do outro, é uma resposta a uma acção provocatória.

É interessante a utilização destes argumentos surgir sobretudo nos sujeitos “agressivos” e nos mais novos. Pensamos que o comportamento agressivo nesta etapa da desenvolvimento, passa sobretudo pela acção e é muitas vezes defensivo. Não se tratando, portanto, de uma acção anticipatória.

Relativamente aos sujeitos do 7º ano, apresenta-se-nos outro quadro no qual as justificações dadas pelos sujeitos “Não agressivos” para o comportamento agressivo centram-se, na sua globalidade, em argumentos que implicam uma relação com causas intrínsecas ao sujeito. Este dado leva-nos a pensar sobre a existência de um pensar introspectivo, já facilitado, nesta idade, pelo próprio desenvolvimento cognitivo do sujeito. O facto deste tipo de argumentos surgir fundamentalmente nos sujeitos “não agressivos”, leva-nos ainda a reflectir sobre as razões que possibilitarão este tipo de reflexão. Provavelmente os sujeitos “não agressivos” tenderão a pesquisar dentro de si mesmos as justificações para os diferentes comportamentos. Na tentativa de os justificar, fazem fundamentalmente uma atribuição interna, tentando entender a interdependência do sujeito, e suas razões, com as suas acções. Poderemos mais uma vez entendê-los como sujeitos mais predispostos para o “pensar” e o “reflectir”.

Os sujeitos “agressivos” do 7º ano, apresentam as suas justificações sempre relacionadas com a influência do meio familiar. É interessante que agora o que justifica o comportamento agressivo são razões que já não pertencem

aos próprios sujeitos, sendo atribuídas a fenómenos ou situações externas. Talvez estes sujeitos se possam desresponsabilizar, tranquilizar enquanto acreditam que o comportamento agressivo, próprio e dos outros, se justifica fundamentalmente por razões de ordem familiar. Poderemos também pôr a hipótese de se tratarem de sujeitos que provém de famílias conflituosas onde, efectivamente, o padrão de relação seja marcado por uma certa agressividade. Existem 2 destes sujeitos que apresentam no seu discurso outro tipo de argumentos.

## 4.2. ANÁLISE PERGUNTA 2

**Pergunta 2 : “Porque é que tu achas que há uns (umas) meninos (pessoas) que fazem mais isso do que outros (outras) ? Que são mais maus (más), que se batem mais do que outros (outras) ?”**

**Quadro 27 : Distribuição das respostas dos dois grupos de sujeitos “agressivos” e “não agressivos” dos níveis de escolaridade pelas quatro categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 2 ↓	Sujeitos “Agressivos” e “Não agressivos” Níveis de escolaridade→	“Não agressivos” 4º Ano	“Agressivos” 4º Ano	“Não agressivos” 7º Ano	“Agressivos” 7º Ano	4º Ano e 7º Ano N.Agr./Agr.	
						4º Ano	7º Ano
A - Questões de Influência familiar		3	1	2	1	5	2
B - Causas intrínsecas / Características pessoais internas		1	1	2	1	3	2
C - Consequência de situações ou acções do meio		0	1	1	1	1	2
D - Relacionado com comportamentos e atitudes que tomam		1	0	0	2	1	2
Nº de respostas		5	3	5	5	10	8

\* Existe um sujeito do 7º ano que não responde.

Ao nível da questão 2, em que se procura que os sujeitos estabeleçam uma comparação entre os factores que poderão estar na base de comportamentos agressivo e não - agressivo, não se evidenciam diferenças consideráveis no 7º ano. Existem apenas dois sujeitos agressivos cujo discurso foi categorizado em “D”, não tendo sido esta categoria utilizada por nenhum dos sujeitos “ não agressivos” do 7º ano.

Ao nível do 4º ano temos 3 sujeitos “não agressivos” cujo discurso foi categorizado em “A”-“**influência familiar**”, o que indicará que estes parecem pensar o comportamento agressivo como sendo consequência de influências e relações familiares. Os sujeitos “agressivos” do 4º ano atribuem a justificação para o comportamento agressivo a causas dispersas, não se evidenciando nenhuma em particular.

### 4.3. ANÁLISE PERGUNTA 3

**Pergunta 3:** “Quando isso acontece contigo, quando algum (a) menino(a) (pessoa) te bate ou é mau (má) para ti o que é que tu fazes ?”

**Quadro 28 :** Distribuição das respostas dos dois grupos de sujeitos “agressivos” e “não agressivos” dos dois níveis de escolaridade pelas quatro categorias descritas.

Categorias de resposta pergunta 3 ↓	Sujeitos “Agressivos” e “Não agressivos” / Níveis de escolaridade→	“Não agressivos” 4º Ano	“Agressivos” 4º Ano	“Não agressivos” 7º Ano	“Agressivos” 7º Ano	4º e 7º Ano N.Agr / Agr.	
A - Defesa por agressão física ou verbal		3	2	3	4	6	6
B - Queixa		1	1	0	0	1	1
C - Fuga declarada / Ignorar		3	1	0	0	3	1
D - Compreensão e conselhos verbais		1	0	2	3	3	3
Nº de respostas		8	4	5	7	13	11

Na pergunta 3 é interessante verificar como no grupo do 7º ano, tanto as crianças “agressivas” como as “não agressivas”, polarizaram as suas justificações a dois níveis : “A” e “D” respectivamente **“Defesa por agressão”**, **“Compreensão e conselhos verbais”**, não se evidenciando outras formas de acção face a uma eventual agressão. Os sujeitos “agressivos” e “não agressivos” tendem a defender-se de forma idêntica seja por “agressão” seja por “compreensão” .

Apenas um sujeito do grupo “não agressivo” refere unicamente a categoria “D”- **“Compreensão e conselhos verbais”**, ex: “Falar e dizer para não serem assim” ( 7º 2ª, suj.). Dentro do grupo dos sujeitos “não agressivos” existem dois sujeitos que dizem apenas defender-se através da agressão, (Categoria “A”). Desta análise podemos verificar que a forma de agir perante um eventual comportamento agressivo não será o que diferencia os sujeitos “agressivos” e “não agressivos” da nossa amostra.

No 4º ano a maior frequência de respostas apresenta-se na categoria “A”- **“Defesa por agressão”**, tanto ao nível dos sujeitos “agressivos” como dos “não agressivos”. Este facto vai ao encontro do que já foi referido para o 7º ano. Esta é de facto a categoria mais utilizada por todos os sujeitos.

Os sujeitos “não agressivos” utilizam ainda com frequência a resposta referente à categoria “C”- **“Fuga declarada / ignorar”**. Este tipo de resposta foi utilizado com a mesma frequência da resposta “agressão física ou verbal” por estes sujeitos. O mesmo não se verificou relativamente aos sujeitos “agressivos” que apenas assinalaram uma vez a ideia de “fuga declarada/ ignorar”. Este dado talvez possa ser indicador de uma maior tendência dos sujeitos agressivos para não responderem, ignorarem, tentarem não se envolver e, finalmente, não retaliarem.

#### 4.4. ANÁLISE DA PERGUNTA 4

**Pergunta 4:** "Nessas alturas o que é que tu ficas a pensar? "

**Quadro 29 :** Distribuição das respostas dos dois grupos de sujeitos "agressivos" e "não agressivos" dos dois níveis de escolaridade pelas 6 categorias descritas.

Categorias de resposta pergunta 4 ↓	Sujeitos "Agressivos" e "Não agressivos" / Níveis de escolaridade→	"Não agressivos" 4º Ano	"Agressivos" 4º Ano	"Não agressivos" 7º Ano	"Agressivos" 7º Ano	4º e 7º Ano	
						N.Agr. / Agr.	
A - Sentimentos		1	1	0	1	1	2
B - Não penso / Não ligo		0	0	0	2	0	2
C - Atribuição de características a quem agride		2	0	2	1	4	1
D - Forma de agir, o que posso fazer ou dizer		0	0	1	2	1	2
E - Juízo de valor / Porquê da agressividade		0	2	0	1	0	3
F - Consequência do acto agressivo		1	0	0	1	1	1
Nº de respostas		4	3 *	3 *	8	7	11

\* Existe um sujeito do grupo que não responde à questão.

Ao nível da questão 4 existem dois sujeitos que não respondem à questão: um elemento do 7º ano "não agressivo" e um elemento do 4º ano "agressivo". Na presente questão as respostas foram, de uma forma geral, muito variadas, o que levou à formação de inúmeras categorias.

Quanto ao 7º ano, os sujeitos "agressivos" parecem ter bastante mais facilidade de resposta do que os sujeitos "não agressivos". As respostas dos sujeitos agressivos são variadas e preenchem todas as categorias

elaboradas. Das escassas respostas dos “não agressivos” do 7º ano, parece existir maior tendência para avaliarem as características do agente agressor, provavelmente numa tentativa de entender e justificar a agressão. Ao nível dos sujeitos “agressivos” a maior frequência de resposta encontra-se na categoria “B” -“**Não penso / Não ligo** “ e da categoria “D”-“ **Forma de agir, que posso fazer ou dizer**”. Apesar de tudo, os sujeitos “agressivos” parecem mostrar maior tendência para traduzirem o que pensam em termos de acções, sejam elas “Não ligar” ou “Retaliar”. Este dado poderá indicar a emergência da sua necessidade de defesa.

No 4º ano as respostas dos sujeitos “não agressivos” incidem sobretudo na categoria “C”- “ **Atribuição de características a quem agride**”. Mais uma vez, parece existir uma tentativa de compreensão do acto e da pessoa agressiva. Esta categoria não é referida por nenhum dos elementos do grupo “agressivo”. Estes fazem incidir as suas respostas sobretudo ao nível da categoria “E”-“ **Juízo de valor**”, na qual se assiste a uma condenação do acto agressivo. O sujeito posiciona-se a um nível “superior”, para além do acto agressivo, podendo julgá-lo.

No 4º ano como do 7º ano verificamos que os sujeitos “não agressivos” parecem justificar, a gravidade do acto agressivo pela avaliação das características do sujeito que agride. O acto é justificado pelo seu agente, é responsabilizado o actor.

## 4.5. ANÁLISE DA PERGUNTA 5

Pergunta 5: “Nessas situações tu costumás pedir ajuda a outros ? Porquê? “

Quadro 30 : Distribuição das respostas dos dois grupos de sujeitos “agressivos” e “não agressivos” dos dois níveis de escolaridade pelas 3 categorias descritas.

Categorias de resposta pergunta 5 ↓	Sujeitos “Agressivos” e “Não agressivos” / Níveis de escolaridade→	“Não agressivos” 4º Ano	“Agressivos” ” 4º Ano	“Não agressivos” 7º Ano	“Agressivos” ” 7º Ano	4º e 7º Ano	
						N. Agr. / Agr.	
A - Não		0	1	2	2	2	3
B - Sim		2	2	0	0	2	2
C - Às vezes		2	0	2	2	4	2
Nº de respostas		4	3	4	4	8	7

Na questão 5, não se verifica qualquer diferença entre os sujeitos “agressivos” e “não-agressivos” do 7º ano. Deram com a mesma frequência argumentos categorizáveis em “A”-“**Não**” e em “C”- “**Às vezes**”. Nunca surge uma resposta declarada de pedido de ajuda.

Ao nível dos sujeitos do 4º ano verificamos que apenas um sujeito “agressivo” diz não pedir ajuda e portanto resolve o problema sozinho. Todos os outros sujeitos “agressivos” e “não agressivos” dizem pedir ajuda, sempre, ou apenas “Às vezes”. Os sujeitos “não agressivos” dizem pedir ajuda às educadoras / professores seja de forma definitiva, seja de forma condicional, dependendo da situação. Parece existir aqui ainda uma forte dependência em relação ao adulto, figura autoritária da escola.

Os sujeitos “agressivos” dizem pedir ajuda mas não especificam a quem. Não está claro que esse pedido de ajuda se dirija às educadoras ou

professoras. A dependência em relação a estas, na resolução de conflitos não é expressa de forma directa. Os pedidos de ajuda expressos pelos sujeitos, categorizados em "B" ou em "C", têm por objectivo a procura da protecção do adulto por se sentirem incapazes de o fazer sozinhos. Parece haver um sentimento de incapacidade de auto-defesa.

Relativamente aos sujeitos "agressivos" o pedido de ajuda surge, não para que o outro possa resolver a situação por si, mas para que possa vir ajudar a retaliar, para que a defesa se possa fortalecer. Há portanto uma defesa através de uma acção retaliatória para a qual o sujeito sente que necessita de ajuda.

#### 4.6. ANÁLISE DA PERGUNTA 6

**Pergunta 6: "Ajudas os (as) outros meninos (pessoas) quando alguém está a ser mau para eles (elas)?"**

**Quadro 31 : Distribuição das respostas dos dois grupos de sujeitos "agressivos" e "não agressivos" dos dois níveis de escolaridade pelas 3 categorias**

Categorias de resposta pergunta 6 ↓	Sujeitos "Agressivos" e "Não agressivos" / Níveis de escolaridade →	"Não agressivos" 4º Ano	"Agressivos" 4º Ano	"Não agressivos" 7º Ano	"Agressivos" 7º Ano	4º e 7º Ano	
						N.Agr. / Agr.	
A - Sim		2	3	3	3	5	6
B - Não		0	0	0	0	0	0
C - Às vezes, com condições		2	2	1	1	3	3
Nº de respostas		4	4	4	4	8	8

Ao nível da questão 6, os resultados obtidos no 7º e no 4º ano com os sujeitos "agressivos" e "não agressivos", são bastante homogéneos. A

Professoras. A dependência em relação a estas, na resolução de conflitos não é expressa de forma directa. Os pedidos de ajuda expressos pelos sujeitos, categorizados em "B" ou em "C", têm por objectivo a procura da protecção do adulto por se sentirem incapazes de o fazer sozinhos. Parece haver um sentimento de incapacidade de auto-defesa.

Relativamente aos sujeitos "agressivos" o pedido de ajuda surge, não para que o outro possa resolver a situação por si, mas para que possa vir ajudar a retaliar, para que a defesa se possa fortalecer. Há portanto uma defesa através de uma acção retaliatória para a qual o sujeito sente que necessita de ajuda.

#### 4.6. ANÁLISE DA PERGUNTA 6

**Pergunta 6: "Ajudas os (as) outros meninos (pessoas) quando alguém está a ser mau para eles (elas)?"**

**Quadro 31 : Distribuição das respostas dos dois grupos de sujeitos "agressivos" e "não agressivos" dos dois níveis de escolaridade pelas 3 categorias**

Categorias de resposta pergunta 6 ↓	Sujeitos "Agressivos" e "Não agressivos" / Níveis de escolaridade→	"Não agressivos" 4º Ano	"Agressivos" 4º Ano	"Não agressivos" 7º Ano	"Agressivos" 7º Ano	4º e 7º Ano	
						N.Agr. / Agr.	
A - Sim		2	3	3	3	5	6
B - Não		0	0	0	0	0	0
C - Às vezes, com condições		2	2	1	1	3	3
Nº de respostas		4	4	4	4	8	8

Ao nível da questão 6, os resultados obtidos no 7º e no 4º ano com os sujeitos "agressivos" e "não agressivos", são bastante homogéneos. A

maioria dos sujeitos diz ajudar incondicionalmente, sendo que apenas alguns dizem ajudar somente em determinadas condições. Os sujeitos “agressivos” do 4º ano dizem todos que ajudam sem qualquer tipo de condição. De qualquer forma, parece tornar-se claro que todos os sujeitos tanto do 7º como do 4º ano, “agressivos” e “não agressivos”, se prontificam a ajudar.

#### 4.7. ANÁLISE DA PERGUNTA 7

**Pergunta 7: “Tu achas que os (as) meninos (pessoas) que batem e que são maus (más) têm amigos ou não ? “**

**Quadro 32 : Distribuição das respostas dos dois grupos de sujeitos “agressivos” e “não agressivos” dos dois níveis de escolaridade pelas 4 categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 7 ↓	Sujeitos “Agressivos” e “Não agressivos” / Níveis de escolaridade→	“Não agressivos” 4º Ano	“Agressivos” 4º Ano	“Não agressivos” 7º Ano	“Agressivos” 7º Ano	4º e 7º Ano	
						N.Agr. / Agr.	
A - Têm dificuldade em fazer amigos		0	0	1	0	1	0
B - Têm amigos por pouco tempo ou em condições precárias		2	0	1	1	3	1
C - Têm amigos agressivos, más companhias		0	2	0	2	0	4
D - Não têm amigos		2	1	2	1	4	2
Nº de respostas		4	3	4	4	8	7

Ao nível desta pergunta, verifica-se, assim como na amostra global, que nenhum dos sujeitos concebe o estabelecimento de relações de amizade sem estar sujeito a alguma condição. Parece-nos que o resultado mais significativo é o facto de apenas os sujeitos “agressivos”, tanto do 7º como

do 4º ano, conceberem o estabelecimento de relações de amizade com sujeitos igualmente agressivos. Este argumento verifica-se ao nível do grupo “não agressivo”. Este dado leva-nos a pensar que o facto destes sujeitos se considerarem agressivos, e tendo certamente algumas relações de amizade estabelecidas, ser-lhes-á mais fácil conceber a amizade com um sujeito considerado agressivo. Nenhum sujeito “não agressivo” referiu esta ideia. Estes últimos, mais do que os “agressivos”, referiram que pessoas agressivas não teriam amigos, sendo-lhes mais difícil conceber que, para além da agressividade, os sujeitos poderiam ter outras características que facilitassem o estabelecimento de relações de amizade.

#### 4.8. ANÁLISE DA PERGUNTA 8

*Pergunta 8: “Achas que esses (essas) meninos (pessoas) são fortes ou fracos (as) ?”*

**Quadro 33 : Distribuição das respostas dos dois grupos de sujeitos “agressivos” e “não agressivos” dos dois níveis de escolaridade pelas 4 categorias descritas**

Categorias de resposta pergunta 8 ↓	Sujeitos “Agressivos” e “Não agressivos” / Níveis de escolaridade→	“Não agressivos” 4º Ano	“Agressivos” 4º Ano	“Não agressivos” 7º Ano	“Agressivo” 7º Ano	4º e 7º Ano N.Agr. /Agr.	
A - Uns são fortes outros são fracos		2	0	0	1	2	1
B - Fortes		1	2	2	2	3	4
C - Fracos		0	1	1	1	1	2
D - Dentro fracos, fora fortes		1	0	1	0	2	0
Nº de respostas		4	3	4	4	8	7

Ao nível da pergunta 8, não se evidenciam grandes divergências entre os sujeitos “agressivos” e “não agressivos”. A grande maioria dos sujeitos “agressivos” e “não agressivos” considera que as pessoas que agredem são normalmente fortes. Apesar de existirem outras respostas, nas quais é posta a possibilidade dos sujeitos serem fracos de diferentes formas, estas não parecem, contudo, corresponder a um discurso tipo de qualquer um dos dois grupos de sujeitos.

#### 4.9. ANÁLISE DA PERGUNTA 9

**Pergunta 9:** “ Às vezes entre os professores e os alunos também há agressividade, tu achas que os professores às vezes também são agressivos ?”

**Quadro 34 :** Distribuição das respostas dos dois grupos de sujeitos “agressivos” e “não agressivos” dos dois níveis de escolaridade pelas 3 categorias descritas

Categorias de resposta pergunta 9↓	Sujeitos “Agressivos” e “Não agressivos” / Níveis de escolaridade→	“Não agressivos”	“Agressivos”	“Não agressivos”	“Agressivo”	4º e 7º Ano	
		4º Ano	4º Ano	7º Ano	7º Ano	N.Agr. / Agr.	
A - Sim		2	2	1	1	3	3
B - Às vezes		1	1	3	2	4	3
C - Não		0	0	0	1	0	1
Nº de respostas		3 *	3	4	4	7	7

\* Há um sujeito que não responde à questão.

As respostas dos sujeitos a esta pergunta vão quase todas no sentido de indicar a presença da agressividade por parte do professor, seja ela ocasional ou sistemática.

Numa análise comparativa entre as respostas dos sujeitos “agressivos” e “não agressivos”, não se verificam diferenças a assinalar. Ao nível do 7º ano ambos os grupos referem, maioritariamente, que por vezes os professores são agressivos. No 4º ano a maioria dos sujeitos, de ambos os grupos, referem que o professor é normalmente agressivo. Não poderemos portanto pôr a hipótese de que os sujeitos “agressivos” e “não agressivos” tenham formas diferentes de pensar relativamente à agressividade do professor. Este dado poderá ser indicativo da existência de um relação idêntica entre o professor e qualquer um dos dois grupos de alunos. O comportamento agressivo do sujeito não parece desencadear um tipo de relação com o professor mais autoritária ou mais rígida.

#### 4.10. ANÁLISE DA PERGUNTA 10

*Pergunta 10 : “Nas alturas em que os professores ralham., põe de castigo, são agressivos de alguma maneira, achas que eles têm razão, achas que é justo ?”*

**Quadro 35 : Distribuição das respostas dos dois grupos de sujeitos “agressivos” e “não agressivos” dos dois níveis de escolaridade pelas três categorias descritas.**

Categorias de resposta pergunta 10 ↓	Sujeitos “Agressivos” e “Não agressivos” / Níveis de escolaridade→	“Não agressivos” 4º Ano	“Agressivos” 4º Ano	“Não agressivos” 7º Ano	“Agressivos” 7º Ano	4º e 7º Ano N. Agr./Agr.	
A - São justos		2	0	1	0	3	0
B - Não são justos		0	0	0	0	0	0
C - Às vezes, sim outras não		2	3	3	4	5	7
Nº de respostas		4	3	4	4	8	7

Relativamente à questão 10, é interessante verificar como apenas os sujeitos “não agressivos” afirmam que os “professores são justos” de forma definitiva,

sem condições. Poderá haver tendência dos sujeitos “não agressivos” para se relacionarem com estas figuras de autoridade (professores) de forma submissa, idealizando sempre o papel por estes desempenhado? Como se a inibição da agressividade, certamente presente, os impedisse de discordar, contestar e portanto quebrar a imagem idealizada construída?

Mas apesar de tudo a maioria das respostas dos sujeitos de ambos os anos categorizam-se em “C”. Nesta, afirma-se que os professores por vezes são agressivos, por vezes não o são. Parece-nos ser esta uma visão mais realista do professor tendo presente que este poderá cometer erros na avaliação do comportamento dos alunos, seja de forma consciente ou não.

## **5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS RELATIVOS AOS EPISÓDIOS CRÍTICOS.**

Os dados obtidos são resultado de um trabalho de análise do conteúdo das respostas dos sujeitos, a duas questões sobre os vários episódios críticos:

- a) O que pensas sobre isto ?
- b) Se isto acontecesse contigo ?

Através desta análise pretendemos retirar do discurso as unidades com sentido e significativas, que revelem a forma de pensar do sujeito. O discurso global dos sujeitos está apresentado em Anexo.

### **5.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS RELATIVOS AO EXTERNATO GRÃO VASCO**

Suj.1 - a) Condena o acto inicial que desencadeou a zanga

Condena também o sujeito que agrediu  
Propõe que podiam ter falado com calma

b) Põe-se no lugar do sujeito lesado.

Ficaria zangada "furiosa"  
Falaria com ela

Suj.2 - a) Condena a acção de quem vê a mala.

b) Põe-se no lugar do sujeito lesado

Ficaria zangada  
Não precisaria de ajuda

Suj.3 - a) Condena de início a interferência dos outros elementos no conflito

Condena a acção de quem mexe na mala

b) Põe-se no papel de lesada

Zangar-se-ia se não lhe pedissem autorização

- Suj.4 - a) Condena a acção que deu origem ao conflito  
Refere que o sujeito lesado deveria retaliar fazendo o mesmo
- b) Põe-se no lugar de lesada  
Diz ficar zangada se lhe fizessem o mesmo
- Suj.5 - a) Condena a intromissão de outros elementos, porque tudo se resolveria entre duas.  
Condena a acção do sujeito que vai à mala sem autorização
- b) Põe-se no lugar de lesada  
Refere ficar zangada se lhe fizessem o mesmo
- Suj.6 - a) Sujeito que mexe na mala é condenado  
Propõe uma alternativa para a resolução do problema que não passe pelo conflito, através de uma série de acções que o sujeito poderia ter feito.  
Refere que esta forma é uma grande ofensa.
- b) Põe-se no lugar de sujeito lesado  
Defende-se fazendo queixa a alguém responsável
- Suj.7 - a) Condena que a Rita (dona da mala) não aceitasse ajuda  
Não há justificação para a zanga da Rita
- b) Põe-se no lugar de sujeito lesado  
Banaliza a questão  
Aconselharia o sujeito a não repetir a acção
- Suj.8 - a) Condena a situação de conflito, referindo que a situação apesar de não estar correcta não justificava esta zanga.  
Não atribui razão a ninguém
- b) A sua reacção dependeria do sujeito que comete a acção. Se fôr amigo específico aceitaria, se não fosse provavelmente surgiria a zanga.  
Põe-se no lugar de sujeito lesado
- Suj.9 - a) Atribui a razão ao sujeito lesado  
Aceita o ressentimento do sujeito lesado, condena a sua forma de actuação
- b) Sentir-se-ia lesado e roubado  
fazia queixa a alguém para que exercesse a sua autoridade junto do sujeito que cometeu a acção.

Suj.10 - a) Condena a intromissão de um terceiro elemento, pois fê-lo em favor apenas de uma delas.

Condena o sujeito que mexeu na mala por não ter pedido autorização.

b) Diria ao sujeito para não fazer isso.

Estabelece diferentes graus de gravidade do problema

Ficaria zangado

Falaria com o sujeito

Posiciona-se no lugar do sujeito lesado.

## 5.2. ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO EXTERNATO GRÃO VASCO

### a) O que pensas sobre isto?

Da análise do discurso dos sujeitos sobre esta questão gostávamos de salientar os seguintes aspectos:

Dos 10 sujeitos questionados, 9 condenam a actuação do sujeito que mexe na mala sem autorização. Apenas um sujeito não fez esta condenação, pois centra a sua preocupação na reacção do sujeito lesado.

A acção desencadeadora de conflito é vista pelos sujeitos como sendo desadequada. É interessante verificar que estes 9 sujeitos condenam a acção, e não o sujeito que efectua a acção. Como se este acto fizesse parte de uma das várias regras sociais que se devem respeitar. A atenção é desviada do sujeito para a acção. A acção inicial é significativamente mais condenada do que o episódio de agressividade verbal consequente, sendo este apenas condenado por 3 sujeitos.

Existem ainda 3 sujeitos que condenam a interferência de outros elementos, defendendo que o conflito se deve resolver entre os sujeitos que o desencadearam sem outros intervenientes.

Existem 4 elementos que referem explicitamente uma outra alternativa para a resolução do problema através de uma actuação pacífica, sem conflito.

Condenam o conflito e sugerem outras formas de actuação. Há apenas um sujeito que considera que o lesado deveria reagir com uma acção idêntica. Expressa-se aqui o sentimento de vingança, o desejo de retaliação

b) **Se isto acontecesse contigo ?**

Relativamente à análise da 2ª questão verificamos que todos os sujeitos da amostra se puseram no lugar do sujeito lesado, na posição de alguém que terá sofrido. Destes 10 sujeitos, 6 dizem que reagiriam ficando zangados. Não está implícita aqui qualquer forma de retaliação física ou verbal.

Um dos sujeitos que afirma poder ficar zangado, condiciona a sua zanga ao grau de amizade com o sujeito que o lesou. “Se não fosse amigo ficaria zangado, mas se fosse amigo não ficaria” No caso deste sujeito, a sua zanga e a sua resposta emocional, dependeriam do contexto relacional em que se processasse o conflito.

Existem 4 sujeitos que dizem que tentariam falar com o sujeito que os lesou ( 2 destes dizem também ficar zangados ), fazendo referência ao diálogo para a resolução da situação de conflito.

Dos sujeitos analisados, apenas 2 referem fazer queixa a um responsável, a alguém que os pudesse auxiliar.

### 5.3. APRESENTAÇÃO DOS DADOS RELATIVOS AO EXTERNATO PATRONATO CRISTO REI

Suj.1 - a) Relata a história

Atribui razão ao dono dos cromos: sujeito lesado

b) Pedido de ajuda

Posição de quem é roubado

Suj.2 - a) Condena e culpa o sujeito que roubou

Condena a agressão da parte do sujeito lesado e justifica-a por características pessoais do sujeito

Propõe uma solução pelo diálogo

b) Tentativa de diálogo

Queixa (pedido de ajuda) para que fosse resolvida a situação

Põe-se na posição de quem é roubado

Suj.3 - a) Reclama a intervenção da professora pela sua autoridade

Condena a agressão de ambas as partes

Atribui razão ao dono dos cromos

b) Põe-se no lugar do sujeito que rouba

Distingue o comportamento das raparigas e dos rapazes

Defende a sua honra, dizendo que não foi ela

Suj.4 - a) Frequência deste tipo de acções

Condena e acusa quem tirou os cromos, dizendo que terá que os repôr

Acusa o dono dos cromos pelas acusações que faz

b) Dizia à professora. Queixa.

Procurava o sujeito que tinha roubado

Ficava zangada, não falava mais com esse sujeito

Condena a agressão física

Coloca-se na posição de sujeito roubado

Suj.5 - a) Ninguém precisava de intervir. Só o dono, o outro menino e a professora.

Ninguém tinha razão: Um podia estar a mentir , o outro não precisava de bater

b) Recorre à ajuda da professora

Tentava procurar e depois pedia ajuda

Não condena ninguém

Põe-se na posição de sujeito roubado

Suj.6 - a) Condena a acção de quem roubou, mas defende-o pelo facto deste ter sido acusado

Era o dono dos cromos que tinha razão

b) Recorre à professora

Faz queixa, para que o ajudassem a procurar

Posição de quem foi roubado

Suj.7 - a) Condena o sujeito que tira os cromos

O menino que disse não ter sido ele talvez não tivesse culpa e estava a ser acusado.

Quem tem razão é o dono dos cromos.

b) Põe-se na posição de quem rouba

Defende-se dizendo que não foi ele

Faria queixa à Directora

Suj.8 - a) Concorda com a acusação que é feita ao sujeito que rouba

Atribui a responsabilidade do acto aos pais desse mesmo sujeito, ( porque são maus).

b) Posição de quem é roubado

Procurava que o menino dissesse que foi ele.

Suj.9 - a) Condena imediatamente a acção de roubo

Dá razão ao menino que roubou mas não justifica

b) Fazia queixa. Recorria à autoridade da escola e familiar.

Põe-se no lugar de quem é roubado.

Suj. 10 - a) Condena a acção do roubo

Atribui uma punição a quem escondeu os cromos

Dá razão à professora (Referência à autoridade)

Em última análise é o dono dos cromos que tem razão.

b) Põe-se no lugar do dono dos cromos

Procurava

Recorre à autoridade, que vê como podendo resolver o problema de forma mágica.

## 5.4. ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO PATRONATO CRISTO REI

### a) “ O que pensas sobre isto ?”

Da análise das respostas dos sujeitos a esta questão, podemos salientar alguns aspectos.

Praticamente a totalidade dos sujeitos da amostra, excluindo-se um, condena as acções descritas no episódio, apenas o sujeito 5 diz que ninguém tem razão.

Existem 5, dos 10 sujeitos, que dão razão ao sujeito lesado.

Existem 5 respostas pelas quais os sujeitos culpam quem roubou.

3 dos sujeitos que referem dar razão ao dono dos cromos e condenar o sujeito que roubou, acabam por defender este último pelo facto de ter sido acusado ou ainda por razões de ordem familiar e afectiva.

Apenas 1 dos sujeitos da amostra diz condenar a acção de roubo, em abstracto, mas logo de seguida dá razão ao sujeito que tirou os cromos.

Existem 3 sujeitos que condenam as acções de ambos os rapazes: o roubo dos cromos e a acusação.

É interessante verificar que apesar da acção “tirar os cromos” ser condenável à partida, tendo em conta as regras morais presentes na cultura ocidental, verificamos que alguns sujeitos acabam por condenar ambas as partes. A acção “tirar os cromos”, dentro do contexto em que é percebida, perde algum do seu impacto e da sua importância, acabando por se relativizar. Os sujeitos, ao dizerem o que pensavam tiveram em conta outros

factores presentes no contexto apresentado, relativizando a partir daí a importância das acções cometidas.

### **b) “Se isto acontecesse contigo?”**

Em relação à análise dos discursos subsequentes à questão “Se isto acontecesse contigo?”, são de salientar os seguintes aspectos:

Dos 10 sujeitos da escola Patronato a quem é posta esta questão, 8 adoptam o papel do sujeito roubado e apenas dois o papel do sujeito que rouba. O sujeito que é roubado, a quem lhe desaparecem os cromos, é o sujeito lesado, provavelmente aquele que as pessoas defenderão. Poderemos dizer que é uma posição que desencadeia maior simpatia, sendo por isso também mais fácil a identificação com este papel. Isto surge de forma bastante clara nas respostas destes 8 sujeitos.

Existem ainda 8 respostas de sujeitos, não totalmente coincidentes com as anteriores, onde estes referem pedir ajuda ou fazer queixa a alguém dotado de autoridade. Isto implicará, certamente, a presença de alguma dependência em relação a outrem, dotado de “maiores poderes ou capacidades” e, simultaneamente, a existência de uma ideia de incapacidade de auto-defesa. Destes 8 sujeitos, há 3 que, simultaneamente, foram procurar o objecto roubado, demonstrando por aí uma postura activa e confiante. Há mais um sujeito (que não diz pedir ajuda) que adopta este tipo de posição.

Existem ainda algumas respostas que propõem outro tipo de acções que não contemplem a agressão ou que a condenam. Dentro destas podemos destacar os sujeitos que referem tentar dialogar ou defender-se pelo diálogo. (1 que condena directamente a agressão física, outro que refere apenas ficar zangado e ainda outro que diz não condenar ninguém.)

Nenhum dos sujeitos questionados refere uma posição de agressão activa, agredindo quem roubou, ou quem acusou. No entanto, os sujeitos atrás indicados dizem, explicitamente, que adoptariam outras formas de actuação nas quais a agressão não fosse necessária.

## **5.5. ANÁLISE COMPARATIVA DAS RESPOSTAS AOS EPISÓDIOS CRÍTICOS DO GRÃO VASCO E PATRONATO CRISTO REI.**

### **a) o que pensas sobre isto ?**

As crianças da escola Grão Vasco consideram, quase todas, o acto inicial do sujeito que “ mexe na mala sem autorização”

Da escola Patronato apenas 50% dos sujeitos condenam o sujeito que tira os cromos, dando razão ao dono dos cromos. 40% dos sujeitos condenam a acção de ambos os sujeitos: tanto pelo facto de roubar, como pelo facto de acusar. Nesta situação, o facto de ter existido uma acusação, considerada como algo injusto, relativiza o peso da eventual má acção de quem tirou os cromos. Há mesmo 2 sujeitos que defendem o sujeito que tirou os cromos pelo facto deste ter sido acusado.

Os argumentos adoptados pelos vários sujeitos para justificarem o episódio são bastante diversos, tendo no entanto alguns pontos em comum, que são referidos por uma baixa percentagem de elementos. No total das duas escolas existem 4 sujeitos que condenam a intervenção de terceiros, alheios ao conflito inicial.

Existem 3 sujeitos que propõe uma solução pelo diálogo ou por outra forma que não implique o conflito.

### **b) Se isto acontecesse contigo ?**

Relativamente à 2ª questão, a grande maioria de sujeitos ( 90% ) adopta a posição de sujeito lesado. Parece haver maior facilidade em se identificarem

com o sujeito que fica lesado e que sofre. Apenas 2 sujeitos, da escola Patronato, adoptam a posição de quem rouba.

É ainda claro que uma grande parte dos sujeitos (50%) faz queixa ou pede ajuda. Dizem recorrer a alguém responsável para que possam ser ajudados. No entanto destes 10 sujeitos (50% da amostra) apenas 2 são da escola Grão Vasco.

A opção por uma tentativa de diálogo é também referida por cerca de 35 % dos sujeitos, ainda que seja mais frequente nas crianças da escola Grão Vasco.

Existem 35% de respostas, maioritariamente da Escola Grão Vasco, onde surge expressa a ideia da zanga. Esta atitude será indicativa da tomada em consideração da componente emocional vivida pelo sujeito, sem que esta se expresse em termos retaliatórios ou de conflito exposto.

São estes os argumentos comuns que surgem no discurso dos sujeitos do 4º ano em resposta a questões idênticas postas sobre 2 episódios críticos.

## **5.6. APRESENTAÇÃO DOS DADOS RELATIVOS AO 7º ANO 2ª**

a) O que pensas sobre isto ?

b) Se isto acontecesse contigo ?

Suj. 1-a) Refere a cobardia do agressor por ter chamado os outros.

O comportamento do sujeito que se auto-agrediu foi uma forma de descarregar a sua zanga.

b) Difícil de imaginar.

Coloca-se na posição do sujeito que se auto-agridiu.

Potencializa uma resposta de defesa.

Suj. 2- a) Condena a intervenção de terceiros

"O sujeito agredido devia sentir-se muito mal" (justificação para a auto-

agressão).

b) Nunca reagiria desta forma

Existem outras formas dos sujeitos se entenderem.

Suj.3- a) Aborda a situação de forma compreensiva

Tenta justificar o comportamento de auto-agressão, condena-a mas compreende-a.

b) Considera poder dar uma resposta diferente, pois ele mesmo é também um sujeito diferente.

Suj.4- a) Auto-agressão é uma forma de descarga, impossibilidade de agir de outro modo.

A responsabilização do conflito deve ser atribuída consoante as características da situação.

A agressão é uma forma de resposta a um comportamento agressivo anterior.

b) Identifica-se à forma de acção do "Rui".

Potencializa outras formas de reacção quer pela defesa, quer pela fuga

Suj.5- a) Auto-agressão foi o resultado de uma revolta.

Ninguém tem razão. Ao utilizarem a agressão acabam por perder a razão apesar de inicialmente a poderem ter.

b) Dificuldade em pensar esta hipótese.

Evitar o episódio de auto-agressão.

Suj.6- a) Não se envolve não quer pensar.

Não sabe porque é que tudo isto começou

b) Tentaria formas de defesa, nunca pela auto-agressão, seria pior para mim.

Suj.7- a) Condena a situação de ataque em grupo: cobardia

Compreensão da auto-agressão

Considera ambos culpados

b) Resolveria a situação sozinho

Condena a utilização de ajudas num conflito dual

Suj.8-a) Descreve a situação de conflito

Atribui razão ao Rui

Condena a ideia de outros terem intervindo

- b) Tentar manter a calma para não haver confusão  
Se a discussão avançasse seria complicado.

- Suj.9- a) Condena a desigualdade da situação 5/6 contra 1  
Auto-agressão, uma forma de descarga  
Condenação da agressão física
- b) Não sabe bem como deveria agir  
Não andaria à tarefa  
Não me envolveria numa situação desse tipo.

## **ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO 7º ANO 2ª**

### **a) O que pensas sobre isto ?**

Dos 9 sujeitos do 7º 2ª da escola Ferreira Borges que responderam a esta questão, 7 referiram-se à acção de auto-agressão do sujeito, tentando compreendê-la. Atribuem esta acção a uma necessidade de descarga que não pôde ter outras formas de expressão: virar-se contra si próprio. 5 dos sujeitos condenam a cobardia do agressor por ter ido pedir ajuda a terceiros, estando implícita a ideia de que o conflito se deveria resolver entre os sujeitos intervenientes, sem haver necessidade de recorrer a terceiros.

Dentro do grupo de sujeitos que tentam atribuir a responsabilidade do conflito a alguém, as respostas obtidas foram as seguintes:

. 2 sujeitos referem que a responsabilização do conflito deverá ser feita em função da situação, em função do conhecimento das características que o desencadearam, não atribuindo a responsabilidade a nenhum dos intervenientes.

. Há um sujeito que refere que nenhum dos dois intervenientes teve razão.

. Há um outro sujeito que dá explicitamente razão ao sujeito que se auto-agrediu.

## **b) Se isso acontecesse contigo ?**

Dos 9 sujeitos do 7º ano 2ª, 8 dizem que provavelmente teriam outro tipo de reacção: talvez mais calma, talvez pela fuga, talvez evitando a cena de auto-agressão. Parece existir um desejo de compreensão do episódio de auto-agressão, mas, em simultâneo, admitem a hipótese de se agir de outra forma menos “perturbante”.

8 dos sujeitos entrevistados, ao serem questionados, colocam-se na posição do agredido. Parece-nos haver maior tendência para que os sujeitos se coloquem no lugar de quem “perde”, de quem sai magoado, existindo, em simultâneo, um desejo de compreensão do sucedido e de encontro de novas formas de actuação que evitassem a situação descrita.

Existe um único sujeito que se coloca na posição do agressor. Este facto parece permitir ao sujeito condenar de forma mais autêntica o recurso ao auxílio de terceiros.

## **5.8. APRESENTAÇÃO DOS DADOS DO 7º ANO 3ª**

a) o que pensas sobre isto ?

b) Se isto acontecesse contigo ?

Suj. 1- a) Descreve a situação

Dá razão à rapariga que agrediu

Avalia as consequências, o facto da rapariga nunca mais ter vindo à escola.

b) Tentaria falar com ela, pedir desculpa e voltar ao princípio

Suj.2- a) Descreva a situação

Adopta o papel da pessoa que agrediu, dá-lhe razão condena o sujeito que provocou.

Põe a hipótese de existir outra forma de acção sem necessidade de recorrer à agressão.

Condena o acto de agressão.

b) Adopta o papel de agressora

Tentativa de compreensão da atitude do sujeito que provocou através do diálogo.

Suj.3- a) Condena o acto de agressão

Lamenta as consequências da situação, (o abandono da escola)

Associa o acto do sujeito agressor às suas características pessoais

Coloca solução alternativa pelo diálogo.

b) Diz que retaliava

Põe a escola e a sua importância à frente de qualquer conflito.

Suj.4- a) Concorda com a atitude da agressora

Relaciona a atitude com as suas características pessoais

Condena a acção da agredida

Condena a agressão em função das consequências do acto.

Não dá razão a nenhuma das duas.

b) Põe-se no lugar de sujeito agredido.

Condena o que este poderá ter feito

Suj.5- a) Distancia-se em relação aos factos

Refere as consequências da situação: desistência da escola.

Não sabe quem tem razão

Relata o episódio e conclui que se tratou de um acto muito agressivo.

Dá razão ao sujeito agredido

b) Não sabe

Talvez não tivesse sido tão agressiva

Suj.6- a) Adopta imediatamente o partido da agressora

Condena o sujeito agredido pela sua atitude e características.

Dá razão à agressora, apesar de a considerar alguém difícil

b) Adopta o papel da agredida, dizendo que tentaria defender-se

Suj.7- a) Condena a situação pelo facto de se terem agredido

Tenta encontrar outra justificação para o facto da rapariga não ter aparecido mais na escola.

Não dá razão a ninguém

b) Diz agir de forma diferente, provavelmente de forma menos agressiva

Suj.8- a) Descreve e condena todo o episódio de forma moderada

Dá razão à agressora, cuja acção foi desencadeada por um comportamento provocatório

b) Não concebe esta hipótese

Relata uma relação pessoal na qual a agressão não interfere

Suj.9- a) Toma o partido da agressora

Condena a agredida pela sua atitude

Não se preocupa com as consequências negativas decorrentes da situação, responsabilizando o sujeito agredido.

b) Não é capaz de pensar nisso

Diz que isto não se possa com ele.

Suj.10- a) Centra o seu discurso nas consequências do episódio

Tenta imaginar justificações para o facto do sujeito não ter regressado à escola.

Não atribui razão a ninguém

Condena a situação de agressão de uma forma geral

b) Prende-se às consequências do acto, dizendo que voltaria à escola.

Não analisa a situação agressiva

Suj.11- a) Não condena o sujeito agressor

Justifica a sua acção através das características pessoais do sujeito

b) A sua acção dependeria das características da situação.

Aceita a ideia de retaliação perante uma situação na qual fosse agredido.

## 5.9. ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO 7º 3ª

### a) “o que pensas sobre isto ?”

O estudo das respostas subsequentes à questão “O que pensas sobre isto?”, leva-nos a verificar que a acção de agressão, abstractamente considerada como algo negativo e não desejável, só é aqui condenada por dois sujeitos. O episódio relata-nos esta agressão de forma imprecisa mas simultaneamente pesada, pelas consequências que parece ter tido. A atitude

de provocação inicial, esta sim, é condenada por 60% dos sujeitos da amostra. Os mesmos sujeitos (60%) dão razão à rapariga que agrediu.

Existem alguns sujeitos que, apesar de poderem ter condenado a provocação inicial, inculcando-lhe, de certa maneira, a responsabilidade de todo o conflito, lamentam as consequências deste episódio: o facto da rapariga nunca mais ter voltado à escola. Há aqui, uma forma, talvez pouco explícita, de condenação do acto agressivo.

Existem 4 sujeitos que condenam ambos os sujeitos pelo acto efectuado. Há apenas dois sujeitos que condenam de forma clara o acto agressivo, dando razão ao sujeito agredido. Pensamos que o facto de termos encontrado uma percentagem tão baixa de condenações do acto agressivo se deve:

- 1- Deste ter resultado de uma provocação ( Que em si podia ser equiparada a um acto agressivo)
- 2- O sujeito que agrediu ser um sujeito popular na escola, que parece exercer um certo domínio.
- 3- A actuação ser justificada pelas características pessoais do sujeito que agride, e ser por isso menos condenável.

A avaliação do acto agressivo foi largamente influenciada pela situação contextual, incluindo a situação desencadeante e as características do sujeito que agrediu.

#### b) **Se isto acontecesse contigo ?**

Quando se pergunta ao sujeito o que aconteceria se ele próprio vivesse a situação, verificamos que um grande número deles responde, situando-se no papel de sujeito agredido. Os sujeitos que se posicionam enquanto actores da agressão são metade destes. Há ainda dois sujeitos que se distanciam, não se imaginando no papel de nenhum dos intervenientes. Os 3 sujeitos que se põem no lugar do agressor, sugerem outras formas de

acção, onde a agressão pudesse não estar presente ou onde todo o episódio se resolvesse pelo diálogo.

Pelo contrário, 3 dos 6 sujeitos que adoptam o papel de sujeito agredido referem que retaliariam fisicamente. Existe apenas 1 que diz que tentaria encontrar uma resposta para a situação através do diálogo.

## **5.10. ANÁLISE COMPARATIVA DO DISCURSO DOS SUJEITOS DO 7º ANO 2ª e 3ª**

### **a) “O que pensas sobre isto ?”**

A análise das respostas destes dois grupos de sujeitos à questão “O que pensas sobre isto ?”, dentro do contexto dos episódios críticos, leva-nos a pensar que a agressão é raramente avaliada por si só, isolada do contexto onde surge.

Nas respostas dos sujeitos do 7º 3ª, a agressão raramente é analisada de forma abstracta e descontextualizada. Mais de metade dos sujeitos dá razão à agressora condenando o acto provocatório inicial. Aqui verificamos que a provocação inicial é condenada e poderá ser avaliada pelos sujeitos como sendo um acto agressivo em si. Provocação = Agressão verbal. Simultaneamente, parece sobressair das respostas dos sujeitos uma certa empatia com o sujeito agressor; a avaliação do acto agressivo parece ser largamente influenciada, pelas características do sujeito, atenuando-se assim a gravidade da agressão.

Relativamente aos sujeitos do 7º ano 2ª, o acto agressivo descrito é também avaliado dentro do contexto em que este ocorreu. Desta forma, muitos (5) dos sujeitos questionados, condenam a atitude de cobardia do sujeito agressor, por este ter recorrido à ajuda de terceiros. Uma avaliação directa do acto agressivo, enquanto acção isolada, acaba por não ser feita, estando no entanto implícita nos comentários efectuados sobre as características da situação agressiva. Existem aliás dois sujeitos que referem explicitamente,

que a responsabilização de qualquer sujeito pela situação de conflito, deverá apenas ser feita em função das características da situação em que este ocorre.

Nos sujeitos do 7º 3ª há alguns que lamentam as consequências do acto agressivo, isto é, “O sujeito não ter frequentado mais a escola”. Neste tipo de apreciação, o acto agressivo parece ser, de certa maneira, condenado. Parece-nos que existe uma tendência, ao nível destes sujeitos, para analisarem a gravidade de um acto em função das suas consequências. Mais uma vez a atenção não é centrada no acto em si, mas inclui outros elementos como sejam as suas consequências.

Ao nível do 7º 2ª, 7 dos sujeitos salientaram o aspecto da auto-agressão. Este facto, apesar de ter uma componente agressiva em si mesma, é, mais uma vez, conseqüente do acto agressivo inicial. Poderemos também, neste caso, verificar como os sujeitos deram ênfase às consequências do acto agressivo inicial.

Na abordagem feita por ambos os grupos do 7º ano aos episódios críticos distintos apresentados, parece-nos poderem isolar-se dois factores comuns:

- 1- O episódio agressivo é analisado dentro do contexto em que ocorreu, tendo em que as características do contexto influenciam o juízo acerca da agressão inicial. A importância dada a certos factores situacionais relativiza a tendência para uma leitura negativa do acto agressivo em si mesmo.
- 2- A avaliação do acto agressivo estará dependente da avaliação feita às consequências por ele desencadeadas.

A avaliação de um acto agressivo não é feita de modo isolado; está certamente dependente dos factores desencadeantes, situacionais e das consequências desencadeadas.

O acto agressivo não é descontextualizado, não é separado da sua história.

## **b) “Se isto acontecesse contigo?”**

Quanto a esta questão sobressaem os seguintes aspectos:

Os sujeitos de ambos os grupos, para responderem a esta questão, tendem a colocar-se primordialmente no papel de sujeito agredido.

Ao nível do 7º 3ª, 6 dos sujeitos adoptam o papel de sujeito agredido e apenas 3 o papel de agressor. Parece existir uma certa tendência para os sujeitos se identificarem com aquele que sofre as consequências da acção, com o que é penalizado; deste modo podem sugerir outras formas de defesa que não passem pela fuga.

No grupo de 7º ano 2ª, todos os sujeitos que se colocaram na posição de sujeito agredido, 8 dos 9, referiram em simultâneo outras formas de reacção: seja através de uma atitude mais calma, pela fuga ou ainda por uma estratégia que evitasse a auto-agressão.

No grupo total do 7º ano, todos os elementos que se identificaram com o sujeito agredido (à excepção do sujeito 10) referiram outras alternativas de reacção que não passassem pela fuga ou desistência. Foram elas:

- Responder comunicando.
- Retaliar fisicamente.
- Fazer algo diferente (Não especifica)

## V. DISCUSSÃO

# 1. DISCUSSÃO

Optámos por efectuar uma discussão separada dos resultados obtidos, orientada por cada uma das hipóteses colocadas no início do trabalho, acreditando que deste modo estes se tornarão mais claros e a sua leitura facilitada. Nas conclusões do trabalho tentaremos unificar e integrar os resultados mais significativos.

## 1. 1. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA PRIMEIRA HIPÓTESE:

**“Os sujeitos do 4º ano conceptualizam o fenómeno da agressão de forma qualitativamente diferente da dos sujeitos do 7º ano”.**

Discutiremos em seguida os resultados das respostas dadas às 10 questões do questionário pelos sujeitos dos dois níveis de escolaridade/idade.

A primeira e segunda questão do questionário levam o sujeito a procurar justificar a origem ou emergência do comportamento agressivo / agressão. Na primeira, os sujeitos são levados a procurar unicamente as razões que justificam a presença do comportamento agressivo e na segunda é pedido que façam uma comparação / justificação do porquê da existência do comportamento agressivo e não agressivo. Nesta segunda questão os sujeitos são levados a pensar em termos de antónimos, de uma dicotomia. O trabalho de pesquisa interna que cada um dos sujeitos tem agora de efectuar mobiliza algo mais complexo, levando à obtenção de diferentes categorias de resposta.

As respostas à primeira questão deixam transparecer uma diferença considerável entre os sujeitos dos dois níveis de escolaridade, no tipo de argumentos eleitos para justificarem a agressão. Os sujeitos do 7º ano de escolaridade utilizam fundamentalmente argumentos que se associam com as influências do meio familiar, enquanto que os sujeitos do 4º ano

praticamente os ignoram privilegiando a justificação ligada aos comportamentos e acções directas dos outros.

As respostas dos sujeitos mais velhos levam-nos a pensar na possibilidade de distanciamento em relação às figuras parentais por estes vivida, o qual lhes proporciona a construção de um espaço próprio onde lhes é permitido repensar o valor, a importância e o significado dessas relações. Este trabalho de reestruturação da dinâmica relacional implica que os elementos da estrutura familiar, fundamentalmente as figuras parentais, sejam postas em causa para que, a partir daí, um novo estilo relacional possa ser construído. Parece-nos que estes jovens se situarão num processo deste tipo, permitindo-se apontar questões de origem familiar para justificar a presença do comportamento agressivo.

Os sujeitos mais novos, ainda demasiado envolvidos e próximos das figuras familiares, que de certa forma funcionam como pilar de referência e de segurança, ainda não estão preparados para as pôr em causa, para se distanciarem, e poder pensá-las sob um outro olhar. Pensamos que estes estão, provavelmente, a viver um período de idealização das figuras parentais, enquanto que os mais velhos estão num processo de construção da sua própria identidade necessitando, para tal, de criar uma certa distância crítica.

É interessante verificar como os argumentos relacionados com as questões do meio familiar foram também utilizados como resposta à pergunta 2. Nesta, a frequência de respostas dos dois grupos foi praticamente idêntica sendo, aliás, ligeiramente superior ao nível do 4º ano. Talvez fosse por nós esperado que o tipo de argumentos utilizados em cada uma destas questões resultasse quase idêntico, tendo por isso ficado surpreendidos por esta divergência. Parece-nos, porém, que estes dados poderão ser entendidos tendo em conta as diferenças no tipo de trabalho intelectual exigido por cada uma destas questões e ainda pelas diferenças ao nível das possibilidades cognitivas dos dois grupos de sujeitos.

Na primeira questão foi directamente perguntado aos sujeitos o porquê do comportamento agressivo, estando por isso apenas implicada uma dimensão, um conceito, o que poderá possibilitar a elaboração de uma resposta de um nível mais concreto, eventualmente apoiada em elementos da própria experiência do quotidiano dos sujeitos. Na segunda questão foram introduzidos dois conceitos, a "Agressão" e a "Não agressão", o que levou os sujeitos a efectuarem um raciocínio de estilo comparativo/antinómico, exigindo um maior distanciamento em relação ao concreto da sua experiência, um nível de abstracção superior. Esta dimensão comparativa entre dois conceitos foi introduzida pela própria questão, não tendo sido criada pelo sujeito.

Na elaboração da resposta à primeira questão os sujeitos mais velhos, pela sua dinâmica afectiva e possibilidades cognitivas, elaboraram justificações que contêm argumentos de origem familiar, tendo os mais novos permanecido a um nível mais concreto de compreensão da agressão. Esta foi vista enquanto agressão reactiva, justificando-se pelas acções concretas e directas dos outros. A segunda questão, pela sua própria natureza, facilitou a introdução dos sujeitos mais novos num nível conceptual diferente, possibilitando-lhes a procura de um outro tipo de argumentação que inclui a questão da dinâmica familiar. Pensamos que a frequência idêntica de respostas relativamente à categoria "A", encontrada ao nível tanto do 4º como 7º ano, para a segunda pergunta, poderá ser compreendida deste modo.

A outra grande diferença nas respostas do 4º e 7º ano à primeira pergunta, como já foi sugerido e justificado acima, encontra-se na categoria "D" -**"Em consequência da acção directa dos outros"**, sendo esta referida consideravelmente mais vezes pelos sujeitos do 4º ano. Foi-lhes possível pensar a agressão enquanto reacção a uma acção hostil e ameaçadora, estabelecendo-se uma relação causal, linear, entre as causas

desencadeantes e a acção agressiva. Apenas um sujeito do 7º ano referiu este tipo de argumento, o que é indicativo da insuficiência com que este é percebido pelos sujeitos mais velhos. De acordo com Dodge (1991), resultados de estudos anteriores apontam a forma negativa como a agressão reactiva e verbal é percebida pelos sujeitos mais velhos. A agressão reactiva poderá ter uma função adaptativa para as crianças que começam a relacionar-se com o grupo de pares, mas com o desenvolvimento, surgirão outras formas mais adaptativas para o estabelecimento do domínio social.

Na pergunta 2 esta categoria não se destaca, sendo formada uma outra relacionada com as situações ou acções do meio, cujo conteúdo, apesar de apresentar causas ou situações do meio para justificar a agressividade, distancia-se da categoria "D" da pergunta 1. Tratam-se de influências indirectas, cujo efeito não é passível de ser observado de forma directa e objectiva. Aliás, estará mais próxima da categoria "C" da pergunta 1- **“Em consequência de situações externas”**.

É interessante que a categoria "C" da pergunta 1 e 2 obtém a menor frequência de resposta tanto no 4º como no 7º ano. Aliás, na pergunta 1, nenhum dos sujeitos do 4º ano responde utilizando este tipo de argumento. Tratam-se de argumentos cuja relação com o comportamento agressivo não é estabelecida de forma directa, implicando factores provavelmente pouco conhecidos e significativos para estes sujeitos. São talvez argumentos relacionados com factores de origem cultural ou social que, estando ainda distantes da realidade destes sujeitos mais novos, lhes serão estranhos.

Verificamos que a categoria "B" **“Causas intrínsecas, características pessoais”** é das mais referidas por ambos os grupos de sujeitos na pergunta 1, sendo inclusivé a preferida pelo 4º ano. Cerca de 50% dos sujeitos tanto do 4º como no 7º ano referem-na nas suas respostas. Parece-nos que a utilização de argumentos deste tipo levará a uma

responsabilização do sujeito por aquilo que faz. A referência implícita aos processos internos e motivacionais do sujeito indica a possibilidade de olhar para o interior e procurar, dentro si mesmo, justificações para o comportamento agressivo. Admitimos que este tipo de resposta possa também ser indicativo de um pensamento crente nas características inatas enquanto determinantes do comportamento.

Esta categoria "**Causas intrínsecas, características pessoais**", presente na pergunta 2 é menos vezes referida por ambos os grupos de sujeitos.

Ao nível da pergunta 2 surge uma nova categoria, "D"- "**Relacionado com comportamentos e atitudes que tomam**". Esta tem uma frequência de respostas considerável no 4º ano e bastante baixa no 7º ano. As crianças do 4º ano justificam o comportamento agressivo em função de desejos ou necessidades do sujeito, o que poderá revelar a presença de um pensamento com características egocêntricas, excessivamente centrado na forma como o comportamento poderá servir os seus interesses.

Quando questionámos os sujeitos sobre aquilo que fazem ao serem agredidos, **pergunta 3**, a grande maioria, tanto do 4º como do 7º ano, cerca de 75 %, refere argumentos incluídos na categoria "A" - "**Defesa por agressão física ou verbal**". Não se verificam diferenças entre ambos os grupos, sendo apenas de salientar que a maioria dos sujeitos, perante a hipótese de uma agressão, referiu recorrer a um estilo defensivo físico ou verbal, como forma retaliatória. Tratar-se-á de um comportamento agressivo de natureza reactiva pelo qual o tipo de acção do sujeito se assemelha àquela de que ele próprio foi alvo. A grande maioria dos sujeitos, tanto do 4º como do 7º ano, faz referência explícita à agressão física, havendo uma pequena minoria que diz retaliar agredindo verbalmente.

A frequência das respostas dos dois grupos à categoria "C"- "**Fuga declarada / Ignorar**" diverge, sendo bastante mais elevada nos sujeitos do

7º ano. Este tipo de resposta revela o desejo de não envolvimento, de não confrontação com a situação de conflito, com o receio das consequências daí decorrentes. Reflecte ainda uma menor impulsividade e talvez uma maior capacidade de reflexão e ponderação, certamente mais característica dos sujeitos mais velhos. É importante, porém, salientar que a grande maioria das respostas inscritas nesta categoria surge em paralelo com outros argumentos pertencentes à categoria "A". Não serão assim respostas únicas resultantes de um trabalho apenas de reflexão, mas antes argumentos que surgem como alternativa a uma resposta de acção retaliatória.

Uma outra diferença importante surge ao nível da categoria "B" - "**Queixa**", sendo esta referida por cerca de 35% dos sujeitos do 4º ano e não tendo qualquer expressão no 7º ano. Este dado indica uma maior autonomia dos sujeitos do 7º ano em relação à forma de resolução dos conflitos, podendo resolvê-los sem recorrer a terceiros. No 4º ano este tipo de resposta é certamente reflexo de uma maior necessidade de ajuda e de protecção por parte do adulto, reflectindo uma posição menos auto-confiante e mais dependente do "outro".

Ao nível da categoria "D" - "**Compreensão e conselhos verbais**", a diferença existente expressa-se exactamente no sentido inverso: são mais os sujeitos do 7º ano que dizem compreender e aconselhar do que do 4º ano, sendo que todos estes argumentos surgem associados a argumentos da categoria "A" - "**Defesa por agressão física ou verbal**". Estes resultados vêm ao encontro do que foi dito para a categoria "B" e "C", sendo indicativo de uma maior autonomia e distância adoptada pelos mais velhos face à situação de conflito. Os sujeitos dizem não se envolver directamente, tentando apenas pôr fim à situação compreendendo e aconselhando. De certa maneira poderá também revelar alguma confiança nas suas próprias capacidades, sendo que o sujeito para aconselhar e compreender, terá de se

situar “acima” do próprio conflito para ser capaz de emitir um juízo de valor presente em qualquer conselho verbal.

Quanto à **pergunta 4**, as respostas dos sujeitos foram bastante divergentes tendo, conseqüentemente, aumentado o número de categorias presentes e diminuído a frequência de respostas em cada uma delas, o que tornou os resultados mais dispersos. Quando os sujeitos são levados a reflectir sobre aquilo que pensam numa situação de agressão, a diversidade de argumentos é bastante grande, dando conta de uma certa individualidade e originalidade dos pensamentos. As respostas formuladas pelos dois grupos de sujeitos foram muito semelhantes, incidindo essencialmente nas categorias “D” - **“Forma de agir, o que posso fazer ou dizer”** e “E” - **“Juízo de valor, porquê da agressividade”** respectivamente.

Relativamente à categoria “E”, é interessante que tendo os sujeitos sido questionados sobre aquilo que pensam, as suas respostas sugeriram eventuais formas de acção, respostas onde o pensamento procura encontrar uma acção. Poderá corresponder simplesmente a uma maior dificuldade em reflectir sobre pensamentos abstractos, recorrendo a “pensamentos que procuram acções” para resolver esta questão. É provável que face a uma situação de agressão, a acção seja uma prioridade para o sujeito comparativamente ao pensar; o pensamento mobiliza-se para possibilitar a acção. A outra categoria de resposta, “D”, igualmente escolhida pelos dois grupos de sujeitos, sugere uma posição crítica e interrogativa face à situação. Neste tipo de argumentação parece haver uma certa indignação, alguma crítica para com o comportamento agressivo.

A única diferença encontrada entre os dois grupos de sujeitos situa-se ao nível da categoria “B” - **“Não penso / Não ligo”**, a qual foi referida unicamente pelo grupo de sujeitos do 7º ano. Na pergunta 3 - “O que fazes ?” a categoria de resposta **“Fuga declarada / ignorar”** foi também mais

referida pelos sujeitos do 7º ano. Ambas as categorias indicam uma atitude de distanciamento, de não envolvimento em relação à situação de agressão, que parece existir nestes sujeitos, tanto ao nível da acção como do pensamento. Ambas as categorias poderão indicar o desejo de não envolvimento que, por si, possibilitaria a reflexão. No entanto, aqui mais do que na questão anterior, os sujeitos parecem negar a possibilidade de pensar, fugindo à mentalização que poderia levar a uma elaboração do conflito. Nas crianças mais novas este argumento não surge, indicando que este tipo de defesa, face à presença da agressão, que implica não reagir e não pensar, ainda não é concebível.

Os resultados à **pergunta 5** apresentam uma grande diferença relativamente ao facto dos sujeitos pedirem ou não ajuda. Os sujeitos do 7º ano referem significativamente mais vezes que “Não” pedem ajuda, enquanto que os do 4º ano referem mais vezes que “Sim”. Mais uma vez esta diferença vem ao encontro de outros dados já referidos atrás, nos quais se revela que a progressiva autonomia conquistada pelos sujeitos os leva a uma posição de maior independência e auto-confiança, sendo dispensável a necessidade de recorrer ao adulto. Os sujeitos mais novos, pelo contrário, encontram-se ainda numa posição de maior dependência e de menos auto-suficiência, onde o recurso ao outro se apresenta, claramente, como uma opção a viabilizar. O pedido de ajuda é fundamentalmente justificado pela incapacidade de auto-resolução e pelo sentimento de incompetência que se liga à dependência face ao adulto. A recusa de ajuda é justificada pelo desejo e crença na sua capacidade de resolução do problema de forma autónoma. Os argumentos dos dois grupos clarificam o percurso que os sujeitos fazem da dependência para a autonomia, de um sentimento de insuficiência para um de suficiência.

Quando os sujeitos são questionados sobre o facto de prestarem ou não ajuda, **pergunta 6**, a grande maioria, tanto do 4º como do 7º ano, afirma que “**Sim**”, incondicionalmente, não havendo nenhum que se negasse a prestar

ajuda. Obtivemos apenas alguns sujeitos que introduziram certas condições para a prestação de auxílio. Subjacente à prestação de ajuda surgem justificações várias, nas quais transparece uma certa empatia em relação ao sofrimento e à situação vivida pelo sujeito.

Na **pergunta 7**, é introduzida a questão da amizade. A amizade é relacionada com a agressão numa tentativa de entendermos se para estes sujeitos o comportamento agressivo terá consequências a esse nível. Um primeiro dado importante é o de que nenhum sujeito concebe a presença da amizade de uma forma incondicional. São sempre postas algumas condições que prejudicam a qualidade ou a duração da amizade. Este dado vem ao encontro de resultados de outros estudos (Dodge 1991), nos quais é sugerido que apesar das crianças agressivas não serem apreciadas pela maioria dos colegas, são, porém, capazes de os controlar, de modo a terem amizades recíprocas. As crianças agressivas têm relações com os pares, mas tratam-se de relações onde a confiança e a capacidade de resolução de conflitos é menor.

Há ainda alguns sujeitos que referem que os sujeitos agressivos **“Não têm amigos”** - “D”. É ao nível desta categoria que se evidencia a maior diferença entre os sujeitos dos dois grupos, sendo que os do 4º ano a referem com bastante mais frequência. Esta diferença leva-nos a pensar na importância crescente que as amizades tomam no período da pré-adolescência / adolescência. Como já foi referido, o progressivo distanciamento que se dá em relação às figuras parentais, levará certamente estes sujeitos a procurarem outros pares que, de certa forma, possam vir preencher um lugar, agora vazio, passando a funcionar como referência e modelo de identificação. Ao nível do 4º ano esta necessidade ainda não se faz sentir de forma tão marcante, verificando-se que 45% de sujeitos deste grupo referem com facilidade que os sujeitos agressivos **“Não têm amigos”**.

Relativamente à categoria “A”- “**Dificuldade em fazer amigos**”, verificamos que esta é apenas referida por sujeitos do 7º ano. Pensamos que a dificuldade em fazer amigos só poderá ser pensada, de forma mais séria, quando existir uma necessidade real da sua presença. No nível etário dos sujeitos do 7º ano as amizades já serão feitas em função das características inerentes a cada um, tornando-se mais difíceis em sujeitos cujas características não parecem ser desejáveis. Apesar de tudo os sujeitos referem a dificuldade, e não tanto a impossibilidade, pois a amizade, o grupo, e as referências por este fornecidas, parecem ser, de facto, fundamentais neste nível etário.

A **oitava pergunta** vem no seguimento da introdução do problema da amizade. De certa forma pretendemos saber até que ponto os sujeitos agressivos são ou não valorizados, no sentido de serem considerados fortes ou fracos. Quando referimos a palavra “forte” ou “fraco” não especificámos mais do que isto, para que a atribuição de significado a estas duas palavras fosse feita pelos próprios sujeitos, que assim as poderiam entender no sentido de força e fraqueza, tanto interior como exterior.

A maioria dos sujeitos do 7º e do 4º ano, mas sobretudo estes últimos, referem que os sujeitos agressivos são fortes. É valorizada a dimensão da força física, da coragem na definição do comportamento agressivo. Existem, porém, algumas respostas onde se considera que o sujeito agressivo pode ser fraco. Estas provém, fundamentalmente, de sujeitos do 7º ano, que parecem ter menos tendência para associar o comportamento agressivo unicamente à força, admitindo que este comportamento possa advir de alguém fraco. Há aqui uma compreensão mais ampla, que integra uma dimensão interna e motivacional do sujeito, que advém, provavelmente, da compreensão da sua própria experiência individual. Tratar-se-á de um tipo de resposta que reflecte a tendência do sujeito para procurar o significado do comportamento para além dos dados observáveis.

Na **pergunta 9** é introduzido um novo elemento - os professores -, o qual pretende levar o sujeito a pensar sobre a sua relação com uma figura adulta, de autoridade, presente no contexto da escola. Esta pergunta conduz o sujeito a um contexto mais restrito, mais concreto, onde as respostas obtidas serão, certamente, influenciadas pela experiência real dos próprios, na sua relação com o professor no meio escolar.

Salientamos, em primeiro lugar, a dificuldade que alguns sujeitos apresentam em pensar sobre esta realidade, reflectindo-se na ausência de resposta de alguns elementos do 4º ano a esta pergunta. 56% dos sujeitos do 4º ano que respondem a esta questão afirmam que **“Sim”**, os professores são agressivos, enquanto que para os sujeitos do 7º ano, apenas 35% dizem **“Sim”**.

São poucos sujeitos, tanto do 4º ano (15%) como do 7º ano (5%), que dizem que os professores **“Não”** são agressivos.

Paralelamente, 60 % do 7º ano, dizem que os professores **“Às vezes”** são agressivos enquanto que apenas, 25%, 4 sujeitos do 4º ano referem este argumento.

É interessante verificar que para além de algumas diferenças intra-categoria, 75% dos sujeitos do 4º ano que respondem a esta pergunta, fazem-no de forma categórica e absoluta, ou seja, dizem que os professores são efectivamente **“agressivos”** ou **“não-agressivos”**, não fazendo variar o comportamento do professor em função de outras variáveis, como sejam o contexto ou a situação. Paralelamente, os sujeitos do 7º ano são mais capazes, cerca de 60%, de referir que os professores **“Às vezes”** são agressivos o que nos conduz a pensar que a agressividade dos professores para os sujeitos do 7º ano, variará em função de alguns factores situacionais. Os sujeitos mais velhos poderão fazer depender a sua avaliação sobre o comportamento agressivo dos professores, de outras

variáveis que conhecem, referindo-nos que em certas situações, eles serão agressivos, e noutras não o serão. Faz-se uma avaliação mais cautelosa, que tem em consideração a possibilidade de variação do comportamento, e que é sujeita à interdependência de vários factores. Os sujeitos do 4º ano, prendem-se exclusivamente à ideia do comportamento agressivo, fazendo uma avaliação segundo um pensamento absoluto e dicotómico, sim ou não, na qual não parecem interferir outro tipo de variáveis. Assiste-se a um pensamento dirigido unicamente para um aspecto central: existência ou ausência de comportamento agressivo.

Pensamos que as respostas dos sujeitos do 7º ano, serão consequência do desenvolvimento das suas capacidades intelectuais, sendo que ao nível do 4º ano ainda não lhes é possível avaliar uma situação ou um comportamento segundo vários prismas e tendo em conta a interdependência de vários factores. À medida que as crianças se desenvolvem vão-se-lhes abrindo outras possibilidades em termos cognitivos, que lhes permitirão efectuar uma avaliação desta componente de uma forma mais relativa. Talvez não tenhamos que perguntar, unicamente, o que se passa nas escolas primárias ao nível da agressão ? ou se os professores serão de facto tão agressivos ? Teremos, em vez disso, que ter em conta as características dos sujeitos que fizeram este tipo de afirmações. Nos sujeitos mais novos poderá existir uma certa associação entre a ideia de autoridade, conhecimento e distância com a ideia de agressividade, resultando daí uma imagem de professor como figura de "autoridade agressiva".

A **pergunta 10**, na qual se questionam os sujeitos sobre a justiça das acções dos professores, estes são conduzidos para um plano mais concreto, reportando-se provavelmente a algumas situações específicas do seu conhecimento. As respostas dos sujeitos do 4º e 7º ano concentram-se sobretudo ao nível da categoria "C" - "**Às vezes sim, outras não**", havendo 65 % de sujeitos, tanto do 4º como do 7º ano, a referirem esta categoria. Ao contrário daquilo que referimos na pergunta anterior, relativamente aos

sujeitos do 4º ano, nesta, estes sujeitos não parecem ter um raciocínio categórico, avaliando os professores através de uma dicotomia: Justo / Não justo, referindo antes que estes “Às vezes são / outras vezes não são” agressivos. Pensamos que a possibilidade de efectuar esta avaliação de forma mais relativa, analisando a justiça do professor em função da situação ou do contexto, tornou-se possível pelo facto dos sujeitos se reportarem a situações concretas suas conhecidas, onde provavelmente a justiça do comportamento do professor vai, efectivamente, variando. Os sujeitos referem frequentemente que o “Professor não viu, e acusou um qualquer”, normalmente um sujeito conhecido por ser perturbador. São perfeitamente capazes de avaliar a situação, sendo sensíveis à inadequação do comportamento e à injustiça nele presente. No entanto, normalmente não contestam a acção do professor e, quando o fazem, dizem ser sujeitos a uma pressão autoritária rígida, sob a qual não conseguem expressar o seu ponto de vista. Situações em que a acção do professor é contestada pelos alunos, levam geralmente a um acréscimo de autoridade do professor e à exclusão de qualquer possibilidade de diálogo.

## 1.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA 2ª HIPÓTESE: “Os sujeitos do sexo feminino conceptualizam a agressão de forma qualitativamente diferente da dos sujeitos do sexo masculino”.

Cabe-nos aqui discutir os dados resultantes da análise efectuada em função do sexo dos diferentes sujeitos da amostra. Serão tidos em conta a globalidade dos sujeitos do sexo feminino e masculino, embora, com frequência, seja necessário situá-los em função da escolaridade..

Relativamente à **primeira pergunta** do questionário evidencia-se a categoria “B”- **“Causas intrínsecas”**, pela diferença encontrada entre os sujeitos do sexo feminino e masculino. As raparigas de ambos os grupos referem, duas vezes mais que os rapazes, argumentos que se relacionam com as características pessoais internas dos sujeitos. Esta diferença, apesar de estar presente em ambos os níveis de escolaridade, é mais saliente no 4º ano. Tal dado leva-nos a pensar que as raparigas são mais susceptíveis de procurar dentro do próprio sujeito as razões que justificam o comportamento agressivo, responsabilizando-o pelas suas próprias acções. Esta diferença, bastante evidente ao nível do 4º ano, decresce ligeiramente nos sujeitos do 7º ano, indicando talvez uma tendência para os sujeitos masculinos, à medida que crescem, passarem a ter mais em conta as suas características internas e desenvolverem a sua capacidade de olhar o interior.

Existe ainda uma outra diferença que se esboça ao nível da categoria “D”-“**Em consequência de comportamentos e acções directos dos outros**”. Esta categoria é mais mencionada pelos sujeitos do sexo masculino, e sobretudo pelos sujeitos do 4º ano, não sendo praticamente referida ao nível do 7º ano.

As duas diferenças encontradas vêm ao encontro daquilo que já foi dito relativamente a dados atrás analisados, ou seja, à medida que os sujeitos crescem, e em ambos os sexos, aumenta a sua tendência para procurarem

dentro de si a justificação para a agressividade, fazendo uma análise mais ponderada e interiorizada. Num nível etário mais baixo ( 4º ano) as raparigas apresentam argumentos que se aproximam aos dos sujeitos mais velhos, transparecendo alguma capacidade de análise interna. Os rapazes do 4º ano, pelo contrário, fazem uma análise mais superficial, baseada em factos observáveis, tentando estabelecer relações de causalidade simples para justificar o comportamento agressivo. Deste modo o comportamento agressivo toma uma dimensão de retaliação, sendo a agressão pensada em termos reactivos.

Na **segunda pergunta**, apesar de também se questionarem os sujeitos quanto à origem ou justificação do comportamento agressivo, os resultados obtidos são distintos. As diferenças entre rapazes e raparigas não se expressam de forma tão clara e não dizem sequer respeito às mesmas categorias. A categoria na qual as diferenças entre as respostas dos sujeitos do sexo masculino e feminino são mais evidentes é a "A" - "**Influência familiar**", existindo mais raparigas a apontar este tipo de argumento. Tal diferença expressa-se para os dois níveis de escolaridade. A grande divergência apontada na pergunta anterior, ao nível da categoria "B"- "**Causas intrínsecas, características pessoais**", não se evidencia aqui.

Os diferentes resultados encontrados nas respostas dos sujeitos a estas duas primeiras perguntas, como já foi referido atrás, reflectem a diferença da própria natureza das questões, não tanto em termos do conteúdo mas mais em termos do trabalho exigido para a formulação da resposta. Na segunda questão é necessária a confrontação das ideias sobre os sujeitos agressivos e os não agressivos para se poder chegar à justificação da origem do seu comportamento, enquanto que na 1ª questão os sujeitos pensam apenas em termos dos elementos agressivos.

Quando questionamos os sujeitos sobre aquilo que fazem numa situação de agressão, **pergunta 3**, as respostas obtidas revelam apenas uma diferença

ao nível da categoria "B" - "**Queixa**", sendo esta significativamente mais referida pelas raparigas do que pelos rapazes. Esta situação verifica-se apenas para os sujeitos do 4º ano. Pensamos que no recurso à queixa, transparece uma certa fragilidade e dependência, mais característica das raparigas.

Os sujeitos na **pergunta 4** dizem-nos aquilo que pensam quando são agredidos. A este nível as diferenças das respostas dos sujeitos masculinos e femininos merecem realce relativamente às duas categorias: "C" e "D". A categoria "C" - "**Atribuição de características a quem agride**" é mais referida pelas raparigas do que pelos rapazes, revelando novamente uma maior preocupação com as características dos sujeitos. As raparigas parecem tentar entender a agressão pela compreensão de algumas características dos sujeitos que agredem. Em paralelo a categoria "D" - "**Formas de acção, o que posso fazer ou dizer**", é mais vezes assinalada pelos sujeitos do sexo masculino. Estes parecem mais preocupados em pensar naquilo que poderão fazer ou dizer, ao nível da acção, deixando transparecer o seu desejo em resolver a situação numa dimensão prática, sem que se manifeste um desejo de compreender o que sucedeu.

Para a **pergunta 5**, onde perguntamos aos sujeitos se pedem ajuda, os resultados obtidos vêm ao encontro dos verificados na pergunta 3. Os sujeitos do sexo feminino referem mais vezes que "**Sim**", pedem ajuda, enquanto que os sujeitos do sexo masculino referem mais vezes que "**Não**". Na pergunta 3 verificamos que os sujeitos do sexo feminino referiram bastantes mais vezes que faziam queixa. Pensamos que o que leva as raparigas a pedirem ajuda será certamente algo também presente na "**Queixa**". Ou seja, as raparigas parecem procurar bastante mais vezes ajuda para resolverem as situações, enfatizando uma relação de dependência em relação ao outro e deixando transparecer o seu sentimento de incapacidade para pôr termo à situação individualmente. Pelo contrário os rapazes, ao dizerem que não pedem ajuda, deixam inferir que resolverão

o problema sozinhos de forma autónoma sem qualquer dependência em relação ao outro. Esta parece ser uma diferença marcante na atitude dos rapazes e das raparigas face à dependência, que tende porém a esbater-se com a idade pois numa altura em que tanto raparigas como rapazes fazem um trabalho no sentido da construção do seu próprio espaço e autonomia, tornam-se menos dependentes do outro.

Na **pergunta 6** as diferenças encontradas entre as respostas dos rapazes e das raparigas não merecem grande destaque. Existe uma ténue tendência para os rapazes afirmarem mais vezes que prestam ajuda sem qualquer condição. Esta tendência poder-se-á prender com o facto dos rapazes serem potencialmente mais fortes, se envolverem com mais frequência em disputas, e, conseqüentemente, poderem sentir-se mais preparados para prestar ajuda. As raparigas, por seu lado, tendem a pôr ligeiramente mais vezes condições para a prestação de ajuda.

Quando perguntamos se os sujeitos agressivos têm amigos, **pergunta 7**, as respostas obtidas deixam transparecer uma leve diferença entre raparigas e rapazes. As raparigas referem ligeiramente mais vezes que os sujeitos agressivos **“Não têm amigos”**, enquanto que os rapazes referem mais vezes, que os mesmos **“Têm amigos agressivos, más companhias”**. A partir destes dados verificamos que os rapazes conseguem conceber amizades agressivas, amizades com más companhias, enquanto que as raparigas concebendo com menos frequência este tipo de amizades, referem mais vezes que os sujeitos poderão não ter amigos efectivamente.

As raparigas e os rapazes não divergem na forma como avaliam se os sujeitos agressivos são fortes ou fracos, (**pergunta 8**). Os argumentos das respostas de ambos incidem sobretudo ao nível da categoria **“Fortes”**, distribuindo-se as restantes respostas, de forma equivalente, pelas demais categorias de resposta.

Na **pergunta 9**, na qual se questionam os sujeitos se consideram os professores agressivos, encontramos algumas diferenças entre as respostas dos rapazes e das raparigas. Estas expressam-se ao nível da categoria "A" e "B", respectivamente, "**Sim**" e "**Só às vezes**". Estas diferenças exprimindo-se em termos globais, são sobretudo devidas às respostas dos sujeitos do 7º ano. Ao nível do 4º ano as frequências de resposta são praticamente equivalentes para todas as categorias. O facto dos sujeitos masculinos referirem mais vezes que os professores são agressivos, parece revelar uma posição mais categórica, pela qual os professores são vistos de um modo pouco flexível, não sendo considerados os diferentes contextos na avaliação da agressividade expressa por estes. Perguntamo-nos que tipo de sentimento existirá para que 50% dos sujeitos considerem os professores agressivos. Provavelmente terão vivido experiências de utilização de autoridade, associadas à agressividade, onde não foi permitido qualquer tipo de diálogo, ou ainda, experiências nas quais a resolução dos conflitos tivesse passado essencialmente pela força, pelo poder autoritário que o professor possui. Questionamo-nos também sobre as razões que levam a que este tipo de experiências seja mais frequente nos rapazes? Talvez estes tendam a adoptar uma postura mais provocatória, mais sólida face ao professor, levando a que este, ao sentir-se ameaçado, utilize a agressividade e poder como forma de resolução dos conflitos. As raparigas por seu lado, normalmente mais calmas e menos provocadoras, parecem ter menos razão de queixa neste sentido. Estas, nas respostas ao questionário, consideraram com mais frequência que a agressividade do professor varia em função das situações e dos contextos, fazendo uma avaliação mais cautelosa, mais reflectida, ponderando mais factores para a avaliação da adequação dos comportamentos do professor. Uma avaliação deste tipo poderá ser mais isenta e mais desligada de uma posição de zanga e de crença numa injustiça, como parece verificar-se nos rapazes. Estes dados articulam-se com a constatação de mais actos de agressão por parte dos rapazes do que das raparigas, como é aliás referido por Hetherington e Park (1993). Existe um número reduzido de sujeitos, mas

equivalente quanto ao sexo, que refere que os professores não são agressivos.

Quando questionamos os sujeitos sobre a justiça do comportamento do professor, **pergunta 10**, a maioria das respostas de ambos os grupos situa-se na categoria "C"- "**Às vezes sim, outras não**". Esta resposta dá conta de uma avaliação baseada numa conjunção de vários factores, na qual são ponderados os diferentes contextos e episódios, podendo-se, a partir daí, fazer uma avaliação quanto à adequação do comportamento do professor. Salienta-se uma pequena diferença ao nível das respostas dos sujeitos na categoria "A"- "**São justos, avaliam bem**", existindo um número superior de raparigas que considera que os professores são justos e avaliam bem. Esta pequena diferença toma expressão nos dois níveis de escolaridade. Será certamente uma diferença inerente às características específicas das raparigas que, talvez por serem menos agressivas e por desencadearem menos episódios de agressão, poderão construir uma imagem do professor mais idealizada, de alguém que sabe, que é mais velho, que não deverá ser contestado quanto ao seu comportamento, porque, certamente, tudo o que faz estará certo. Os rapazes, por seu lado, mais provocadores, com mais tendência para retaliarem, tenderão a formular uma imagem do professor menos idealizada, de alguém que, por vezes, também erra.

### 1.3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA 3ª HIPÓTESE: “A forma de conceptualização da agressão pelos sujeitos “agressivos” é qualitativamente diferente da dos sujeitos “não agressivos”.

Discutiremos em seguida os resultados obtidos através da análise das respostas, tendo em conta os sujeitos “agressivos” (n= 7) e “não agressivos” (n= 8).

A forma através da qual seleccionámos os sujeitos “agressivos” e “não agressivos” poderá implicar alguns riscos, pois utilizámos os critérios de avaliação dos professores, com toda a subjectividade inerente a essa mesma avaliação.

Os sujeitos cujas respostas submetemos a análise são consideravelmente menos do que aqueles envolvidos nas duas discussões anteriores. Trabalharemos apenas com 7 sujeitos “agressivos” e 8 sujeitos “não agressivos”.

Tendo em conta as respostas da globalidade dos sujeitos “agressivos” e “não agressivos” verificámos, ao nível da **primeira pergunta**, duas diferenças que nos parecem importantes. Os sujeitos “agressivos” justificam o comportamento agressivo através de respostas presentes na categoria “A”- “**Meio familiar**”, consideravelmente mais vezes que os “não agressivos”. Os sujeitos “não agressivos”, por seu lado, utilizam mais vezes os argumentos relacionados com causas intrínsecas ao sujeito.

As duas diferenças apresentadas devem-se, sobretudo, às respostas dos sujeitos do 7º ano pois, entre os sujeitos do 4º ano, não se encontram diferenças ao nível destas categorias. Os argumentos utilizados sobre as “causas intrínsecas” são, certamente, resultado de um pensar introspectivo, já possível nos sujeitos mais velhos. A procura de razões para justificar o comportamento agressivo faz-se numa tentativa de análise das motivações e

características internas do sujeito, e não pela valorização da influência de factores externos. Contrariamente, os sujeitos “agressivos”, procuram justificar a agressão através de características associadas com a influência do meio familiar, que apesar de se relacionarem com o sujeito, pertencem ao mundo externo que o circunda. A diferença apresentada será espelho de diferentes atitudes por parte destes dois grupos de sujeitos, sendo os “não agressivos” capazes de fazer um trabalho de análise interna, pelo qual o sujeito é responsabilizado pelas suas acções; por seu turno nos sujeitos “agressivos” parece haver maior tendência para procurar argumentos fora de si, para encontrar fora do sujeito as justificações para o seu comportamento, desresponsabilizando-o, tendencialmente, pelas suas acções.

Ao nível do 4º ano estas diferenças não se encontram. A única categoria onde as respostas se diferenciam é a “D” - **“Em consequência de acções dos outros”**, que é bastante mais vezes utilizada pelos sujeitos “agressivos” na justificação da agressão. Sobressai aqui um pensamento através do qual as acções do sujeito se justificam pelas acções de outros, sendo o comportamento agressivo sempre visto enquanto retaliação. É sempre pensado enquanto agressão reactiva, através do qual o sujeito se quer, provavelmente, defender.

Na **pergunta 2**, a situação das respostas dos sujeitos “agressivos” e “não agressivos” do 4º ano, inverte-se. Nesta, são as respostas dos sujeitos “agressivos” que se apresentam dispersas e sem padrão tipo, enquanto que na pergunta 1 esta situação surgia para os sujeitos “não agressivos”.

Na pergunta em análise os sujeitos “não agressivos”, tanto do 4º como do 7º ano, referem, mais do que os “agressivos”, justificações que se inscrevem na categoria “A” - **“Influência familiar”**. É um dado que em relação ao 7º ano parece contradizer os resultados da questão anterior, onde foram fundamentalmente os sujeitos “agressivos” que referiram este tipo de argumentos.

Ao nível das outras categorias de resposta as diferenças entre os dois grupos de sujeitos não parecem suficientemente amplas para serem apontadas como tendências características. Mais uma vez, os resultados que aqui surgem, são bastante distintos dos da pergunta 1. Parece-nos, aqui também que, apesar das semelhanças no conteúdo das duas primeiras perguntas, a própria estrutura da pergunta 2 leva a que as respostas dos dois grupos sejam bastante diferentes. A necessidade de pôr em paralelo, numa perspectiva comparativa, as justificações para o comportamento agressivo e não agressivo, leva a que os sujeitos procurem outro tipo de justificações.

Relativamente à **pergunta 3**, "O que fazes ?", verificamos que a maior parte dos sujeitos "agressivos" e "não agressivos" dos dois grupos etários dizem defender-se por agressão física ou verbal, não se evidenciando qualquer tipo de diferença. A única categoria onde os resultados poderão ilustrar uma leve diferença é a "C" - "**Fuga / Ignorar**". Trata-se de uma diferença que se expressa unicamente ao nível do 4º ano. Neste grupo verificamos que os sujeitos "não agressivos" tendem a dizer mais vezes que fogem ou ignoram a situação, adoptando uma posição de uma certa passividade, sem reacção face à agressão. Estes argumentos parecem revelar um desejo de não envolvimento em episódios agressivos.

Os sujeitos "agressivos" e "não agressivos" do 7º ano, para além de referirem, com maior frequência, argumentos da categoria "A", utilizam também argumentos da categoria "D", onde se expressa o desejo de compreensão e de aconselhamento. São respostas que têm expressão sobretudo ao nível do 7º ano, mas que não diferenciam os dois grupos em análise.

Na **pergunta 4**, na qual se questionam os sujeitos sobre aquilo que pensam quando são agredidos, existem algumas diferenças entre os dois grupos

que merecem ser apontadas. Os sujeitos "não agressivos" referem a categoria "C" - "**Atribuição de características a quem agride**" com bastante frequência, sendo esta uma resposta característica deste grupo. O conteúdo desta categoria terá algumas semelhanças com o que é referido na pergunta 1 e 2 ao nível da categoria "**Causas intrínsecas**" e que já na pergunta 1 apareceu como resposta típica do grupo dos sujeitos "não agressivos". Este dado reforça a ideia de que os sujeitos "não agressivos" tenderão a pensar sobre as características pessoais dos sujeitos .

A categoria "E" - "**Juízo de valor**", foi referida unicamente pelos sujeitos "agressivos" de ambos os níveis de escolaridade. É uma resposta que pressupõe uma crítica ao comportamento agressivo do outro que, sendo feita especialmente pelo grupo de sujeitos agressivos, poderá ser indicativa de alguma dificuldade na avaliação do seu próprio comportamento agressivo. O sujeito, não querendo ou não podendo olhar para si mesmo e tomar consciência de si, torna-se mais severo na avaliação e aceita pior a agressividade no comportamento do outro. O outro, poderá ser espelho daquilo que ele próprio não quer ver em si. Aliás, de acordo com Hetherington (1983), sabemos que as crianças agressivas tendem a ver o mundo como um lugar ameaçador e hostil, percebendo as acções dos outros de forma diferente e vendo mais zanga e agressão nos outros do que acontece com as crianças menos agressivas. Poderá ser esta uma das razões que levará os sujeitos agressivos a emitirem juízos de valor sobre o comportamento dos seus pares, pois tenderão a avaliá-los, mais rapidamente, como agressivos e hostis.

Quando perguntamos se pedem ajuda em situações onde se sentem agredidos, **pergunta 5**, as respostas dos grupos "agressivos" e "não agressivos" não diferem de forma significativa. Da nossa amostra temos 3 sujeitos "agressivos" (43%) que dizem, não pedir ajuda, enquanto apenas 2 sujeitos "não agressivos" (25%) dizem não pedir ajuda. Esta leve diferença, insignificante em termos numéricos, poderá ser indicativa de uma postura

diferente, no sentido dos sujeitos agressivos tenderem a acreditar que podem resolver a situação não recorrendo à ajuda de ninguém, confiando na sua própria capacidade e força. O número de sujeitos que dizem pedir ajuda é idêntico entre os dois grupos. Encontramos uma pequena diferença relativamente aos sujeitos que dizem “**Às vezes**” pedir ajuda. Esta categoria é mais referida pelos sujeitos “não agressivos”, sugerindo que estes colocam com mais frequência tal hipótese, e acentuando aquilo que foi dito no sentido dos sujeitos “agressivos” confiarem mais na sua própria capacidade de defesa e força.

Quando a questão é posta no sentido inverso, ou seja, se os sujeitos ajudam os outros quando estes precisam, **pergunta 6**, as respostas obtidas surgem um pouco na mesma linha. Os sujeitos “agressivos” tendem a dizer que prestariam ajuda, enquanto que os “não agressivos” tendem a fazer depender a ajuda de determinadas condições. Salienta-se que nenhum elemento dos dois grupos refere não prestar ajuda.

Na **pergunta 7** verificamos que a maior diferença entre as respostas dos dois grupos se encontra ao nível da categoria “C” - “**Amigos agressivos / Más companhias**”, a qual é apenas referida por sujeitos “agressivos”, tanto do 4º como do 7º ano. Por sua vez os sujeitos “não agressivos” não colocam sequer a hipótese da existência de amizades agressivas; admitindo apenas que os sujeitos “agressivos” tenham amizades precárias e por pouco tempo. Nota-se ainda que existem mais sujeitos “não agressivos”, de ambos os níveis de escolaridade, que colocam a hipótese destes sujeitos não terem qualquer tipo de amizades. O número de sujeitos “agressivos” que considera esta hipótese é mais reduzido. Os sujeitos “não agressivos” parecem ter mais dificuldade em conceber a existência de amizades com sujeitos cuja relação seja marcada por um padrão agressivo, não admitindo que estes sujeitos possam ter outro tipo de características, para além do comportamento agressivo, através das quais se justificasse o estabelecimento de relações de amizade.

Quando perguntamos se os sujeitos agressivos são fortes ou fracos, **pergunta 8**, obtemos respostas bastante semelhantes nos dois grupos. As respostas, apenas tendem a divergir, ligeiramente, na categoria “D” - **“Dentro fracos, fora fortes”**. Esta nunca é referida pelos sujeitos “agressivos” e é referida por 2 sujeitos “não agressivos”. Este tipo de resposta exige a presença de um pensamento introspectivo que possa conceber a diferenciação entre os aspectos internos e externos do sujeito, podendo conceber a existência de aspectos externos ao serviço de necessidades internas do sujeito. Como se a “força” externa do sujeito agressivo fosse algo que lhe permitisse criar uma ligação com outros sujeitos “fortes”, ajudando-o a viver um sentimento de pertença e de segurança, refugiando-se da sua fragilidade interna. De certa maneira, o comportamento agressivo é aqui visto como uma “arma” pertencente aos sujeitos fracos, que não terão outra forma de conquistar o seu lugar ou de afirmar quem são.

A questão que visa compreender como é visto o comportamento agressivo na relação entre o professor e o aluno, **pergunta 9**, leva-nos a verificar que as respostas dos dois grupos são bastante semelhantes. Ambos tendem a expressar a ideia de que os professores são agressivos seja de forma sistemática ou ocasional. Existe apenas um sujeito “agressivo” que pensa a relação professor-aluno sem a presença do comportamento agressivo.

**Na décima e última pergunta**, pela qual tentamos perceber se os sujeitos pensam o seu professor como alguém justo ou injusto, verificamos que os sujeitos “não agressivos” são os únicos que o concebem como justo, não havendo nenhum sujeito “agressivo” que refira este tipo de argumento. Não obtivemos, porém, qualquer resposta na categoria “B” - **“Não são justos”**, tendo as restantes respostas incidido na categoria “C”- **“Às vezes sim, outras não”**. Verifica-se aliás que todos os sujeitos “agressivos” utilizam este argumento, através do qual transparece uma avaliação temperada por

aspectos contextuais em função dos quais o professor poderá ser ou não justo.

O facto dos sujeitos “não agressivos” serem os únicos a considerarem os professores como justos, leva-nos a pensar no estilo de relação que se estabelece entre eles. Esta poderá ser marcada por uma certa idealização do papel e actuação do professor, levando a que estes sujeitos não se permitam discordar da opinião do professor, considerando-a sempre adequada e justa.

A discussão conjunta destes dados permite-nos pensar que existem algumas diferenças que marcam o pensamento dos sujeitos “agressivos” e “não agressivos” sobre vários aspectos relacionados com o comportamento agressivo. O seu estilo de relação com o mundo, mais ou menos dependente da acção/agressão, levará à criação de formas diferentes de olhar e de pensar o que se passa à sua volta. Admitimos que a forma através da qual os sujeitos “agressivos” vêm o mundo, e que os diferencia do sujeitos “não agressivos”, possa ser indicadora de uma percepção desviante da realidade, tal como é referida por Dodge e Frame (1982).

## 1.4. DISCUSSÃO FINAL DAS TRÊS HIPÓTESES

Neste capítulo do nosso trabalho procederemos à discussão final dos resultados das três hipóteses. A influência das três variáveis em estudo na concepção do comportamento agressivo, por uma questão metodológica, irá sendo apresentadas na sequência da discussão de cada uma das perguntas do questionário.

### PERGUNTA 1

Ao questionarmos os sujeitos sobre a justificação da presença do comportamento agressivo, obtemos quatro tipos de argumentos, organizados em quatro categorias. São elas:

- A - Influência do meio familiar
- B - Causas intrínsecas / Características pessoais
- C - Consequência de situações externas
- D - Consequência de comportamentos e acções directas de outros.

A categoria "**Causas intrínsecas / Características pessoais**" é a mais referida pelos sujeitos de ambos os níveis de escolaridade, merecendo a preferência dos sujeitos do sexo feminino (sobretudo os mais novos) e dos sujeitos considerados "não agressivos". Trata-se de uma forma de pensamento que reflecte alguma capacidade para analisar o interior, para ir mais além da simples observação das características externas, visíveis e objectivas do comportamento.

A categoria "**Influência do meio familiar**" é mencionada com bastante frequência pelos sujeitos do 7º ano e pelos "agressivos", não sendo identificável qualquer diferença relativamente à variável sexo. Indicará, parece-nos, a tendência dos elementos mais velhos para pôr em causa as suas relações com as figuras parentais, numa tentativa de reestruturação da

sua própria identidade e de descoberta de uma nova forma de estar no grupo familiar. A opção dos sujeitos “agressivos” será melhor entendida quando confrontada com a preferência dos sujeitos “não agressivos” pela categoria “**Causas intrínsecas/ Características pessoais**”. O argumento “**Influência do meio familiar**” poderá indicar, por parte dos sujeitos “agressivos”, uma procura de justificação do próprio comportamento agressivo fora de si mesmos, sem o relacionarem com as suas características internas. É encontrado no exterior um argumento válido, que justifica e ao mesmo tempo desresponsabiliza o sujeito agressivo pelas suas próprias acções.

A categoria “**Comportamentos e acções directas dos outros**” é, ao contrário da apresentada acima, bastante mais referida pelos sujeitos do 4º ano. Estes parecem justificar o comportamento agressivo através de acções provocatórias dos seus pares, vendo-o como um comportamento reactivo a uma provocação inicial. É estabelecida uma relação que nos parece clara, directa e simplista, entre a causa desencadeante e o comportamento agressivo. Esta é ainda a categoria mais vezes referida pelos sujeitos masculinos e “agressivos” do 4º ano. Estes, normalmente envolvidos em “acções”, parecem recorrer a argumentos que se relacionam de perto com a sua própria forma de estar.

## **SINTESE**

-A agressão é mais vezes justificada pelos dois grupos, 4º e 7º ano, através das “**Causas intrínsecas / Características pessoais**”.

-Os sujeitos do 7º ano concebem mais frequentemente o comportamento agressivo associado à “**Influência do meio familiar**” do que os do 4º ano. Estes últimos justificam mais vezes a agressão através de “**Comportamentos e acções dos outros**”.

-As raparigas justificam a agressão, mais vezes que os rapazes, através de **“Causas intrínsecas/ Características pessoais”**; os rapazes justificam mais vezes a agressão através de **“Comportamentos e acções directas dos outros”**

-Os sujeitos “não agressivos” na justificação da agressão utilizam mais vezes do que os “agressivos” argumentos relacionados com as **“Causas intrínsecas /Características pessoais”**. Os “agressivos” utilizam mais vezes do que os “ não agressivos” argumentos relacionados com a **“Influência do meio familiar”** e com os **“Comportamentos e acções directas dos outros”**

## PERGUNTA 2

Quando perguntamos como justificam que uns sujeitos tenham comportamentos agressivos e outros não, surgem quatro tipos de argumentos, correspondentes a quatro categorias de resposta. São elas:

- A - Questões de influência familiar
- B - Causas intrínsecas / Características internas
- C - Consequência de situações ou acções do meio
- D - Relacionado com comportamentos e atitudes que tomam

A categoria **“Questões de influência familiar”** é a mais referida tanto pelos sujeitos do 4º ano como pelos do 7º ano. Este dado parece contradizer o que foi referido na pergunta anterior, mas poderá ser justificado pela própria natureza da pergunta em análise. Questões internas, relativas à sua estrutura, terão levado os sujeitos mais novos a elaborar um trabalho de estilo comparativo, que os conduziu a um nível conceptual mais complexo onde a eleição deste tipo de argumento foi possível. Esta categoria de resposta foi ainda mais vezes referida pelos sujeitos femininos e pelos “não

agressivos”. As respostas dos sujeitos “não agressivos” contradizem o que foi dito na pergunta anterior, mas justificam-se, também agora, com a possibilidade gerada pela própria pergunta, ao conduzir os sujeitos a um nível conceptual mais complexo.

Consideramos ainda a categoria de resposta **“Relacionado com comportamentos e atitudes que tomam”**, francamente mais referida pelos sujeitos do 4º ano, o que demonstra um estilo de pensamento amplamente centrado nos seus desejos e necessidades, caracterizando uma forma de relação com o mundo onde sobressaem aspectos egocêntricos. O comportamento agressivo é justificado em função das necessidades inerentes ao próprio sujeito.

## **SINTESE**

-A diferenciação entre o comportamento agressivo e não agressivo é feita essencialmente, pelos sujeitos do 4º e 7º ano através de **“Questões de influência familiar”**.

-Os elementos do 4º ano diferenciam mais vezes o comportamento agressivo do não agressivo através de **“Comportamentos e atitudes que tomam”** os sujeitos.

-As raparigas distinguem -se dos rapazes ao diferenciarem mais vezes o comportamento agressivo do não agressivo através da **“Influência familiar”**.

-Do mesmo modo, os sujeitos “não agressivos” referem mais vezes que os “agressivos” **“Questões de influência familiar”**.

### PERGUNTA 3

Quando perguntámos aos sujeitos o que fazem numa situação de agressão, obtivemos quatro tipos de argumentos, correspondentes a quatro categorias de resposta. São elas:

- A - Defesa por agressão física ou verbal
- B - Queixa
- C - Fuga declarada / Ignorar
- D - Compreensão e conselhos verbais

A grande maioria dos sujeitos do estudo, tanto do 4º como do 7º ano, refere a “**Defesa por agressão física ou verbal**”. Trata-se de uma resposta reactiva, defensiva, ilustrativa da capacidade de defesa dos sujeitos. É, no entanto, um argumento que se situa no mesmo plano de acção do comportamento agressivo desencadeante, e que poderá ser equivalente aos argumentos da categoria “**Comportamentos e acções directas dos outros**” da pergunta 1. Os sujeitos “agressivos” e “não agressivos” também não se diferenciam através deste argumento, utilizando-o ambos com bastante frequência. O mesmo se passa com os elementos do sexo feminino e masculino.

A categoria de resposta “**Fuga declarada/ignorar**” é mais referida pelos sujeitos do 7º ano, o que parece indicar a presença de um pensamento reflexivo, de um desejo de não envolvimento e ainda o decréscimo de um tipo de resposta reactiva de carácter impulsivo. Esta categoria de resposta surge sempre em conjunto com argumentos que expressam uma forma de defesa. Os sujeitos “não agressivos” do 4º ano também utilizam mais vezes este argumento, o que mostra que este pode ser pensado por sujeitos de um nível etário inferior, “não agressivos” e, por isso mesmo, provavelmente mais calmos e ponderados. Nota-se ainda que os sujeitos do 7º ano referem com mais frequência a “**Compreensão e os conselhos verbais**”.

Os sujeitos do 4º ano, pelo contrário, foram os únicos a fazer referência à “**Queixa**”. Evidencia-se a dependência vivida em relação ao outro, seja pelo sentimento de incapacidade de auto-defesa, seja pela permanência de um padrão de relação com o mundo onde a presença do outro é indispensável. Dentro do grupo de sujeitos que referiram esta categoria (4º ano) são, sem dúvida, as raparigas que mais o utilizam. Este dado vem reforçar as características femininas de fragilidade, maior dependência e menor confiança nas próprias capacidades de defesa.

## SÍNTESE

-Tanto os sujeitos do 4º como os do 7º ano dizem, mais frequentemente, defender-se pela “**Agressão física ou verbal**”.

-Os sujeitos do 7º ano referem mais vezes que poderão fazer uma “**Fuga declarada/ ignorar**” do que os do 4º ano. Estes últimos são os únicos a referir que fazem “**Queixa**”, diferenciando-se nisso dos primeiros.

-Raparigas e rapazes não se diferenciam quanto ao que fazem quando são agredidos. Ambos referem maioritariamente argumentos de “**Defesa por agressão física ou verbal**”.

-As raparigas referem significativamente mais vezes do que os rapazes que fazem “**Queixa**” quando são agredidas.

-Só se diferenciam os sujeitos “não agressivos” do 4º ano em relação aos “agressivos” do mesmo ano, pois os primeiros referem mais vezes a “**Fuga declarada / Ignorar**”.

## PERGUNTA 4

Quando perguntámos aos sujeitos o que pensam numa situação em que estão a ser agredidos, obtivemos seis tipos de argumentos, correspondentes a seis categorias de resposta. São elas:

- A - Sentimentos
- B - Não penso / Não ligo
- C - Atribuição de características a quem agride
- D - Formas de agir, o que posso fazer ou dizer
- E - Juízo de valor, porquê da agressividade
- F - Consequências do acto agressivo

Esta foi a pergunta que deu origem a um maior número de categorias de resposta, o que indica a maior diversidade de formas de pensar sobre este fenómeno.

O maior número de respostas, dos sujeitos do 4º e do 7º ano, concentrou-se na categoria “D”- **“Formas de agir, o que posso fazer ou dizer”** e na categoria “E”- **“Juízo de valor / Porquê da agressividade”**. Reflectem, por um lado, a predominância de formas de pensar direccionadas para a acção e, por outro, a tendência para a crítica e indignação, face à presença do comportamento agressivo. A categoria “D” é, também, mais referida pelos elementos do sexo masculino, indicando, mais uma vez, a sua maior tendência para a acção, para a preparação de uma resposta defensiva.

A categoria “E” só é referida pelos sujeitos agressivos, de ambos os níveis de escolaridade, o que indicará a tendência para procurar fora de si mesmos modos de lidar com o comportamento agressivo, criticando, julgando e simultaneamente evitando um olhar introspectivo.

A categoria "B"- "**Não penso / Não ligo**" foi apenas referida pelos sujeitos do 7º ano, sugerindo a possibilidade de distanciamento, de não envolvimento na situação de agressão, tal como se verificou na categoria "**Fuga/ Ignorar**" da pergunta 3.

A categoria "C"- "**Atribuição de características a quem agride**", não diferenciando os sujeitos do 4º e do 7º ano, é indicada com maior frequência pelos sujeitos do sexo feminino e pelos "não agressivos". Esta resposta indicia a presença de um pensamento capaz de analisar as características internas dos sujeitos, de olhar o interior, tal como nas respostas dos sujeitos "não agressivos" à pergunta 1.

### **SÍNTESE**

-Quando dizem o que pensam ao serem agredidos, tanto os sujeitos do 4º como os do 7º ano, referem "**Formas de agir, o que poderão fazer ou dizer**" e ainda "**Juízo de valor / Porquê da agressividade**".

-Os sujeitos do 7º ano diferenciam-se dos do 4º ano, sendo os únicos a referirem "**Não penso / Não ligo**".

-Os rapazes dizem mais vezes do que as raparigas que ao serem agredidos pensam em "**Formas de agir, o que devo fazer ou dizer**"; as raparigas, por seu lado, referem mais vezes que ao serem agredidas pensam nas características do agressor.

-Os sujeitos "agressivos" diferenciam-se dos "não agressivos" por serem os únicos a referir que quando são agredidos pensam em "**Juízo de valor / Porquê da agressividade**."

-Os sujeitos "não agressivos" dizem mais vezes que os "agressivos" que pensam na "**Atribuição de características a quem agride**".

## PERGUNTA 5

Na questão 5, quando perguntámos aos sujeitos se face a uma situação de agressão pediam ou não ajuda, obtivemos três tipos de argumentos, correspondentes a três categorias de resposta. São elas:

A - Não

B - Sim

C - Às vezes

As respostas a esta questão diferenciam claramente os sujeitos do 4º e do 7º ano. A grande maioria dos do 4º ano diz pedir ajuda, ao contrário dos do 7º ano em que a situação é inversa. Este quadro de resultados indica a posição dependente, e talvez pouco auto-confiante, dos sujeitos mais novos, bem como a tendência dos sujeitos do 7º ano, mais autónomos, para abdicarem da ajuda e resolverem a situação através das suas próprias capacidades. Trata-se de uma posição de maior autonomia, claramente associada ao próprio desenvolvimento dos sujeitos. O pedido de ajuda, amplamente expresso pelos sujeitos do 4º ano, vem ao encontro da referência à “**Queixa**”, francamente referida por este mesmo grupo na pergunta 3. Acentua, mais uma vez, a sua posição de dependência.

O mesmo número de sujeitos “agressivos” e “não agressivos” do 4º ano refere pedir ajuda. Deste nível de escolaridade houve um sujeito “agressivo” que expressamente a negou, enquanto que os restantes “não agressivos” indicaram a possibilidade de a pedirem ocasionalmente. Poderemos pensar que os “agressivos” terão mais convicção na sua capacidade de defesa e poderão evitar o recurso à ajuda de terceiros.

As raparigas também pedem ajuda com mais frequência, enquanto que os rapazes dizem mais vezes que “**Não**”. Tanto no pedido de ajuda como na referência à queixa evidencia-se a maior dependência, por parte dos sujeitos

femininos, em relação a terceiros. Esta diferença marcante entre rapazes e raparigas, tenderá a esbater-se à medida que se desenvolvem.

## SÍNTESE

-Os sujeitos do 4º ano dizem significativamente mais vezes do que os do 7º ano que “**Sim**”, que pedem ajuda, enquanto que os do 7º ano referem mais vezes explicitamente que “**Não**” pedem.

-As raparigas dizem significativamente mais vezes que pedem ajuda quando são agredidas, enquanto que os rapazes dizem mais vezes que não.

-O número de sujeitos “agressivos” e “não agressivos” que dizem pedir explicitamente ajuda quando são agredidos é idêntico (todos do 4º ano). Há, no entanto, mais sujeitos “agressivos” que dizem claramente “**Não**” pedir ajuda e mais sujeitos “não agressivos” que dizem “**Às vezes**” pedir ajuda. Esta diferença é devida às respostas dos sujeitos do 4º ano

## PERGUNTA 6

Quando perguntámos aos sujeitos se ajudam os outros, obtivemos apenas dois tipos de argumentos correspondentes a duas categorias. São elas:

A - Sim

B - Às vezes, com condições

A ausência da categoria de resposta “Não” indica claramente a tendência de todos os sujeitos para prestar ajuda, tornando-se solidários com o pedido do outro. Tanto os sujeitos do 4º como os do 7º ano, dizem maioritariamente que prestam ajuda incondicionalmente. Os restantes dizem prestar ajuda mas mediante determinadas condições. Os resultados permitem-nos concluir sobre a empatia dos sujeitos em relação ao sofrimento e à situação vivida pelo outro, e ainda sobre o desejo de poderem prestar auxílio.

Nota-se ainda uma tendência crescente nos sujeitos do 7º ano, nos sujeitos do sexo masculino e nos sujeitos agressivos, para prestarem ajuda sem qualquer condição. Serão provavelmente sujeitos cujas características como a confiança, a propensão para a acção e a força, os levam a sentirem-se mais preparados e mais confiantes para prestarem ajuda.

## **SÍNTESE**

- Tanto os do 4º como os do 7º ano dizem maioritariamente que prestam ajuda, contudo os do 7º ano dizem mais vezes prestar ajuda incondicionalmente, enquanto que os do 4º ano põe algumas condições para o fazer.

- Também as raparigas se diferenciam dos rapazes ao porem algumas condições para a prestação de ajuda, enquanto eles o fazem incondicionalmente.

- Sujeitos “agressivos” e “não agressivos” não se diferenciam claramente nas referências à prestação de ajuda. Apenas se notou uma ligeira tendência para os “agressivos” dizerem mais vezes que prestam ajuda.

## **PERGUNTA 7**

Ao questionarmos os sujeitos quanto ao facto de sujeitos agressivos terem ou não amigos, obtivemos 4 tipos de argumentos correspondentes a quatro categorias de resposta. São elas:

A - Têm dificuldade em fazer amigos

B - Têm amigos por pouco tempo ou em condições precárias

C - Têm amigos agressivos / Más companhias

D - Não têm amigos

É interessante verificar como nenhum dos sujeitos do estudo referiu a existência da amizade sem a introdução de algumas condições. Pensaram

na inexistência da amizade ou na amizade com algumas condições negativas, mas nunca numa amizade sem restrições.

As grandes diferenças encontradas entre os sujeitos do 4º e 7º ano situam-se na referência à dificuldade em fazer amigos e na inexistência destes. Os sujeitos do 4º ano dizem, em maior número, que os sujeitos agressivos não têm amigos, enquanto que apenas alguns do 7º ano referem este argumento. Esta divergência justifica-se e acentua a importância crescente que as relações de amizade vão tendo ao longo do desenvolvimento, muito especialmente na etapa da pré-adolescência. A importância que certamente as amizades têm para os sujeitos do 7º ano, leva a que sejam raros aqueles que referem a sua inexistência. Os sujeitos do 7º ano são, por outro lado, os únicos a referirem a dificuldade e não a impossibilidade em fazer amigos. Estará implícita a noção de que a amizade é algo que se constrói, que se conquista, que depende de uma relação, e que pode, por isso, ser difícil de conseguir.

As raparigas, por seu lado, parecem aceitar mais facilmente a inexistência de amizades, pois provavelmente concebem com menos facilidade a presença de características agressivas nas relações de amizade. Os rapazes referem com mais frequência a presença de **“Amigos agressivos ou más companhias”**, considerando que a amizade se pode fazer mesmo na presença de características negativas. Para estes sujeitos a agressão não é, por si só, suficiente para inviabilizar a amizade.

Os sujeitos “não agressivos” e as raparigas referem, com maior frequência, que os sujeitos agressivos **“Não têm amigos”**. É certamente difícil para um sujeito “não agressivo” conceber uma relação de amizade onde o padrão de agressividade esteja presente. Os sujeitos “não agressivos” concebem, em maior número que os “agressivos”, a presença de amizades pouco duradouras e em condições precárias. Será uma perspectiva de amizade como algo episódico e pouco consistente, estando em sintonia com a ideia,

acima referida, de que os sujeitos agressivos **“Não têm amigos”**. Estes mesmos sujeitos “não agressivos” não são sequer capazes de conceber a existência de amizades agressivas ou com más companhias, ao contrário dos sujeitos “agressivos” que a assinalam mais frequentemente. Para os sujeitos “agressivos” e do sexo masculino, parece ser mais fácil conceber a relação de amizade, ainda que com algumas características negativas.

## SÍNTESE

-Os sujeitos do 4º ano dizem com mais frequência que os agressivos **“Não têm amigos”**, do que os do 7º ano.

-Os sujeitos do 7º ano são os únicos a assinalar a dificuldade que os sujeitos agressivos poderão ter em fazer amigos.

-As raparigas dizem ligeiramente mais vezes que os rapazes que os sujeitos agressivos têm dificuldade em fazer amigos ou que não têm amigos

-Os rapazes tendem a conceber mais vezes do que as raparigas a existência de amizades com **“Amigos agressivos e más companhias”**.

-Os sujeitos “não agressivos” consideraram, ligeiramente mais vezes, que os sujeitos agressivos **“Não têm amigos”**, ou **“Têm amigos por pouco tempo ou em condições precárias”**.

-Os sujeitos “agressivos” são os únicos que concebem a amizade com **“Amigos agressivos, más companhias”**.

## SÍNTESE

-Os do 4º ano tendem, ligeiramente mais do que os do 7º ano, a pensar que o sujeito agressivo é alguém forte.

-Os do 7º ano inclinam-se ligeiramente mais do que os do 4º ano a considerar a fraqueza do sujeito agressivo.

-Os sujeitos do sexo feminino e masculino não se diferenciam na forma como consideram o sujeito agressivo forte ou fraco. A grande maioria considera-o forte.

-A grande maioria dos sujeitos "agressivos" e "não agressivos" também considera que o agressor é forte.

-Os sujeitos "não agressivos" são os únicos a considerarem que as pessoas agressivas podem ser fracas por dentro e fortes por fora.

## PERGUNTA 9

Na questão 9 perguntámos se os sujeitos consideram que os professores também são agressivos. Obtivemos três tipos de argumentos correspondentes a três categorias. São elas:

A - Sim

B - Só às vezes

C - Não

Enquanto que os sujeitos do 7º ano dizem mais vezes que os professores "**Só às vezes**" são agressivos, os sujeitos do 4º ano dividem-se entre a categoria "**Sim**" e "**Não**". Estes dados levam-nos a concluir que os sujeitos do 4º ano são mais categóricos nas suas afirmações. A opinião dos sujeitos do 7º ano parece estar condicionada por outros factores que os conduzem a

avaliar o comportamento do professor de um modo mais relativo e provavelmente influenciado pelas características das situações de conflito. Para os sujeitos do 4º ano a imagem de autoridade, poder e sabedoria do professor estará intimamente relacionada com a ideia da agressividade do professor.

Os elementos masculinos, por seu lado, tendem a considerar, mais vezes que os femininos, os professores como agressivos. Existirá algo característico no comportamento dos sujeitos do sexo masculino que os leve a viver um maior número de situações onde a agressividade dos professores esteja presente? As raparigas, por seu turno, consideram que os professores às vezes são, outras vezes não são agressivos. Assim como os sujeitos do 7º ano, também elas parecem ter uma opinião mais relativa, a partir da qual conseguem distinguir situações onde os professores serão agressivos e outras onde o não serão.

Entre os sujeitos “agressivos” e “não agressivos” não se evidenciam diferenças nas respostas. Todos tendem a dizer que, de forma sistemática ou ocasional, os professores são agressivos.

Tendo em conta os três critérios de avaliação que temos utilizado, verificamos como a grande maioria dos sujeitos consideram a agressão como algo presente e característico do comportamento do professor.

## **SÍNTESE**

-Os sujeitos do 4º ano referem mais vezes que os do 7º ano, que os professores são agressivos.

-Os do 7º ano referem mais vezes que os do 4º ano que os professores só **“Às vezes são agressivos”**.

-Os rapazes consideram mais vezes que as raparigas que os professores são agressivos; as raparigas tendem a referir mais vezes que os professores **“Às vezes são agressivos”**.

-Os sujeitos “agressivos” e “não agressivos” não se diferenciam ao avaliarem a agressividade dos professores. Maioritariamente consideram que o professor é agressivo sistemática ou ocasionalmente.

## PERGUNTA 10

Na questão 10, perguntámos aos sujeitos se, quando os professores são agressivos, estão a ser justos ou não. Obtivemos três tipos de argumentos correspondentes a três categorias de resposta. São elas:

A - São justos, avaliam bem

B - Não são justos

C - Às vezes sim, outras vezes não.

A maior parte dos sujeitos, tanto do 4º como do 7º ano, dizem que os professores às vezes são justos, outras vezes não são. Não têm uma opinião definitiva, previamente formada, fazendo depender a sua avaliação de características específicas da situação de agressão. Nota-se uma leve tendência por parte dos sujeitos do 7º ano para referirem de um modo categórico que os professores **“Não são justos”** e, inversamente, uma leve tendência para os sujeitos do 4º ano indicarem mais vezes que os professores **“São justos e avaliam bem”**. Estas respostas evidenciam nos sujeitos mais novos uma certa idealização do professor; nos sujeitos mais velhos podem indicar a forma como os professores serão alvo do seu próprio descontentamento e da sua zanga. Poderão ainda ser os professores, tal como os membros familiares, figuras que estão a ser postas em causa, questionadas e de certo modo desvalorizadas...?

A grande maioria dos rapazes e raparigas refere que os professores “Às vezes são justos, às vezes não”. É interessante porém que existe um número maior de raparigas a referir que os professores “**São justos e avaliam bem**”, enquanto que os rapazes tendem a referir mais vezes que os professores às vezes avaliam bem, outras vezes não. As primeiras poderão ter construído uma imagem idealizada do professor, ou poderão ainda, pelo tipo de comportamento que têm, associado ao modelo da imagem feminina, serem menos vezes alvo de conflitos e agressões do professor.

A totalidade dos sujeitos “agressivos” refere que os professores às vezes são agressivos, outras vezes não. Esta categoria é igualmente escolhida pela maioria dos sujeitos “não agressivos”, verificando-se nos restantes a opção pela categoria “A” - “**São justos avaliam bem**”. Um argumento deste tipo, oriundo de sujeitos “não agressivos”, poderá indicar a idealização do papel do professor, ou ainda o evitar de um juízo sobre alguém idealizado e respeitado.

## SÍNTESE

-A grande maioria do 4º e 7º ano pensa que os professores “**Às vezes são justos, outras vezes não o são**”.

-Os sujeitos do 7º ano parecem dizer ligeiramente mais do que os do 4º ano, que os professores “**Não são justos**”, enquanto que os do 4º ano tendem a dizer mais vezes que os professores “**São justos e avaliam bem**”.

-Tanto os rapazes como as raparigas dizem maioritariamente que os professores “**Às vezes são justos, outras vezes não são**”, sendo que os primeiros a referem ligeiramente mais.

-A apreciação dos professores como alguém justo que avalia bem é feita mais vezes pelas raparigas

-A maioria dos sujeitos tanto “agressivos” como “não agressivos” considera que os professores “**Às vezes são, outras vezes não são**” justos.

-Os sujeitos “não agressivos” são os únicos que consideram que os professores “**São justos, avaliam bem**”. Nenhum dos sujeitos em estudo referiu explicitamente que os professores “**Não são justos**”.

## 1.5. DISCUSSÃO DOS EPISÓDIOS CRÍTICOS

Apesar dos 4 episódios serem diferentes no seu conteúdo, e por isso mesmo poderem desencadear respostas bastante distintas, salientaram-se alguns traços que nos parecem importantes.

Relativamente às respostas da primeira questão, "O que pensas sobre isto?", verificámos o seguinte:

Os sujeitos mais novos, do 4º ano, condenam maioritariamente a acção desencadeadora do conflito e não o próprio sujeito que a efectuou. A invasão da propriedade alheia, seja pelo acto de mexer na mala, seja pelo roubo dos cromos, é condenada em si, não sendo condenado o sujeito agente. Ambas as acções se inscrevem numa série de regras sociais que se devem respeitar e que são tidas em conta literalmente pelos sujeitos mais novos.

Ao nível de um dos grupos (Patronato) verificámos que existem 5 sujeitos que culpam directamente o sujeito que roubou, dando razão ao sujeito lesado. No entanto destes 5, 3 acabam por defendê-lo por razões de ordem familiar e afectiva. A acção de roubo, condenável à partida, é relativizada e a sua conotação negativa aligeira-se, pois são tidos em conta outros factores contextuais, relacionados com a dinâmica afectiva e relacional de quem roubou, e que influenciam a atitude final face à situação.

A tomada em consideração da situação contextual, referida acima, evidencia-se no grupo de sujeitos do 7º ano. Nenhum dos dois grupos dá especial importância à agressão inicial, desencadente do conflito. Ao nível do 7º ano 2ª, a maioria refere a acção final consequente, de auto-agressão, e ao nível do 7º ano 3ª, apenas 2 sujeitos condenam a acção inicial. No primeiro grupo uma grande maioria de sujeitos concentra-se sobre a cobardia do sujeito agressor, condenando-a. É tido em conta um aspecto da acção agressiva e não o comportamento em si. Existem ainda 2 sujeitos que

dizem que a responsabilização do acto deverá ser feita em função das características da situação. Curiosamente no grupo do 7º 3ª, 60 % dos sujeitos dão razão a quem agrediu, sendo que alguns deles condenam e lamentam as consequências do acto agressivo. Neste último grupo a análise da acção agressiva parece ter sido amplamente influenciada pelas características contextuais da situação.

Podemos talvez concluir que a condenação da acção de agressão não é feita por todos os elementos. Existem variáveis situacionais diversas que interferem nesta avaliação, relativizando ou mesmo anulando a gravidade do acto agressivo inicial.

Uma acção agressiva, em abstracto, condenável à partida pela maioria dos sujeitos, pode deixar de o ser quando apresentada num contexto específico. Este dado leva-nos a clarificar como, a um determinado nível de análise, a avaliação da agressão é feita tomando-se em consideração as variáveis contextuais onde a acção ocorre. Ou seja, a acção não é avaliada em si mesma, mas na sua interdependência com outros factores passíveis de serem analisados.

Apesar dos sujeitos possuírem, provavelmente, um “quadro de referências” interno, que lhes permite classificar uma acção como “boa” ou “má”, adequada ou desadequada, a tomada em consideração dessas mesmas referências pode ser influenciada pelas características da situação. Não quererá isto dizer que o “quadro de referências” do sujeito se altere, mas talvez, que alguns dos seus dados ao serem tomados em conta para um julgamento, possam ser alterados em consequência de particularidades da situação. Esta ideia pode-nos levar a pensar que, de um modo geral, não existirão acções boas e más em si mesmas, mas que a avaliação da acção ficará dependente do contexto onde se desenrola.

Tudo o que acima foi referido parece tornar-se mais evidente à medida que os sujeitos se vão desenvolvendo, passando a avaliar as intenções do

agente agressor, e apesar da influência das variáveis que ocorrem no contexto da situação agressiva.

Nos episódios onde o recurso à ajuda de terceiros se concretiza, interferindo estes também na situação de conflito, verificámos que existem algumas respostas onde se expressa uma condenação directa a essa intervenção. Este dado vem dar relevo a algo que se prende com a justiça da situação agressiva, tendo em conta as forças intervenientes de ambos os lados. Parece ser algo a que tanto os sujeitos do 4º como do 7º ano são sensíveis.

Relativamente às respostas à segunda questão, "Se isso acontecesse contigo?", verificámos o seguinte:

A grande maioria dos sujeitos, tanto do 4º como do 7º ano tendem a colocar-se na posição do sujeito lesado, daquele que sofre as consequências da acção agressiva. Este dado indica a tendência que os sujeitos terão em afastar-se da possibilidade de serem os agressores, identificando-se, em oposição, com o sujeito agredido. Poderemos pensar que subjacente a esta tomada de posição existirá uma condenação à agressão e a quem agride.

A maioria dos sujeitos que se identifica com o sujeito agredido refere outras hipóteses de reacção que não implicam as consequências negativas expressas nos episódios críticos. Dentro destas, existem algumas divergências entre o que é referido pelo grupo do 4º e do 7º ano. São apenas os sujeitos do 4º ano que referem pedir ajuda a alguém ou fazer queixa, o que indica uma atitude de maior dependência em relação ao adulto.

Neste grupo as outras hipóteses de reacção apresentadas passam quer pela tentativa de diálogo, quer pela referência à zanga, sem que esta desencadeie uma acção retaliatória agressiva.

No grupo do 7º ano, os sujeitos propõem formas de reacção mais eficientes que não impliquem as consequências negativas de desistência ou de auto-

agressão expressas nos episódios críticos. As formas de reacção indicadas são mais dispersas, incluindo tanto a hipótese do diálogo como a hipótese da retaliação física. As respostas deste grupo parecem ter como objectivo a resolução do episódio evitando as consequências negativas no sujeito agredido. Ao nível do 4º ano os sujeitos parecem evitar, de forma mais clara, que o conflito se resolva através de uma estratégia agressiva.

## VI. CONCLUSÕES

## VI. CONCLUSÕES

Após a detalhada e sistemática discussão efectuada, ficou claro para nós a existência de diferentes concepções de agressão nos diversos grupos comparados ao longo do trabalho.

Parece-nos existirem dados que nos permitem dizer que as três hipóteses de trabalho foram confirmadas, pelo menos tendencialmente. Assim, alunos do 4º e 7º ano de escolaridade, raparigas e rapazes, sujeitos “agressivos” e “não agressivos” diferem nas suas concepções de agressão/comportamento agressivo.

Apresentaremos em seguida seis pequenos textos que resumem de forma clara as características dos diferentes conceitos de agressão encontrados ao longo deste estudo e ainda as conclusões decorrentes da apresentação dos episódios críticos de agressão.

A concepção de agressão ou comportamento agressivo em **crianças do 4º ano de escolaridade** caracteriza-se, antes demais, por uma atribuição a características pessoais ou causas intrínsecas. É também frequente a concepção da agressão como reacção a situações ou comportamentos de terceiros.

Perante o agressor, estas crianças tendem a responder verbal ou fisicamente. No entanto, o receio e a impotência que sentem, levam-nas a fazer queixa e a pedir ajuda a qualquer figura de autoridade. Por outro lado, ao verem alguém a ser agredido tendem a impor algumas condições para a prestação de ajuda. A figura do agressor é para estas crianças um personagem forte que, por ser mau não tem amigos.

Curiosamente, quando não se trata de pares mas sim de uma relação de autoridade, esta é confundida com a agressividade. Os professores são agressivos mas são justos sendo característico deste grupo este mecanismo de idealização em que a figura de autoridade tem sempre razão.

No grupo de **pré-adolescentes que frequentam o 7º ano de escolaridade** o conceito de agressão aparece algo diferenciado do das crianças mais novas. Assim, para este grupo de sujeitos a agressão ou comportamento agressivo, para além de ter a ver com causas intrínsecas e características pessoais, prende-se também com as influências do meio familiar.

Perante o agressor, de imediato respondem com uma agressão física ou verbal, orientando o pensamento para uma acção defensiva. Revelam face a este uma postura autónoma, respondendo por si próprios, sem necessidade de recorrer ao adulto. Incondicionalmente prestam ajuda ao agredido, ao que sofre. O agressor é tido como alguém que é fraco e que tem dificuldade em ter amigos.

Diferenciando-se do anterior, este grupo parece não recorrer a mecanismos de idealização da figura de autoridade, fazendo dela uma avaliação centrada nas diferentes situações ocorridas ou presenciadas. Neste contexto, os professores por vezes são vistos como agressivos, outras não, e a avaliar por estes "juizes", nem sempre são justos.

A **variável sexo** parece também ter algum peso na concepção de agressão ou comportamento agressivo. Assim vejamos: para as **raparigas**, a agressão prende-se com causas intrínsecas e características pessoais, sendo também de peso a influência do meio familiar.

Embora respondam ao comportamento agressivo com agressão verbal e física, revelam com frequência uma postura mais calma, mais ponderada, uma atitude mais de compreensão do que de acção, que as conduz a pensar e tentar perceber as características de quem agride. Na sua fragilidade, fazem mais queixas e pedem ajuda mas, curiosamente, põem algumas condições quando são elas a ter que ajudar o agredido.

O agressor é visto pelas raparigas como alguém forte, que não tem amigos ou tem muita dificuldade em fazê-los.

O comportamento do professor só às vezes é considerado agressivo, sendo normalmente justo nas avaliações que faz.

Por seu lado, **os rapazes** revelam uma concepção de agressão mais orientada para a acção. A agressividade, segundo eles é privilegiadamente uma consequência de comportamentos e acções directas de outros.

Numa situação dita agressiva, concentram-se em pensar o que fazer ou dizer, sem necessidade de pedir ajuda, sem dúvida numa atitude de auto-domínio e de auto-confiança. Ajudam incondicionalmente o agredido e vêem o agressor como alguém forte que tem predominantemente amigos agressivos ou as chamadas "más companhias".

O professor é normalmente visto como alguém agressivo que nem sempre é justo.

A **variável agressividade** parece distinguir a concepção de agressão dos sujeitos "agressivos" dos "não agressivos" em alguns aspectos.

Para os "**agressivos**" a agressão justifica-se pela influência do meio familiar e pelas acções directas dos outros.

Quando são agredidos, muitas vezes, retaliam física ou verbalmente. Sugerem também formas de compreensão e conselhos, que os conduzirão provavelmente à tendência que têm para julgar esses mesmos comportamentos.

Apesar dos "agressivos" mais novos recorrerem à ajuda de terceiros, existe neste grupo alguma confiança na sua própria capacidade de defesa que os leva a dispensar qualquer ajuda. Quando se trata de ajudar os outros a maioria presta ajuda incondicionalmente.

O agressor é visto como alguém forte que poderá ter amigos igualmente agressivos.

O professor é geralmente alguém agressivo que nem sempre é justo ao avaliar as situações.

Os “**não agressivos**” por seu lado, concebem que a agressão é influenciada pelas características pessoais do agressor.

No confronto com episódios agressivos para além de mobilizarem uma defesa e de tentarem compreender a situação, os mais novos tendem ainda a fugir ou ignorar o que se passa. São sujeitos que quando tentam compreender a situação, se questionam sobre as características da pessoa que agride. Normalmente pedem ajuda a terceiros, mas também os ajudam quando estes estão a ser agredidos.

Para este grupo o agressor é alguém forte, mas que poderá também ser fraco por dentro e forte por fora, mantendo uma aparência exterior de força. As amizades com alguém agressivo são geralmente precárias ou mesmo inexistentes.

Consideram que o professor é normalmente agressivo e que é justo apesar de por vezes falhar na avaliação que faz.

### **CONCLUSÕES DOS EPISÓDIOS CRÍTICOS**

-Os sujeitos do 4º ano condenam maioritariamente o acto agressivo em si mesmo e não o sujeito que o efectuou.

-A maioria dos sujeitos tendem a considerar as variáveis contextuais na avaliação que fazem sobre o episódio agressivo. É uma tendência que se torna mais evidente nos sujeitos mais velhos, levando-os a minimizar a importância da acção agressiva inicial em função de outras variáveis presentes. Alguns destes sujeitos chegam a dar razão a quem agride.

-Tanto os sujeitos do 4º como os do 7º ano criticam a interferência de terceiros na resolução da situação de conflito.

-A maioria dos sujeitos coloca-se na posição de sujeito lesado, parecendo existir maior facilidade na identificação com o sujeito que sofre.

-Os sujeitos em estudo referem formas de defesa alternativas à agressão pelas quais não se obtenham as consequências negativas descritas nos episódios.

## VII. RESUMOS

## RESUMO

Este estudo tem por principal objectivo o conhecimento das diferentes formas de concepção da agressão em crianças e pré-adolescentes, tendo em conta a influência de três variáveis: *nível de escolaridade* ( 20 - 4ª ano, 20 - 7º ano), *sexo* (20 masculino, 20 feminino.) e *agressividade* (7 - agressivos, 8 - não agressivos).

A avaliação da concepção em causa foi feita através das respostas dadas pelo sujeitos a um questionário e a um episódio crítico de agressão.

Os resultados obtidos, sendo demonstrativos da existência de traços comuns na forma de pensar a agressão pelo universo dos sujeitos, revelam igualmente a presença de características próprias em cada um dos grupos estudados:

- As crianças do 4º ano têm uma concepção da agressão com características específicas que se distingue da dos pré-adolescentes do 7º ano;
- As raparigas têm uma concepção da agressão com características específicas que se distingue da dos rapazes;
- As crianças e pré-adolescentes "agressivos" têm uma concepção da agressão com características específicas que se distingue da dos "não agressivos".

## ABSTRACT

The main propose of this study is the knowledge of different aggression conceptions forms in children and pre-adolescents, considering the influence of three variables: the school level (4th grade N= 20, 7th grade N= 20), the Sex (male N=20, female N=20), and the aggressiveness ("aggressives" N= 7, "non-aggressives" N= 8).

The conceptions were assessed through the answers to a questionnaire and to an aggressive critical event.

The results, showing the existence of similar features in the way of thinking the aggression, also shows us the existence of specific characteristics in each of the study groups:

-Children from the 4th grade have a conception of aggression with specific characteristics differentiated from that of 7th grade.

-Girls's conception of aggression have specific characteristics distinguished from that of the boys.

-“Aggressive” students's conception of aggression has specific characteristics distinguished from that of the “non-aggressive” students.

## RÉSUMÉ

Cet étude a pour objectif principal la connaissance des différentes formes de conception de l'agressivité chez les enfants et pré-adolescents, en considérant l'influence de trois variables: le niveau de scolarité (4ème année N=20, 7ème année N= 20), le sexe (Masculin N= 20, Féminin N= 20) et l'agressivité (“agressifs” N= 7, “non agressifs” N= 8).

L'évaluation de la conception en cause a été faite par les réponses des élèves à un questionnaire et à un épisode critique d'agression.

Les résultats obtenus, en étant démonstratifs de l'existence de traces communs dans la façon de penser l'agression, nous révèlent aussi la présence de caractéristiques propres dans chaque groupe étudié:

-Les enfants de 4ème année ont une conception d'agression ayant des caractéristiques spécifiques, différente de celle des 7ème année.

-Les filles ont une conception d'agression ayant des caractéristiques spécifiques, différente de celle des garçons.

-Les étudiants “agressifs” ont une conception d'agression avec des caractéristiques spécifiques, différente de celle des “non-agressifs”.

## VIII. BIBLIOGRAFIA

## VIII. BIBLIOGRAFIA

Achenbach, T. (1984). Psychopathology of childhood. *Annual Review of Psychology*, 35, 227- 256.

Bion, W.R. (1959). Attacks on linking. *The international Journal of Psycho-Analysis*, 40, 308-314.

Blanchet, A. (1983). L'entretien, à l' interface du psychologique et du social. *Bulletin de Psychologie*, 36, 565- 570.

Blanchet, A. (1986). Les incertitudes méthodologiques de l'entretien de recherche. *Bulletin de Psychologie*, 34, 761-764.

Boldizar, J., Perry, D. G., & Perry C. (1989). Out come values and agression. *Child Development*, 60, (3), 571- 579

Charlebois, P., Gagnon, C. M., Soussignan, R., & Tremblay, R.E. (1987) Quatre catégories de garçons à la maternelle: diferences comportementales et familiales. *Enfance*, 4, 359-372.

Charlebois, P., Gagnon,C., Larivée, S., & Tremblay, R. E. (1991). Compréhension des relations interpersonnelles et comportements agressifs chez de jeunes garçons à l'école primaire. *Enfance*, 3, 221- 239.

Clancier, A., Faure, S., & Pragier,S. (1984). Situation Metapsychologique dans les Travaux Français. *Revue Française de Psychanalyse*, XLXIII, 917- 935.

Dállones R. C. (1989). *La démarche clinique en sciences humaines*. Paris: Dunod.

Dodge, A. K., & Frame, C.L. (1982). Social Cognitive biases and deficits in aggressive children. *Child Development*, 53 (3), 620-635.

Dodge, K. (1991). The role of aggression in peers relations: an analysis of aggression episodes in boys' play groups. *Child Development*, 62, (4), 802-826.

Dodge, K.A., Garber, J., Parak, W.F., & Quiggle, N.L. (1992). Social information Processing in aggressive and depressive children. *Child Development*, 63 (6), 1305- 1320.

Entwistle, N., & Marton, F. (1984). Changing conceptions of learning and research. In F. Marton, D. Housell, N.Entwistle (Eds), *The Experience of Learning*. Edinburgh: Scottish Academic Press.

Freud, A. (1973). Aggression in relation to emotional development: Normal and Pathological. In International Universities Press, (Ed), *The writings of Anna Freud. Indications for Child Analysis and Other Papers*, (2th Ed.) (vol.IV, pp.489-497). New York: International Universities Press. (Original work Published (1949 [1947])).

Freud, A. (1973). Notes on Aggression. In International Universities Press, (Ed), *The Writings of Anna Freud. Indications for Analysis and Other Papers*, (2th Ed.) ( Vol.IV, pp.60-74) New York: International Universities Press. (Original work published (1949 [1947]) )

Freud, S. (1981). Instincts and their Vicissitudes.The two classes of Instincts. In J.Strachey (Ed. and Trans.), *The Standard Editions of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, (9<sup>th</sup>. Ed) (vol.XIV, pp.109-140). London: The Hogarth Press (Original work published 1915)

Freud, S. (1981). Beyond the Pleasure principle. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The Standard Editions of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, (9<sup>th</sup> Ed.) (vol.XVIII, pp.7-64). London: The Hogarth Press. (Original work published 1920-1922)

Freud, S. (1981). The two classes of instincts. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The Standard Editions of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, (9<sup>th</sup> Ed.) (vol.XIX, pp-40-47). London: The Hogarth Press. (Original work published 1923-1925)

Freud, S. (1981). The Theory of the Instincts. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, (9<sup>th</sup> Ed.) ( Vol.XXIII, pp.148-151). London: The Hogarth Press. (Original work published 1937-1939)

Grinberg, L.; Sor, D. & Bianchedi, T.E. (1973). *Introdução às ideias de Bion*. Rio de Janeiro: Imago. (Tradução de *Introducción a las ideias de Bion*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1972)

Harter, S. (1983). Children's understanding of multiple emotions: A cognitive-Developmental Approach. In Willis F.Overton, (Ed), *The Relationship Between Social and Cognitive Development*, (pp.147-194). London: Lawrence Erbaum Associates, Publishers

Hartman, H., Kris, E. & Lowenstein, R. (1977).Notes on the Theory of Agression. In A. Freud, H. Hartmann, E. Kris, (Eds.), *Psychoanalytic study of the child*, (8<sup>th</sup> Ed.) ( Vol III/IV, pp.9-36). New York International Universities Press. (Original work published 1949)

Hersh, R., Reimer, J. & Paolitto, D. (1988). *El crecimiento Moral de Piaget a Kohlberg*. (2º Ed.) Madrid: Narcea. (Tradução do original em língua Inglesa, Promoting Moral Growth from Piaget to Kohlberg. New York: Longman Inc., 1979)

Henwood, K.L., Pidgeon, N. F. (1992). Qualitative research and Psychological Theorizing. *British Journal of Psychology*, 82, 97-111.

Hetherington, E. M., & Parke, R.D. (1983). Morality, Altruism, and Agression. In J. Vaicunas, D. Dunham (Eds.), *Child Psychology. A Contemporary Viewpoint*. (4<sup>th</sup> Ed.) U.S.A. McGraw - Hill.

Hinshelwood, R.D. (1992). *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Tradução do original de língua Inglesa. A Dictionary of Kleinian Thought. London: Free Association Books, 1989)

Huesmann, R.L., Eron, L.D. & Moral, M.L. (1984). Stability of Agression over Time and Generations. *Developmental Psychology*, 20 (6), 1120-1134.

Hyde, J. S. (1984). How large are gender differences in aggression? A developmental meta-analysis. *Developmental Psychology*, 20 (4), 722-736.

Kernberg, O.F. (1995). *Agressão nos Transtornos de Personalidade e nas Preversões*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Tradução do original em língua Inglesa. Agression in Personality Disorders and Perversios. Yale University Press, 1992)

Klein, M. (1992). Love Guilt and Reparation. In Roger Money-Kyrle (Comp.), *Love, Guilt and Reparation and Other Works*, (vol I, pp.306-343) London: Karnac Books. (Original work published 1937)

Klein, M., Rivière, J. (1968). *L'amour et la Haine*. Paris: Payot. (tradução do original de lingua Inglesa. Love, Hate and Reparation. Londres The Hogard Press, 1937)

Kohut, H. (1971). *Análise do Self*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Tradução do original em lingua Inglesa. The Analysis of the Self. International Press, 1971)

Kohut, H. (1973). Thoughts on Narcissism and Narcissistic Rage. In R.S. Eissler, A. Freud, M. Kris, A. Solnit (Eds.), *The Psychoanalytic Study of the Child*. (vol 27, pp.360-400) New York: Quadrangle Books.

Kohlberg, L. (1992). *Psicologia del Desarrollo Moral*. Bilbao: Desclée de Brouwer. (Tradução do original em lingua Inglesa. Essays on Moral Development. San Francisco: Harper & Row Publishers.)

Lagache, D. (1982). Situation de la Agressivité. In *Agressivité Structure de la Personalité et Outres Travaux*, (vol.IV, pp.145-175). Paris: Press Universitaires de France. (Travail originel publié 1960)

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1971). *Vocabulário de Psicanálise*. (5<sup>a</sup> Ed.). Lisboa: Moraes Editores. (tradução da língua Francesa Vocabulaire de la Psychanalyse. Paris: Press Universitaires de France, 1967)

Laplanche, J. (1984). A Pulsão de Morte na Teoria da Pulsão Sexual. In *La Pulsion de Mort*. Marselha: PUF.

Laterasse, C. (1983). Langage et representation dans la théorie Piagetienne. In I. Not (dir.), *Perspectives Piagetiennes*. (pp.79-94). Paris: Privat.

Mahler, M. (1977). *O Nascimento Psicológico da Criança: Simbiose e Individuação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Rio de Janeiro. (Tradução do original em língua Inglesa. *The Psychological Birth of Human Infant-Symbiosis and Individuation*. New York: Basic Books, 1975)

Mahler, M (1979). Rapprochement Subphase of Separation- Individuation Process. In *The Selected Papers of Margareth S. Mahler*, (vol.II, pp. 131-148). New York: Jason Aronson. (Original work published 1972)

Mandler, J. M. (1983). Representation. In P. H. Mussen (Series Ed.) & J.H.Flavell, E.H. Markman (vol. Ed.), *Handbook of child psychology: vol 3. Cognitive development*. ( 4<sup>th</sup> Ed., pp. 420-494) New York: Wiley.

Marton, F. (1981). Phenomenography - Describing conceptions of the world around us. *Instructional Science*, 10, 177-200.

Marton, F. (1990). The phenomenography of learning: a qualitative approach to educational research and some of its implications for didactics. In H. Mandl, E de Corte, S.N. Bennett, A.F. Friedrich (Eds.), *Learning and Instruction. European research in an International context. Social cognitive aspects of learning and instruction*. (Vol.2, pp.601-616) London: Pergamon Press.

Parens, H. (1989). Toward a Reformulation of the Psychoanalytic Theory of Agression. In I. Stanley, Greenspan, G. Pollock (Eds.), *The Course of Live - Early Childhood*. (Vol.II, pp.129-161) U.S.A.

Parens, H. (1989). Toward an Epigenesis of Agression in Early Childhood. In I. Stanley, Greenspan, G. Pollock (Eds.), *The Course of Live- Early Childhhod*. (Vol.II, pp.83-127) U.S.A.

Pereira, F. (1990). Significação e Representação. *Análise Psicológica*, 3 (VIII), 327-338.

Perry, D., Perry, L. (1989). Sex differences in the consequences that children anticipate for aggression. *Developmental Psychology*, 25 (2), 312-319.

Popper, K. R. (1978). *La logique de la découverte scientifique*. Paris: Payot. (tradução da lingua Inglesa. The Logic of scientific Discovery. London: Hutchinson, 1959.)

Pramling, I. (1986). The origin of The Child's Idea of Learning Through Practice. *European Journal of Psychology of Education*, 1 (3), 31- 46.

Pramling, I. (1988). Developing childrens thinking about their own learnings. *The British Journal of educational Psychology*, 58, (3), 266- 278.

Winnicott, D.W. (1969/1950-1955). L'agressivité et ses rapports avec le developpement affectif. *In De la Pédiatrie à la Psychanalyse*. Paris: Payot. (Tradução da língua Inglesa. Through paediatrics to Psycho-Analysis. Londos tavistock Publications, 1958)

Winnicott, D.W (1984/1955). *Privação e Delinquência*. (2ª ed) Lisboa: Livraria Martins Fontes Editora (tradução da língua inglesa. Aggression and its roots 1955)

Renstrom, L., Andersson, B. & Marton, F. (1990). Student's Conceptions of Matter. *Journal of Educational Psychology*, 82 (3), 555-569.

Segal, H. (1976). *Introduction à l'oeuvre de Mélanie Klein*. (3<sup>ème</sup> Ed.). Paris : Presses Universitaires de France. (Tradução da lingua Inglesa. Introduction to the work of Melanie Klein. London: Medical Books, 1969.

Spitz, R. (1962). *Le Non et le Oui. La genèse de la communication humaine*. Paris: Presses Universitaires de France. (Tradução da lingua Inglesa. No and Yes- On the genesis of Human communication. New York: International Universities Press, 1957.)

Silbereisen, R.K., & Eyferth, K.(1986) Development as Action in Context. In R.K. Silberseisen, K. Eyferth, G. Munding, (Eds), *Development as action in context: Problem behavior and youth development*, (pp.3-18). Germany: Sringer- Verlag Heidelberg

*The International Encyclopedia of Education*. (1994) (2th Ed). Oxford: Pergamon Press.

# A N E X O S

# **ÍNDICE ANEXOS**

## **ANEXOS**

- 1. Anexo I - Quadro de Caracterização da amostra**
- 2. Anexo II - Transcrição dos dados das entrevistas**
- 3. Anexo III - Organização dos dados das entrevistas**
- 4. Anexo IV - Categorização das respostas**
- 5. Anexo V - Quadros de resultados**
- 6. Anexo VI - Escala de avaliação da agressividade**

## **A N E X O I**

### **QUADROS DE CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA**

GRÃO VASCO

NÚMERO	SEXO	IDADE	IRMÃOS	SITUAÇÃO FAMILIAR	GRÃO VASCO DESDE	PROFISSÃO MÃE	PROFISSÃO PAI	FEMININO + agressivo	FEMININO - agressivo	MASCULINO + agressivo	MASCULINO - agressivo	AGRESS.
1	F	9	1 / 20 A.	Bi-par.	3 A	Escritório bostick	Escritório lever	2	1	8	9	0
2	F	9	2 / 2, 7 A.	Bi-par.	3 A	Professora inglês	Professora desenho	5		8	9	2
3	F	9	2 / 2, 4 A.	Bi-par.	6 A	Secretária	Contidente frutas	iguais	iguais	-----	-----	0
4	F	9	-----	Bi-par.	3 A	Psicóloga	Design	não responde	não responde	6	-----	9
5	F	9	2 / 10, 5 A.	Bi-par.	5 A	Médica	Médico	4	3	8	9	8
6	M	9	-----	Bi-par.	7 A	Dentista	Fotógrafo	não responde	não responde	-----	-----	15
7	M	9	-----	Mono-par	3 A	Taxista	Promotora T.V.		não responde	8	-----	10
8	M	9	1 / 12	Bi-par.	2 A	Informática CTT	Advogado		não responde	6	-----	8
9	M	9	-----	Bi-par.	6 A	Empregada firma de computador	Litógrafo		5	8	outro	1
10	M	9	-----	Bi-par.	8 A	Doméstica em casas	Mecânico industrial		não responde	8	-----	0

PATRONATO

NÚMERO	SEXO	IDADE	IRMÃOS	SITUAÇÃO FAMILIAR	Patronato DESDE	PROFISSÃO MÃE	PROFISSÃO PAI	FEMININO + agressivo	FEMININO - agressivo	MASCULINO + agressivo	MASCULINO - agressivo	AGRESS
1	F	10	1 / 18 A.	Bi-Par.	4 A	Funcionária pública	Empregado comércio	3	5	9	Não há	0
2	F	9	1 / 17 A.	Bi-par.	3 A	Repcionista	Empregado armazém	3	2	8	outro	0
3	F	10	0	Mono-par.	3 A	Distribuidor medicamentos	Empregado armazém	outra	outro	9	6	9
4	F	10	3/18,26,29	Bi-par.	4 A	Cabeleireira	Vendedor vinhos	3	outro	8	6	0
5	F	9	0	Mono-par.	5 A	Revisora artes gráficas	Electricista	5	outro	9	10	6
6	M	10	0	Bi-par.	7 A	Limpeza	Cozinheiro	outro	outro	outro	10	3
7	M	10	1 / 7 A.	Bi-par.	6 A	Empregado loja	Pedreiro	outro	outro	9	8	9
8	M	9	0	Bi-par.	3 A	Empregado balcão	Camionista	-----	2	9	Todos	21
9	M	10	4 irmãos	Bi-par.	5 A	Limpezas	Pintor	-----	outro	8	9	24
10	M	10	2 / 18,20 A	Bi-par.	5 A	Empregada cantina	Pintor	-----	outro	9	6	8

FERREIRA BORGES 7º 2ª

NÚMERO	SEXO	IDADE	IRMÃOS	SITUAÇÃO FAMILIAR	F. Borges DESDE	PROFISSÃO MÃE	PROFISSÃO PAI	FEMININO + agressivo	FEMININO - agressivo	MASCULINO + agressivo	MASCULINO MASculINO - agressivo	AGRESS
1	F	12	1 / 20 A.	Bi -Par.	1º A	Cozinheira	Motorista	6	outra	8	outro	0 / 0
2	F	14	3 / 6,4,2 A	Mono-par.	1º A (1 chumbo)	Doméstica	Taxista	-----	outra	8	outro	8 / 0
3	F	12	1 / 18	Bi-par.	1º A	Vendedora	Controlador de qualidade	6	5	7	8	0 / 0
4	F	14	2	Bi-par.	1º A	Cabeleireira	Reformado	6	outra	8	outro	11 / 2
5	F	13	0	Mono-par.	1º A	Empregada escritório	Médico	6	outra	7	outro	0 / 0
6	F	14	5 / 31, 27, 26,24,23	Bi-par.	1º A (2chumbos)	Doméstica	Vendedor ambulante	-----	-----	-----	-----	15 / 4
7	M	14	2 / 8,18.	Bi-par.	1º A (2chumbos)	Empregado Lar 3ª idade	Pintor	6	outra	8	outro	22 / 8
8	M	14	5	Bi-par.	3º A (2chumbos)	Empregado balcão	Reformado	6	outra	7	outro	15 / 4
9	M	13	2 / 4,20	Mono-par.	1º A (1chumbo)	Limpezas	Electricista	-----	outra	7	outro	17 / 6

FERREIRA BORGES 7º 3ª

NÚMERO	SEXO	IDADE	IRMÃOS	SITUAÇÃO FAMILIAR	Patronato DESDE	PROFISSÃO MÃE	PROFISSÃO PAI	FEMININO + agressivo	FEMININO - agressivo	MASCULINO + agressivo	MASCULINO - agressivo	AGRESS.
1	F	14	1 / 17	Bi -Par.	1º A (2 chumb.)	Limpeza	Pasteleiro	2	3	8	10	7 / 0
2	F	14	1 / 18	Bi-par.	2º A (2 chumb.)	Auxiliar de manutenção	Electricista	outra	3	8	11	6 / 4
3	F	14	3	Bi-par.	1º A (1 chumb.)	Doméstica	Encarregado	outra	4	8	10	0 / 0
4	F	14	1 / 6	Bi-par.	1º A	Cabeleireira	Chefe tráfego	outra	3	8	10	8 / 0
5	M	13	1 / 10	Bi-par.	1º A	Escriturária	Comerciante empregado	-----	-----	-----	10	4 / 8
6	M	14	2 / 2, 7	Bi-par.	1º A (2 chumb.)	Ajudante domiciliária	Vidreiro	outra	4	8	10	22 / 3
7	M	14	1 / 9	Mono-par.	1º A	-----	-----	outra	1	-----	10	16 / 3
8	M	14	3 / 6, 12, 19	Mono-par.	1º A (1 chumb.)	-----	Supervisor Construção	outra	3	-----	10	16 / 6
9	M	12	1 / 16	Bi-par.	1º A	Cozinheira	Desempregado	outra	4	11	10	14 / 13
10	M	12	5	Bi-par.	1º A	Doméstica	Porteiro	outra	4	8	10	3 / 1
11	M	14	2	Mono-par.	1º A	Cozinheira	Cargas e descargas	outra	4	8	10	12 / 1

## **ANEXO II**

### **TRANSCRIÇÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS**

# 1. TRANSCRIÇÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

## 1.1. EXTERNATO GRÃO VASCO

### SUJEITO 1

9 anos

Grão Vasco

D.N. 30 de Julho

Tem 1 irmão com 20 anos- estudante de universidade

Vive com o pai, a mãe e o irmão.

Mãe- Escritório da Bostick

Pai- Escritório da Lever

Vive em Benfica

Frequenta o grão Vasco desde os 3 anos.

Ficou com a avó até aos 3 anos

Escolhas:

Mais agressivo:

Menino- João António

Menina - Joana Bordalo

Menos agressivo

Menino- Pedro Morais

Menina- Rita Afonso

Agressividade = 0

### RESPOSTAS

1-"Porque não gostam dos outros meninos, e são muito maus."

-E achas que quando eles fazem isso a alguém é porque não gostam dessa pessoa ?

-"Talvez"

-Quer dizer que isso entre amigos nunca acontece ?

-" Às vezes quando uma pessoa se chateia com a outra"

2-"Se calhar os pais dão uma educação, mas depois eles não ligam nenhuma e fazem o que não devem."

-Então tu achas que os meninos mais maus não ligam nenhuma ao que os pais dizem ?

-" Se calhar"

-E o que é que se passa com os meninos que não são maus, mais ajuizados ?

-"Porque ligam ao que os pais dizem e as outras pessoas"

3-" Às vezes digo-lhe que ele está a dizer asneiras e está a dizer o que não devia"

-E outras vezes ?

-"Outras vezes não ligo e vou-me embora, não lhe ligo nenhuma"

-E outras coisas ?

-" Às vezes quando fico muito nervosa vou lá bater-lhe"

-E quando é que ficas mais nervosa ?

- "É quando me começam a bater ou me atiram para o chão, ou assim"

4- " Às vezes fico a pensar que me aleijei e que fico com muitas dores e que nunca mais posso andar"

5- " Às vezes quando é necessário "

-E quando é que é necessário ?

- " Não sei"

-Quando é que tu costumavas pedir ajuda aos outros meninos ?

- "Quando me estão a aleijar mesmo muito, muito."

-E se não for muito, muito muito ?

- " Se não for muito , muito , muito, posso ir chamar uma empregada"

-E porque é que tu chamas uma empregada ?

- " É para o menino não me continuar a bater ou a aleijar"

-E o que é que a empregada vai fazer ?

- " Ou põe de castigo, ou diz para ele nunca mais fazer isso"

6- " Quando eles me pedem ajuda, às vezes. Eu às vezes não faço muito isso porque eu não sou intrometida na briga deles, mas às vezes quando eu estou a ver e não consigo suportar, eu vou lá , ou digo para eles pararem.

7- " Muito poucos"

-Porquê ?

- " Ah, como eles são mal educados há poucas pessoas que gostam deles"

-Mesmo assim têm alguns?

- " Alguns que também sejam mal educados"

-Tu achas que os mal educados são amigos dos mal educados ?

- "Se calhar"

-Tu achas que um menino assim mais agressivo pode ser muito popular na escola ?

- " Às vezes pode ser porque como ele está sempre a ficar de castigo ou qualquer coisa assim, as pessoas começam a conhecê-lo bem"

-Mas então não é por gostarem realmente dele ?

- " Podem gostar dele ou podem não gostar"

8- " A maior parte das vezes são mais fortes

-Porque é que tu achas que eles são fortes ?

- " Não sei"

9- " Às vezes é preciso, porque o menino está a fazer qualquer coisa que ele não devia estar a fazer e o professor diz-lhe muitas vezes para ele não fazer, é melhor pôr de castigo"

10- " Às vezes tem razão"

-E às vezes ?

- " Outras vezes não"

-E quando é que não tem ?

- "Não sei"

-Às vezes acontece que ele é agressivo ou põe de castigo sem ter razão para isso?

- "Não"

## EPISÓDIO CRÍTICO

1-O que é que pensas sobre isto?

- "Primeiro, eu acho que a Marta não devia ter mexido na mala sem autorização da Rita, ela podia ter pedido para ver o caderno, porque e até o caderno podia estar dentro de um livro ou debaixo da mesa ou ela podia ter levado com ela. Acho que ela não devia começar a agredir devia falar com calma"

- Achas que a outra fez bem em se ter ido meter na discussão ?

- "Não"

- Porque é que tu achas que a Rita ficou tão furiosa ?

- "Porque a Marta devia ter-lhe pedido a mala, porque ela podia ter lá coisas que ela não quisesse que as outras pessoas vissem, e ela depois foi lá ver e pronto ela ficou assim"

2-E se isso acontecesse contigo ?

- "Se ela me perguntasse, ela podia mexer à vontade, mas se ela não me perguntasse eu ficava furiosa,

dizia para ela não mexer mais na minha mala sem a minha autorização.

- E se ela refilasse contigo ?

- "Dizia para ela falar baixinho porque eu não sou surda.

## SUJEITO 2

9 anos

Grão Vasco

D.N.- 9 de Outubro

Tem dois irmãos: 7 e 2 anos.

Vive com os pais e irmãos. Problemas familiares com o pai. Este está a separar-se.

Frequenta o Grão Vasco desde a 1ª classe

Colégio Mestre, desde muito pequena

Vive em Alfovelas

Mãe- professora de Inglês

Pai- Professor de desenho ( Casal de São Braz)

Escolhas:

Mais agressivo

Menino- João António

Menina- Joana Luisa

Menos agressivo

Menino- Pedro Morais

Menina Ana Cristina

AGRESSIVIDADE-2

## RESPOSTAS

1-" Porque têm tantas coisas, os que fazem isso são os mais, assim olha ... os amigos dos que têm muitas coisas. Há um menino chamado João António que diz mil asneiras, é que ele anda no judo , é forte e acha que pode ter tudo o que lhe apetecer. Então é respondão para as empregadas, olha para baixo das saias delas e só faz disparates, acho que é porque ele tem tantas coisas que faz o que quer.

-Então tu achas que os meninos que são mais maus fazem o que querem porque se acham os melhores de todos.

2-"Os outros porque são , estão menos.... pronto, Eu antes era boa , gostava de ficar com as coisas estava sempre a brincar, nunca tinha bulhas nem brigas. Eu agora vim para este colégio, e há brigas , bulhas. E a pessoa aprende. E outras pessoas que vão comer fora e estão menos tempo com eles aprendem menos com eles. Outras que não são amigos deles, são completamente..., conhecem outros e portanto são completamente diferentes de nós.

-Então tu achas que os meninos aprendem com os outros meninos a serem maus ?

-" O João António pronto , é como o caso da Joana Luisa, é o chefe dos rapazes. Há um chefe para cada um, o chefe de meninos e o chefe de meninas"

3-" Eu fico nervosa e depois dou-lhe um pontapé. Bato-lhe logo, senão ele vai dizer aos outros que eu sou uma lingrinhas e depois ainda me dão mais porque não têm medo de mim"

-E assim se tu bateres eles têm medo de ti e não te fazem mal ?

-"Sim, e depois dói muito mais porque eles vão chamar os outros todos. Assim dou logo um pontapé e resolvo logo o problema. No ano passado havia cá imensas da quarta , e essas eram mesmo mal educadas, achavam que eram as melhores e que ninguém lhes podia fazer mal !

Então um dia uma estava a almoçar ao pé de mim e eu disse - oh não, quarta classe- E eu era da terceira. Está-se a ver que elas vão-me bater e pedir para eu me chegar para lá. E eu arrei-me em esperta. E ela disse - chega-te para lá que eu quero sentar-me com a minha amiga, senão no recreio levas uma chapada. E eu disse - Ai não chego não, desculpa lá, aqui foi onde a Maria me pôs e eu não saio daqui- E ela disse está bem , e teve que se sentar num sitio mais longe. E a outra que estava ao pé de mim estava-me a puxar os cabelos, assim às escondidas, depois puxava-me e depois dava-me pontapés , empurrões e eu fiquei pelos cabelos. Então eu dei-lhe um murro assim ( exemplifica com gestos e som ). Um grande murro, ficou a deitar sangue... A sorte é que a directora não estava cá, foi uma grande sorte. A dona Isabel veio e depois ralhou comigo "

-E se a directora estivesse cá o que é que acontecia ?

-" Acho que era um bocadito pior, podia mandar uma carta para a minha mãe e aí é que iam elas ! mas nessa altura as minhas amigas não eram minhas amigas , quer dizer estavam contra mim. Achavam que eu era uma lingrinhas que não fazia nada, que não ajudava em nada. O João António depois todos souberam, o refeitório é enorme, estavam lá imensos amigos meus e amigas. Então não é que chega lá o João e disse: - oh Joana foste muita forte - Eu disse : - pois fui, pois fui - As minhas amigas achavam que eu era uma lingrinhas e depois chegaram todas- oh Joana eu afinal quero ser ao pé de ti. Obrigado ! Porque eu era forte. O João António disse assim :- vais ver que eu

daqui a bocado vou lutar contigo, vai ser "bué da fixe", vamos ver quem ganha de nós os dois. Então passou o dia, e no outro dia houve uma briga connosco. Eu e eles e depois, eu cheguei um bocadinho tarde e estava na hora do recreio. E então o João António contra elas. E depois elas disseram-me que ele estava contra elas e que elas não conseguiam com ele, que ele era forte. Eu disse: - ha está bem eu trato-lhe da saúde -. E então eu não lhe queria bater, mas ele começou a dar-me pontapés e a aleijar-me e eu não lhe fiz nada por isso aleijei-me e depois eu disse-lhe: -Queres-me bater , olha eu estou aqui-. E dou-lhe um pontapé, muito fraquinho. E depois oiço: queres que eu seja sapo , que eu salte para ser mais difícil ? E eu saltei, pus-me para baixo, e quando eu me pus para baixo, ele ia-me dar um murro e ele, pumba na parede ! Auuuuuu!! E depois nós começamos a rir, mas os amigos do João António é que não começaram senão o João António pum, pum, dava pontapés a eles."

4- -"Penso que eles podiam ser melhores "

-Como ?

-" Que eles podiam ser assim,... os da outra aula da quarta são todos amigos..., mas bulham muito. Mas são todos amigos, pronto entendem-se muito bem com as raparigas. Nós não, cada um para seu lado, rapazes para um lado e raparigas para o outro."

5-" Quando são 5 pessoas ou 2 ou isso assim , isso já acho, e eles andam no Karaté e no judo e eu não ando. Então eu acho que tenho que pedir ajuda a elas. É como nós às vezes dizemos : Todos , todos , todos por um -

-Mas as brigas são sempre entre rapazes e raparigas, nunca é entre raparigas ?

-" É , é . Entre raparigas principalmente, porque se a Joana Luísa resolve ela diz : se um faz aquilo eu é que tenho que ir bater. ele não me fez nada, e eu é que tenho que lhe bater , eu acho que isso está um bocadito mal . Naquele caso o João António veio ter comigo e disse. -Então queres-te meter comigo ? Aí é que eu me meti, porque ele me fez qualquer coisa. E é assim que elas ficam contra mim. Elas ficam contra mim, eu defendo-me. Um dia a escola toda ficou contra mim ! A escola inteira, elas conseguem. Depois uns miúdos acharam assim:- Ai eu não posso ficar contra uma miúda assim - E depois eles disfarçaram e foram para mim. Depois esse ano estava cá uma miúda que era a Ana Patrícia, e ela é que era a chefe com a Ana Luísa, então ela achava-se muito importante também porque era a grande amiga da chefe ! ( tom irónico ) E então elas as duas eram apaixonadas por um, isto foi na terceira , e como o namorado disse que era meu, elas disseram:- Oh Joana nós já somos tuas amigas , está bem ?"

6-" Às vezes, se está, se forem muitos, muitos , eu peço ajuda a alguém a um rapaz que eu tenha confiança , ou assim."

7-" Acho que não têm. A Joana Luísa pode ser minha amiga , pode ser pronto essas coisas assim. Mas ela amiga, mesmo amiga ela não é para mim! Nem para nenhuma de nós. Mesmo amiga assim ! É tudo amiga porque senão não têm amigas. Mas eu acho que elas não têm amigas, porque e se elas quiserem pensar: «Eu faço o que quero», e forem para o outro lado, e se for mais outra e mais outra a fazer o que quer aquele grupo é que fica maior do que a Joana Luisa. mas elas ainda não conseguiram perceber isso , ainda não tiveram esperteza. Perceber que a Joana Luisa também é toda podrezinha."

8-" São fortes"

-Porquê ?

-"Pronto , há uma amiga minha que é muito fraca, muito frágil, e não tem coragem de bater a nenhum miúdo e nenhuma miúda, quase não consegue bater a mim. Então, pronto quando vão bater a ela, ela sente-se nervosa, e ela não consegue bater a ninguém , e então ela fica ali parada, para ninguém lhe fazer mal, porque ela sabe que eles são fortes , então fica assim quietinha"

9-" Sim, o Professor, sim ele tem paciência, eu gosto, mas um dia um estava a gozar da vida do outro. Então, ele em vez de dizer :- Agora não faças mais isso, ou vais de castigo, e vais fazer uma cópia. Isso sim. Mas ele não deu-lhe um par de estalos e obrigou-o a ficar meia hora em cima de uma cadeira, para todos verem ele a chorar. Eu acho que isso é uma parvoíce."

-Porquê ?

-" Porque acho que ninguém gostava de estarem a ver que ele estava a chorar, ninguém gostava, e ele chorou, chorou. E cada vez que ele se mexesse levava um par de estalos."

10-"Sim. Um dia o João António fez um barulho dentro da aula. Mas esse barulho era um microfone que o João António pôs por lá ao pé da Joana Luísa. Então ele fez o barulho ao pé do microfone, então tudo indicava que era a Joana Luísa. Então, a Joana Luísa foi de castigo enquanto que era o João António.

## EPISÓDIO CRÍTICO

1-O que é que pensas sobre isto ?

-" Eu acho que a Marta não devia ter feito isso , porque podia ter dito: - Rita preciso de ver um caderno teu, posso ver ou queres ir lá tu buscar ? E ela não, ela estava no recreio e ela foi mexer na mala toda."

-Então quem é que tem razão nesta história ?

"A Rita, primeiro de tudo essa história só começou por causa da Marta, a Marta não devia ter feito isto. Depois a Marta teve razão. Mas se a Marta a principio tivesse pedido autorização a história já não continuava."

2-Se isso acontecesse contigo ?

-"Eu ficava furiosa, fazia as coisas que ela fez, mas não queria que ninguém me ajudasse, é como eu disse à bocado, eu não gosto de ajudar alguém se eu não me fez uma coisa mal"

## SUJEITO 3

9 Anos

Grão Vasco

2 irmãos, Frederico 4 anos, Francisco 2 anos

Vive com pais e irmãos

Vem de carro para a escola

Mãe-Secretária

Pai- Continente nos legumes e frutas

1º classe no Grão Vasco  
rapazes

+ agressivos não sabe  
- agressivos não sabe

raparigas  
todas iguais

AGRESSIVIDADE- 0

## RESPOSTAS

1-" Porque não gostam uns dos outros"

-Portanto tu achas que sempre que eles são maus é porque não gostam uns dos outros ?

"Às vezes"

- E as outras vezes ?

-"Não sei "

2-"Talvez porque uns não andem na escola, os pais não lhes ensinam..."

-Mas dentro da escola também há essa diferença, há uns meninos que são mais maus do que outros.?

-"Há"

-Porquê ?

-" Porque os pais não lhes ensinam "

3-" Às vezes digo às empregadas e às vezes também lhes bato"

4-" Penso que acho que vou ter um comportamento menos bom do que aquele que costumo ter, e os outros também vão ter"

-Porquê, porque lhes vais bater, ou dizer alguma coisa ?

-"Sim, mas eu quase nunca digo, eu bato sempre"

5-"Às vezes quando são situações graves peço"

-E porque é que pedes ?

-"Porque às vezes são muitos miúdos contra mim "

-E porque achas que tens que pedir ajuda ?

-"Porque não consigo, porque eu sou só uma ?

6-"Quando eu acho, ajudo aqueles que eu acho que têm razão "

7-" Mais ou menos, têm aqueles que são iguais a eles"

-Porque é que têm amigos iguais a eles ?

-"Pelo feitio"

8-" Depende"

-Depende de quê

-"Deles, há uns fortes e uns fracos"

9-"Não"

-Nunca?

- "Acho que não, pelo menos o meu não "

10-"Às vezes. Eu acho que os professores nunca batem sem razão. Os alunos às vezes também se portam mal"

## **EPISÓDIO CRITICO**

1-O que é que pensas sobre isto ?

- " Acho que a amiga não se devia ter metido "

-Porquê ?

- "Quem tinha mexido na mala era a Marta , na mala da Rita, eu acho que ela não tinha nada que se meter , porque o assunto era entre elas as duas entre a Marta e a Rita.

-Mas podia ter acontecido que essa amiga achasse que a Rita tinha razão e portanto fosse ajuda-la ?

- "Talvez, mas acho que o assunto era entre a Rita e a Marta "

-Quem é que tu achas que tinha razão ?

- "A Rita "

-Porquê ?

- "Porque a Marta nunca lhe devia ter ido mexer na mala "

2-Se isto tivesse acontecido contigo ?

- " Dizia-lhe que se ela quisesse mexer na minha mala , primeiro pedia-me autorização, mas depois deixava-me ir lá mexer"

-Se ela não dissesse isso, e mexesse sem a tua autorização ?

- " Zangava-me"

## **SUJEITO 4**

9 Anos

Colégio grão Vasco

No colégio à 5 ou 6 anos

Filha única

Pai- Pintor, desenhos para cartazes

Mãe-Psicóloga. É professora da faculdade

Vem com os pais para a escola

+Agressivo, - Nuno Alegria

AGRESSIVIDADE -9

## **RESPOSTAS**

1-Eu acho que essas pessoas, as crianças andam assim como toda a gente, não gostam das outras pessoas e acham que elas gozam com eles e então fazem asneiras para as pessoas olharem mais para eles , eu acho que não é uma boa ideia porque os

professores gostam de todos os alunos e não é porque ele é menos bom aluno ou mais bom aluno que o professor não vai deixar de explicar as coisas.

-Então porque é que tu achas que os meninos são maus às vezes, e que batem e que dizem nomes ?

-Porque gostam das brincadeiras e pensam que isso não magoa os outros meninos, mas às vezes magoa.

2- Uns querem ser iguais aos outros e querem ser mais populares e os outros acham que sendo mais caladinhos são mais populares.

- Mas quais é que querem ser mais populares ?

-Os que são agressivos, quando batem toda a gente vai ver quem é e tornam-se mais populares.

3-Eu como sou pequena, sou uma das mais pequenas da aula , e às vezes não posso me defender, tenho que ser também um bocado agressiva , e depois ou vou chamar as empregadas ou fico sozinha até elas me deixarem em paz.

-Então achas que te consegues defender sozinha ?

-Nem sempre, só com as minhas amigas

- E como é que é essa defesa que tu fazes o que é que tu fazes ?

-Dou pontapés, estaladas, correr, e não sei muitas coisas...

4-Fico a pensar que as pessoas, eles querem é andar atrás de nós querem-nos chatear e não estar com as outras pessoas.

- Mas quando eles fazem isso mesmo a ti o que é que tu pensas ?

-Que são chatos. Quando eles estão a brincar nós não os chateamos e quando nós estamos a brincar eles chateam-nos. Eu acho que não devia ser assim, que assim nós também os devíamos chatear.

-Porque é que eles chateam ?

- Porque há alguns que gostam de mim, andam atrás de mim não sei quê ... Alguns fazem só porque os outros também estão a fazer.

5-Sim

- A quem é que tu pedes ajuda ?

- Às minhas amigas, às empregadas, antes quando era pequenina pedia aos mais velhos, agora não porque já ando na quarta.

- E porque é que tu pedes ajuda ?

- Como eu sou uma das mais pequenas eu peço ajuda para me ajudarem a defender.

Como há algumas das minhas amigas que também não gostam dessa pessoa, ajudam-me.

- O que é que isso tem a ver com tu seres mais pequena ?

- Não sei , eu também sou amiga delas elas gostam de ajudar concerteza.

6-Sim, acho que é chato uma pessoa estar sozinha sem amigos, e então os amigos servem para ajudar e eu ajudo , como as minhas amigas.

7- Bem um miúdo agressivo com os rapazes, os rapazes gostam deles porque quando ele é agressivo com os rapazes ele é só um bocado agressivo e eles não ligam, mas às vezes com as raparigas elas não gostam, por isso se algumas pessoas não gostarem deles eles não têm amigos, se outras gostarem

mesmo da forma deles ser então gostam.

- Mas o que é que tu achas que normalmente acontece ?
- Que eles se zangam um bocadinho mas depois desculpam-se.
- Tu também disseste que eles eram populares, mas populares não quer dizer ter amigos ou como é
- Não, ele pode ser muito conhecido pelas pessoas mas ninguém gostar dele . Por exemplo o Miguel pode ser muito conhecido mas ninguém pode gostar dele

8- Isso só por forma física, uma pessoa agressiva pode ser uma pessoa muito magra e mesmo assim dar pontapés e magoar as outras . O forte dá muitos mais e ... mas mesmo assim só está a ver com a forma física.

-Quer dizer que tu pensas que interiormente eles podem ser fracos mesmo que sejam fortes e grandes.

9- Não responde

10- Nem sempre

- E como é que é isso ?
- Por exemplo uma borracha tinha caído ao chão e o menino queria apanhar, ele não vai de castigo só porque a borracha caiu ao chão. Ontem a minha professora de Inglês também não foi muito justa. Um amigo meu estava a apanhar a borracha e ela pôs o nome no quadro, mas outra vez foi justa porque o Nuno e o João António andaram a fazer macaquices e foram os dois para a rua e depois só fizeram macaquices e a professora teve que os chamar outra vez para o lugar
- Porque é que tu achas que às vezes os professores são injustos ?
- Porque , um miúdo faz muito barulho e o professor já está zangada e depois um outro que só faz um barulhinho de nada ele já está muito zangada e ele já tem que pôr lá o nome.
- Portanto às vezes são as coisas que aconteceram antes que levam com que a professora fique mais zangada .?
- O que é que tu achas que são os comportamentos agressivos, o que é que tu achas que eles dão muita importância
- Dão importância de acreditarem que os miúdos vão-se portar bem na aula. Achas que isso é muito importante para eles ?
- Sim, se não conseguem fazer uma aula, é muito chato e os alunos não podem aprender, se está a perturbar a aula ele tem que se ir embora senão o professor ou professora não consegue dar a aula .
- Portanto nestes casos achas justo? Sim
- O meu pai no outro dia foi perguntar uma coisa à professora e aquilo estava cheio de barulho eu nunca tinha visto tanto barulho, e ele achou que não se podia trabalhar assim.

## **EPISÓDIO CRÍTICO**

1-O que é que pensas sobre isto?

-Se calhar a Marta , a Rita digo, como se calhar a Marta já tinha mexido na mala da Rita ela já tinha ido ver a mala das outras pessoas. Eu tenho um caso com a Joana Luísa , que toda a gente gosta dela , e ela sente-se a melhor e ninguém goza com ela, e

depois eu acho que isso não pode ser , não é justo. E como a Joana Luisa era só uma meteram-se as outras para defende-la e eu não tinha ninguém.

-Quem tinha razão?

-Talvez elas tinham um bocadinho de razão. Uma tinha a razão que a outra não devia ter mexido na mala dela, e a outra porque a outra mexeu também devia mexer.

2- Se isto acontecesse contigo?

-Eu ficava zangada, se as pessoas quisessem tirar alguma coisa de lá da mala perguntavam-me e depois tiravam.

## **SUJEITO 5**

9 anos

2 irmãos: rapaz com 10 anos, rapariga com 5 anos.

Grão Vasco desde os 5 anos

Vive com os pais e irmãos

Pai-Médico

Mãe-médica

+agressivo-João António e Filipa Matias

-agressivo- Pedro Morais e Ana Filipa

## **AGRESSIVIDADE-8**

## **RESPOSTAS**

1-Porque estão furiosos.

-Porque é que o facto deles estarem furiosos os faz ser mais?

2-Porque os pais não lhe ensinam bem.

-Não lhes ensinam o quê?

-Não sei.

-Porque é que há uns meninos que não são nada agressivos?

-Porque os pais ensinam bem às vezes.

3- Eu não bato, mas costumo dizer às vezes asneiras.

-Quando alguém é mau para ti, tu depois também dizes asneiras, é isso?

-Mais ou menos, mas não digo as más.

4- Que são mal educados.

5-Sim, ou então vou dizer às empregadas.

-Porquê?

-Porque eles são muitos.

-Tu achas que não consegues resolver sozinha?

-Sim, e às vezes eu não peço e elas depois vão-me ajudar.

6- Vou separar

-Porque é que fazes isso?

-Porque acho que estão a fazer uma coisa errada.

-Tu achas que deves ir lá separar?

-Eu não gosto de ver pessoas à luta

-Porquê?

-Porque podem-se aleijar

7- Eu acho que sim, são também agressivos e dão-se bem

-Porque só batem aos outros e aos amigos deles não batem.

8-São fortes

-Porquê?

-Porque se fossem fracos não se iam meter

-Porquê

-Porque depois aleijavam-se eles.

9-Não refere

10- Acho que têm sempre razão, nunca são injustos

### EPISÓDIO CRÍTICO

1- O que pensas sobre isto?

-Eu acho que a menina não devia ter metido, porque era um assunto entre eu e a Marta.

-Achas que ela não devia ter tomado o teu partido?

-Acho que não, porque era uma coisa entre eu e a Marta

-Quem é que tinha razão?

-Eu acho que se ela queria ver o caderno, era mais fácil ir pedir, ou então dizia "Vou à tua mala ver o caderno, posso?"2- Se isto acontecesse contigo? Acho que dizia para ele pedir porque não é preciso ir fazer as coisas às escondidas

### SUJEITO 6

9 Anos

Grão Vasco

Entrou na 2º classe

Vem com os pais para a escola

Filho único

Mãe trabalha em fotografia

Pai- Dentista. Trabalha com material de fotografia

### AGRESSIVIDADE-15

### RESPOSTAS

1- Porque o comportamento não está bem, e a fala como o homem inventou os palavrões e isso, acho que não devia inventar porque certos miúdos já os sabem e acho que está mal. Conforme ao bater e isso, acho que não se devia de bater e quem inventou, não sem quem é que inventou o bater ou se já havia antes, acho que não

devia ninguém se bater a ninguém , porque bater é pior e às vezes pode-se arranjar coisas muito graves .

- Mas porque é que tu achas que os meninos batem e são maus às vezes ?

- Porque se a outra pessoa já o ofendeu , eu acho que não se devem de ofender, eu acho que devem ficar zangados mas não a bater. Como é que era a outra coisa ?

(Repito a questão )

-Há uns que dizem nomes porque não têm vontade de bater , mas o bater também é mau e chamar nomes também é mau.

-Porque é que será que os meninos têm necessidade de fazer isso, em vez de ficarem quietinhos ?

-Porque os outros também os ofendeu e eles ofendem, mas acho que lá por o outro ofender , não tem que o outro ofender, acho que deviam não tornar a fazer isso.

2-Sim, como o João António

-Porque é que tu achas que isso é assim ?

- Há uns que são pouco porque os pais nunca deixaram ver na T.V. os filmes com as pistolas e isso, como os meus pais deixam-me ver isso. E eu depois às vezes faço isso, dizem para eu não fazer , mas eu esqueço-me, como aqueles desenhos animados do Konner que são uns desenhos animados mais ou menos estúpidos. Os que são muito agressivos são os que os pais deixam ver os filmes como eu já disse, e depois não fazem como lá diz na televisão para não fazerem isso e às vezes há lá um zerinho na televisão para os miúdos não verem e às vezes eles vêm mesmo às escondidas dos pais . Eu não vejo às escondidas dos pais, os meus pais deixam-me ver mesmo que esteja lá o zerinho.

- Então tu achas que os meninos são mais maus ou menos maus consoante os filmes que vêm, só por causa disso ?

-É

3- Protejo-me

- Como é que tu te protejes ?

- Às vezes chamando nomes e outras vezes batendo também

4 -Se me chamam nomes ou se dizem mal da minha família, fico aborrecido e também fico chateado com ele. Se é um amigo muito bom e depois chama-me isso, eu acho que não devia ser mais amigo dele, que isso é uma ofensa.

- Quando os meninos são maus e agressivos tu pensas que eles acham que é preciso eles serem assim ? Eu acho que não.

5- Sim

-E porquê ?

- Porque aquele menino me bateu com mais meninos a baterem-me, também depois eu vou pedir ajuda para eles me ajudarem a bater-lhes, e depois se nos forem meter de castigo, eu digo de quem é que foi a culpa

6- Sim, porque acho que é uma maneira delicada e acho que o devo de proteger se fôr um menino maior que andar a bater eu acho que devo bater, fazer as minhas coisas melhor, para proteger o miúdo.

7-Acho que não

- Porquê?
- Porque depois os meninos , eles falam de agressividade e depois começam-se a habituar a bater e eu acho que isso é uma coisa má .
- Mas porque é que eles não têm amigos ?
- Eu acho que não deve ter amigos porque depois anda sempre a bater aos amigos, como o meu amigo João António. Eu não sou muito amigo dele.

8- Acho que são fortes, eles pensam-se os maiores e não são.  
 -Então quer dizer que nem sempre são os maiores ? Sim  
 Porque é que eles são fortes ?

9-Acho que sim porque se o menino foi até aos mínimos do professor..., acho que não deve bater mas sim meter de castigo

10-Acho que sim.

- Mas tu achas que nunca acontece numa situação haver enganar.?
- Sim, na outra escola aconteceu, era eu e o professor meteu outro que se estava a rir
- E o que é que tu achas-te ?
- Achei mal. E também meteu outro virado para a janela e outro virado para a parede com umas orelhas de burro que haviam lá
- Porque é que tu achas que ela fez isso ?
- Porque o menino estava-se a portar mal, mas eu é que devia ter ido.
- Tu disseste alguma coisa ?
- Eu não porque a professora mandou calar todos, e eu não falei.

## **EPISÓDIO CRITICO**

1- O que é que tu pensas sobre isto?

Eles não deviam de mexer, deviam perguntar primeiro quem era a dona da mala e não deviam de mexer, deviam perguntar se a dona da mala deixava mexer ou não. Se deixasse já não era ás escondidas. Assim podia ser uma ofensa muito grande.

- Quem é que tu achas que tem razão?
- A dona da mala

2-Se isso acontecesse contigo?

Se fosse o João António eu dizia à avozinha (sra. responsável, Se fosse com outros ou mandava-o embora ou ia fazer queixa a alguém.

## **SUJEITO 7**

9 anos

Grão Vasco

Desde os três anos na escola

Filho único

Pais separados. Vive com o pai à semana- Taxista

Fim de semana com a mãe- Promotora da T.V., cabo

Escola às 7.30

casa do pai- Avó, avô Pai e Miguel

Casa da mãe- Avá, Avô, Mãe , Miguel e Tia.

+/- bom aluno

Agressivo  
+ João António  
+ Ana Cristina

## AGRESSIVIDADE-10

### RESPOSTAS

1- Acho que são meninos que não pensam no que fazem e são mesmo assim.

- E o que é que isso significa ser mesmo assim ?

- Batem-se são maus

- E porque é que eles fazem isto ?

- Deve ser por estarem assustados por as outras pessoas não serem mais suas amigas.

2- Eu acho que há mais agressivos porque os pais não dão boa educação, como deve ser, não os mandam portar-se bem, deixam-nos fazer o que querem e deixam-nos ir para ao pé de pessoas que são mal educadas e agressivas.

- E os meninos que não são maus

-Porque os pais querem que eles tenham bom futuro que se importam com a vida que eles vão ter no futuro .

-Portanto tu achas que são os pais que ensinam aos meninos?

- Não sinceramente, eu acho que são os meninos que não se importam com a escolha que estão a fazer.

-Porque é que será que eles não se importam ?

-Isso eu não sei bem explicar, mas acho que eles não se importam porque querem ter alguma coisa com que se defender, uma agressividade para se defender no futuro.

3- Não lhe ligo, viro as costas e vou-me embora.

- Portanto nunca te lembras de lhe fazer o mesmo ?

- Não, às vezes.

4- Eu penso que o menino devia estar algumas vezes de castigo e algumas vezes ao ar livre.

-Porquê?

-Porque se eles não são bem comportados na escola porque é que hão-de ser bem comportados na rua ?

- Quando eles estão a ser mau para ti tu pensas isso ?

- Penso mais ou menos isso, outras vezes fico furioso.

5-Geralmente sim.

-Porquê?

-Por exemplo se forem uns meninos maiores do que eu, peço ajuda

6- De vez em quando.

- Como é que é ?

-Quando algumas crianças são maiores do que outras e estão a bater nas crianças menores, eu chego ao pé delas e pergunto assim: "houve lá porque é que estás a fazer mal ao miúdo se ele não te fez mal nenhum ?" Eu não sei o que fez. E ele geralmente responde sem pensar no que diz .

-Mais ou menos o quê ?

- Ai nós estávamos a brincar e depois o menino pequeno que está aleijado diz que não estavam nada a brincar, depois quando e me viro para o miúdo mais pequeno, depois volto-me a virar para o outro e ele já se foi embora com medo que eu dissesse às empregadas.

-Se tu disseres às empregadas o que é que acontecia ?

- Há algumas vezes que elas vão lá ver e se o menino tiver com feridas elas poem o outro menino de castigo, durante todo o recreio até eles se portarem melhor e irem almoçar .

7- Geralmente não , eu acho que não têm amigos, porque se são agressivos para pessoas que não conhecem, também não iam ser pouco agressivos para pessoas que conhecem.

- Tu achas que um menino que é mais agressivo, normalmente não tem amigos.

-Geralmente não tem assim.

- Mas tem alguns ?

-Sim

- E porque é que tem esses amigos ?

- Porque deve ser que esses amigos gostam dele da maneira como são.

8- Geralmente eu acho que são fortes, porque se aleijam outro menino , têm que ser fortes .

9- Com os professores acho que não é tanto, porque fazemos uma asneira e os professores podem-nos pôr de castigo mas não precisam de bater muito , nem precisam de bater.

10- Se os alunos fazem asneiras. Por exemplo um amigo meu virou-se para trás a falar com o Pedro Henriques e o João Afonso, o professor vê , e se os dois estivessem a trabalhar e o menino continua virado para traz, e não vê o professor, e o professor põe-no de castigo.

-Achas que isso é justo ?

-Acho. Se eles quando viram o professor não ligaram nenhuma ao que estavam a dizer, ele também não tinha nada que ligar ao que estava a dizer, ele próprio.

## **EPISÓDIO CRITICO**

1-O que pensas sobre isto?

-Acho que a Rita não devia ter feito isso, foi muito, se ela foi defendê-la ela tinha que aceitar a defesa e não podia reagir assim

-Mas a Rita devia ter ficado zangada?

-Eu acho que não, tantas vezes que elas se emprestam bonecas e andam a mexer com as coisas das outras, e agora só por causa de mexer numa mala , não era preciso zangar-se.

2- Se isto acontecesse contigo? Eu acho que não me zangava, já disse estão sempre a mexer nas malas. Podia dizer para ela na próxima vez pedir antes.

## SUJEITO 8

9 anos

Grão Vasco

1 irmã com 12 anos

Anda no grão vasco desde os 2 anos

Vive com os pais.

Pai-advogado

Mãe-Empregada dos CTT, informática

+ agressivo-Nuno Alegria, eu próprio

+agressiva-Ana Cristina

## AGRESSIVIDADE-8

## RESPOSTAS

1-Não sei talvez porque as pessoas chateiam-nos e depois eles chamam nomes.

-Porque é que será que eles são maus e batem e chateiam, porque é que será que eles fazem isso ?

Se calhar não gostam dos outros e depois são burros e batem-lhes.

2-Acham que não devem fazer asneiras, nem nada disso.

-Mas porquê, porque é que tu achas que eles pensam que não devem fazer asneiras ?

-Depois arranjam muitos problemas, e os que fazem asneiras?

-Sei lá , há uns que não se importam com o que fazem, que não se importam com os problemas que arranjam e outros importam-se e depois são bem comportados.

-E porque é que será que uns não se importam com os problemas que arranjam?

-São mais corajosos, ou já se habituaram, já tiveram muitos problemas e já se habituaram .

3-Depende da pessoa que fôr

-Explica lá.

-Se fôr um menino da 1ª ou 2ª classe eu só digo para ele ter mais cuidadinho com o que ele diz, se fôr outro qualquer da 3ª ou da 4ª talvez lhe tenha que chamar nomes, e se ele me bater eu também lhe bato se calhar...Mas se fôr a bater na brincadeira isso não.

4-Às vezes não faço nada, mas às vezes até lhes bato.

-Sim, mas o que é que tu pensas nessas alturas, isso é o que tu fazes ?

- Pronto penso que também devo ser mau para ele ou assim, de vez em quando outras vezes não.

5-Nem por isso,.

-E porquê ?

-Não preciso de ajudas, acho que consigo fazer isso sozinho

6-Sim

-E Porquê?

- Não sei acho que eles também têm direito a ajuda , então eu vou lá e eles param, às vezes

7-Têm alguns que são iguais a eles e que também fazem isso. Mas também não estão sempre a fazer asneiras, de vez em quando brincam bem

8-Eu acho que são todos iguais, há uns que têm um bocado mais coragem .

-E o que é isso ter coragem ?

-Não pensam nas consequências que podem-lhes acontecer, não têm medo. Podem também lhes bater a ele , mas como têm mais coragem vão lá , não têm medo.

-Então tu achas que são meninos que têm pouco medo ?

-Sim

9-Se nós tivermos um comportamento razoável não é lá muito justo, mas se nós estivermo-nos sempre a portar mal, aí talvez já seja justo.

-E como é que é normalmente ?

10- Eu acho que avaliam bem, mas às vezes também dão estalos e coisas assim quando nós nos comportamos mal.

-E o que é que tu achas disso ?

-Isso não acho muito justo

-Porquê?

-Acho que quem tem o direito de me bater, pronto se eu estiver a bater a outra pessoa , ela também tem o direito de me bater, mas se um professor me bater eu não acho muito justo porque os meus pais é que têm direito de me bater.

-Mesmo às vezes quando a pessoa faz mesmo uma asneira.

-Meter de castigo está bem, mas agora bater...

## **EPISÓDIO CRÍTICO**

1- O que é que tu pensas sobre isto?

- Eu acho isso muito indecente, só por causa de ir buscar a mala começarem-se logo a dizer coisas. Só para tirar um caderno não é assim muito preciso pedir autorização. É sempre um bocado preciso porque as coisas são da outra pessoa , mas também se fôr um amigo qualquer deve pedir autorização.

-Quem é que tu achas que tinha razão ?

-Nenhuma delas

2-Se isso acontecesse contigo ?

- Se fosse um amigo meu o Alex eu deixava, mas se fosse um que eu não costumava andar com ele talvez eu me chateasse com ele, dizia-lhe que para a próxima devia pedir autorização

## **SUJEIOT 9**

COLÉGIO Grão Vasco

9 ANOS

Filho único

Vive com os pais

Pai-Litógrafo

Mãe-Empregada de uma firma, computadores  
Grão Vasco desde a 1º classe

+ agressivo-João António, Ana Cristina  
-agressivo- José Pedro, Joana Luisa

AGRESSIVIDADE- 1

## RESPOSTAS

1-Acho que é por causa dos pais que não dão educação.  
- Então tu achas que os meninos que batem e que são maus, são-no porque os pais não dão educação  
- Sim  
-Só por isso ?  
- Sim

2- Não pensam antes de fazer as coisas  
- Os que batem mais ?  
- Sim  
- E os que são menos maus pensam mais ?  
- Sim

3- Às vezes bato outras vezes não.  
- Como é que isso é, quando é que bates, quando é que não bates ?  
-Aos mais pequenos não bato, mas às vezes aos maiores bato.

4- Que lhe vou bater

5- Não  
-Porquê ?  
- Não sei  
- Achas que consegues resolver o problema sozinho ?  
- Sim

6- Às vezes , outras vezes fico a olhar.  
-Porquê, como é que é isso ?  
- Não sei.  
-Às vezes tens mais coragem... porque é que será ?  
- Não sei

7- Têm, mas têm poucos amigos.  
- Porquê ?  
-Porque as pessoas não gostam quando lhes batem

8-Fortes  
- Porquê  
- Porque eles querem mostrar que... têm que mostrar a lutar

9-É

10-Às vezes

- Explica lá como é ?

- Às vezes as pessoas estão a falar um com o outro , mas foi o outro que começou a falar com o outro e depois é o outro que leva

-Às vezes não avaliam bem a situação.

### **EPISÓDIO CRÍTICO**

1-O que é que tu pensas sobre isto?

-Eu acho que a Marta devia ter pedido autorização à Rita

- E achas que a Rita teve razão de ficar tão chateada e chamar nomes ?

-Sim, mas chamar nomes não , mas dizia para ela não fazer isso.

2- Pedro e se isso acontecesse contigo ?

-Pensava que o miúdo me queria roubar.

-E o que é que fazias ?

-Dizia a alguém.

-Para quê?

-Para ele o castigar.

### **SUJEITO 10**

Grão Vasco

9 anos

Frequenta o Grão Vasco desde a 1º classe

Filho único

Bom aluno

Vive com os pais

Pai- Mecânico Industrial

Mãe doméstica em casas

Vem de camioneta com a mãe

+ agressivo-João António

AGRESSIVIDADE-0

### **RESPOSTAS**

1-Deve ser porque eles têm raiva uns dos outros

-E porque é que será?

-Se calhar eles fizeram alguma coisa de mal um ao outro

-Por isso tu achas que os meninos só se batem quando alguém faz mal um ao outro?

-Sim

2-Se calhar eles não são tão bons como os outros

3-Às vezes eu não ligo, depois às vezes quando eles me batem eu também bato, mas depois eu desculpo-os. Acabam por ficar amigos.

-Olha e porque é que às vezes não ligas?

-Então porque posso fazer uma grande asneira que não devo fazer

-E que grande asneira seria?

-Poder ficar de castigo

-Se fizesses alguma coisa?

-É

4-Que eles não queriam fazer aquilo que faziam e foi o coração que não mandou

-Porque é que pensas que foi o coração que não mandou?

-....

-E o que pensas mais?

-Que às vezes eles estão arrependidos

5-Não, às vezes é que me vêm ajudar, não sou eu que peço

-Nunca pedes ajuda?

-Às vezes.

-Porquê?

-Às vezes são muitos a baterem, e depois eu peço às empregadas

-Pedes ajuda aos adultos, porque é que pedes às empregadas?

-Depois elas, às vezes, metem de castigo os outros meninos.

-E se pedisses aos outros meninos, o que é que tu achas que acontecia?

-Também batiam a eles

-Achas que eles te ajudavam?

-Sim, se calhar também batiam a eles.

6-Sim, vou chamar as empregadas. Quando eles estão longe das empregadas, eu vou chamar.

-Mas não vais ajudar directamente, vais sempre chamar as empregadas?

-Sim

-E porquê?, Porque preferes chamar as empregadas?

-Porque é melhor

-E porquê?

-Porque elas já sabem o que vão fazer

-E tu não sabias?

-Sim.

7-Se se arreponderem têm.

-E se não se arreponderem?

-Podem ter na mesma, mas têm menos

8-Por dentro são fracos e por fora são fortes

-O que queres dizer com isso?

-Por dentro não são assim tão fortes porque estão a bater aos outros meninos que não estão a fazer mal, e por fora já são mais fortes porque estão a bater aos outros meninos.

-Às vezes é, e outras vezes não é

-Explica lá.

- Por exemplo se eu bater a algum menino e depois a empregada meterem de castigo, é. Mas se eles me baterem a mim e se as empregadas meterem a mim de castigo já não é. -isso acontece?  
-Às vezes  
- O que é que tu pensas sobre esses enganar?  
-Às vezes vou dizer às empregadas que não fui eu.

9-Sim, põe de castigo por causa dos meninos se estarem a portar mal.

10-E achas que é sempre justo?

-É

-Nunca acontece os professores julgarem mal?

-Sim, já acontece

-Porque é que tu achas que isso acontece?

-Não sei, é quando eles estão a chamar-nos, e a fazer-nos distrair, e depois os professores reparam e eles não ligam, e depois eles metem a nós de castigo.

## **EPISÓDIO CRÍTICO**

1- O que é que tu pensas sobre isto?

-Acho que a menina que foi ajudar a Rita não devia de fazer isso. Devia impedir de elas continuarem a agredirem-se com palavras.

-Ela não devia ter tomado o partido de uma só?

-Sim

-Quem teve culpa, quem teve razão?

-Acho que a Marta não teve razão

-Porquê?

-Ela devia ter pedido permissão à Rita para mexer na mala.

2- Se isto acontecesse contigo ?

-Dizia para ele não fazer isso

-Se ele tivesse tirado alguma coisa ficava chateado, se não, não fazia mal

-Não fazia mal mexer na tua mala.

-Mas primeiro tinha que pedir autorização.

-E se ele não pedisse?

-Depois quando eu fosse lá ver ficava chateado e depois dizia para ele não fazer mais isso.

## **1.2.EXTERNATO PATRONATO CRISTO REI**

### **SUJEITO 1**

Paronato

10 ANOS

1 irmão 18 anos

Vive com os pais e o irmão

Mãe: Funcionária pública LENETI

Pai: Empregado de Comércio  
4/5 anos veio para o Patronato

+agressivo: Eugénio e Filipe e Vânia  
-agressivo: Não há nenhum rapaz, Patrícia Isabel

AGRESSIVIDADE -0 PONTOS

## RESPOSTAS

1- Não têm boa educação...

-Achas que é por não terem boa educação.

-E mais alguma razão ?

- Não sei

2- Uns têm boa educação , outros não.

- Então uma pessoa educada não pode ser agressiva ?

- Pode.

- Então, a que se deverá esta diferença ?

-Pode ter problemas .

3-De vez em quando também chamo e outra não ligo.

4- Penso que eles não gostam de mim, que não são meus amigos.

5-De vez em quando .

-Quando ?

-Quando me batem depois eu digo às educadoras.

- Porquê

- Porque elas resolvem o problema.

-De certa maneira achas que não consegues resolver sozinha.

- Às vezes não consigo fazer aquilo sozinha e digo às educadoras, e depois as educadoras falam com eles.

6-De vez em quando

-Como assim

-Quando estão a bater eu digo às educadoras, ralho com eles.

7-Acho que não, alguns têm. Mas acho que não.

8-Alguns são fortes, outros são fracos.

9-Sim, quando eles se portam mal

10-Às vezes têm.

-E outras ?

- Outras vezes, um bocado.

- Portanto tu achas que os professores às vezes não se enganam...?

-Às vezes eles estão cansados e depois irritam-se, depois eles ralam com os alunos ,  
umas vezes têm razão outras vezes não.

## EPISÓDIO CRÍTICO

1-O que pensas sobre isto?

-Eu achei que a história foi um bocado violenta porque ... eles queriam bater e que não era preciso só por causa dos cromos começar assim a bater.

-Quem é que tu achas que tinha razão ?

-Acho que foi a professora também... mas aquele menino que disse que não tinha culpa, que não tinha tirado nada...

-Achas que ele tinha razão ?

- Acho que sim

2-Se isso acontecesse contigo?

- Eu dizia à professora que me tinham tirado os cromos, para que se resolvesse o problema, mas sem chatices.

## SUJEITO 2

9 ANOS

Patronato

1 irmã de 17 anos

Vive com a avó o avô a bisavó e a irmã. Os pais vivem no Cacém

Pai. Trabalha no armazém de material escolar

Mãe: Trabalha num banco rececionista

Está aqui desde os três anos

+agressivo- Tiago e Vânia

-agressivo -Renato e Vanessa ( eu própria)

AGRESSIVIDADE 0

## RESPOSTAS

1- Porque a pessoa faz as coisas que os outros não gostam e depois acontece.

-Explica lá essa ideia melhor.

- Por exemplo um miúdo estava ao pé da professora e outro miúdo estava ao pé daquela pessoa e dizia-lhe qualquer coisa que o outro não gostasse , em vez de estar assim à tarefa , dizia à professora, e depois o outro ia ser castigado.

- Mas porque é que tu achas que há meninos que têm essa tendência para serem agressivos ?

- Para os miúdos serem assim é porque os pais lhe deram esse comportamento.

2- Porque há uns que se portam bem e outros que se portam mal.

- Mas porquê ?

-Os que se portam bem é porque os pais lhe dão educação, e os que se portam mal é porque os pais não lhe dão educação.

3- Digo à minha professora ou à pessoa que estiver ao lado de mim, por exemplo uma educadora.

- Normalmente vais dizer a alguém.

4-Fico furiosa

5-Peço ajuda às educadoras ou às professoras.

-Porquê ?

- Porque eu não gosto de bater .

-Porque é que não gostas de bater ?

- Não sei... porque eu sou mesmo assim.

6- Eu separo-os, e se eles não se quiserem separar eu chamo uma pessoa adulta

7- Não.

-Porquê?

-Porque só fazem mal, e assim ninguém é capaz de arranjar amigos.

8- Fortes, quer dizer fortes, não é bem assim. Por exemplo, eu tenho um menino lá da minha sala que se chama Eugénio e ele não é forte nem é fraco, ele é rabujento, porque os pais não lhe deram educação, ele faz a mesma coisa como os pais, é pelo menos o que dizem cá na escola, e depois ele é assim com os amigos.

9-Quando os professores têm razão, são .

-Um miúdo lá na minha sala chama-se Tiago e ele anda sempre a brincar, e a professora zanga-se com ele e ele fica todo nervoso.

10- Não pelo menos a minha professora não é assim.

## **EPISÓDIO CRÍTICO.**

1- O que é que tu pensas sobre isto ?

- Eu acho que nesta história foi o Eugénio que depois do almoço foi à mala do Tiago, e há pessoas que são testemunhas e uma delas sou eu.

-O que é que tu achas do comportamento destes meninos ?

- Eu acho que bater não era solução, talvez conversar e talvez o Eugénio lhe tivesse dado os cromos

- Quem é que tinha razão nesta história ?

- Eu acho que têm os dois, porque o Eugénio não devia ter feito aquilo que fez, e o Tiago, a gente já o conhece muito bem e ele tem raiva e queria-lhe bater. Eu acho que a situação não era bater era falar. E ninguém tinha que se meter na confusão, quem tinha que se meter era eu e a Becas porque nós fomos as testemunhas disto.

2- E se acontecesse contigo?

- Eu falava com essa pessoa se ele não me devolvesse os cromos eu ia dizer à minha professora e ele tinha que ser obrigado a me dar os cromos à frente da professora.

### **SUJEITO 3**

10 Anos

Patronato

Filha única

Vive com a mãe, padrasto , avô e avó

Mãe: empregada de armazém

Pai: Distribui remédios

Pais separados desde os seus 4 anos

Frequenta a escola desde os três anos

+ agressivo: Eugénio e Dominique

-agressivo: São todos, Victor Hugo e Mafalda

AGRESSIVIDADE- 9

### **RESPOSTAS**

1-Porque há alguns que também são maus para eles e eles ficam revoltados e depois começam com a agressividade.

-E tu achas que estes meninos só são agressivos quando há alguém que é mau para eles?

-Não também muitas vezes quando os outros não lhes fazem nada e eles vão lá e começam-se a meter com os outros.

-E porquê?

-Porque acham que aquela pessoa é má e quer dar pelo caminho do mal pronto.

2-Porque há pessoas que são más estão revoltadas e isso e as outras pronto estão mais calmas e isso , e há outras que não gostam de aprender também.

-Mas porque é que tu achas que há umas que estão mais revoltadas e há outras que estão mais calmas?

-Porque quando eram pequeninas devia haver pessoas , crianças mais crescidas que lhes batiam muito .

-E isso...

-Fez a revolta deles contra os outros.

-E os meninos mais calmos?

-Continuaram calmos, quando eram pequeninos ninguém lhes batia e isso.

3-As educadoras não querem que a gente faça caso e nós especialmente as meninas, pronto estamos a brincar e isso, e depois vamos na tentativa de bater, mas bater não é com muita força, assim só dar umas palmadas .

-Para te defenderes?

-Sim

4-Prontos , que o que ele está a fazer não está bem e que eles assim vão para o caminho do mal .

5-Só quando eles me aleijam é que eu peço ajuda.

-A quem pedes ajuda?

-Às minhas amigas.

-Porquê?

-Porque sei que eles são fortes e isso e são meus amigos e gostam de me defender.

6-Sim

-Como é que fazes isso?

-Eu estou a brincar, e há lá uns que estão sempre à luta , e há um Tiago que vem sempre atrás de mim: "Vanda, ajuda-me, ajuda-me", e eu ajudo. Eu digo assim:

"Eugéneo não deves ser assim porque tu já estás a ser mau para os outros e fazes com que nós não gostamos de ti.

7-Não

-Porquê?

-Porque são maus e com a maldade toda deles não fazem amigos.

8-Fortes, para fazerem mal têm que ser fortes.

-Porquê?

-Pronto porque se vai... nós vamos sozinhos e vimos um homem atrás de nós o homem que vai para nos apanhar vem de trás , vai bater e ele cai, e tem que ser forte para isso.

-Para atacar tem que ser uma pessoa forte.

9-Só às vezes quando só alunos são maus e começam a atirar borrachas e tudo, às vezes os professores dão só assim uma palmada, mas às vezes quando estamos todos em pé a fazer de espantalhos o professor vai e com a régua dá em cada um .

10-Acho, porque dentro da sala de aula nós não devemos estar em pé devemos estar a fazer o nosso trabalho e não a falar com os outros .

-E a professora nunca se engana?

-Às vezes engana-se quando a gente estamos quietinhos e a professora vai bater aí é que ela se engana, e aí não é justo.

## **EPISÓDIO CRITICO**

1-O que pensas sobre isto?

-A professora devia ter tentado acalmar a todos como diz aí e que devia ter feito que essa agressividade de atirarem-se para cima deles e baterem-lhes porque diziam assim.

"Não devias ter

feito isso " É isso que eu acho não deviam ter batido e o menino que tirou não devia ter barafustado e dado pontapés.

-Quem é que tu achas que tem razão?

-Acho que foi os meninos que se atiraram para cima deles, porque os meninos tinham os cromos e o outro que os tirou devia ter sido ele que os tirou e devia tê-los escondido de propósito e depois fingiu que os tinha encontrado .

-Quem é que tem razão?

-Era o dono dos cromos

2-Se isso acontecesse contigo?

-Eu dizia que não fui eu e rapidamente ia ajudar os outros a procurar os cromos.

-E tu achas que os outros acreditavam em ti?

-Prontos, como nós somos meninas os rapazes devem acreditar mais em nós do que nos rapazes.

-Porquê?

-Porque as meninas não são assim muito de cromos, e além disso fazemos colecção de meninas e não de rapazes. Achas que as meninas não querem os cromos que eles tinham.

-E se fossem uns cromos que interessassem as meninas?

-Aí nós, eu dizia que não que não tinha sido eu, e se eles não acreditassem em mim podiam-me bater que eu continuava a dizer que não tinha sido eu, podiam revistar a minha mala, que não tinha sido eu.

#### **SUJEITO 4**

Patronato

10 anos

3 irmãos- 2 raparigas de 29 e 26

1 rapaz de 18

Cátia vive com o pai e com a mãe

Pai: Vendedor de vinho

Mãe: Cabeleireira

Escola desde os três anos.

+agressivo: Tiago e Vânia

-agressivo: Vítor Hugo e Mafalda

AGRESSIVIDADE- 0

#### **RESPOSTAS**

1-Porque não gostam, acham que os outros fazem alguma coisa e em vez de dizerem às professoras, não batem logo.

-Achas que é essa a razão? Porque é que será que os meninos são muito, muito agressivos?

-Não gostam como as outras pessoas são

2-Porque não gostam de ser bem comportados, gostam de ser como são.

-E porque é que será que os meninos pouco agressivos, são pouco agressivos?

-Porque gostam, querem ser melhores e querem fazer coisas que os pais gostam e querem que a professora as deixe passar, querem ser para gostarem mais da outra pessoa.

3-Se ele me chama nomes eu também lhe chamo.

-E se ele te bate?

-Se ele me bate eu vou dizer a alguém que está ali no recreio e digo para o meterem de castigo.

-E não bates nunca?

-Já bati, às vezes quando me batem eu também bato. Estar ali parado e eles estão-nos a bater a gente também tem que bater não podemos ficar a olhar para ele e as pessoas estão-nos a bater.

4-Eu penso que não devia ser assim. nós todos temos que ser amigos, porque se Jesus também era amigo de todos, e se eles batem é porque são maus.

5-Sim.

-A quem?

-A raparigas.

-Porquê?

-Eu acho que não sou suficiente. Porque alguns batem mais e outros batem menos, não sabem bater bem e eu acho que estou mais acompanhada com as minhas amigas do que estar sózinha.

6-Sim.

-Porquê?

-Porque gosto dessa pessoa e acho que se são amigos e se estão a ser maus , essa pessoa gosta de ter ajuda , pelo menos para dizer coisas .

-Dizer coisas?

-Dizer alguma coisa, pronto eu tive uma discussão e estava a ralar com uma pessoa e eu fui lá perguntar à pessoa o que é que ela estava a fazer.

7-Eu acho que não

-Porquê?

-Porque são maus para as pessoas, e se são maus acho que não devem ter amigos.

-São meninos muito sozinhos?

-Têm sempre uns que estão ao pé deles.

-Quem é esse?

-É Jesus, e Jesus gosta de todos

8-São fortes.

-Porquê?

-Porque estão acostumados a bater e depois aprenderam, luta e essas coisas.

9-Eu acho que sim ?

-Porquê?

-Os meninos estão a brincar quando a professora está a dizer uma coisa eu acho que ela faz bem em ralar. A minha professora a maioria das vezes faz isso.

10-Pode, nunca podemos saber fazer tudo.

- Tu achas que os professores às vezes se podem enganar?

-Às vezes.

## **EPISÓDIO CRÍTICO**

1-O que é que tu pensas sobre isto?

-Já se passou muitas vezes isso, eu acho que o menino que tirou os cromos tinha que devolve-los porque não eram dele. Há lá um menino que acusam sempre, que é o Eugéneo. Acho que tínhamos que saber quem é que tirou os óculos.

- Quem é que tem razão nesta história toda?

-O dono dos cromos não tinha nada que dizer foi este ou foi aquele, mas acho que tinha que dizer alguma coisa porque era os cromos dele foi ele que os comprou, a gente só tira se lhes pedir ou comprar ou então trocar.

2- Se isso acontecesse contigo?

-A primeira coisa ia dizer á professora, porque se os cromos eram meus não tinham nada que tirar, e depois procurava quem é que me tinha tirado os cromos se me aparecessem no recreio e pusessem lá os cromos eu tinha que saber quem era. Depois se eu soubesse quem foi eu não falava mais com ele ou então ... eu não ia bater por causa dos cromos , ficava zangada porque não tinha nada que me tirar os cromos.

## **SUJEITO 5**

9 Anos

Patronato

Filha única

Vive metade com a mãe e metade com o pai

Pais separados

Mãe: Revisora de artes gráficas

Pai: .Electrecista / informática

Escola patronato faz 5 anos

+agressivo: Eugénio e ela própria

-agressivo: Armando e Mafalda

## **AGRESSIVIDADE- 6**

### **RESPOSTAS**

1- Porque ás vezes é por maldade, ou então para se vingarem

-O que é isso ser por maldade?

-Porque são maus e querem bater não querem ser bons amigos

-Portanto é alguma coisa que é característica deles

-Sim

2- Porque , por exemplo um lá da aula, portanto os pais batem-lhe e ele repete a mesma coisa.

-E os meninos não agressivos?

-Se calhar os pais dão educação e não tentam bater, castigam em vez de bater

3- Ás vezes descuido-me e também bato, ás vezes vou dizer ás professoras em vez de lhes bater, senão também sou culpada.

-Porque é que dizes ás professoras?

-Porque ele tem que ser castigado

4- Ás vezes dá-me uma raiva e ás vezes desculpo-o e digo que para a próxima vez não fazes

-Como é que é essa raiva?

-Apetece-me estrangula-lo, é uma maneira de dizer que me apetece bater.

5-Digo á minha professora para ele parar quieto.

-Mas é costume tu pedires ajuda?

-Ás vezes

- E porque é que pedes?

-Porque ... eu não me consigo defender sozinha.

6-Não, ás vezes ajudo-os , ás vezes separo-os e vou dizer a uma educadora ou a uma pessoa.

7-Só vão ter amigos que são agressivos, porque alguém que não seja agressivo e tenha um amigo agressivo , eu não sei mas acho que isso está mal . Ás duas por três vou seguir o caminho do outro também vou ser agressiva

8-Eles julgam-se fortes , mas são mais castigados, os pais devem-lhe bater mais

9-A minha professora não é agressiva, mas eles ás vezes gritam e isso , porque nós também ás vezes não aprendemos porque não queremos , porque somos preguiçosos, e então eles batem .

-Tu achas que quando a professor castiga ou é má, ela tem sempre razão?

-Eu quando tenho razão, eu falo, quando eu penso e não tenho razão eu não falo, ás vezes enervo-me e digo coisas.

10-Ás vezes tem outras vezes não tem .

-Explica lá.

-Ás vezes nós fazemos umas coisas e a professora acha que um é que está certo e outro que esta mal e está bem, ás vezes diz que um outro, porque se porta muito bem, é que está certo, é que fez bem.

-E isso pode não ser verdade é?

-Sim

## **EPISÓDIO CRÍTICO**

1- O que é que tu pensas disto?

Eu acho que a conversa não era com os outros meninos era om o que tinha sido acusado, com o dono dos cromos e com a professora. Os outros meninos não deviam de ir ajudar o dono dos cromos a bater. Deviam ficar calmos brincar ao que quisessem e deixar a professora e o dono dos cromos e o que tinha sido acusado e ir conversar os três.

-Como é que acabou esta história?

-Devia acabar com calma, que ninguém se aleijasse uns aos outros, e que tivessem mais paciência e quando ele já tivesse procurado muito aí ele podia acusar , o outro podia suspeitar de alguém, e podia pedir á professora se era alguém que tinha os cromos.

-Quem é que tinha razão?

-Eu acho que não tinham razão os dois. O outro podia estar a mentir e o dono dos cromos não é preciso ter batido, nem os outros se meterem na confusão.

2- Se isto tivesse acontecido?

-Ia dizer á professora e não sabia se tinha roubado ou se tinha perdido na rua ou em qualquer sítio e alguém tivesse achado . E primeiro procurava e depois é que pedia ajuda á professora para ir revistar as malas ou qualquer coisa.

## **SUJEITO 6**

10 Anos

Patronato

Filho único

Vive com o pai e a mãe.

Pai: Trabalha numa churrasqueira

Mãe: Limpeza e recepção.

1º ano nesta escola

4 anos na escola de Alcantãra.

Chumbou o 4º ano

+agressivo: Filipe e Dominique

-agressivo Armando e Mafalda

AGRESSIVIDADE- 3 pontos

## **RESPOSTAS**

1-É que às vezes chateiam-se irritam-se e depois começam-se a bater uns aos outros a dizer asneiras e depois passa.

-Passa?

-Fazem as pazes

2-Os outros são mais amigos dos outros e por isso não batem assim tanto, os outros que não são amigos depois começam a bater.

-Mas porque é que será que uns começam logo a bater e outros não?

-Porque lhe fizeram mal, e os que ninguém lhes fez mal, não começam logo a bater, ficam sossegados.

3-Às vezes vou dizer às educadoras

-Porquê?

-Porque às vezes começam logo, vêm que nós estamos aleijados e começam logo a dar pontapés e depois nós vamos dizer às educadoras.

-E porquê?

-Para que elas ralhem com eles.

4-Penso que me vai fazer mal, estar a bater nos colegas, vai fazer mal .

5-Às vezes sim, às vezes não.

- Como é que é isso?

- Às vezes são muitos a baterem-me e eu vou chamar alguns, ou vou dizer ás educadoras , ou fujo para ao pé das educadoras.

6-Não vou separa-los

- Isso é uma ajuda?

- Sim, para eles fazerem as pazes, para não haver lutas.
- Porque é que tu achas que deves fazer isso?
- Porque os outros se não são amigos, ficam sem amigos, sem nada.

7-Os que batem mais ás vezes não têm mais amigos, e os que não batem têm muito mais amigos

- Porque é que os que batem mais não têm amigos?
- Porque batem muito e assim.

8-São mais fortes

- Porquê?
- Quando eles começam a bater parece que são mais fortes

9-Batem com uma régua, uma vez lá na minha sala um amigo meu levou com uma régua na cabeça partiu logo a cabeça, foi noutra escola.

10-Ás vezes sim, ás vezes não.

- Então explica lá como isso é?
- Ás vezes eles estão virados para trás e o professor tem razão , mas ás vezes nós estamos virados para trás e o professor bate. Ás vezes acontece que o professor se engana e vai bater ao outro que não fez nada.
- Porque é que tu achas que isso acontece?
- Porque a professora se calhar confundiu e depois ...

## **EPISÓDIO CRITICO**

1-O que é que tu pensas disto?

- Acho que foi com o Tiago. Prontos , eu sei que o miúdo que roubou não devia ter feito isso. Porque ele roubou e depois foi escondê-lo e depois foi ao recreio e depois ele foi buscar os cromos e o Tiago e os outros começaram todos a acusa-lo. Nós começamos a dizer: não é ele , porque ele foi assim em segundos , foi lá buscar e trouxe logo, e ele depois pôs assim a mão e via-se que tinha lá cromos e depois começaram a acusar porque ele uma vez também me tirou um cromo e nunca mais encontrei.
- Quem é que tu achas que tinha razão?
- Era o miúdo dos cromos que tinha razão.

2-E se isso te acontecesse a ti ?

- Eu ia dizer à professora
- Porque é que ias fazer queixas?
- Depois iam às salas e perguntavam se alguém tinha encontrado os cromos e assim iam procurar.

## SUJEITO 7

Patronato

10 anos

Patronato desde a 1<sup>o</sup> classe

Foi para a cresce antes

Tem 1 irmão de 7 anos

Vive com a família nuclear

Pai: pedreiro

Mãe: Loja de grelhados

+agressivo: Eugénio e Débora

-agressivo: Tiago e Mafalda.

## AGRESSIVIDADE -9

### RESPOSTAS

1-Acontece porque há miúdos que... por exemplo o Eugénio quando chega cá ele só diz mentiras e faz asneiras e nós no recreio enervamo-nos e batemos-lhe. Nós estamos a ser agressivos, mas ele também está.

- Mas porque é que os meninos são agressivos, porque é que batem?

-É quando ,por exemplo está alguém e eu estou a dizer: "Eu sou fraquinho" e está o Filipe, eu digo-lhe assim:"Vais levar", e ele que é mais forte do que eu diz. "Quem leva és tu que vais levar agora no recreio. Mas se ele não me está a dizer nada eu também não vou fazer nada.

-Porque é que há uns meninos que dizem assim isso: que vais levar sem que ele esteja a fazer nada?

-Porque querem, por exemplo o Eugénio ele quer que a professora seja sempre dele e ele só diz asneiras e diz que é mentira ao pé da professora. E nós ao pé da professora não lhe podemos bater.

2- Porque, não sei

-Tenta lá explicar.

-Uns são mais porque querem-se armar em bons e isso e ser maus e mal educados, como o Eugénio que diz asneiras que a professora até ouve.

-Mas há outros que são pouco?

-Por exemplo o Eugénio diz muito porque ele está ao pé dos pais, diz asneiras porque ouve do pai.

-Quando eu estou a brincar e aleijo-me , não digo logo uma asneirada, eu oiço e calo-me, por isso é que há outros que são menos agressivos do que uns.

3-Eu aviso-lhe. Digo-lhe assim: deixa-me trabalhar, olha que tu levas, bem vê lá, vê lá. O Eugénio não liga ao que eu digo, depois começa a chamar asneiras e depois chegamos lá ao recreio e eu bato-lhe, e eu ás vezes também lhe chamo das várias maneiras que ele chama a gente.

4-Penso que lhe devo avisar que é para ele estar bem avisado, eu não consigo bater , mas quando me enervo e chego lá e bato-lhe. Então por isso é assim.

5- Quando eu tropeço e quando vem alguém socorrer os outros.

- E se o outro não pedir ajuda?

-Eu também não peço

-Porquê?

-Porque o outro não pede, mas se eu pedir o outro vai chamar mais.

6- Eu costumo é separar os dois.

-Porquê?

-Porque devo ajudar os dois.

-Mesmo que aches que há um que tem razão e outro que não?

-Sim

-Eu separo-os e depois se eles dizem, foi ele foi ele, aí eu pego nos dois e levo-os à educadora

- Para quê?

-Para a educadora resolver o assunto.

7-Não, já a minha professora diz isso. Miúdos que são agressivos quase que não têm amigos nenhuns.

-Qual é a tua opinião ?

-A minha opinião é que miúdos muito , muito agressivos, aí é que eles não têm nunca mais amigos nenhuns. Porque são agressivos, chamam nomes aos outros, fazem caretas, os outros depois dizem:

"Não sejas amigo daquele", e depois é que fica assim. Pergunta : "posso brincar com vocês e eles dizem que não.

8-Acho que é fraco, porque se a pessoa é forte e chega uma pessoa o outro fica cheio de medo, cheio de medo e vai lá e dá-lhe. Só que o outro diz assim o que é que foi? E o outro afasta-se e depois quando o outro está de costas vai lá e faz-lhe uma rasteira.

-Isso para dizer que os meninos agressivos são pessoas fortes ou fracas?

-São pessoas fracas

- Não percebi muito bem

-Se uma pessoa é forte e se depois chama nomes aos outros e ele está com medo , vira as costas e vai-se embora, mas não vai, esconde-se num sitio. Quando ele o vê de costas faz-lhe uma rasteira

-Quem é que se põe de costas?

-È o menino fraco

-Os meninos fortes são agressivos e os outros escondem-se e depois quando ele passar por lá dou-lhe uma cabeçada ou uma rasteira ou um pontapé. Aí é que o que está agressivo é o que fica mais fraco.

9-Sim às vezes, a minha professora não é assim tanto. A minha às vezes quando não fazem os trabalhos de casa, põe-nos de castigo claro.

10-Sim sempre

-Nunca há enganar

-Sim às vezes há enganar, mas se isso acontece a professora pede desculpa

## EPISÓDIO CRÍTICO

1- O que é que tu pensas sobre isto?

- Está mal, o menino não devia ter tirado os cromos ao outro menino

- Quem é que tu achas que tem razão.

-Acho que tem razão o menino dono dos cromos, mas também acho que tem razão o menino que disse que não tinha culpa.

-Porquê?

-Porque não sabemos se ele não estava a mentir, mas eu acho que o menino que não tirou os cromos é o que tem mais razão do que todos

2- Se isso acontecesse contigo ?

-Eu dizia que não, e dizia à D. Ilídia, ela já me conhece e á minha mãe, eu nunca tirei nada a ninguém á 7 anos

## SUJEITO 8

Patronato

9 anos

Filho único

Vive com a mãe e o pai

Vem sozinho para a escola

Sempre andou no Patronato desde os 3 anos

Andou na cresce antes

Mãe: Trabalha no Monumental, empregada de balcão

Pai: Guia camiões TIR

+ agressivo: Eugénio e rapariga não há nenhuma

-agressivo: São todos agressivos dos rapazes e Vanessa

AGRESSIVIDADE- 21

## RESPOSTAS

1- Não sei, porque ás vezes zangaram-se, á vezes pedem para brincar, não deixam os outros meninos, e depois ás vezes eles começam a chamar nomes porque queriam brincar e não deixaram., é isso. Isso também já me aconteceu a mim, os meninos não me deixaram brincar. Mas depois um amigo meu o Renato diz sempre que quer brincar.

-Porque é que achas que chamam nomes?

-Porque são mal educados

-Mas porquê?

- Não sei responder.

2- Há pais que educam mais do que outros.

-Portanto depende dos pais.

3- Às vezes viro as costas e às vezes também lhe digo.  
- Quando é que tu viras as costas e quando é que tu dizes?  
- Com essas coisas todas, se é mais forte do que eu não .  
- Porquê?  
- Porque senão ele também me bate, depois eu fico mais magoado do que ele.

4- Que devia ser o contrário.  
- Como?  
- Devia haver paz, sermos todos amigos.

5- Às vezes , mas eu não sou muito disso, defendo-me  
- Às vezes mesmo assim pedes, e quando é que pedes?  
- Quando acho que tenho necessidade.  
- Quando é que isso é?  
- Quando vejo que estou sozinho e são muitos contra mim ou assim.

6- Ajudo  
- O que é que fazes ?  
- Eu ajudo, digo para eles não ligarem ao que eles estão a dizer, ou então vou dizer á educadora para eles não se aleijarem  
- Porque é que dizes á educadora?  
- Porque eles podem-se magoar mais

7- Alguns, saem de casa vão para a rua e depois têm amigos, mas eles lá sabem o tipo de amigos que têm.

8- Acho que são fracos e querem armar-se em fortes

9- Não, só quando a gente se porta mal, mas raramente.  
O quê?  
- A professora nos dá porrada.  
- Mas às vezes umas réguas na mão.  
- Tu achas que quando eles fazem isso têm sempre razão?  
- Têm .

10- Não às vezes não, quando eu me vou queixar a professora não liga e quando os outros vão queixar já liga.  
- Porque haverá essa diferença?  
- Não sei, se calhar é pela professora ser rapariga.

## **EPISÓDIO CRITICO**

1- O que pensas sobre isto?  
- Acho que é verdade, o menino que gosta mais de cromos é pobre e ele não pode comprar então vai roubar, mas mais valia emprestar os cromos.  
- Quem é que tem a culpa nessa história?  
- São os pais, os pais não lhe compram nada são maus para ele, só lhe dão é porrada, há meninos que trazem coisas para ele dinheiro, brinquedos.

-Como é que acabou esta história?

-Acabou tudo mal , ele teve que dar os cromos, ele a mim também me roubou e eu nunca mais os vi, eu fui dizer à Dona Elidia se não tivesse dito ele não me tinha dado os cromos

2- Se tivesse acontecido contigo ?

-Não sei, obrigava-o a dizer se ele tinha ou não, ou então ia logo ver se ele tinha lá, não podia fazer mais nada não sabia se era ele.

## **SUJEITO 9**

Patronato

10 anos.

4 irmãos 2 raparigas e 2 rapazes

Vive com o pai e mãe e irmãos

Mãe- Limpezas

pai: Construção, é pinto

Chumbou 1 vez

+ agressivo: Tiago e nenhuma rapariga

-agressivo: Eu e Dominique

AGRESSIVIDADE: 24

## **RESPOSTAS**

1- Às vezes quando me batem eu também bato.

-Mas porque há meninos que se batem e que são maus e que fazem coisas assim?

-...

-Quando um bate tem que dizer á professora.

-Porque é que esse bate?

-Ele não gosta .

2- Uns são maus

-Quem é que é mau?

-Os outros meninos que batem.

-Mas porque é que há uns que nunca batem?

-Porque são bonzinhos.

-E porque é que são bonzinhos?

-Porque nunca batem.

3- Vou dizer

-A quem?

-Á professora.

-Não respondes?

-Porque é que vais dizer à professora?

-Porque eu não gosto disso

-Não gostas de quê?

-De me chamarem nomes.

- Mas porque é que vais ter com a professora?
- Para dizer
- Mas porquê
- Ela mete de castigo

4-Não sei

- 5-Não
- Então , resolves o problema sozinho?
- Sim

- 6-Vou
- Porquê?
- Porque é meu amigo
- O que é que vais tentar fazer?
- Defendê-lo

- 7-Não têm amigos
- Porquê?
- ...
- Porque são maus para os amigos e depois não têm amigos

- 8-São meninos fortes.
- Porquê?
- ...Não sei.

- 9-Quando não faz o que o professor manda, depois o professor bate.
- E tu achas que o professor tem sempre razão.
- Tem
- Explica como é que é...

- 10-Não
- Então?
- Às vezes não é preciso bater

## **EPISÓDIO CRÍTICO**

- 1- O que é que tu pensas sobre isto?
- Que não se deve fazer.
- O que é que não se deve fazer?
- Tirar cromos
- Quem é que tinha razão nesta história?
- Era o menino
- Qual deles?
- O que roubou os cromos
- Porquê?

-Não sei

3- Se isso acontecesse contigo?

-Dizia à professora

-E mais..

-Chamava cá o meu pai, se os cromos não aparecessem.

### **SUJEITO 10**

Patronato

10 anos

Tem 2 irmãos com 20 e 18 anos

Vive só com os pais

Pai: Pintor

Dá almoços na cantina

Anda aqui na escola desde os 5 anos

Vem sozinho para a escola, vive perto.

+agressivo- Eugénio e não há nenhuma rapariga

-agressivo- Vitor Hugo e Mafalda

### **AGRESSIVIDADE 8**

### **RESPOSTAS**

1-Porque os outros às vezes batem e fazem mal, e depois começam-se a bater e isso

-Porque é que o primeiro menino começa a bater?

-Porque às vezes eles não gostam dele e começam a bater

2-Os outros são mal educados e outros são bem educados.

-Os mal educados são mais agressivos é?

-É

-E porque é que há uns que são mal educados e outros que são bem educados?

-Isso não sei.

3-Eu às vezes também digo nomes e bato-lhes, mas depois ao fim peço-lhes desculpa , e eles também pedem desculpa a mim.

-Fazem as pazes?

-É

4-Que ele está a ser mal educado para mim, que não gosta de mim, e às vezes fazem brincadeiras que não se devem fazer e às vezes estão no recreio às escondidas e começam logo a pensar" vamos bater àqueles, vamos bater àqueles"

-Porque é que pensam isso?

-Temos um amigo da sala que se chama Eugénio e ele também é muito mal educado para nós. Ele às vezes nós pedimos assim:" Eugénio quero fazer as pazes contigo" e ele amanda coisas e eu não gosto que ele faça isso.

5-Sim eu tenho um colega meu que é o Victor Hugo que me ajuda sempre.

-Normalmente pedes ajuda aos colegas ?

-É

6-Vou.

-O que é que fazes?

- Faço assim...

-Separas?

-Sim.

-E porque é que tu vais lá ajudar?

-Porque podem ficar aleijados e podem deitar sangue às vezes quando têm raiva, depois começam logo a bater e pronto é assim.

7-Eu acho que não.

-Então como é ?

-Às vezes os meninos não têm ninguém e alguns têm .

-Estavas a dizer que os meninos agressivos não têm amigos?

-Os meninos agressivos não têm porque eles às vezes batem e depois já não são amigos deles e depois já não têm amigos nenhuns.

8-São fracos.

-Porquê?

-Porque eles às vezes quando vai a bater eles aleijam-se.

9-Acho que é muito bem, quando os alunos estão fora, em vez de estarem sentados á espera de senhora professora e estamos levantados, e é muita má educação devíamos estar é bem sentados.

10-Sim tem sempre razão.

## **EPISÓDIO CRITICO**

1- O que é que tu pensas disto?

-Acho que é muito mal, quem escondeu devia ficar de castigo, a fazer muitos trabalhos de castigo.

-Tu achas que o menino que roubou os cromos devia levar um grande castigo?

-Sim.

- Quem é que tem razão nesta história?

-É a senhora professora.

-Porquê?

-Porque o menino que desapareceu os cromos vai á senhora professora e a senhora professora tenta ajuda-lo, e assim é que está bem.

-Entre os dois meninos quem é que tinha razão?

-Era o menino que lhe desapareceu os cromos.

2- Se acontecesse contigo?

-Procurava, e depois ia fazer queixa á D. Ilidia, que a D. Ilidia, olha para os olhos das pessoas e quem estiver a mentir já sabe quem é.

### 1.3.FERREIRA BORGES 7º ANO 2ª

#### SUJEITO 1

Escola Ferreira Borges 7º 2ª

12 anos

Junho

1 irmã com 20 anos frequenta a universidade

Vive com os pais e irmã

Mãe: Cozinheira

Pai: Motorista da carris

Mora na Ajuda

+ agressivo: Toni e Claudia

-agressivo: Bruno e Milena

AGRESSIVIDADE 0/0

#### RESPOSTAS

1- Pela falta de calma das pessoas, pela maneira de ser, e outras vezes pela maneira de vida, muitas pessoas são agressivas pela infância, pela sua vida em casa, pronto... e depois tornam-se, se não têm afecto tornam-se muito mais agressivas mesmo por isso.

2-Também depende da maneira de ser.

-O que é isso maneira de ser?

-O génio pronto, se nós somos nervosos ou não, isso... eu também sou muito diferente da minha irmã eu sou muito mais agressiva que ela. Ela sempre teve habituada a estar em casa fechada ali, não sai praticamente, e eu já sou diferente já não me calo facilmente. Para ela tudo está bem e para mim já não. Ela teve uma posição diferente da minha porque os meus pais foram muito mais rígidos com ela, eu admito isso. Não sei ela em muitas coisas diz que eu sou a mimada, embora eu acho que não sou. Como isto há muitas pessoas que diferentes factores exercem sobre elas por exemplo, falta de carinho na infância, traumas...

3-Muitas vezes tento conversar, acalmar a pessoa, muitas vezes já não, quando já estou mesmo no limite o que é que eu hei-de fazer, o que é que eu faço, nem eu sei o que é que eu faço, pronto é aquele impacto na hora, nós na hora é que vimos o que é que vamos fazer, depende das situações.

- O que é isso estar no limite?

- Há um limite de paciência, quando nós já estamos saturados.

4-Que é uma pessoa que não quer conversar e que não vale a pena insistir.

5-Não.

- Então?

-Normalmente ou tento afastar-me dessa pessoa para não causar problemas, ou então tenho que conversar com essa pessoa e discutir um bocado que é para eu me acalmar e desabafar.

-Portanto tu achas que barafustar também serve para acalmar?

-Sim muitas vezes eu guardo as coisas para mim , mas também chega a uma certa altura em que eu já me sinto sufocada, então eu tenho que deitar tudo isso para fora.

6- Sim quando muitas pessoas, até verbalmente estão a agredir outras pessoas , eu costumo interferir porque as pessoas talvez não consigam defender-se, portanto costumo interferir.

7-Têm menos facilidade em fazer amigos por isso mesmo, qualquer coisa pequena que seja, pronto fazem uma tempestade num copo de água, então muitas pessoas afastam-se . Tenho vários exemplos de pessoas que têm um ou dois amigos bons e o resto afastam-se.

-Porque é que se afastam ?

Porque muitas vezes a maneira de ser é muita diferença, e há sempre aquela... pronto não se ajustam, e para não se chatearem é que eles normalmente se afastam.

8- Bom elas tentam sempre mostrar-se fortes, mas eu acho que por dentro elas são como uma pessoa normal e muitas vezes até são mais fracas do que nós. Elas por fora são muito fortes, mas cá dentro são muito sensíveis e escondem o que são.

- Porque é que será ?

- Eu não sei

- Mas qual é a tua ideia ?

- Talvez por medo de não sei bem o quê, de serem magoadas muitas vezes , tão agredidas por traumas que inconscientemente eles têm medo de serem magoados outra vez , acontecer-lhes alguma coisa, então eles tentam ser fortes, para que isso não aconteça.

9- Sim, quando, quer dizer, eles acham que, as pessoas agressivas acham que só devem respeitar aqueles que os respeitam a eles, não tendo em conta que os professores não são pagos para estar a aturar as malcriadices dos outros, e também os professores são humanos e também podem.., não são de ferro, e há sempre aquele limite de paciência em que há sempre aqueles conflitos.

10- Nem sempre. Quer dizer há muitos casos que até eu barafusto porque eles são mesmo injustos, quer dizer que muitas vezes eles não estão a cumprir as suas obrigações de professor, então nós também perdemos a cabeça.

- Porque é que tu achas que eles são injustos ?

-Porque também não pensam o que é que é estar deste lado, eles para eles estão ali a ganhar a vida , pronto para eles está tudo bem , enquanto para nós se não trabalharmos somos nós que sofremos as

consequências do futuro, então pronto, nós muitas vezes temos que nos acalmar e para eles já não têm muita importância porque o curso já é deles já estão a ganhar a sua vida e nós se quisermos trabalhar para ganhar a nossa vida então o problema é nosso. Muitas vezes somos nós que perdemos a cabeça e muitas vezes vamos para a rua ou suspenções...

-Mas são situações em que as idas para a rua e as suspenções te parecem injustas?

- Muitas vezes são.

- Porquê ?

-Muitas vezes paga o justo pelo pecador. Uns fazem barulho e muitas coisas e um que teve calado toda a aula é capaz de ir para a rua . Mas isso é porque as professoras quando querem mandar alguém para a rua também não vêm a quem . Vão sempre aqueles mais agressivos, aqueles que costumam perturbar mais a aula, mesmo que eles estejam quietos. Mesmo que a turma esteja toda a fazer barulho, quem sai sempre são os mais agressivos, e mesmo na nossa turma são os mais velhos que saem quase sempre.

## **EPISÓDIO CRITICO**

1-O que pensas sobre isto?

-Quer dizer eu acho que tantos rapazes é cobardia, porque tantos contra um. Talvez um é que tivesse com raiva e chamou todos os outros para lhe baterem e eu acho que isso é cobardia, porque se ele não podia bater-se sozinho com o Rui ficava quieto no seu canto. Por parte do Rui eu acho que foi um desabafo, foi um... pronto ele estava enfurecido ele teve que descarregar em alguma coisa e talvez não querendo magoar alguém, magoou-se a si mesmo.

2-Se isto acontecesse contigo?

- Não sei, mas também não ficaria quieta, não sei exactamente o que faria , mas não ficaria quieta.

## **SUJEITO 2**

Escola Ferreira Borges 7º 2ª

14 anos

Tem 3 irmãos 6,4,2

São filhos da parte do pai

Pais separados há 9 anos

Vive com a mãe , avó e prima

Mãe : Doméstica

Pai: Taxista

Chumbou 2 vezes na 2º classe. Escola 125 Boavista

Andou na Quinta de Marrocos

Vive no bairro a Boavista

+agressivo-Toni e Não há nenhuma rapariga

-agressivo: Bruno e Sandra

AGRESSIVIDADE- 8/0

## **RESPOSTAS**

1- Ou não estão bem, pronto ou têm gosto também para bater.

-Mas porque é que será ?

-Porque devem ter algum problema.

-Que tipo de problema ?

- Não sei

2- Eu acho que devem ter problemas ou de gostarem de andar sempre a baterem-se.  
-Mas quando tu dizes que devem ter problemas, a que tipo de problemas é que te referes ?

- Em casa ou os colegas , não sei conforme, podem não gostar do que eles dizem

3-Tento falar e dizer para não serem assim .

-Nunca acabas por reagir da mesma forma que eles?

- Não

4- Às vezes penso, aquele deve ser maluco ou assim , ou qualquer coisa.

- Porque é que pensas isso ?

- Por ele me querer bater ou qualquer coisa.

5- Às vezes sim.

- Quando ?

- Quando sinto que não consigo sair dali ou qualquer coisa .

6-Eu costumo intervir.

-Porquê

- Porque sinto pena das pessoas e não gosto de ver eles a baterem-se, para eles não se baterem.

7-Eu acho que não fazem.

- Porquê.?

-Uma pessoa não se sente bem ao pé de uma pessoa que nos está sempre a bater ou qualquer outra coisa.

8- São pessoas fracas, pessoas que não pensam. Estão a bater não sei para quê.

- Isso é um sinal de serem pessoas fracas ?

-É

9-Quando são agressivos acho que têm sempre razão.

- Porquê?

- Porque já são pessoas que sabem o que querem e se querem fazer isso é porque sabem o que estão a fazer.

10-Eu acho que podem.

-Portanto nesses casos não serão justos ?

-Sim eles podem-se enganar, mas...

-Achas que não deixam de ser justos é ?

-Acho que sim.

## **EPISÓDIO CRITICO**

1- O que pensas sobre isto?

-Acho que o outro nunca devia ter ido chamar mais colegas. É uma situação injusta e muito agressiva. O Rui deve ter-se sentido muito mal e magoou-se a ele próprio.

2-Se isto acontecesse contigo?

Eu nunca teria reagido assim, acho que não ia começar um conflito destes, há outras formas de nos entendermos.

### SUJEITO 3

Ferreira Borges 7º 2ª

12 anos

1 irmão com 18 anos

vive com o pai e mãe e irmão.

Mãe: Sócia de firma e vendedora

Pai: Telecom. Controlador de qualidade

1º ano na F.B.

Andou na Francisco Arruda.

+agressivo-David e Cláudia

-agressivo-Carlos e Patricia

AGRESSIVIDADE-0/0

### RESPOSTAS

1- Talvez porque tenham problemas, algumas delas até podem ter problemas em casa, e são agressivos por causa disso, e também têm vontade de ser agressivos.

- Mas porque é que as pessoas se tornaram agressivas?

- Cada um tem o seu motivo , mas eu acho que é porque não estão bem ou porque têm problemas , não sei... São rejeitadas... algumas, nem todas.

2- Eu acho que as pessoas que são agressivas , acho que também depende do ambiente onde elas vivem , da família, dos amigos, tudo isso depende . Agora as pessoas que não são agressivas, é claro que têm um bom ambiente familiar, têm bons amigos.

3-Não ligo a provocações , pronto se a pessoa é agressiva eu tento ajuda-lo , mas se são agressivos comigo eu procuro também não ser agressiva com essas pessoas.

-Porquê?

-Não faz parte de mim ser agressiva, eu não sou uma pessoa agressiva , portanto quando são agressivos comigo , eu não dou resposta, fico quietinha no meu sitio, oiço o que a pessoa diz, mas não dou resposta.

4-Penso porque é que as pessoas são assim , porque é que essa pessoa que está a falar comigo está a ser assim tão agressiva , ponho-me a pensar porque é que será mas acho que não encontro resposta .

E tens dificuldade em compreender ?

-Mais ou menos , pronto se a pessoa é agressiva, há-de ter algum motivo, se eu fiz alguma coisa de mal a essa pessoa e essa pessoa é agressiva comigo por causa disso eu sei , não é mas se essa pessoa é agressiva comigo só porque lhe apetece e por nada

sem motivo nenhum, eu não consigo arranjar explicação, ou é porque não gosta de mim, ou é por alguma razão, não sei.

5- Isso não me acontece assim muito, mas se por acaso isso me acontecesse eu acho que pedia ajuda

- Pedias ajuda a quem?

- Aos meus pais

- E porquê?

- Porque tenho uma boa relação com eles e acho que posso contar com eles para tudo. Pronto falava com eles e eles ajudavam-me de certeza absoluta.

- Tu falarias com eles para que eles te ajudassem a fazer o quê? resolver o problema?...

- Sim, ajudar a resolver o problema de uma forma civilizada, não fazer o mesmo à outra pessoa que ela me fez a mim.

6- Se vejo que é uma coisa séria eu vou e ajudo, e percebo porque é que eles estão a fazer isso um ao outro e tento ajudar, não ia deixar que se chateassem sem ir lá ajudar, mesmo que não conhecesse, isso aflige-me um bocado.

- Ficas aflita?

- Não gosto muito de ver as pessoas chateadas umas com as outras a darem-se mal.

Não gosto. Já quando é colegas e isso eu ajudo sempre. E quando me fazem alguma coisa mal ou que eu não gostei, eu não consigo ficar chateada com a pessoa, acho que faz parte de mim. Eu tento não é, mas não consigo.

7- Eu acho que as pessoas agressivas têm um pouco de dificuldade em fazer amigos, porque acho que uma pessoa... pronto Eu sou agressiva, e tinha um amigo, se eu fosse agressivo com ele, ele não ia gostar muito e ia deixar de ser amigo, por isso é que as pessoas agressivas não têm assim muitos amigos, são agressivas com eles, por isso acho que perdem amizades.

8- Depende porque há pessoas fracas que são agressivas, e podem ser influenciadas pelas outras, principalmente as pessoas fracas, são muito influenciadas pelas outras. E há pessoas fortes que é mesmo por maldade, há pessoas que são mesmo agressivas, que fazem mesmo por maldade por ter gosto em fazer aquilo, essas acho que são mais as pessoas fortes do que as fracas

9- Eu acho que não, quer dizer há alguns que às vezes são um pouco agressivos, mas a maior parte deles tentam compreender os alunos pelo diálogo, são bons professores.

- E esses professores que tu achas que são mais agressivos como é que é a agressividade deles?

- Eu nunca tive nessa situação de ter um professor agressivo mas, o professor pode ter... pode agredir o aluno, mas verbalmente só quer dizer indirectas, mas que às vezes até são mais agressivas do que um comportamento, mas acho que isso é raro

10- Acho que normalmente estão a ser justos. Acho que eles não devem ser agressivos, porque mesmo que o aluno seja agressivo para o professor, acho que o professor não deve fazer a mesma coisa. O professor deve ensinar o que é que os alunos devem fazer. Se ele está a fazer a mesma coisa que o aluno lhe fez, pronto é

como se tivesse a dar a moeda de troca e assim não está a dar um bom exemplo ao aluno, mesmo que seja agredido o professor não devia fazer o mesmo.

- Parece-te que às vezes há injustiças na forma como os professores avaliam o comportamento dos alunos ?

- Às vezes, umas vezes sim outras não.

-Como é?

-Por exemplo professores que não gostam assim muito dos alunos , sem nenhuma razão, só porque não gostou dele, às vezes há uns que fazem de propósito para avaliar mal o aluno , porque não gosta dele , não gostou da cara dele, então eu acho que isso se reflecte um bocado.

## EPISÓDIO CRÍTICO

1-O que é que tu pensas sobre isto?

- O Rui estava muito revoltado, porque ele tinha muitos problemas em casa, o pai e a mãe e então era muito revoltado e muito agressivo também. Para ele , ele é o melhor, ele bate em todos, ele faz o que quer e bem lhe apetece e o Rui era assim muito violento e muito agressivo mas certas vezes porque às vezes ele até era uma pessoa carente ele necessitava de carinho , já que não tinha o carinho dos pais, do pai da mãe e da família ficava revoltado mas ao mesmo tempo era uma pessoa carente, queria que as pessoas gostassem dele e queria chamar a atenção. Eu falava com ele e eu defendia-o porque ele precisava muito de carinho .

-Mas quem é que tu achas que teve razão nesta história ?

- Ele não fez bem em se revoltar, apesar de tudo o que aconteceu eu acho que ele não devia ter feito isso, ele devia ter ficado calmo e não devia ter feito uma coisa dessas.

-Porque é que achas que ele fez?

-Porque estava muito chateado por ter apanhado e ele era assim , quando ele apanhava e não podia retribuir ai ele perdia as estribeiras , tinha de fazer qualquer coisa . Se se metem com ele respondia logo, até com os professores com toda a gente.

2- Se isso acontecesse contigo?

-Eu sou diferente, penso que não reagia assim. Não sei não é o meu costume, sou mais calma.

## SUJEITO 4

7º 2ª

FERREIRA BORGES

14 anos

Tem 2 irmãos

Vive com o pai , mãe irmão e ela Pai:Reformado

Mãe: Cabeleireira

1º ano na F.B.

Bartolomeu de Gusmão 1º e 2º

Chumbou 2º classe e 1º do ciclo.

+ agressivo: Claudia e Toni Vieira

-agressivo: Milena e Bruno

## AGRESSIVIDADE 11/2

### RESPOSTAS

#### 1- Questão

-Não sei, talvez por terem problemas com os familiares ou serem agressivos de si mesmo.

- O que chamas agressivas de si mesmo?

Não sei, gostarem muito de fazer mal e assim.

#### 2- Questão

-Eu não sei, mas acho que se uma pessoa tiver uma educação mais ou menos normal é capaz de entender mais os problemas dos outros e não ser agressiva. E há outras pessoas que não têm o apoio de ninguém, não têm educação suficiente, os pais estão-se a borrifar para eles e deve ser por causa disso

- A educação é muito importante ?

-Serem ensinadas a compreender as outras pessoas e a ajuda-las, enquanto que há outras que não, estão meramente... mas acho que é por isso, por causa da educação e da vida que levam.

#### 3- Questão ?

-Depende muito de quem estiver a falar, isto é já a primeira, se é uma pessoa que eu já conheço antes e vejo que ela pode estar irritada e responde mal ou a ser agressiva, eu finjo que não oiço e passo à frente, é o melhor nestas situações. Se fôr uma pessoa que eu não conheço, tanto posso passar à frente como responder. Isso depende de muita coisa. AS pessoas não aprendem, tem que ser assim.

#### 4- Questão ?

-Penso que ele podia não ser assim.

#### 5-Questão

-Não eu nunca tive situações dessas

-Nunca tiveste numa situações em que tivesses aflita por teres sido agredida?

-Não. Pronto, eu ando sempre com as colegas amigas minhas. Considero-me alegre, e esses problemas a mim não me afectam. Mesmo que me agridam, eu ou respondo na mesma moeda ou não ligo.

#### 6- Questão ?

-Se fôr uma colega que eu tenha confiança, mesmo amigas, amigas, eu tento saber porque razão é que eles estão a chamar nomes um ao outro e tento pôr... Se eu achar que ela tem razão eu defendo-a, se eu não achar, eu não posso defender uma pessoa que acho que não tem razão. Se fôr uma pessoa da minha turma que eu não tenha tanta confiança, também vejo mais ou menos o que é que se está a passar. Se eu achar tento sempre ajudar. Mas nem sempre pronto... há pessoas mais fortes do que eu e eu não me vou lá meter. Quer dizer, ajudar o outro ainda vá que não vá, agora meter-me lá mesmo dentro da situação é que não

#### 7- Questão

-Não faço a mínima ideia, mas por aquilo que eu acho as pessoas que são agressivas só gostam de andar com pessoas iguais a elas, também agressivas. Por isso eu acho que se eles conseguirem ter amigos, é por pouco tempo, só conseguem ter amigos da mesma moeda deles. Ou então se os amigos forem influenciáveis, assim podem ficar como eles. Às vezes uns para se armarem em bons acontece muito isso.

#### 8- Questão?

-Em princípio são pessoas que podem ser fracas, mas querem-se armar em boas e querem-se armar em fortes e depois têm a mania que batem em todos e não sei quê. No fundo até podem ser boas pessoas só que têm a mania... Vamos ver o caso da escola, é diferente cá dentro e lá fora. Cá dentro são agressivos, são uma coisa, são muito maus, lá fora se fôr preciso, aparecem os pais ou as mães ou um amigo mais forte que eles, já são capazes de não falar assim tão coiso como falam cá dentro.

-Porque há essa diferença?

-Eu na minha turma, é entre os 12 e os 16, e eu acho que é uma diferença muito considerável, porque há aqueles que ainda estão a entrar na adolescência, e há aqueles que já lá estão há muito tempo. E os de 12 já vão levar o exemplo dos de 16 e por isso cá dentro, porque eles são mais pequenos, há uns que pensam que mandam neles, mas não é assim porque a gente tem que respeitar os outros e na minha turma, lá porque são altos, nem é preciso serem mais velhos, e porque têm um grande corpo, pensam que são os maiores que os outros que têm 12 ou 13 anos, mas às vezes não são, é só para se armarem querem impressionar os mais pequenos e terem-nos na mão.

#### 9- Questão?

-Em geral os professores que eu já tive, eu acho que tudo depende do que o professor deixar fazer na aula. Por exemplo nós temos, nos primeiros tempos estudamos os professores, ver o que eles deixam fazer e tal, e é mesmo, nós sabemos muito bem como são e depois temos... Há professores bons que dão a matéria e quem ouvir que oiça, e há aqueles que chamam logo a atenção, porque querem que a gente aprenda, esses é que são bons professores. Eu tenho uma professora em que ela dá a matéria, mas ela não consegue dar, porque os mal comportados chamam-lhe nomes, fazem o que querem e ela não diz nada. Estes professores que nós sabemos que são assim... Eu por exemplo eu sei que sou muito distraída, detesto estudar. Eu este ano como mudei de escola eu comecei por ficar atenta, só que em certas aulas não resulta porque nós estamos ali e o professor está sempre a explicar, e há outros que a gente estando com atenção ou não estando é a mesma coisa. Essa tal professora, eu ao princípio até estava com atenção, só que depois comecei a pensar assim: "Então mas eu estou com atenção e outros que não fazem nada, nem cadernos têm em ordem, têm a mesma nota do que eu, porque é que eu hei-de estar a ouvir isto aqui. E é isto que a gente pensa. Há professores e professores, há uns que só andam cá para ganhar dinheiro, e outros que gostam mesmo de ensinar.

#### 10-Questão

-Não sei, eu do meu ponto de vista eu acho que se eles ralham ou se eles chamam a atenção ou se mandam para a rua, eu acho que eles devem no fundo ter essa razão, ou porque o aluno está desinquieto, ou porque está a destabilizar o funcionamento da

aula, não sei também pode acontecer que os professores embirram com certos alunos e num dia estão mal dispostos e depois é o aluno que paga. Há muitas vezes que isso acontece. Ou então o professor viu alguém a conversar e depois confunde com a nossa e manda a gente para fora da aula, por acaso este ano já aconteceu várias vezes, mas depende também do funcionamento da turma, dos alunos que a turma tem, de muita coisa. Porque eu acho que é geral a maior parte dos professores gosta do que faz, e eu acho que para a pessoa ser boa nesse campo tem que gostar daquilo que faz .

- Portanto tu achas que um professor que gosta daquilo que faz terá menos tendência para ser um professor agressivo?

- Acho que sim. Porque muitos dos professores esquecem-se de que já tiveram a nossa idade, e há muitos que estão cá porque não os aceitaram em mais nada, dão a matéria como se fosse uma cassetete, chega ao fim da aula dita o sumário vai-se embora e fica tudo na mesma, e há outros professores que não são assim.

### **EPISÓDIO CRÍTICO**

1-O que é que pensas sobre isto?

-Não sei , por não se poder revoltar contra ele , talvez tivesse sei lá... talvez como ele não podia bater em nenhum deles porque se não ainda comia mais , e isso foi uma descarga de raiva por não se ter revoltado contra os outros e acabou por se revoltar ele próprio , que não tinha culpa nenhuma.

-Quem é que tinha razão nesta história?

-Pode haver muitas hipóteses, se ele levou porque fez alguma coisa de mal, acho que foi bem feito

embora ache que só devia ser aquela pessoa a quem ele fez mal, se não foi o caso, eu acho que não tinha razão nenhuma de ser. É a tal agressividade...

-É a tal agressividade?

-Que aparece e eles gostam de fazer, mas eu acho que uma pessoa para ser assim mesmo agressiva como eles tem que ser porque ele fez qualquer coisa. Mas acho que mesmo assim tendo ele feito aquilo que fez, acho que essa pessoa se lhe quisesse bater acho que devia ser ele , não tinha nada que ir chamar os outros.

2-Se isto acontecesse contigo?

Provavelmente faria o mesmo se estivesse no lugar do Rui. Talvez tentasse defender-me ou ainda fugir. Não sei dependia da situação.

### **SUJEITO 5**

Ferreira Borges 7º 2ª

13 anos

Filha única

Vive com a mãe , padrasto e ela

Mãe: Empregada de escritório

Padrasto: Médico

Pai :Técnico de vendas

1º ano na F.B.

Escola B.2 Odivelas 1º e 2º

Externato João Ratão, na primária

+agressivo: David e Claudia  
-agressivo: Bruno e Milena

## AGRESSIVIDADE 0/0

### RESPOSTAS

1- Penso que muitas vezes há assim uma certa revolta dentro delas e precisam de meter cá para fora e muitas vezes não têm a liberdade que necessitam , também precisam de se exprimir de qualquer maneira, então muitas pessoas a maneira mais fácil que encontram é através da agressividade.

- Achas que às vezes é por falta de liberdade?

- Acho que sim

- Explica melhor a tua ideia?

- As pessoas precisam de se libertar um bocadinho de deixar o que está lá dentro vir cá para fora e muitas vezes a agressividade é a maneira melhor que encontram para se libertarem de tudo o que os prende.

2- As pessoas são todas diferentes, cada uma tem a sua maneira de ser e cada uma tem a sua maneira de se exprimir. Há pessoas que são mais calmas e exprimem-se de outras formas, mas também há

certas alturas em que também são agressivas, quando precisam mesmo de se libertar. E há outras que são mesmo agressivas porque é a sua maneira de ser. Só que há pessoas que sabem controlar melhor e há outras que não controlam

- Que factores é que influenciarão isto?

- Depende do tipo de pessoa, por exemplo uma que tenha muitos amigos, pode conversar com os amigos contar os problemas que tem , e não precisa de se expandir assim de outra forma e há outras pessoas que estão sempre muito sozinhas e eu acho que são essas pessoas que precisam mais de se libertar de tudo o que têm cá dentro.

3- Eu acho que temos que compreender a maneira de ser uns dos outros , de cada pessoa, porque todos somos diferentes.

- Mas quando isso te atinge directamente?

- Não sei é conforme, acho que tenho mesmo que compreender que as outras pessoas são assim e que não posso fazer nada contra isso .

- Mas certamente pensas qualquer coisa nessas alturas?

- Fico um bocadinho agressiva, um bocadinho sentida, mas eu acho que qualquer pessoa quando são agressivas para ela fica um bocadinho assim, a não ser que também seja uma pessoa muito agressiva e já esteja habituada.

4- Pensar porque é que foi assim, porque é que tinha que ser assim, porque é que não se podia falar calmamente.

5- Sou capaz de chegar a casa e falar com a minha mãe e perguntar porque é que ela achava que tinha que ser assim, ou falo com os outros amigos , mas pedir ajuda , ajuda não.

-É mais conversar?

-Sim

6- Eu não tenho hábito de intervir, posso ajudar no que fôr possível, só que há certas coisas ou casos em que as pessoas de fora não devem mesmo intervir porque são assuntos que devem ser resolvidos pelas próprias pessoas, depende dos casos. Se eu achar que se deve ajudar então tudo bem, agora se eu achar que as coisas devem ser resolvidas mesmo pelas próprias pessoas isso já acho melhor não intervir assim muito.

7-Acho que têm poucos porque não é bom ser amigo de alguém agressivo.

8-Normalmente são fortes, porque têm força e conseguem, mas também podem ser pessoas assustadas que fazem por ser fortes.

9-Há mas depende já muito dos professores e dos alunos.

-Mas acontece?

-Muitas vezes acontece porque eu acho que os alunos se sentem presos aqui pelos professores e sentem necessidade de se libertar e então muitas vezes é a agressividade que eles escolhem para se libertar, também é porque estão mais habituados a ver hoje em dia também .

-Mas o que achas que acontece dos professores para os alunos?

-Os professores depende muito de cada um, mas há certos professores que muitas vezes são um bocado agressivos, porque se calhar não encontram outra maneira de controlar os alunos. Estamos habituados a ver a agressividade assim todos os dias em qualquer parte então as pessoas começam-se a habituar com a agressividade e são agressivas, mesmo os adultos, crianças.

-Tu achas que o facto de uma pessoa assistir a muita agressividade depois vai ser influenciada por isso ?

-Porque as pessoas começam-se a habituar a ver isso.

-E que tipo de agressividade é que os professores usam?

- Quer dizer , eu não tenho assim nenhum que seja agressivo, nunca tive, mas eu penso que talvez seja verbalmente, assim castigos mais violentos, mas nunca fisicamente, pelo menos que eu saiba. Mas castigos mais violentos , que os alunos depois também se sentem injustiçados. ás vezes os professores até têm razão mas os alunos sentem-se sempre injustiçados.

10-Muitas vezes há professores que embirram por tudo e por nada e a pessoa não pode nem mostrar os dentes que eles começam logo a embirrar. Há outros que se uma pessoas está a falar baixinho, sem perturbar a aula , começam logo a embirrar, depende dos professores. Há professores que vêm chateados de casa e depois chegam à escola e a primeira aula que têm é a primeira aula onde vão descarregar os problemas todos e de uma forma agressiva para os alunos.

## **EPISÓDIO CRITICO**

1-O que pensas sobre isto?

-Ele acha que foi injustiçado, sentiu-se revoltado e a maneira mais fácil que ele encontrou para libertar a sua revolta foi a agressividade. As pessoas quando se sentem

injustiçadas ficam revoltadas podem é ter maneiras diferentes, ele encontrou esta agressividade que era o que ele precisava para se libertar.

-Quem terá tido razão?

-ter razão, não sei , eu não segui a história desde o principio, era preciso saber o que se tinha passado antes, mas nestas coisas assim, acho que não há razão para lado nenhum. Para lhe terem batido a ele é porque ele já tinha feito alguma coisa. Ele até podia ter feito alguma coisa de mal, aí a pessoa contrária estava com a razão , mas a partir do momento em que lhe foi bater a ele, acho que qualquer das partes perdeu a razão

2- Se fosse contigo?

Não sei, teria que estar por dentro do que aconteceu para lhe dizer. Talvez não tivesse permitido que tudo isto começasse.

## **SUJEITO 6**

Ferreira Borges 7º 2ª

14 anos

5 irmãos, 27, 26, 24, 23, 31

Vive com os pais e 2 irmãs e 1 sobrinha

Pai .Vendedor ambulante

Mãe;Doméstica

Irmãos Trabalham com o pai

Bairro da Boavista

1º classe com 5 anos

Quinta de marrocos chumbou 2 vezes no 5º ano

+agressivo

-agressivo não diz

AGRESSIVIDADE 15/ 4

## **RESPOSTAS**

1- É da educação que eles têm e do ambiente em casa. Não é só em casa depende.

-E que outras coisas é que são então?

-Não sei várias coisas, os amigos, várias.

-Mas são influências, essencialmente?

-Pode ser ou não ser também depende do seu comportamento do que estão habituados.

-Mas então achas que há qualquer coisa que é mesmo deles?

-Não sei , não sei bem explicar, mas também depende muito deles e de várias, e do ambiente em que eles estão.

2-Não sei explicar. Depende, se são agressivos depende da maneira como os tratam.

3-Também depende da maneira como ele me bater, se fôr assim por brincadeira levo para a brincadeira, mas também se fôr a sério a história já é outra. Mas também não se pode deixar eles baterem á vontade. Ou se fôr por palavras também depende das palavras que eles disserem, porque as palavras contam mais do que estarem a bater. Depende muito, por vezes não ligo.

4-Não sei.

-Tenta pensar?

-Não sei depende do motivo que eles me estão a chamar...

-Mas certamente que te passa um pensamento pela cabeça.

-Por acaso nunca penso, depende também de quem fôr às vezes também pode ser uma pessoa que se dá desprezo e não se liga nenhuma.

-Porque é que quase nunca pensas.

-Também é por causa que eu não sou agressiva com ninguém e também não são comigo.

5-Não, tenho sempre que resolver eu.

-Porquê?

-Porque se é comigo os outros não têm nada que se meter na conversa

6-Se alguém me pede eu ajudo.

-E por iniciativa própria?

-Sim...

7-Não sei podem ter ou podem não ter.

-Mas o que é que te parece?

-Acho que não têm assim tantos amigos como as pessoas calmas.

-Porquê?

-Porque são agressivos com os amigos , e depois eles deixam e tentam ter amigos mais calmos do que aqueles que são agressivos

8-São mais fracas.

-Porquê?

-Não tentam resolver as coisas a bem vão logo para a agressividade.

-E porque é que isso é ser fraco?

-Não sei porque eles não tentam resolver as coisas a bem.

9-Eu acho que os professores são mais culpados do que os alunos.

-Porquê?

-Porque os professores já sabem como é que é , deviam ser mais calmos que os alunos e ter mais paciência. Porque os professores não fossem assim os alunos também não eram.

10-Não, eu acho que os professores são os mais agressivos com os alunos por vezes.

-Achas que eles avaliam mal?

-Sim.

-Porque é que será?

-Eu acho que eles fazem isso porque não têm outros meios de falar com os alunos, é logo "vai para a rua"

-Porque é que será?

-Não sei explicar. os professores têm sempre mais paciência para so mais calmos e não têm paciência para os mais agressivos.

## **EPISÓDIO CRÍTICO**

1-O que é que tu pensas sobre isto?

-Não sei, porque eu não estava dentro da história, eu soube porque eu era amiga do Rui.

-Mas o que é que tu achas?

-Não sei, não sei quais é que foram os motivos.

-Mas sabes que ele foi esperado por um grupo grande, o que achas sobre isso?

-Eu acho que um bastava para ele

-Quem é que teve razão?

-Não sei o motivo que os levou a fazer isso.

2- Se isto acontecesse contigo?

-Eu tentava defender-me como pudesse, mas não ia dar uma cabeçada no vidro senão era pior para mim.

## **SUJEITO 7**

Ferreira Borges 7º 2ª

14 anos

2 irmãos, 8 e 18

Mora na Encarnação

Externato João XXIII

Salesianos 7º ano 1 chumbo

4º classe chumbou

1º ano nesta escola

Pai- Pintor

Mãe- Doméstica

+agressivo- Toni e Claudia

-agressivo- Bruno e Milena

AGRESSIVIDADE 22/8

## **RESPOSTAS**

1-É também do exemplo dos pais, a vida familiar e depois podem reflectir-se sobre a vida dos filhos

-Porque é que achas que os pais influenciam assim tanto?

-Se os pais são agressivos em casa, falam mal com as mães e isso depois eles ficam ressentidos e depois são maus para os outros da idade deles.

-Haverá mais alguma razão?

-Também podem ser influenciados pela televisão.

2-Acho que isso já tem a haver com a pessoa, com o temperamento da pessoa, se têm tendência para serem agressivos ou se não.

-Tu achas que há uma violência de si?

-Acho que sim

-Qualquer coisa que nasceria com a pessoa?

-Pode ser isso, nunca pensei bem sobre isso.

3-Se ele não quer falar, eu também o agrido se não para falar de outra maneira com ele.  
-Não dá para falar...?  
-Sim há pessoas que não dá mesmo para falar, a gente tenta falar, não param de chatear, há pessoas que não dá mesmo.  
-Nessa altura a pessoa recorre ao mesmo comportamento do outro?  
-Tenta-se falar, manda-lo embora mas se não der...

4-Os pensamentos nunca costumam ser muito bons.  
-O que é isso pensamentos não muito bons?  
-Não sei aleija-lo dar pontapés  
-Portanto a ideia é tu pensares em coisas que irás fazer.  
-Sim ás vezes outras vezes é por instinto, é conforme.

5- Não.  
-Resolves o problema sozinho?  
-Sim  
- Porquê?  
-Porque os outros não têm nada a haver com isso as coisas são comigo não são com os outros

6-Se eu puder ajudar ajudo, se está a ser agredido não é ir agredir mais o outro, mas ajuda-los, separa-los ou assim.

7-Acho que é conforme. Há pessoas que são populares e querem mostrar que são bonitas, são boas e andam sempre a chatear toda a gente, outros podem querer ser populares para dar nas vistas ou assim. Eu acho que assim também não conseguem , não é assim que se arranjam amigos mas...

8-Costumam ser fortes acho eu para se saberem defender.  
-Fortes fisicamente  
-Mas ás vezes também há uns pequeninos que ...

9-Acho que os professores ás vezes são um bocado agressivos na maneira de falar, amandam bocas indirectas e isso. É uma atitude que também é violenta.  
-Quando o professor chama a atenção na aula, quando dá um castigo qualquer , tu achas que isso é justo?  
-A maior parte das vezes é quando mandam assim para a rua ou uma falta disciplinar, costumam ser mais ou menos, pode haver um caso ou outro que não mas é raro.

10-É conforme os professores, há uns que eu até acho que são e outros que não.  
- Porque é que existirá esta diferença?  
-Nota-se logo à distância, há uns que têm paciência para explicar outros que começam logo aos gritos  
há uns que são mais meigos, eu noto bastante esta diferença.

## EPISÓDIO CRÍTICO

1- O que é que pensas disto?

-Acho que ele ficou revoltado, que eram muitos contra ele sozinho, as pessoas da escola que viram não ajudaram nada, e ele estava sozinho ficou revoltado, cheio de fúria e depois...

- Porque é que houve este ataque?

-Era um jogo de futebol, um jogo inter-turmas e depois ele começou a refilar com um da outra equipa, conhecia uns aqui á volta e chamou os amigos dele estavam todos aqui á porta. Acho isso bastante... sacanagem mesmo, agora trazer os amigos para resolver os problemas dele, se era com ele era ele que resolvia.

-Quem é que teve razão nesta história?

-Eu não sei quem é que teve razão, acho que nem um nem outro tiveram razão. O Vitor já estava chateado por causa do jogo de perder e também se irritou muito facilmente, mas foi parvo porque chamou os amiguinhos todos para bater, eu acho que isso foi muito mal.

2-Se isto acontecesse contigo?

Eu acho que resolvia sozinho a situação. Não está correcto chamar pessoas para ajudarem.

### SUJEITO 8

Ferreira Borges 7º 2ª

14 anos

5 irmãos, todos mais velhos

Calçada da Tapada

2º ano desta escola no 7º ano

Francisco Arruda e Escola 157

Chumbos 2º classe

1 vez o 7º ano

+agressivo: David e Claudia

-agressivo Bruno e Milena

AGRESSIVIDADE 15/ 4

### RESPOSTAS

1-Eu costumo ser agressivo, mas não é ser agressivo, eu não sei, dou uns carolos, agora ser agressivo, andar sempre a bater, ser só agressivo isso não gosto, pelo menos nos mais novos acho que não é preciso bater assim a sério, ainda quando eles se portam mal, quando dizem coisas que a gente não gosta também não é preciso bater assim com tanta força, pronto chega-se lá dá-se um carolo mas chega.

-Porque é que tu achas que há pessoas que têm mais tendência para bater do que outras?

-Isso o que fizer isso mais, nós na primária e na Francisco Arruda, há sempre aqueles que gostam muito de se meter, basta a gente abrir a boca que levamos logo um carolo

e havia ciganos e isso. Eles às vezes provocavam e provocavam muito e a gente não quer mas somos obrigados .

-Porque é que tu achas que há pessoas que provocam?

-Se calhar porque têm problemas em casa, se calhar vêm os pais ou o que é.

-Portanto tu achas que muito do início da agressividade tem a ver com aquilo que se vive em casa?

-Sim

2-Porque há uns que são mais calmos e prontos... conseguem não, são os que não se metem em confusões os pais em casa também não andam assim , agora os outros os mais agressivos, sei lá são aqueles que moram em bairros no casal ventoso ou outro. Eles estão sempre a ver , sempre que saem estão a ver , estão a ouvir gritar, depois saem e só vão fazer estupidezes.

-Portanto tu achas que as pessoas acabam por ser muito influenciadas?

3-Eu gosto, e eu sou simpático, eu gosto de conversar e estar sempre a rir com os meus colegas, agora quem fala mal comigo e não me respeita e isso, eu também não respeito essa pessoa , se essa pessoa me gozar ou bater eu respondo. Isso também depende porque quando eu estou chateado não gosto que ninguém fale comigo e isso, quando estou na boa até podem dizer mal, eu aí ignoro às vezes.

4-Há um certo tipo de bocas que tem limite, eu posso até , se me amandarem uma boca muito forte ou uma lambada, aí já se ele me vier tocar eu também dou.

-Mas para além do que tu fazes o que é que tu pensas?

-Eu sou muito nervoso

-Então o que é que tu sentes nessas alturas, provavelmente sentes qualquer coisa?

-Sei lá, ...

5-Só peço ajuda se os outros forem chamar alguém, por mim, se a conversa é com ele somos só nós os dois e ninguém tem mais que se meter, agora se ele fôr chamar outras pessoas e isso...

6-Se forem amigos meus, eu posso andar o meu amigo, mas normalmente eu não me meto assim em brigas dessas, eu não gosto dessas coisas .

-Porque é que não gostas?

-Porque eu sou muito nervoso e não sei .

7-Têm amigos como eles agressivos também, e se arranjam um amigo que não é agressivo, estão sempre a mandar vir com ele a bater também , e assim ele torna-se também agressivo.

8-Uns são fortes e outros são fortes , mas são fortes com aquilo, prontos eles metem-se um com o outro porque já sabem que se ele me bater eu tenho que me defender.

9-Contra os alunos?

-Esses que são mais agressivos, que têm comportamentos estranhos na aula .

-O que são comportamentos estranhos?

-Começar a amandar papéis , canetas, começar a provocar os outros não é , se os outros se vão queixar disso os professores mandam para a rua e eles não gostam. No

meu caso, eu ia sempre para a rua porque estava sempre a conversar e não prestava atenção e às vezes também não gostava. Uma vez fui duas vezes para a rua com a professora de Francês, os outros estavam a conversar comigo e eu é que fui para a rua .  
-Tu achas que o professor avaliou mal?  
-Sim, se eram eles que estavam a falar comigo não era eu claro. Eu deixei de estar em lugares perto dos outros, sentei-me lá atrás sozinho e assim estou a ver a turma toda , e às vezes só de falar assim muito baixinho põe-se logo a refilar

10- Às vezes.

-Mas por exemplo aquilo que é um comportamento agressivo para o professor de Português não o é para o professor de Inglês.

-Sim eu acho que sim.

- A professora de história aguenta muito, quase ninguém a respeita lá na aula, mas às vezes as pessoas não estão a fazer nada e vão para a rua , gritam com eles e ela não faz nada. Agora quando eu não estou a fazer nada e ela vem ralhar comigo e não sei o quê aí também respondo.

- Isso varia muito de professor para professor?

-Pois é a Professora de matemática não deixa nada a ninguém , nem ela nem a professora de Inglês.

## EPISÓDIO CRÍTICO

1- O que pensas sobre isto?

-Começou num jogo de futebol, nós estávamos a perder aí uns 4 a 0 e uns da equipa deles estavam sempre a meter falta e o árbitro não via, o Rui não gostou e virou-se ao outro e de repente saltam uns das bancadas e tentam bater ao Rui e o Rui não gostou e no dia seguinte o Rui veio cá buscar a namorada e já lá fora foram lá e o Rui nervoso bateu com a cabeça numa coisa que lá estava, e no dia seguinte o Rui trouxe mais gente, trouxe muitos amigos dele e o outro...

-Quem é que teve razão nesta história?

-Foi o Rui, aliás foi o Rui, não porque se a conversa era com o Rui outro não tinha nada que se meter.

2- Se isto tivesse acontecido contigo?

-Eu também sou calmo e eu sou nervoso, mas também às vezes sou calmo e eu às vezes calo-me para não arranjar confusão, eu não gosto mesmo de confusão. Pronto se eu visse que ele estava mesmo a abusar, eu era capaz de dizer: "Vê lá se tens calma pá..". mas se começássemos a discutir e não sei quê, já era mais complicado...

## SUJEITO 9

Ferreira Borges 7º 2ª

13 anos

2 irmãos, 4 e 20 anos

Vive com a mãe e irmã mais velha

Pais separados há muito tempo

Vive em Santos

Mãe:Empregada de um Lar de 3ª idade

Pai: Agente de métodos- electrecista  
Ciclo na Bartolomeu de Gusmão- chumbou o 6º ano  
Escola da Rua Fresca  
Escola do Poço de Negros

+agressivo- David e não sabe das raparigas  
-agressivo Bruno e Milena.

AGRESSIVIDADE 17/6

## RESPOSTAS

1- Porquê?... Há uns que já têm problemas em casa então nascem assim, e pensam que o mundo é assim, e vêm para cá para a escola e vêm-se bater uns aos outros. Outros ou é por lhe chamarem nomes e eles não gostarem e desatam á tarefa.

-Porque achas que há uns que já são assim?

-Porque vivem nesse meio ambiente.

2- Há umas que não se ralam, não se importam, aquilo é uma boca, não ligam. Há outras que ligam mais pensam que andar á tarefa é que resolve.

-Porque é que há essa diferença , uns que ligam e outros que não ligam ?

-Isso já é difícil, não faço a mínima ideia

3- No caso de me começarem a bater eu viro-me também. Embora não resolva tudo á pancada, resolve-se mais andar a conversar, mas quando eles merecem, tem que ser, quando começam a chamar nomes e isso.

4- Penso nas consequências, no que pode acontecer, e depois assim acabou eu vejo que está mal. Eu acho que as pessoas não deviam andar a bater a torto e a direito porque isso está mal, embora algumas pessoas mereçam para não andarem a bater também ás outras. Mas acho que uma conversa serve mais do que andarem-se a bater.

5- Às vezes, quando vejo que é mais velho do que eu e que aleija, eu ás vezes peço ajuda.

-Porque é que pedes?

-Porque está mal baterem-me. Há uns que batem por nada, batem por prazer, por gostarem e isso está mal. Eu também vejo que está mal, porque é que eles batem, agora vejamos se também gostavam de levar sem nenhuma causa. É para ver que eles estão mal.

6- Primeiro separo-os, se não der tento reagir de outra maneira. Primeiro é separa-los, se não é pedir a um outro que separe um e eu que vá falar com o outro. Não vale a pena andarem á tarefa por uma coisa insignificante.

7- Depende porque se forem amigos que são bons amigos, porque também há maus amigos, porque há pessoas agressivas que praticamente têm maus amigos, não conseguem ter bons amigos.

O que são maus amigos?

-São amigos que nos levam por outros caminhos, drogas e fumar e isso eu acho que está mal. Ter amigos assim mais vale não ter amigos.

8-Depende, algumas são fortes e outras são fracas.

-Porque é que tu achas que há esses dois tipos?

-Porque há outras que necessitam mesmo de ter amigos maus , porque pode acontecer qualquer coisa, e precisa sempre de um amigo mau para ajudar. Esses são os fracas. Os fortes já são pelas influências que são amigos, acham que são amigos bons e às tantas já não são. Levam-nos para outros caminhos.

9-Alguns professores, como já aconteceu, que não sabem dar avaliação e dão tudo mau. Não sabem corrigir testes e depois vai haver uma confusão na turma , porque há uns que copiam e os que copiam têm menos notas que os outros e eles sabem que as professoras não sabem corrigir testes e começa tudo em altos berreiros na sala.

-E quando o professor é agressivo com o aluno, nunca acontece?

-Às vezes, às vezes os professores não gostam de ouvir as verdades e começam logo a ameaçar o aluno que vai para a rua.

-Tu achas que normalmente quando o professor é agressivo tem razão ou não tem razão?

-Depende, há umas que têm razão e outras que não têm razão.

-Achas que um comportamento agressivo para vocês é a mesma coisa que um comportamento agressivo para os professores?

-Acho que não, porque os adultos, como os “stores”, já têm a noção de que não vale a pena andarem á tarefa e que não vale a pena andarem a discutir por uma coisa insignificante.

10-Alguns avaliam outros não. Ontem até houve um caso, que foi comigo. Eu tinha um trabalho, em visual, por erros da “stora”, que nos levou a não ter tempo para acabar o trabalho, e a “stora”... eu disse-lhe que ela não gostava de ouvir as verdades e a “stora” mais um bocadinho mandava-me para a rua. E “stora” disse que por acaso não gostava de ouvir as verdades.

## **EPISÓDIO CRÍTICO**

1-O que é que tu pensas sobre isto?

-Eu acho que andaram á tarefa , mas foi cá na escola não havia motivos para chamarem outros, porque está mal serem cinco ou seis contra um. E depois ele estava revoltado não se podia vingar em ninguém se calhar achou melhor descarregar as suas forças e os seus nervos no placard que encontrou e depois para não levar a cabeça aos vidros pôs lá a mão e cortou-se na mão.

-Quem tinha razão?

-Eu acho nem os que chamaram os outros nem ele, porque andarem á tarefa está mal e depois o Rui também não pensou nas consequências de partir o vidro do placard . Eu acho que isso está mal andarem para ai a baterem-se. É que aquilo foi por nada...

2-Se isso acontecesse contigo?

Não sei o que faria, mas acho que talvez não andasse á tarefa. Não gosto disso. Não sei como reagia, também acho que não me metia.

## 1.4. ESCOLA SECUNDÁRIA FERREIRA BORGES

### SUJEITO 1

Ferreira Borges 7º 3ª

14 anos

1 irmã com 17 anos

chumbou no 2º e 5º ano

Vive com pai, mãe, avó e irmão.

Mãe: Empregada de limpeza

Pai: Padeiro

1º Ano nesta escola

Paula Vicente

Mora no casinho da ajuda

+agressivo: Luis, a Raquel

- agressivo: Eduardo e Ana

AGRESSIVIDADE 7/0

### RESPOSTAS

1- Talvez por terem sido mimados quando eram mais pequenos e agora mimados e não sei o quê, são assim.

- Achas que as pessoas agressivas seriam muito mimadas?

- Sim, eu também sou assim, de vez em quando

2- Não sei

- O que é que tu pensas

- Têm inveja uns dos outros, ciúmes entre irmãos

- E nas pessoas que não são irmãos, por exemplo numa turma

3- Defendo-me.

4- Penso que é uma situação péssima, e no que dá para fazer

5- Costumo.

- A quem?

- Primeiro à Raquel, e mais amigas minhas.

- Porquê?

- Porque costumo mais contar as coisas a elas, conviver com elas, e se eu lhes pedir ajuda elas pronto arranjam-me uma solução.

- Porque é que lhes pedes ajuda

- Porque estou numa situação péssima, e para não ficar muito aflita, vou desabafar com uma colega minha e peço ajuda.

6- Ajudo

- Porque é que ajudas?

- Porque é mau ver que há colegas minhas que estão mal e isso

7-Não fazem amigos com facilidade

- Porquê
- Nunca tive nenhum amigo assim.
- Mas o que é que imaginas ?

8-Fracas.

- Porquê ?
- Põem-se assim para ver se conseguem ter mais força e ser mais fortes , e para não mostrarem medo.

9-Sim costuma haver

- Como é que é?
- Pronto estão nas aulas e há alguns que estão calados e outros que estão a falar e às vezes os professores costumam mandar para a rua.

10- No 5º ano eu estava com uma colega minha a escrever e estavam outros a falar e depois a minha professora mandou-me a mim e á minha colega para a rua , assim que a minha colega começou a dizer que não estava a fazer nada a professora mandou logo para a rua.

## **EPISÓDIO CRÍTICO**

1-O que é que tu pensas disto?

- Passou-se na aula.
- Ela meteu-se com a Rute, a Rute não gostou, ela avisou-a, ela não ligou e chegou-se ao pé de nós e pôs-se a dizer coisinhas, a Rute aí foi atrás dela
- Quem é que tu achas que teve razão nesta desta história ?
- Por um lado eu acho que a Rute teve razão porque a Carla é que se pôs na brincadeira com a Rute, e não foi bem brincadeira eu sei bem o que ela disse. Por um lado foi um bocado mau porque a Carla nunca mais apareceu na escola com medo .

2-Se isso acontecesse contigo?

- Não sei tentava falar com ela melhor, tentava pedir desculpas e voltar ao princípio.

## **SUJEITO 2**

Ferreira Borges 7º 3ª

14 anos

1 irmã com 18 anos

Vive com os pais e irmã Mãe: Santa casa da Misericórdia. Auxiliar de manutenção

Pai: Electrecista

Moirá na Ajuda

Chumbos: 2º classe e 7º ano

2º Ano nesta escola, repetiu o ano.

Francisco Arruda

Escola do alto de Santo Amaro

Andou na creche

+agressivo; Luis e Rute  
-agressivo: Raposo e Ana

AGRESSIVIDADE 6/4

## RESPOSTAS

1-Não sei, pelo desemprego, vêm-se aflitas e depois para conseguirem sobreviver são agressivas.

-Mas isso a nível dos mais velhos e com os outros , com os mais novos.

-Sim , vão atrás dos pais, vêm o que os pais fazem e depois tentam fazer também.

2-Não sei

-Talvez pela educação, há uns que têm mais educação do que os outros

3- Às vezes fico enervada, outras vezes não ligo.

-O que é que acontece quando ficas nervosa?

-Fico a tremer e depois fico a chorar.

-E tu não te defendes?

-Só às vezes

4-Não devia ser nervosa, porque eu não faço nada para me baterem

-Isso acontece com muita frequência?

-Sim

5-Sim peço

-A quem?

-Às vezes peço às pessoas que estão ao pé de mim

- Porque é que tu pedes ajuda?

-Porque vejo que não sou capaz, vejo que estou sozinha e peço ajuda.

6-Tento ajudar, tento separa-los.

-Isso resulta?

-Às vezes, às vezes levam-se umas pancadas pelo meio.

7-Não , não têm amigos

-Porquê?

-Porque são agressivas e depois as pessoas olham para elas e não gostam.

8-Algumas são fortes e outras são fracas

-Explica lá isso?

-Algumas têm mais força para ser mais agressivas e outras não, não gostam de bater nas pessoas.

-E como é que é com os mais agressivos?

-Os mais agressivos têm mais força, são capazes de agredir uma pessoa.

9-São agressivos para os alunos, como é que tu achas que isso é?  
-Eu acho que às vezes são simpáticos, alguns são agressivos mas não são todos agressivos.  
-Mas quando os professores são agressivos é por alguma razão?  
-É porque os alunos se portam mal, eles dizem para eles ficarem em casa que é para ver se eles se portam bem

10-Às vezes não , às vezes os professores estão de costas e não vêm quem é que está a falar e acusam os outros.

-Já assistis-te a situações injustas?  
-Já.  
-E o que é que vocês fazem?  
-Se falamos a professora manda-nos para a rua  
-Tu achas que não ouvem a vossa opinião?  
-Sim

## EPISÓDIO CRÍTICO

1-Qual é a tua opinião sobre esta história, o que é que tu pensas?  
-Nós estávamos à conversa entre a Rute e umas amigas, e ela não tinha nada que se meter, se ela não se metesse na conversa também a Rute não lhe batia nem nada. Depois a Rute também lhe avisou , ela não quis saber, foi-se embora e começou a falar e depois a Rute começou a ficar nervosa e depois pronto.  
-Quem é que teve razão?  
-Eu acho que foi a Rute porque a outra, a Carla não tinha nada que se meter.  
-Achas que ela fez bem?  
-Ela podia ter reagido de outra maneira podia falar com ela, ela não devia ter-lhe batido, falava outra vez com ela.

2-Se isso acontecesse contigo ?

-Eu não ligava, e tentava ir ao pé dela para ela não estar a refilar e se ela meteu-se pronto meteu-se, depois tentava falar com ela a dizer que eu não gostava que se metesse nas conversas onde não era chamada

## SUJEITO 3

Ferreira Borges 7º 3ª

14anos

3 irmãos

Vive com a família nuclear

Pai.Encarregado

Mãe: Doméstica

Andou na creche

Escola primária

Preparatória de Algés

Secundária de Linda a Velha

Escola actual 1º ano

Chumbou 7º ano

+agressivo- Luis e Rute  
-agressivo Eduardo e Cátia

## AGRESSIVIDADE 0/0

### RESPOSTAS

1-Quando lhes provocam... podem estar nervosos, podem ser nervosos

-Nunca acontece a pessoa ser agressiva sem ter sido provocada?

-Sim

-E o que se passa nestas situações?

-Não sei explicar

2-Pode ser da timidez

-Portanto por serem tímidas são menos agressivas? Porquê?

-Eu sou assim , não sei

- Sentes que pela tua timidez és mais calma, menos agressiva.

3-Sou agressiva também com eles

-Falam mal comigo eu também sou agressiva.

-É uma agressividade de palavras?

-Sim, mas já aconteceu andarmos à pancada, foi aqui com aquele rapaz que estava aqui, foi na aula de visual.

4-Se ele é mau para mim, também vou ser mau para ele.

-Mas porquê?

-Porque... não pensam em nada.

-E porque é que não pensam?

-Por estarem nervosos.

5-Quando é preciso peço.

-Em que situações é que é preciso?

-Se fôr um mais velho do que eu e eu sei que não consigo peço ajuda.

6-Sim, vou separar.

-Porque é que vais separar?

-Porque não é pancada que se resolve, deviam conversar.

7-Não porque são pessoas más companhias.

8-Fortes.

-Porquê?

- Pelo jeito de falar de se meter com a pessoa, vê-se que são fortes.

9-Às vezes.

-Tu achas que eles têm sempre razão?

-Sim têm razão

- 10- Às vezes podem não ter razão, mas a maior parte têm sempre razão  
- Achas que quase sempre é porque os alunos merecem?  
- Sim  
- Porque é que os alunos merecem?  
- Pode ser alguma coisa da matéria, que ele diz como devíamos fazer e como não devíamos fazer  
- E então depois vocês fazem como não deviam fazer?  
- Sim

## **EPISÓDIO CRÍTICO**

- 1- O que pensas sobre isto?  
- Acho que ela fez muito mal, ela não devia resolver logo à porrada, ela devia ter ido falar com ela.  
- A Rute... sim e ela ficou com problemas de ir à escola porque muitas pessoas viram.  
- Porque é que ela terá ido logo bater?  
- Ela dá para boa..  
- O que é isso?  
- Ela é forte

- 2- E se acontecesse contigo?  
- Também lhe batia  
- Poderia acontecer afastar-te da escola?  
- Eu não perdia a minha escola só por causa dela.

## **SUJEITO 4**

Ferreira Borges 7º 3ª

14 anos

1 irmã com 6 anos

Vive com os pais e irmã

Pai: Chefe de tráfego

Mãe: cabeleireira

Vivem na Amadora

Primária na escola da Ajuda nº 60

Andou na APIA desde os 2 anos

+agressivo- Luis, Rute

-agressivo: Eduardo e Ana Cristina

AGRESSIVIDADE 8/0

## **RESPOSTAS**

- 1- Eu acho que os jovens são muito agressivos porque os pais não lhes dão o que eles merecem, não os tratam com carinho e eles são agressivos.  
- Porque é que achas que o facto dos pais não darem carinho faz os filhos agressivos?  
- Porque eles sentem-se mal e depois querem seguir o que os pais fazem.  
- Portanto os pais também são agressivos?

-Sim

2-Há uns que são muito calmos e outros são mais nervosos.

-Tu achas que são características pessoais?

-Sim

-Mas porque é que tu achas que as pessoas têm essas características diferentes.

-Isso não sei

3-Eu fico calada, e às vezes também quando estou chateada também às vezes começo a lutar para não me chatearem.

-Mas disseste que ficavas calada?

-Sim quando são pessoas que eu tenho muito respeito, se não eu digo "não me chateies pá"

4-Que são parvos.

-Só?

-Não sei, que gostava que eles parassem de me chatear, às vezes fico furiosa e também respondo. Há pouco tempo em ciências naturais uma estava-me a chamar "bruxa, bruxa" e eu disse "fez suíço, fez francês" e a professora ouviu e mandou-me para a rua. Ela começou-me a chamar nomes eu também não gostei e também lhe chamei, e a professora só se lembrou de mim.

-Porque é que não gostaste?

-Por isso também pago com a mesma moeda.

5-Não

-Resolves o problema sozinha?

-Às vezes...

-E as outras vezes?

-Ficam por resolver

6-Às vezes vou ajudar

-Porquê?

-Porque às vezes há pessoas que estão a bater noutras e eu acho que está mal e eu acho que está mal. Por exemplo a minha colega Rute chateou-se uma vez com a Carla...

7-Geralmente têm amigos, mas também são assim agressivos como eles.

-Porquê?

-Têm mais ou menos a mesma espécie de feitio. Por exemplo na minha turma há dois que andam sempre os dois às turras, mas são amigos. São agressivos, mas depois afinal são muito amigos.

8-Acho que são fortes.

-Porquê?

-Porque são agressivos, pronto têm força para isso. É preciso ter assim alguma coragem.

9-Não por exemplo no ano passado a minha directora de turma, ela era minha professora de Francês e Português, por exemplo os meninos queridos dela ela tratava

muito bem ,mas os outros não. Eu por acaso até era uma menina querida, mas havia outros que não que ela estava sempre a gritar por qualquer coizinha...

10-Pronto às vezes os professores têm preferência por uns e depois os outros não tratam tão bem como aqueles que preferem.

### **EPISÓDIO CRÍTICO**

1- O que é que pensas sobre isto?

-Eu até certo ponto achei bem , porque a Rute é muito autoritária, é agressiva, quando tem que dar dá mesmo. E a Carla era nova aqui na escola e armou-se em boa, e disse coisas que a Rute não gostou e deu-lhe. E ela no final deixou-a ir para casa, mas ela mesmo assim armou-se em campeã e meteu-se outra vez com ela , a Rute ficou furiosa e deu-lhe. Eu achei que estava mal a Rute ter-lhe batido daquela maneira porque ela ficou de tal maneira assustada que não apareceu mais na escola e eu acho que foi por causa disso.

- Quem tinha razão?

-Nem uma nem outra, porque até certo ponto a Carla não devia ter feito o que fez a armar-se em boa para a Rute , e a Rute também não devia ter batido daquela maneira.

2- Se isto acontecesse contigo?

-Eu não tinha feito aquilo que a Carla fez, porque a Rute pode-se dizer que é agressiva, quando tem que dar dá mesmo e depois a Carla armou-se em campeã e depois apanhou. Eu não tinha feito aquilo que ela fez.

### **SUJEITO 5**

Ferreira Borges 7º 3ª

13 anos

Tem um irmão

Vive com os pais

Mãe-escriturária

Pai-empregado do comércio

Rapazes e raparigas agressivos. Não refere

AGRESSIVIDADE- 4/8

### **RESPOSTAS**

1- Eu acho que é por causa da infância .

-E o quê na infância ?

-Porque os pais se calhar trataram mal os filhos , se calhar viveram mal, passavam fome e moravam em casas pré fabricadas.

-Portanto também atribuis a uma certa pobreza ?

-Sim

-Porque é que achas que isso desencadeia a agressividade?

- Depois já começam a ficar maus, as pessoas.

-Mas porquê ?

2-É o feitio das pessoas.

-Mas como é que é isso?

-Não sei

3- Tentar acalma-lo.

4-Não penso.

- E porque é que não pensas?

- Não sei, talvez fico nervoso.

5- Não

- Nunca tiveste necessidade de recorrer a uma ajuda ?

-Não.

-E se tivesses tu pedias ou não ?

-Sim

6-Sim

-Como?

-Ia separa-los

7-Não

-Porquê?

-Porque andam sempre à briga com os amigos e depois eles deixam de ser amigos .

-Então acabam por ser pessoas solitárias sozinhas.

-Sim

8-Normalmente devem ser fortes

-Porquê?

-Andam sempre a bater nos outros

9-Normalmente são agressivos.

-Como é que é essa agressividade.

-Falam alto com os alunos, não sei , fazem várias coisas

10-Algumas vezes são e outras não.

-Como é que isso é ?

-Alguns professores perdoam e outros não, são mais rigorosos, têm menos capacidade para compreender os alunos.

-Acontece sentires que um castigo, uma penalização dada pelo professor é injusta?

- Às vezes sim

-Porque é que os professores caem nessa injustiça?

-Os professores às vezes vêm mal

- O que queres dizer com isso

Quando um aluno faz uma coisa e depois o professor vê mal , em vez de mandar esse para a rua manda o outro

## EPISÓDIO CRÍTICO

1-O que é que tu pensas disto?

-Eu não vi o que aconteceu, mas ouvi falar. Eu acho que sim que ela ficou com vergonha de depois gozarem com ela e não veio mais à escola

-Quem é que tinha razão nesta história?

-Não sei

-Acho que a Rute na aula de Geografia disse qualquer coisa e a outra disse, cala-te e mete um tampão de um garrafão na boca, e depois lá fora bateu-lhe.

-E o que é que tu achas disso ?

-Achei muito agressivo.

-Quem tinha razão nesta história?

-Eu acho que era a outra

2- Se isso acontecesse contigo?

-Não sei, acho que não tinha sido tão agressivo

## SUJEITO 6

Ferreira Borges 7º 3ª

14 anos

Tem 2 irmãos 7 e 2 anos

Vive com os pais e irmãos

Pai: Desempregado. Vidreiro

Mãe: Ajudante domiciliária

Creche desde pequeno

Chumbou na 4º classe e no 6 ano

Mora em Chelas

Damião de Gois

EBM (Norte) Nº 38

+agressivo- Luis Filipe, e Rute

-agressivo: Eduardo e Cátia

AGRESSIVIDADE 22/3

## RESPOSTAS

1-Por não terem bom ambiente em casa, estarem habituados a verem os pais à zanga, começam a ficar revoltados. Pelo menos eu , o meu pai já saiu duas vezes de casa e eu à primeira vez fiquei muito revoltado, também fiquei assim... não sei explicar.

-Quando tu dizes que ficavas revoltado o que era isso?

-Não sei explicar

-Achas que normalmente tem a ver com o ambiente familiar.

2-Uns podem ser derivado dos problemas familiares e outros podem ser pelas más companhias

- E o que é que tu achas em relação às pessoas que não são agressivos?

-Não sei explicar...Podem não estar com as más companhias, podem ter uma boa relação com a família.

- Portanto tu achas que um jovem que venha de uma família onde há muitas zangas não pode ser uma pessoa calma?  
-Pode  
-Então já não será uma influência da família  
-Aí é a própria pessoa.  
-O que é isso a própria pessoa?  
-É a própria pessoa que sabe que faz mal em ter aquele comportamento e então tenta estar calma.

3-Tento manter a calma, quando não consigo expludo.

-O que é que isso significa?  
-Sei lá , começo a fazer coisas que não devo, perco a calma.  
-O que são coisas que não deves?  
-Sei lá bater-lhes, defender-me como posso.  
- Sentes que te descontro-las, então é sempre um descontrole?  
-Sim

4- Não sei , só sei que me enervo e depois tudo o que vir á frente vai...

- Portanto, dizes tu que não pensas em nada.  
-E o que é que sentes?  
-Às vezes sinto pena de alguns.  
-Pena? Porquê ?  
-Sei lá, penso que não lhes devia ter feito aquilo, mas só depois de ter feito é que penso isso.

5-Normalmente não, resolvo sozinho.

6-Normalmente tento separar

7-Às vezes, podem ter assim amigos , mas más companhias.

-Porquê?  
-Porque se fôr um amigo boa companhia não vai querer assim andar com ele, enquanto se fôr má companhia já querem.

8-Fracos.

-Porque se deixam levar pelas más companhias, fazem tudo o que eles mandam...

9-Às vezes, sim , nós também nos portamos mal nas aulas, eles também já vêm saturados das outras aulas, já não têm paciência, chega a um certo ponto que já não sabem o que podem fazer.

-Mas disseste às vezes , quer dizer às vezes é justo , mas às vezes não é justo  
-Sim porque outras vezes por causa de uns pagam os outros.  
-Como é isso?  
-Como ontem um colega meu chamou-me e eu virei-me para trás e a professora mandou-me para a rua sem ter sido culpa minha, acho que está mal, acho que devia ter sido a ele.  
-Tu falas-te com a professora?  
-Eu não, ela disse que eu tinha perdido a razão e eu já não pude dizer nada.

10-Penso que não, eles vêm como é que nós nos portamos na aula uns alunos com os outros, e depois às vezes castigam.

-Achas que por vezes os alunos merecem mesmo?

-Sim.

## **EPISÓDIO CRITICO**

1-O que pensas sobre isto?

-Acho que ela até estava a merecer, armada em boazona, acho que estava a merecer, falávamos com ela a bem e ela começava logo com coisas, não é flor que se cheire.

-Quem é que tu achas que teve razão?

-Acho que foi a Rute, porque ela não tinha nada que estar a provocar a Rute, e a Rute também como não é fácil...

2-Se isso acontecesse contigo?

-Não sei talvez me tentasse defender

- Esta rapariga não se defendeu?

-Defendeu-se mas não conseguiu

## **SUJEITO 7**

Ferreira Borges 7º 3ª

14 Anos

7º 3ª

Tem 1 irmã com 9 anos

Vive com a avó mãe e irmã

Nasceu e viveu em França até aos 9 anos

5º ano em França e 4º classe em Portugal

Escola da Amadora primária e ciclo

Vive na Ajuda

+agressivo- Todos são um bocadinho e Rute

-agressivo: Eduardo e Fátima

AGRESSIVIDADE- 16/3

## **RESPOSTAS**

1-Eu acho que isso acontece mais por causa da educação.

-Porque é que tu achas que a educação tem relevo?

-Porque se os pais brigarem os meninos depois estão revoltados claro!

-Achas que os meninos agressivos são mais revoltados?

-Sim por causa da educação e da inveja também, de as pessoas terem e eles não terem.

-Portanto os meninos são os que têm à partida menos coisas é?

-Não eu não quero dizer isso, é um exemplo.

2-Isso também depende já das pessoas, há pessoas mais calmas e outras menos.

-Portanto essa diferença tem a haver com as características das pessoas?

-Sim e da forma como também as tratam.

3-Às vezes fico calmo e não ligo outras vezes enervo-me às vezes, por exemplo se me chamam nomes não vou deixar assim...

4-É difícil de dizer, penso no que pode acontecer depois

-E o que é que pode acontecer depois?

-Pode alguém aleijar-se mesmo, isso já é mais grave.

5-Às vezes, quando eles não param, quando era mais novo eu pedia , agora já não, não preciso, também não me fazem mal. Mas eu trato das minhas coisas e pronto.

6-Sim ajudo-o a resolver o assunto.

7-Têm, eu também tenho amigos agressivos, eles são humanos na mesma e podem ter amigos

8-Iso fraca ou forte não conta.

-É conforme o tipo deles

9-Às vezes sim e às vezes não.

10-Tu achas que os professores quando são agressivos para os alunos têm razão ou não têm?

é conforme o aluno está, se o aluno está a portar-se mal o professor se põe a ralar com ele então tem razão, se o aluno não se porta mal e o professor ralha então aí já não tem razão.

-Porque é que tu achas que isso acontece?

-Pode estar um a fazer barulho e a professora pensar que é outro e depois ralha com o outro, e depois quando se diz que é o outro ela já não acredita.

-Não voltam atrás?

-Sim, e os contínuos também .

## **EPISÓDIO CRÍTICO**

1-O que é que tu pensas sobre isto?

-Não achei bem , porque começaram logo á porrada, e se calhar ela não vem á escola também pode não ser por causa disso, se calhar mudou de casa ou outra coisa.

-Não teve a haver com o episódio.

-Quem é que tinha razão?

-Nenhuma, no meio da sala começaram a chamar-se nomes e lá fora acabaram.

2-Se isto acontecesse contigo?

-Não tinha acontecido assim. Não teria feito o mesmo que elas. Talvez tivesse mais calma

## SUJEITO 8

Ferreira Borges 7º 3ª

14 Anos

Tem 3 irmãos rapazes de 6, 12 e 19

Vive com pai , avô e irmãos em casa

Primária Rua das Gaivotas

Fernão Lopes

D. Maria chumbou no 7º ano

Ferreira Borges 1º vez

Pai: Supervisor de construção civil

Mãe-

+agressivo- Não sabe e Rute

-agressivo: Eduardo e Ana Cristina Mendes

## AGRESSIVIDADE 16/6

### RESPOSTAS

1-Eu acho que cada um é como é , agora se uma pessoa é agressiva ou não isso é conforme a pessoa também . Às vezes sou agressivo é...

-Mas porque é que achas que as pessoas são agressivas?

-Não sei , mas acho que deve ser o relacionamento com os pais ou isso .

-Relacionamento com os pais...

-Sim tem influência especialmente na infância

-Porquê?

-Não sei como hei-de explicar, uma criança que tenha aí dois três anos que vive assim não tão... não sei como explicar...

-Tenta.

-Por exemplo os pais não se entendem bem , a criança fica no meio desses conflitos, eu acho que ela vai ficar traumatizada ao nível psicológico, é capaz de ficar mais agressiva e isso.

2-Há uns que são agressivos que gostam de se armar em bons e gostam de se armar em maus que é para ganharem a popularidade cá na escola.

-Mas achas que os agressivos são populares?

-Ganham fama de maus e isso , é uma popularidade muito parva.

-Mas porque é que será que estas diferenças acontecem?

-Eu acho que isso é para chamar mais a atenção das outras pessoas.

-Porque é que os outros não fazem isso?

3-Também depende do caso, por exemplo um que seja mais ou menos , pronto com um corpo assim como eu ou com um corpo muito menos desenvolvido. Por exemplo um miúdo mete-se comigo e isso eu digo-lhe para ele estar quieto, para se acalmar , agora se fôr um da minha idade que começar a meter-se comigo e isso , eu sou capaz de me virar a ele e de lhe bater.

4-Depende se meterem comigo com razão eu deixo-lhe falar como é e isso tudo, agora se se meterem comigo sem terem razão nenhuma digo para ir dar uma volta e essas coisas.

-Mas o que é que pensas?

-Que são parvos, aqueles que se metem comigo sem razão nenhuma é que são parvos.

-Porque é que achas que se metem contigo sem razão nenhuma?

-Por exemplo um caso que ainda ontem aconteceu, estava uma pessoa a jogar snooker lá em baixo e eu queria jogar e já estava todo chateado porque não conseguia porque com o taco estava a bater nas outras pessoas e já estava todo irritado e nisso acho que tinha razão, agora por exemplo está uma pessoa sentada o outro vai e começa-se a meter com ela, isso é errado, não é?

5-Depende se fôr assim um já para aí com 19/20 anos se vir que não tenho hipóteses sou capaz de pedir ajuda. Se por exemplo fôr por causa de um que é da minha idade, se ele fôr chamar amigos eu também chamo amigos porque quando é assim, que é da mesma idade e isso, isso não tem nada a ver com os amigos, é mano a mano e acabou-se. Como um caso que aconteceu com um aluno do 7º 2º, estava a jogar à bola e já estava todo irritado, o chinês que era a alcunha de um ... o Rui chamou os amiguinhos dele, mas antes disso o Rui tinha dito vamos andar à porrada mano a mano. O Rui começou a dar nele e os outros meteram-se todos e isso é que não. Agora mano a mano é mano a mano, ninguém se mete. Depois os amigos também chamou os deles só que aí os outros piraram-se.

6-Sim, por exemplo o Carlinhos, quando um mete-se com ele e é grande eu digo para ele estar quieto para eles não serem parvos com ele e eles não lhe tocam. O Carlinhos não tem corpo nem nada, ele não se sabe defender. Eu acho que já tenho mais ou menos corpo para o estar a defender. Uma pessoa da minha estatura, vai ter com ele começa-lhe a bater, é lógico que eu também vou lá defende-lo. Não vou deixar bater porque aquilo era carne para canhão.

7-Têm outros amigos agressivos.

-Portanto pessoas agressivas têm amigos agressivos?

-È isso, a maior parte, uma pessoa que seja agressiva não se vai dar com uma pessoa calma, não tinha muito sentido.

-Porquê?

-Não sei mas eu acho que é assim. Eu posso dizer quando era mais reguila e também era agressivo mas vi que isso não dava nada e deixei-me estar quieto, agora só sou agressivo quando me toca a mim e coisas assim.

8-Depende podem ser agressivas psicologicamente e corporalmente não. Há uns que têm a mania que

são fortes porque têm amigos que é o que acontece muitas vezes, e as outras pessoas não podem fazer nada aquelas que não têm amigos nem nada fazem nada.

-São fortes consoante os grupos que têm por trás?

-Sim, mas às vezes também se dão mal quando se metem com uns que também têm grupos.

9-Por exemplo um professor que está a dar aulas desde a 8 e 1/2 está a dar aulas até às 4 e 1/2 -5 horas está com uma turma muito irrequieta e isso . Aí depois desse dia de exaustão aí eu acho que os professores começam a ficar já mais agressivos e isso.

-Normalmente tu achas que os professores não são agressivos?

-Às vezes são agressivos por outra razão. Por exemplo a minha professora de Ciências, os miúdos lá da minha turma estão sempre a falar, o Ernesto e isso, a professora manda-os calar, calar que até às duas por três a professora já está irritada com eles perde as estribeiras, manda-os para a rua.

-O que é que tu achas disso?

-Eu acho que quando uma professora manda calar a gente deve estar calados, pelo menos a mim os professores às vezes também me mandam calar e eu às vezes não me calo. Às vezes está tudo na sala e está tudo a falar, aí chega-se a um certo ponto e os professores mandam para a rua.

-Quem é que tem razão nessa altura?

-Nessa altura são os professores.

10-Sim, por exemplo está o "store" de costas a escrever no quadro, os alunos estão todos a amandar papéis uns para os outros, e um sem querer amanda um papel o "store" vira-se para trás e diz que é outro que não amandou o papel e diz-lhe que é para ir para a rua e o outro com toda a razão diz logo , não fui eu não fui eu. Aí o professor não tem razão nenhuma , não viu não pode estar a avaliar.

-E às vezes os stores nessa altura não ligam ao que o aluno diz?

-É isso , por exemplo há uns que têm as vozes passivas, começam lá a falar e não sei quê e o professor está a escrever e o professor vira-se e diz: "Tu vai para a rua já" e não foi ele, está a mandar para a rua injustamente, não pode estar a acusar sem ver não é . Eu acho que isso está incorrecto e acontece muitas vezes

-Porque é que tu achas que os professores fazem isso, não tendo a certeza vão acusar um ?

- Por exemplo um que está sempre distraído, está sempre a fazer porcaria na sala e o professor pode achar que foi ele e na mentalidade dele diz que foi ele e pronto. Os professores como é costume têm sempre a razão.

-Achas que eles têm sempre a razão?

-Sim, olhe foi um caso que aconteceu com uma colega minha que é a Rute, eu não estava cá estava no D. Maria, estava um colega ao lado dela que era o primo dela o Ruben que estava sempre a falar a falar e o professor dizia sempre para ele estar quieto e vai a professora e dá-lhe um estalo, mas a professora não tinha razão de lhe ter dado um estalo. Lá no conselho ainda lhe disseram que era bem feita para não estar a falar nas aulas. Ai o professor ficou com a razão sem ter nenhuma razão. Um estalo não te razão nenhuma de dar um estalo.

## EPISÓDIO CRÍTICO

1- O que é que tu pensas disto?

-Isto foi na aula de Ciências, lá com as raparigas e tinha chegado á pouco tempo uma colega nossa que tinha sido transferida, já não me lembro do nome dela, essa colega disse á outra se tu não te calas da mais, tanto que a outra também começou a provocar a Rute , nisto tocou, era a ultima hora estava a escola toda cheia . Eu por acaso nem vi a Rute a dar nela, que isto cá fora estava tudo repleto de alunos e a Rute começou a

falar com ela e ela também começou a mandar bocas, a Rute dá-lhe um estalo e começaram á porrada, a Rute ás tantas amanda com a cabeça dela para o autocarro depois ela vai-se embora e a partir daí nunca mais cá veio. Acho que foi pela humilhação que levou depois não sei.

-Acho isso parvo, andarem á porrada por causa da bocas, é a vida isso acontece.

-Quem é que tinha razão?

-A Rute.

-Porquê?

- Para já a Rute estava na brincadeira com ela e ela depois é que começou a ofender a Rute, depois a Rute começou a pica-la e a outra a provocar ainda mais depois gerou-se aquela confusão toda e andaram á porrada. A Rute também não tem papas na lingua. Também no Happy já andou à porrada duas ou três vezes com raparigas de lá.

2-Imagina que isto acontecia contigo?

-Isso não, mesmo que, por exemplo eu e o Rapozo como já somos muito amigos nunca andamos á porrada, mas se não dá-se desprezo que é para não andarmos á porrada, não ligar nenhuma, e ás duas por três ele sente-se aparvalhado e cala-se.

## **SUJEITO 9**

Ferreira Borges 7º 3ª

12 anos

Vive com pais e irmãos

Tem um irmão de 16 anos

Pai: desempregado

Mãe : cozinheira

1º ano nesta escola

Paula Vicente desde o 1º ano

Escola primária nº 118

+agressivo: Raposo e Rute

-agressivo: Eduardo e Cátia

**AGRESSIVIDADE 14/ 13**

## **RESPOSTAS**

1- Porque são parvos de faze-lo . Eu também não gosto que chamem nomes á minha mãe.

-Mas porque é que são agressivos?

-Sei lá

2- Uns podem ter problemas com a família e andarem sempre na rua.

-O que é que isso faz?

-A roubar

3- Não faço nada, chamo-lhe nomes.

-Porquê?

-Porque eles batem-me.

-E tu não lhes bates?

-Ás vezes.

- 4-Não penso.  
-Porquê?  
-Não lhes dou trela.  
-Mas certamente que se alguém te chatear tu ...  
-Pico-me.  
-O que é que isso quer dizer ?  
- Sei lá, andamos á porrada.  
-O que é que tu pensas?  
-Que não devia ser

- 5-Ás vezes. peço ajuda ao meu irmão, no ano passado era o meu irmão este ano já não posso pedir porque ele já não anda na escola  
-Então talvez aos amigos?  
-Tenho alguns

- 6-Separo-os  
-Porque é que separas?  
-Se fôr para andar também ando  
-Porquê?  
-São meus amigos, quando eles vêm que estão-me a bater eles também me protegem.

- 7-Não, quer dizer algumas.

- 8-Fortes  
-Porquê?  
-Não são fisicamente fortes...

- 9-São ás vezes.  
-Como é que é isso?  
-Mandam para a rua, gritam.

- 10-Não, ás vezes.  
-Porquê? Isso acontece muitas vezes eles não terem razão?  
-Algumas.  
-O que é que tu achas disso?  
-Os professores querem-se vingar.

### **EPISÓDIO CRITICO**

- 1- O que é que tu pensas sobre isto?  
-Acho bem , então ela começou a chamar nomes.  
-Quem?  
-A Carla começou a chamar nomes à Rute.  
- Então tu achas que a Rute fez bem em ter batido na Carla?  
-Sim.  
-Mas parece que ela bateu tanto na Carla que ela até terá deixado de vir á escola?  
-Isso é problema dela , teve vergonha.  
-Achas que ela não veio á escola porque estava com vergonha?  
-Acho.

2-Se isso tivesse acontecido contigo?  
-Eu não chamo nomes às pessoas.

### **SUJEITO 10**

Ferreira Borges 7º 3ª

12 anos 5 irmãos

Vive com os pais e irmãos

Mãe- Doméstica

PAi: Porteiro

5 anos escola nº 2. Póvoa de Santo Adrião

Ciclo-Marquesa da Alorna

+Agressivo: Luis Filipe e Rute

-Agressivo Eduardo e Cátia

**AGRESSIVIDADE- 3/1**

### **RESPOSTAS**

1-Não sei.

-O que imaginas?

-Às vezes por terem inveja uma das outras

-As pessoas invejosas seriam mais agressivas?

-Sim.

2-Não faço a mínima ideia.

-Não queres tentar pensar um bocadinho.

3-Defendo-me.

-Como é que é essa defesa?

-Não sei

4-....

5-Não.

-Como resolves os problemas?

-Sozinho.

6-Às vezes fico.

-Porque é que ficas?

-Porque depois posso ficar também na luta.

7-Têm amigos agressivos.

-Porquê?

-...

8-Fortes.

-Porquê?

-Porque se armam em bons

9-Nunca vi.

-Mas talvez possas imaginar que exista.

10-Às vezes têm...

-Então como é que é isso.

-Às vezes quando a pessoa não tem culpa de nada e metem na rua.

-Porque é que será?

-....

-O que achas, há um engano ou o professor não gosta de ti, ou houve uma leitura errada...

-Há um engano.

-Porque é que há esse engano?

-...

### **EPISÓDIO CRÍTICO**

1-O que é que tu pensas sobre isto?

Acho que ela nunca mais veio aqui.

-Porquê?

-Não sei o que lhe passou pela cabeça.

-O que é que tu imaginas ?

-Teve medo que os outros lhe voltassem a bater

-Quem é que tinha razão?

-Não sei , só sei é que não deviam ter andado á luta.

3-E se isto se passasse contigo?

-Voltava á escola.

### **SUJEITO 11**

Ferreira Borges 7º 3ª

14 anos

2 irmãos

Pais separados, mais dois filhos de cada lado

Vive com a mãe com uma irmã e um irmão

Mãe: cozinheira

Padrasto: Chefe de cargas e descargas de congelados

Pai: Serralheiro mecânico

Creche olivais

Escola 157

Francisca Arruda

Chumbo na 4º classe e 1 vez o 7º ano.

+agressivo-Luis e Rute  
-agressivo- Eduardo e Cátia

## AGRESSIVIDADE 12/1

### RESPOSTAS

1-Não tiveram muita educação, e também conforme os bairros .

-Bairros onde as pessoas vivem?

-Sim, depois vêm para a escola e só há gente desses bairros e depois ficam assim também.

-É portanto uma questão de influência?

-Sim

-Porque é que os bairros influenciam os comportamentos?

-Porque os desses bairros têm a mania de que são não sei o quê.

-Porque é que têm a mania que são maus?

-Há os drogados e não sei o quê, armam-se em bons

-Achas que as pessoas drogadas são muito agressivas

-Não é que são muito , mas têm aquele mau aspecto, e as pessoas pensam são drogados são muito mau.

2-Também é conforme os pais se os pais dão muita liberdade, não lhes dão educação , eles tornam-se assim, passam a vida quase toda na rua , e são mais agressivos que os outros .

-Porque é que ficar na rua faz com que as pessoas fiquem agressivas?

-Fazem o que querem e o que lhes apetece os pais não dizem para eles não fazerem aquilo , eles fazem e não sei o quê.

-Portanto não há controle?

-Sim.

3-Se eu tenho hipóteses viro-me a ele , se não tenho tento fugir ou assim qualquer coisa

-Dizer que tens hipóteses de quê , de ganhar?

-Sim

4-Fico um bocado nervoso.

-Porquê?

-Não sei.

-Agora já não , mas quando era mais pequeno eu tinha mais esses problemas, tinha medo de ser assaltado e isso. Mas agora já não.

-Já te sentes mais forte, já cresci , tenho outra mentalidade. Quando era pequeno eles vinham começava logo a tremer, eu não digo que seja fraquinho.

-Agora já não ficas a tremer?

-Não

5-Não, não vale a pena pedir ajuda a ninguém , quando eu era pequenito eu estava ali no jardim da estrela e aquilo é só velhotes, eu ia lá e vieram uma data deles de 19 anos ainda me levaram a carteira, estavam lá uns velhos olhavam , mas não faziam nada. Se eles não faziam nada nem valia a pena pedir ajuda. As pessoas também têm medo, se vão lá também são elas que ficam na confusão. Mas se fosse um amigo meu eu era

capaz de lá ir. Não é só amigos, se eu visse que estavam a assaltar um velhote, se eu visse que não tinha hipóteses não ia lá senão era o velhote e eu. Agora se eu pudesse chegar lá e não deixar a pessoa assaltar a outra, aí também ajudava.

6-Sim, eles também me ajudam.

7- Quando são agora, assim novos, têm amigos mas é porque têm medo deles, os amigos que eles se calhar mais têm são como eles, mas depois quando eles forem maiores deixam de ter amigos, ninguém os quer, quando já forem assim dos seus 30 anos.

8-Não tem nada a ver uma coisa com outra, porque eu conheço um que é bastante magrinho, mas só assim pela aderência de chunga, desses bairros a pessoa pode ter medo, mas eu por acaso já o conheço e não tenho problemas com ele. Mas agora se ele também viesse ter comigo também ficava com medo.

-Então tu achas que a aparência das pessoas não é indicativa da sua agressividade.  
-As pessoas podem ter problemas em pequena e depois são agressivas. O Luis que também mora lá, qualquer coisinha e bate logo e depois se a pessoa começar a rir, ele deixa de bater, agora se ele começar a chorar ele ainda bate mais. São paranóias, coisas que as pessoas trouxeram de pequenas

9-Sim, mais verbal. Existe porque há três anos a traz uma colega minha a Rute levou uma chapada do professor. Foi a única cena de agressão que eu vi, às vezes há agressão entre os alunos. Há muitas vezes que os alunos em vez de serem suspensos ou isso, vão limpar sanitas ou carteiras durante uns dias, eu acho bem.

-Porquê?

-Porque eles vão para casa e não aprendem nada, vão para casa ficam lá a dormir, então assim sempre aprendem a lição

10-Sim já aconteceu com o Luis, a professora vinha chateada, foi uma falta disciplinar. O Luis entra na sala e tira uma pedra da mala. A Professora diz: " Mete cá isto", ele amanda, a professora assusta-se e manda-o para a rua, começam-se todos a rir, a professora diz: " u te calas ou também vais para a rua" e depois eu pus as mãos a disfarçar mas também fui para a rua.

Tu achas que foi justo?

-Para o Luis foi, para mim acho que não.

-Portanto os professores às vezes usam de um mesmo castigo...

-Sim, ela até tem paciência, mas naquele dia vinha saturada.

-Portanto por estar saturada, há menos paciência para o que acontece.

-Achas que às vezes há diferença na maneira como o professor atura as coisas de um aluno e de outro?

-Há porque prontos, há sempre um aluno que está sempre a fazer estragos, e a professora a esse manda muitas vezes para a rua, e qualquer coisinha que ele faça, vai muitas vezes para a rua. Agora se um aluno está normalmente calmo, mas há um dia que está a fazer estragos, se calhar a professora não manda para a rua.

## **EPISÓDIO CRITICO**

1- O que é que tu pensas sobre isto?

-A Rute não é agressiva, mas ela gosta de bater e falar alto, mas é para chamar a atenção dos outros, é para se armar. Então pronto, chegou lá fora, ela deu umas bocas na aula de ciências, ela chateou-se e chegou ali fora e amandou -a contra o autocarro ali á frente de toda a gente, ela ficou envergonhada e nunca mais pôs os pés na escola.

- Achas que se justificava?

-Não bastava ela conversar

-Quem é que tinha razão?

-Nenhuma, pareciam duas crianças

2-E se isso tivesse acontecido contigo?

-Conforme a outra pessoa, se eu fosse a outra rapariga e a Rute começasse a bater eu também me virava a ela .

**ANEXO III**  
**ORGANIZAÇÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS**

## 1- ORGANIZAÇÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS.

### 1.1. EXTERNATO GRÃO VASCO

#### PERGUNTA 1

SUJEITO 1- Não gostam dos outros porque são muito maus. Quando uma pessoa se chateia com outra. Porque têm tantas coisas.

SUJEITO 2- São os que têm muitas coisas. Acha que pode ter tudo o que lhe apetecer Acha que é porque ele tem tantas coisas que faz o que quer.

SUJEITO 3- Porque não gostam uns dos outros.

SUJEITO 4- Assim como toda a gente não gostam das outras pessoas, acham que elas gozam com eles e fazem asneiras para as pessoas olharem mais para eles E porque gostam das brincadeiras e acham que isso não magoa os outros meninos.

SUJEITO 5- Porque estão furiosos.

SUJEITO 6- Porque o comportamento não está bem e a fala com que o homem inventou os palavrões também não. Certos miúdos já os sabem e acho que está mal Ninguém se devia bater a ninguém. Eu acho que não se devem ofender, devem ficar zangados mas não ofender Lá porque um ofende o outro não devia ofender também.

SUJEITO 7- São meninos que não pensam no que fazem e são mesmo assim. São maus. Deve ser por estarem assustados por as outras pessoas não serem mais suas amigas

SUJEITO 8- Talvez porque as pessoas chateiam-nos. Se calhar não gostam dos outros e depois são burros e batem-lhes.

SUJETIO 9- É os pais que não dão educação.

SUJEITO 10- Deve ser porque têm raiva uns dos outros Fizeram qualquer coisa de mal um ao outro, Só batem quando alguém faz mal um ao outro.

## PERGUNTA 2

SUJEITO 1- Eles não ligam à educação que os pais dão e fazem o que não devem. Os outros ligam ao que os pais dizem e às outras pessoas.

SUJEITO 2- Há bulhas, brigas e a pessoa aprende.

SUJEITO 3- Talvez uns não andem na escola, os pais não lhes ensinam.

SUJEITO 4- Uns querem ser iguais aos outros e serem mais populares e os outros acham que sendo mais caladinhos são mais populares.

SUJEITO 5- Porque os pais não lhes ensinam bem. E os outros porque os pais ensinam bem às vezes.

SUJEITO 6- Há uns que são pouco porque os pais nunca deixaram ver os filmes com as pistolas e com o zerinho.

SUJEITO 7- Porque os pais não lhes dão uma educação como deve ser, deixam-nos fazer o que queremos, deixam-nos ir para ao pé das pessoas que são mal educadas e agressivas. E os que são bons é porque os pais querem que eles tenham um bom futuro. Eu acho que os meninos não se importam com a escolha que estão a fazer, querem ter agressividade para se defender no futuro.

SUJEITO 8- Uns acham que não devem fazer asneiras, depois arranjam muitos problemas.

SUJEITO 9- Não pensam antes de fazer as coisas e os outros pensam mais.

SUJEITO 10- Se calhar eles não são tão bons como os outros.

## PERGUNTA 3

SUJEITO 1- Digo-lhe que ele está a dizer asneiras, que está a dizer o que não devia, outras vezes não lhe ligo nenhuma, outras vezes quando fico muito nervosa vou lá bater-lhe, isto quando me atiram ao chão ou assim.

SUJEITO 2- Eu fico nervosa e depois dou-lhe um pontapé, bato-lhe logo senão ela vai dizer aos outros que eu sou lingrinhas e ainda me batem mais.

SUJEITO 3- Às vezes digo às empregadas, às vezes também lhe bato.

SUJEITO 4- Como eu sou pequena às vezes não me posso defender, tenho que ser um bocado agressiva, ou vou chamar as empregadas, ou fico sozinha até me deixarem em paz Nas defesas, dou pontapés, estaladas, correr.

SUJEITO 5- Eu não bato, mas costumo dizer às vezes asneiras, mas não digo das más.

SUJEITO 6- Protejo-me chamando nomes ou fugindo também.

SUJEITO 7- Não lhe ligo, viro as costas e vou-me embora. Às vezes faço o mesmo.

SUJEITO 8- Se for um menino mais pequeno eu só digo para ele ter mais cuidadinho, se for maior talvez lhe tenha que chamar nomes. E se ele me bater eu também bato.

SUJEITO 9- ÀS vezes bato, outras vezes não Aos mais pequenos não bato, aos maiores bato.

SUJEITO 10- Eu às vezes não ligo, às vezes, quando me batem eu também bato Não ligo porque posso fazer uma grande asneira que não devo fazer.

#### **PERGUNTA 4**

SUJEITO 1- Que me aleijei, que tenho muitas dores e que nunca mais posso andar.

SUJEITO 2- Que eles podiam ser melhores, podiam ser amigos, não bulhar.

SUJEITO 3- Que vou ter um comportamento menos bom do que o que costumo ter eu bato sempre.

SUJEITO 4- Que eles querem é andar atrás de nós e não estar com as outras pessoas, penso que são chatos.

SUJEITO 5- Que são mal educados.

SUJEITO 6- Fico aborrecido e chateado com ele. Acho que não devia ser amigo dele, é uma ofensa.

SUJEITO 7- Que o menino devia estar algumas vezes de castigo e algumas vezes ao ar livre Fico furioso.

SUJEITO 8 - Penso que também devo ser mau para ele.

SUJEITO 9- Que lhe vou bater.

SUJEITO 10- Que foi o coração que mandou, que às vezes eles estão arrependidos.

#### **PERGUNTA 5**

SUJEITO 1- Quando é necessário, quando me estão a aleijar muito, muito e se não for tanto posso chamar uma empregada para que o menino não me continue a aleijar A empregada põe de castigo ou diz para não fazer mais.

SUJEITO 2- quando são muitos ou são muito fortes eu já tenho que pedir ajuda.

SUJEITO 3- Quando é uma situação muito grave eu peço , porque às vezes são muitos contra mim, peço porque não consigo, porque sou só uma.

SUJEITO 4- Sim, às amigas e empregadas eu sou uma das mais pequenas , então peço ajuda para me ajudarem a defender.

SUJEITO 5- Sim, às empregadas peço , porque eles são muitos e eu não consigo sozinha.

SUJEITO 6- Sim eu peço para nos ajudarem a bater nos outros .

SUJEITO 7- Geralmente sim, se forem meninos maiores do que eu , peço ajuda.

SUJEITO 8- Nem por isso não preciso de ajudas, acho que consigo fazer sozinho .

SUJEITO 9- Não acho que resolvo sozinho.

SUJEITO 10- Não sou eu que peço, às vezes é que me vêm ajudar. Às vezes peço quando são muitos a baterem-me e depois eu peço às empregadas. Elas metem de castigo os meninos.

## **PERGUNTA 6**

SUJEITO 1- Quando me pedem ajuda, às vezes não faço muito isso porque sou intrometida na briga deles, mas quando não consigo suportar eu vou lá e digo para pararem.

SUJEITO 2- Às vezes , se forem muitos tenho que pedir ajuda a alguém.

SUJEITO 3- Quando acho, ajudo os que acho que têm razão.

SUJEITO 4- Sim é chato a pessoa estar só, sem amigos, por isso eu ajudo.

SUJEITO 5- Vou separar, porque acho que estão a fazer a coisa errada, não gosto de ver pessoas à luta , porque podem-se aleijar.

SUJEITO 6- Acho que é delicado, que devo proteger o miúdo do menino maior.

SUJEITO 7- De vez em quando, quando crianças maiores estão a bater nos miúdos.

SUJEITO 8- Sim, acho que eles também têm direito a ajuda.

SUJEITO 9- Às vezes , outras vezes fico a olhar não sei porquê.

SUJEITO 10- Vou chamar as empregadas porque elas já sabem o que vão fazer.

## **PERGUNTA 7**

SUJEITO 1- Muito poucos são mal educados. Há poucas pessoas que gostam deles. Têm alguns que também são mal educados. Pode ser populares por estar sempre a ficar de castigo e as pessoas conhecem-no bem.

SUJEITO 2- Acho que têm.

SUJEITO 3- Mais ou menos. Têm aqueles que são iguais a eles, pelo feito.

SUJEITO 4- Se as pessoas gostarem da forma deles ser têm amigos, se não gostarem não têm. Eu acho que eles se zangam um bocadinho, mas depois desculpam-se Mas popular não é ter amigos, pode ser muito popular e ninguém gostar.

SUJEITO 5- Acho que sim, porque só batem aos outros e aos amigos não se batem.

SUJEITO 6- Acho que não, porque depois falam de agressividade e isso é uma coisa má. Depois andam sempre a bater nos amigos, como o meu amigo João António.

SUJEITO 7- Geralmente não, porque se são agressivos para as pessoas que não conhecem, também não iam ser pouco agressivos para as pessoas que conhecem. Tem alguns que gostam da maneira como eles são.

SUJEITO 8- Têm alguns que são iguais a eles e também fazem isso, mas também não estão sempre a fazer asneiras, às vezes também brincam.

SUJEITO 9- Têm mas poucos, porque as pessoas não gostam quando lhes batem.

SUJEITO 10- Se se arrependem têm, podem ter na mesma, mas menos.

## **PERGUNTA 8**

SUJEITO 1- A maior parte das vezes são mais fortes.

SUJEITO 2- São fortes , os fracos sabem que eles são fortes.

SUJEITO 3- Depende há uns fortes e uns fracos.

SUJEITO 4- Uma pessoa agressiva pode ser muito magra e mesmo assim dar pontapés e magoar os outros. O forte dá muito mais.

SUJEITO 5- São fortes porque se fossem fracos não se iam meter , porque depois aleijavam-se a eles.

SUJEITO 6- Acho que são fortes eles pensam-se os maiores e não são.

SUJEITO 7- Acho que são fortes porque se aleijam outro menino têm que ser fortes.

SUJEITO 8- Todos iguais, uns têm um bocado mais coragem, não pensam nas consequências, não têm medo.

SUJEITO 9- Fortes porque eles têm que mostrar a lutar.

SUJEITO 10- Por dentro fracos por fora fortes. Por dentro não são fortes porque estão a bater nos outros meninos que não fazem mal.

## PERGUNTA 9

SUJEITO 1- Às vezes é preciso, o professor diz muitas vezes para o menino não fazer e é melhor pôr de castigo.

SUJEITO 2- Sim , um dia, deu um par de estalos e depois pôs o menino em cima da cadeira para todos o verem a chorar.

SUJEITO 3- Não, pelo menos o meu não.

SUJEITO 4- Não refere.

SUJEITO 5- Não refere.

SUJEITO 6- Acho que sim, porque se o menino foi até aos mínimos do professor acho que não deve bater mas pôr de castigo.

SUJEITO 7- Com o professor não é tanto porque podem meter de castigo mas não batem.

SUJEITO 8- Às vezes dão estalos quando não nos portamos bem e isso não é muito justo Não têm o direito de me bater, meter de castigo está bem, agora bater.

SUJEITO 9- Não refere.

SUJEITO 10- Não refere.

## PERGUNTA 10

SUJEITO 1- Não põe de castigo sem ter razão para isso.

SUJEITO 2- Eu acho que é uma parvoíce.

SUJEITO 3- Os professores nunca batem sem razão, os alunos portam-se mal.

SUJEITO 4- Às vezes não é justo, mas às vezes é. Uns meninos que fazem muito barulho e depois o professor já está cansado e depois um que faz só um bocado, pronto o professor tem que pôr lá o nome.

SUJEITO 5- Acho que têm sempre razão, nunca são injustos.

SUJEITO 6- Às vezes há enganar, na outra escola era eu e o professor pôs o outro de castigo.

SUJEITO 7- Não acho que seja sempre justo.

SUJEITO 8- Se temos um comportamento razoável não é muito justo, mas se não tivermos já é.

SUJEITO 9- O professor põe de castigo e é justo, mas já aconteceu o professor julgar mal.

SUJEITO 10- Pôr de castigo é que é justo, pode haver enganar, pode haver enganar, mas não é frequente acontecer.

## EPISÓDIO CRÍTICO GRÃO VASCO

### SUJEITO 1

1- A Marta não devia ter mexido na mala sem a autorização da Rita, podia ter pedido. Acho que ela não devia começar a agredir devia conversar com calma.

2- Se ela me perguntasse, ela podia mexer à vontade, mas se não eu ficava furiosa, dizia para ela não mexer sem a minha autorização.

Q- (?) Dizia para ela falar sozinha porque eu não sou surda

## SUJEITO 2

1- A Marta não devia ter feito isso , podia ter perguntado que queria o caderno. E ela não, foi mexer na mala toda. Eu acho que a Rita é que tem razão, a história só começou por causa da Marta. Depois a Marta teve razão. Mas se a Marta tivesse pedido autorização a história já não continuava.

2-Eu ficava furiosa, fazia as coisas que ela me fez, mas não queria que ninguém me ajudasse.

## SUJEITO 3-

1- Acho que a amiga não se devia ter metido. Quem tinha mexido na mala era a Marta, eu acho que as outras não tinham nada que se meter. A Rita é que tinha razão, porque a Marta nunca lhe devia ter ido mexer na mala.

2- Dizia para ela me pedir autorização, e depois deixava-a mexer na mala, ou se não fosse assim zangava-me.

## SUJEITO 4-

1- Como se calhar a Marta já tinha ido mexer na mala das outras pessoas, talvez elas tinham um bocadinho de razão

2- Eu ficava zangada. Se as pessoas quisessem tirar alguma coisa da mala perguntavam e depois tiravam.

## SUJEITO 5-

1- Eu acho que a menina não devia ter metido, era o assunto da Marta. Eu acho que se ela queria ir ver o caderno era mais fácil ir pedir

2-Acho que dizia para ela pedir, porque não é preciso fazer as coisas às escondidas.

## SUJEITO 6-

1- Elas não deviam de mexer na mala, deviam perguntar primeiro quem era a dona da mala. Se a dona da mala deixasse , já era às escondidas. Assim podia ser uma ofensa muito grande. Era a dona da mala que tinha razão.

2-Se fosse o João António dizia à avózinha, se fosse uma dos outros ou mandava-o embora ou ia fazer queixa a alguém.

#### SUJEITO 7-

1-Acho que a Rita não devia Ter feito isso, foi muito, se ela foi defendê-la ela tinha que aceitar a defesa e não podia reagir assim.

-Mas a Rita devia Ter ficado zangada? Eu acho que não, tantas vezes que elas se emprestam bonecas e andam a mexer com as coisas das outras, e agora só por causa de mexer numa mala não era preciso zangar-se.

2-Eu acho que não me zangava, já disse, estão sempre todas a mexer nas malas. Podia dizer para ela na próxima vez pedir antes.

#### SUJEITO 8-

1- Eu acho indecente só por causa da mala, começaram-se logo a dizer coisas. Só para tirar um caderno, não é muito preciso pedir autorização, é sempre preciso porque as coisas são de outra pessoa. Ninguém tinha razão.

2- Se fosse um amigo meu o Alex eu deixava, mas se fosse um que eu não costumava andar com ele, dizia-lhe que para a próxima devia pedir autorização.

#### SUJEITO 9-

1- A Marta devia ter pedido autorização à Rita. A Rita não teve razão em chamar nomes

2-Pensava que o mundo me queria roubar, dizia a alguém, para ele o castigar.

#### SUJEITO 10-

1- O menino que foi ajudar a Rita não devia de fazer isso. Devia impedir a elas de continuarem a agredir-se com palavras. Acho que a Marta não teve razão, ela devia ter pedido permissão à Rita para mexer na mala

2- Dizia para ele não fazer isso . Podia mexer , mas tinha que pedir autorização. Se me pedisse, quando eu fosse lá ficava chateado e dizia para ele não fazer isso.

### 1.2.PATRONATO

#### PERGUNTA 1

SUJEITO 1- Não têm boa educação.

SUJEITO 2- Porque a pessoa faz coisas que os outros não gostam e depois acontece. Em vez de estar à tarefa dizia à professora e depois o outro era castigado. Porque os pais lhe deram esse comportamento.

SUJEITO 3- Há uns que também são maus e depois ficam revoltados e começam com a agressividade. Quando os outros não lhes fazem nada eles vão lá e começam a meter com os outros. Porque acham que aquela pessoa é má.

SUJEITO 4- Porque não gostam. Em vez de dizer às professoras, batem logo. Não gostam como as outras pessoas são.

SUJEITO 5- É por maldade ou então para se vingarem. Porque são maus, querem bater, não querem ser bons amigos.

SUJEITO 6- Às vezes chateiam-se, irritam-se e começam-se a bater e a dizer asneiras. Depois passa.

SUJEITO 7- Há meninos que só dizem asneiras e mentiras e nós enervamo-nos e batemos-lhe. Há meninos que dizem asneiras ao pé da professora para nós não podermos bater.

SUJEITO 8- Porque às vezes zangaram-se, pedem para brincar os outros não deixam e depois começam a chamar nomes. Porque são mal educados.

SUJEITO 9- Quando me batem eu também bato.

SUJEITO 10- Porque os outros às vezes batem e fazem mal e depois começam-se a bater e isso. Porque eles não gostam dele e começam a bater.

## **PERGUNTA 2**

SUJEITO 1- Uns têm boa educação e outros não. Pode ter problemas.

SUJEITO 2- Porque uns se portam bem e outros mal. Uns, os pais dão-lhes educação e os outros não.

SUJEITO 3- Há pessoas que são más, estão revoltados e outras estão mais calmas. As revoltadas quando eram pequeninas devia haver crianças mais velhas que lhes

batiam, isso fez a revolta contra os outros. E os calmos quando eram pequeninos ninguém lhes batia

SUJEITO 4- Porque não gostam de ser bem comportados. Os outros querem fazer as coisas que os pais gostam, querem que a professora os deixe passar.

SUJEITO 5- Os pais batem-lhe e ele repete a mesma coisa, os outros os pais castigam em vez de bater.

SUJEITO 6- Os outros são mais amigos e por isso não batem tanto. Os que não são amigos, depois começam a bater.

SUJEITO 7- Uns que são mais porque querem-se armar em bons, e também porque ouvem os pais dizem asneiras porque ouvem os pais.

SUJEITO 8- Há pais que educam mais do que outros.

SUJEITO 9- Uns são maus os outros são bonzinhos porque nunca batem.

SUJEITO 10- Uns são bem educados e os outros são mal educados.

### **PERGUNTA 3**

SUJEITO 1- De vez em quando também chamo e outras não ligo.

SUJEITO 2- Digo à minha professora ou educadora.

SUJEITO 3- As educadoras não querem que a gente faça caso. Mas às vezes vamos na tentativa de bater, assim dar umas palmadas.

SUJEITO 4- Se me chamar nomes eu também chamo Se me bater eu vou dizer a alguém para o meterem de castigo Às vezes quando me batem eu também bato.

SUJEITO 5- Descuido-me às vezes e também bato, às vezes vou dizer às professoras, senão também sou culpada. Digo para ele ser castigado.

SUJEITO 6- Às vezes vou dizer às educadoras. Porque eles vêm que estamos aleijados e começam a dar pontapés. Nós dizemos para que eles ralhem com eles.

SUJEITO 7- Eu aviso-lhe. E depois eu bato-lhe e às vezes chamo-o das várias maneiras que ele chama à gente.

SUJEITO 8- Às vezes viro as costas e às vezes também lhe digo, se ele é mais forte do que eu, não porque depois eu fico mais magoada do que ele.

SUJEITO 9- Vou dizer à professora porque eu não gosto que me chamem nomes. Ela mete de castigo.

SUJEITO 10- Às vezes também lhes digo nomes e bato-lhes, mas depois peço desculpa.

#### **PERGUNTA 4**

SUJEITO 1- Que não gostam de mim, que não são meus amigos.

SUJEITO 2- Fico furiosa.

SUJEITO 3- Que o que ele está a fazer não está bem, que vão pelo caminho do mal.

SUJEITO 4- Que não devia ser assim, todos devemos ser amigos , porque se Jesus também era amigo de todos, se batem é porque são maus.

SUJEITO 5- Às vezes dá-me raiva e às vezes desculpo-o, digo " para a próxima não fazes" Apetece-me estrangulá-lo, apetece-me bater.

SUJEITO 6- Que me vai fazer mal, estar a bater nos colegas vai fazer mal.

SUJEITO 7- Que lhe devo avisar que é para ele estar bem avisado, quando me enervo bato.

SUJEITO 8 - Que devia ser o contrário, devia haver paz, sermos amigos.

SUJEITO 9- Não sei.

SUJEITO 10- Que está a ser mal educado para mim, que fazem brincadeiras que não devem fazer.

## PERGUNTA 5

SUJEITO 1- De vez em quando me batem, depois eu digo às educadoras, porque elas resolvem o problema às vezes não consigo fazer aquilo sozinha e depois as educadoras falam com eles.

SUJEITO 2- Peço às educadoras ou às professoras porque eu não gosto de bater.

SUJEITO 3- Só quando eles me aleijam é que eu peço. Peço às minhas amigas, porque elas são fortes e são minhas amigas e gostam de me defender.

SUJEITO 4- Sim, às raparigas, eu não sou suficiente, eu acho que estou mais acompanhada com as minhas amigas do que estar sozinha.

SUJEITO 5- Digo à minha professora para ele parar quieto às vezes peço, porque eu não me consigo defender sozinha.

SUJEITO 6- Às vezes sim, outras não. Quando são muitos a baterem-me eu chamo alguns, ou digo às educadoras ou fujo para ao pé delas.

SUJEITO 7- Quando eu tropeço e vem alguém socorrer os outros. Eu não peço, porque senão o outro vai chamar mais.

SUJEITO 8- Às vezes, mas não sou muito disso, defendo-me normalmente. Peço quando vejo que há necessidade, quando vejo que estou sozinho e são muitos contra mim, peço aos outros.

SUJEITO 9- Não, resolvo sozinho.

SUJEITO 10- Sim tenho um colega que me ajuda sempre.

## PERGUNTA 6

SUJEITO 1- De vez em quando, quando estão a bater eu digo às educadoras, ralho com eles.

SUJEITO 2- Separo-os e se eles não quiserem eu chamo uma pessoa adulta.

SUJEITO 3- Sim, digo que não devem ser assim porque está a ser mau para os outros e assim não gostamos dele.

SUJEITO 4- Sim porque gosto dessa pessoa e acho que essa pessoa gosta de ter amigos.

SUJEITO 5- Não, às vezes ajudo, separo-os e vou dizer à educadora ou a uma pessoa.

SUJEITO 6- Vou separa-los, para eles fazerem as pazes, para não haver lutas.

SUJEITO 7- Separar os dois porque devo ajudar os dois. Eu separo-os e depois de saber de quem é a culpa eu digo à Educadora.

SUJEITO 8- Ajudo, digo para não ligarem ao que estão a dizer, ou então digo à educadora para eles não se magoarem mais.

SUJEITO 9- Vou, porque é meu amigo, vou tentar defendê-lo.

SUJEITO 10- Vou separo-os porque podem ficar aleijados.

## **PERGUNTA 7**

SUJEITO 1- Acho que não, alguns têm mas acho que não.

SUJEITO 2- Não, porque só fazem mal e assim ninguém é capaz de arranjar amigos.

SUJEITO 3- Não porque são maus e com a maldade toda não fazem amigos.

SUJEITO 4- Acho que não. Porque são maus e se são maus acho que não devem ter amigos. Só têm Jesus.

SUJEITO 5- Só vão ter amigos que sejam agressivos, porque alguém que não seja agressivo e tenha amigos agressivos isso está mal vai seguir o caminho do outro.

SUJEITO 6- Os que batem mais às vezes não têm mais amigos e os que não batem às vezes têm mais amigos. Porque batem muito.

SUJEITO 7- Não, miúdos agressivos quase não têm amigos nenhuns. Porque os outros depois dizem "Não sejas amigo daquele". Pergunta se ele pode brincar e eles dizem que não.

SUJEITO 8- Alguns saem de casa vão para a rua e depois têm amigos, mas eles lá sabem o tipo de amigos que têm.

SUJEITO 9- Não têm amigos porque são maus para os amigos e depois não têm amigos.

SUJEITO 10- Acho que não porque eles às vezes batem e depois já não são amigos deles e depois já não têm amigos.

## **PERGUNTA 8**

SUJEITO 1- Alguns fracos, outros fortes.

SUJEITO 2- Fortes, ou não é bem assim. Há uns que não são fortes nem fracos, é rabugento, os pais não deram educação.

SUJEITO 3-Fortes, para fazerem mal têm que ser fortes, para atacar tem que ser uma pessoa forte.

SUJEITO 4- Fortes, porque estão acostumados a bater e depois aprenderam luta e coisas assim.

SUJEITO 5- Eles julgam-se fortes, mas são mais castigados, os pais devem bater-lhe mais

SUJEITO 6-São mais fortes, quando começam a bater parece que são mais fortes.

SUJEITO 7- Fracos, o agressivo é o que fica mais fraco, porque os outros batem.

SUJEITO 8- Acho que são fracos e querem-se armar em fortes.

SUJEITO 9- Fortes, não sei.

SUJEITO 10- Fracos, porque eles às vezes quando vão a bater eles aleijam-se.

## PERGUNTA 9

SUJEITO 1-Sim, quando eles se portam mal.

SUJEITO 2- Quando os professores têm razão, são.

SUJEITO 3- Só às vezes quando os meninos são maus.

SUJEITO 4-Ele faz bem em ralhar quando os meninos estão a brincar.

SUJEITO 5- A minha professora não é agressiva.

SUJEITO 6- Batem com a régua.

SUJEITO 7- Sim, às vezes. A minha professora não é assim tanto.

SUJEITO 8- Não, só quando nos portamos mal , mas raramente.

SUJEITO 9- Quando não faz o que o professor manda depois o professor bate.

SUJEITO 10- O professor ralha.

## PERGUNTA 10

SUJEITO 1-Às vezes têm razão, outras vezes não, outras vezes um bocado.

SUJEITO 2-O professor zanga-se com um lá da sala, ele nunca se engana.

SUJEITO 3-Acho que ela tem razão porque dentro da sala devemos fazer os trabalhos às vezes engana-se vai a bater quando estamos quietinhos.

SUJEITO 4- Eu acho que ele tem razão. Às vezes podem-se enganar.

SUJEITO 5-O professor às vezes tem razão e outras não. Às vezes diz que é um porque se porta muito bem é que está certo Isso está mal.

SUJEITO 6-Às vezes têm razão, outras vezes não. Às vezes acontece que o professor se engana e vai bater no outro que não fez nada.

SUJEITO 7-A minha professora não é assim tanto. Às vezes há enganos, mas se acontece a professora pede desculpa.

SUJEITO 8-Às vezes não é justo, quando eu me vou a queixar a professora não liga e aos outros liga, não sei porquê.

SUJEITO 9-Têm sempre razão, mas às vezes não acho justo, às vezes não é preciso bater.

SUJEITO 10- Acho bem, tem razão.

## EPISÓDIO CRÍTICO PATRONATO

### SUJEITO 1

1- Achei que a história foi um bocado violenta porque eles queriam bater e não era preciso só por causa dos cromos começar logo a bater.

2- Dizia à professora que me tinham tirado os cromos, para que se resolvesse o problema mas sem chatices.

### SUJEITO 2-

1- Foi o Eugénio que foi à mala do Tiago. Razão têm os dois porque o Eugénio não devia ter feito o que fez e o Tiago a gente já o conhece, ele tem raiva. Acho que não era bater, era falar. E ninguém tinha que se meter na confusão, só eu e o Becas porque fomos testemunhas.

2- Eu falava com essa pessoa e se ela não me devolvesse os cromos eu ia dizer à professora e ele tinha que ser obrigado a dar-me os cromos.

### SUJEITO 3-

1- A professora devia ter tentado acalmar todos como diz aí. É isso que eu acho, o menino que tirou não devia ter barafustado e dado pontapés. Acho que foram os meninos que se atiraram para cima deles, e o outro que os tirou não devia tê-los escondido e depois fingiu que os tinha encontrado. Era o dono dos cromos que tinha razão.

2- Eu dizia que não fui eu e rapidamente o ia ajudar a procurar os cromos. Como nós somos meninas os rapazes deviam acreditar mais em nós do que nos rapazes. Se eles não acreditassem em mim podiam-me bater que eu continuava a dizer que não tinha sido eu. Podiam revistar a minha mala.

#### SUJEITO 4-

1- Eu acho que o menino que tirou os cromos tinha que devolvê-los porque não eram dele. Acho que tínhamos que saber quem é que tirou os cromos. O dono dos cromos não tinha que dizer que foi este ou aquele, mas tinha que foi este ou aquele, mas tinha que dizer alguma coisa porque foi ele que os comprou, a gente só tira se lhes pedir ou tirar ou trocar.

2- A primeira coisa ia dizer à professora porque se os cromos eram meus não tinham que tirar. Depois se eu soubesse quem era, eu não falava mais com ele, não ia bater por causa dos cromos. Ficava zangada porque não tinha nada que me tirar os cromos.

#### SUJEITO 5-

1- Eu acho que a conversa não era com os outros meninos, era com o que tinha sido acusado, com o dono dos cromos. Os outros meninos não deviam ir ajudar o dono dos cromos a bater. Deviam ficar calmos e deixa-los conversar os três.

2- Primeiro procurava e só depois é que pedia ajuda à professora para ir revistar as malas ou qualquer coisa.

#### SUJEITO 6-

1- Acho que foi com o Tiago. Eu sei que o miúdo roubou e não devia ter feito isso. Porque ele roubou e depois e depois foi escondê-lo, e o Tiago e os outros começaram todos a acusa-lo. Era o miúdo dos cromos que tinha razão.

2- Ia dizer à professora. Porquê? Porque depois iam às salas e perguntavam se alguém tinha encontrado os cromos.

#### SUJEITO 7-

1- Está mal, o menino não devia ter tirado os cromos ao outro menino. Acho que tem razão o dono dos cromos, mas também acho que tem razão o menino que disse que não tinha culpa. Porque não sabemos se ele não estava a mentir, mas o que não tirou os cromos é o que tem mais razão de todos.

2-Dizia que não, e dizia à Ildia, e sabe que à 7 anos , nunca tirei nada a ninguém.

#### SUJEITO 8-

1- O menino que gosta mais dos cromos é pobre, então não pode comprar e vai roubar. Mais valia emprestar os cromos. A culpa é dos pais que nunca lhe compram nada, são maus para ele só lhe dão pancada.

2- Não sei, obrigava-o a dizer se ele tinha ou não, ou ia logo lá ver se ele tinha não podia fazer mais nada, não sabia se era ele.

#### SUJEITO 9-

- 1- Não se deve fazer. Era o menino que roubou, não sei porquê.
- 2- Dizia à professora chamava cá o meu pai.

#### SUJEITO 10-

- 1- Acho que é muito mal. Quem escondeu devia ficar de castigo. É a professora que tem razão, porque se a professora tenta ajuda-lo é assim que está bem. Era o menino de quem desapareceu os cromos que tinha razão.
- 2- Procurava e depois fazia queixa à D. Ilidia, ela sabe quem mente, olha nos olhos das pessoas.

### 1.3. FERREIRA BORGES 7º ANO 2ª

SUJEITO 1- Pela falta de calma das pessoas, pela maneira de ser, pela maneira de vida, pela infância, pela vida em casa, e, se não têm afecto tornam-se muito mais agressivas por isso.

SUJEITO 2- Ou não estão bem, ou têm gosto em bater Porque devem ter algum problema.

SUJEITO 3- Talvez porque têm problemas, algumas delas em casa, e também têm vontade de ser agressivos São rejeitados, algumas nem todas.

SUJEITO 4- Talvez por terem problemas com os familiares, ou serem agressivos de si mesmos Gostar muito de fazer mal.

SUJEITO 5- Há uma certa revolta dentro delas, precisam de meter cá para fora, também não têm liberdade e a maneira mais fácil é através da agressividade Muitas vezes a agressividade é a maneira melhor de libertar o que as prende.

SUJEITO 6- É da educação e do ambiente em casa e não só em casa, dos amigos Depende do comportamento a que estão habituados.

SUJEITO 7- É também do exemplo dos pais, a vida familiar, depois pode reflectir-se na vida dos filhos Se os pais são agressivos em casa, falam mal para as mães e depois ficam ressentidos e fazem isso aos da mesma idade. Também podem ser influenciados pela TV.

SUJEITO 8-Eu sou agressivo, bom dou uns carolos, mas nos mais novos não, não é preciso ser agressivo Quando provocam somos obrigados Se calhar têm problemas em casa, vêm os pais.

SUJEITO 9- Uns já têm problemas em casa pensam que o mundo é assim , ou quando chamam nomes e os outros não gostam, é assim, porque vivem nesse meio ambiente.

## PERGUNTA 2

SUJEITO 1- Depende da maneira de ser O Génio se somos nervosos ou não Os pais mais rígidos do que comigo. Por ser mimada. Há pessoas que muitos factores exercem influência sobre elas como falta de carinho na infância, traumas.

SUJEITO 2-Devem ter problemas ou gostarem de se andar a bater Problemas em casa ou com os colegas, podem não gostar do que eles dizem.

SUJEITO 3- Depende do ambiente, da família, dos amigos.

SUJEITO 4-As pessoas que não têm apoio de ninguém, não têm educação suficiente, os pais estão-se a borrifar para eles, deve ser por causa disso. Por causa da educação e da vida que levam Podem ser ensinados a compreender as outras pessoas e a ajuda-las.

SUJEITO 5-Cada pessoa tem a sua maneira de ser e de se exprimir. Há pessoas que são mais calmas e exprimem-se de outras formas, mas que Às vezes também são agressivas, quando precisam de se libertar. Outras são mesmo agressivas, porque é a sua maneira de ser Há pessoas que se controlam melhor do que outras. As pessoas que têm amigos podem conversar e as que estão sozinhas precisam mais de se libertar do que têm cá dentro.

SUJEITO 6-Depende da maneira como os tratam.

SUJEITO 7- Tem a haver com a pessoa, com o temperamento, se têm tendência para serem agressivos ou não.

SUJEITO 8-Há uns mais calmos, não se metem em confusões e os pais em casa também. Agora os agressivos moram em bairros, eles estão sempre a ver, a ouvir gritar e depois só fazem estupidezes.

SUJEITO 9-Há umas pessoas que pensam que andar à tarefa resolve tudo.

### PERGUNTA 3

SUJEITO 1- Tento conversar, acalmar o outro, quando já estou no limite nem eu sei o que faço, é o impacto da hora, depende das situações. Quando já estou saturada.

SUJEITO 2-Tanto falar e dizer para não serem assim.

SUJEITO 3-Não ligo a provocações. Se são agressivos eu tento ajuda-los, eu procuro não ser agressiva com eles. Eu não sou uma pessoa agressiva, não faz parte de mim, por isso quando são agressivos comigo, eu não dou resposta, oiço e fico quietinha.

SUJEITO 4-Depende de quem é, se eu já a conheço e vejo que ela está irritada eu não ligo, e passo à frente. Se eu não conheço, tento posso passar à frente como responder, as pessoas não aprendem, tem que ser assim.

SUJEITO 5-Temos que compreender a maneira de ser uns dos outros a de cada pessoa. Tenho de compreender que as outras pessoas são assim. Fico um bocadinho agressiva, sentida, mas não ligo assim nada, fico a pensar porque é que foi assim, porque é que não se podia falar calmamente.

SUJEITO 6-Depende da maneira como ele me bater, se for a sério a história é outra, mas não se pode deixar baterem à vontade. E se for por palavras, também depende das palavras porque as palavras contam mais do que bater. Por vezes não ligo.

SUJEITO 7-Se não quer falar eu também o agrido. Há pessoas que não dá para falar, não param de chatear. Mando-o embora, mas se não der.

SUJEITO 8-Se não me respeitam, eu também não respeito, se a pessoa me gozar ou bater eu também respondo. Também depende quando eu estou chateado não quero que ninguém fale comigo, quando estou na boa aí ignoro às vezes.

SUJEITO 9- Se me batem eu viro-me também, embora não resolva tudo à pancada, resolve-se mais a conversar, mas se eles merecem quando chamam nomes e isso.

#### PERGUNTA 4

SUJEITO 1- Que é uma pessoa que não quer conversar e que não vale a pena insistir.

SUJEITO 2- Que aquele deve ser maluco ou assim.

SUJEITO 3- Porque é que as pessoas são assim, porque é que ela está a ser tão agressiva.

SUJEITO 4- Que podia não ser assim.

SUJEITO 5- Fico a pensar porque é que foi assim, porque é que não se podia falar calmamente.

SUJEITO 6- Depende do motivo porque eles me estão a chamar. Quase nunca penso, também é porque eu não sou agressiva com ninguém e também não são comigo.

SUJEITO - Os pensamentos nunca costumam ser bons, não sei aleija-lo, dar pontapés.

SUJEITO 8 Há um certo tipo de bocas que têm limites, se me amandarem uma boca muito forte, aí eu também dou Não sei o que penso.

SUJEITO 9- Nas consequências no que pode acontecer, vejo que está mal. Acho que as pessoas não se devem andar a bater Acho que uma conversa serve mais do que andarem-se a bater.

#### PERGUNTA 5

SUJEITO 1- Não, tento afastar-me dessa pessoa para não arranjar problemas , ou então tenho que conversar com essa pessoa que é para eu me aclamar e desabafar.

SUJEITO 2- Às vezes sim, quando sinto que não consigo sair dali.

SUJEITO 3- Não me acontecem, mas se fosse eu acho que pedia ajuda aos meus pais, tenho uma boa relação com eles e eles ajudavam-me de certeza absoluta. Para que eles me ajudassem a resolver o problema de forma civilizada e não como o outro fez.

SUJEITO 4- Nunca tive numa situação dessas, eu ando sempre com colegas amigas, sou alegre. Se me agridem, ou eu respondo ou não ligo.

SUJEITO 5-Sou capaz de falar com a minha mãe, ou com alguns amigos, mas pedir ajuda, ajuda não.

SUJEITO 6- Não tenho sempre que resolver, porque se é comigo os outros não têm que se meter na conversa.

SUJEITO 7-Não peço, as coisas são comigo, não são com os outros, não têm nada a ver

SUJEITO 8- Só se os outros forem chamar alguém, por mim a conversa é com ele, somos só nós os dois e ninguém tem que se meter mas se ele for chamar os outros.

SUJEITO 9- Às vezes quando vejo que é mais velho do que eu e que aleija, peço porque está mal baterem-me.

## **PERGUNTA 6**

SUJEITO 1-Sim, costumo interferir, porque as pessoas talvez não se consigam defender e então eu peço.

SUJEITO 2- Eu costumo intervir, porque sinto pena das pessoas e não gosto de ver eles a baterem-se, para eles não se baterem.

SUJEITO 3- Se vejo que é uma coisa séria eu vou e ajudo, não ia deixar que eles se chateassem sem ir lá ajudar. Mesmo que não conhecesse não ia deixar de ir ajudar, isso aflige-me. Não gosto de ver as pessoas a darem-se mal.

SUJEITO 4- Se é uma colega eu tento saber porque é que estão a chamar nomes, se eu acho que ela tem razão eu defendo-a. Eu tento sempre ajudar, mas nem

sempre Há pessoas mais fortes do que eu e eu não me vou lá meter. Ajudar o outro ainda vá que não vá, agora meter-me dentro da situação.

SUJEITO 5- Não tenho hábito de intervir. Posso ajudar no que for preciso, só que há casos que devem ser resolvidos pelas próprias pessoas. Se eu achar que devo ajudar, faço, se devem ser as pessoas a fazer então eu não faço nada.

SUJEITO 6-Se eu puder ajudar ajudo, não é ir agredir mais , é separa-los.

SUJEITO 7-Se forem meus amigos, eu posso ajudar o meu amigo, mas normalmente eu não costumo meter-me em brigas, não gosto sou muito nervoso.

SUJEITO 8-Primeiro separo-o, se não der tento reagir de outra maneira, senão é pedir a alguém que os separe e eu vou falar com outro.

SUJEITO 9-Se alguém me pede eu ajudo.

## **PERGUNTA 7**

SUJEITO 1- Têm dificuldade em fazer amigos por isso mesmo. Qualquer coisa fazem logo tempestade num copo de água e por isso os amigos afastam-se, Afastam-se porque a maneira de ser é muito diferente, não se ajustam e para não se chatearem afastam-se.

SUJEITO 2- Acho que não fazem. Uma pessoa não se sente bem ao pé de alguém que está sempre a bater.

SUJEITO 3- Têm dificuldade em fazer amigos. São agressivos com eles e por isso perdem as amizades.

SUJEITO 4- Acho que as pessoas agressivas só gostam de andar com pessoas agressivas Se têm amigos é por pouco tempo, e é da mesma moeda que eles. Ou então se forem influenciados ficam iguais a eles.

SUJEITO 5-Não é bom ser amigo de alguém agressivo. Têm poucos.

SUJEITO 6-Não sei podem ter ou não. Acho que não têm tantos amigos como as pessoas calmas, porque como são agressivos os amigos deixam-nos para terem outros mais calmos.

SUJEITO 7-É conforme Há uns que querem ser populares, dar nas vistas.

SUJEITO 8-Têm amigos como eles agressivos também. E se têm um que não é agressivo, estão sempre a mandar vir com ele e assim ele torna-se agressivo também.

SUJEITO 9-Se forem amigos que são bons amigos, porque também há maus amigos e as pessoas agressivas não conseguem ter bons amigos. São amigos que os levam por maus caminhos e assim está mal, mais vale não ter amigos.

## **PERGUNTA 8**

SUJEITO 1- Tentam mostrar-se fortes, mas por dentro são como uma pessoa normal ou até mais fracos. Por dentro são sensíveis e escondem o que são. Talvez por medo não sei bem de quê Estão agredidos por traumas e inconscientemente têm medo de serem agredidos outra vez, então tentam ser fortes para que isso não aconteça.

SUJEITO 2-Pessoas fracas, que não pensam, estão a bater não sei bem porquê.

SUJEITO 3-Depende, há pessoas fracas que são agressivas são especialmente influenciadas. E há pessoas fortes que é mesmo por maldade por terem gosto em fazer aquilo , mas acho que são mais as fortes do que as fracas.

SUJEITO 4-Ao princípio podem ser fracas, mas querem-se armar em boas e em fortes NO fundo até podem ser boas pessoas , mas têm a mania que são não sei o quê.

SUJEITO 5- Normalmente são fortes, porque têm força e coragem, mas também podem ser pessoas assustadas e que fazem por ser fortes.

SUJEITO 6-São mais fracos porque tentam resolver as coisas a bem, vão logo para a agressividade.

SUJEITO 7-Costumam ser fortes para se saberem defender. Mas também há pequeninos que...

SUJEITO 8- São fortes porque já sabem que se têm que defender.

SUJEITO 9- Algumas fortes, outras fracas. Os fracos precisam de ter amigos maus para os ajudarem. Os fortes já são pela influência dos amigos, acham que são amigos bons e às tantas já não são.

## PERGUNTA 9

SUJEITO 1- Os professores não são de ferro, há sempre um limite de paciência em que há conflitos.

SUJEITO 2- Por vezes são agressivos .

SUJEITO 3-Eu acho que não, há uns que às vezes são um pouco agressivos.

SUJEITO 4-Eles ralham ou chamam a atenção.

SUJEITO 5- Há, mas depende muito do professor e do aluno. Os alunos sentem-se presos pelo professor e às vezes têm necessidade de se libertar e escolhem a agressividade. Depende de professor para professor, mas há muitos que são agressivos porque não encontram outra forma de controlar os alunos.

SUJEITO 6- Os professores são mais culpados que os alunos. Acho que fazem isso porque não têm outros meios de falar com os alunos.

SUJEITO 7-Acho que por vezes os professores são agressivos na maneira de falar, mandam bocas que também é violento.

SUJEITO 8-Os que têm comportamentos estranhos, depois os professores mandam logo para a rua e eles não gostam.

SUJEITO 9- Às vezes não gostam de ouvir as verdades e ameaçam logo que vão para a rua.

## PERGUNTA 10

SUJEITO 1- Nem sempre têm razão, há casos em que são injustos, não pensam o que é estar deste lado. Muitas vezes paga o justo pelo pecador. Para a rua vão sempre os mais agressivos, mesmo que toda a gente faça barulho.

SUJEITO 2-Acho que têm sempre razão porque já são pessoas que sabem o que querem e se estão a fazer isso é porque sabem. Acho que podem avaliar mal, que se podem enganar mas...

SUJEITO 3- Acho que normalmente são justos. Eles não devem ser agressivos mesmo que o aluno seja agressivo, eles não devem fazer o mesmo. Ele é que dá o exemplo.

SUJEITO 4 Pode acontecer que o professor embirra com os alunos e um dia, mal dispostos, e é o aluno que paga. Ou então viu alguém a conversar e confunde e manda nós para a rua.

SUJEITO 5-Os professores às vezes têm razão mas os alunos sentem-se injustiçados. Há professores que vêm chateados de casa e depois descarregam nos alunos de forma agressiva.

SUJEITO 6-Deviam ter mais calma e paciência para os alunos, é logo "rua", têm paciência para os mais calmos e não têm para os mais agressivos.

SUJEITO 7- Uns são compreensivos e outros não. Uns têm paciência para explicar e outros começam logo aos gritos.

SUJEITO 8- Uma vez fui para a rua e os outros é que estavam a conversar comigo. O professor avaliou mal.

SUJEITO 9- Umas vezes têm razão outras não. Os professores já têm uma ideia diferente, já sabem que não vale andar à tareia às vezes avaliam bem outras não às vezes dizem que não gostam de ouvir as verdades.

## EPISÓDIO CRÍTICO FERREIRA BORGES 7º 2ª

### SUJEITO 1-

1- Eu acho que tantos rapazes é uma cobardia, porque tantos contra um. Se ele não podia bater-se sozinho com o Rui ficava quieto no seu canto. Por parte do Rui eu acho que foi um desabafo, ele estava enfurecido e teve que descarregar em alguma coisa e talvez não querendo magoar alguém, magoou-se a si mesmo.

2- Não sei exactamente o que faria, mas não ficaria quieta.

### SUJEITO 2-

1-Acho que o outro nunca devia ter ido chamar mais colegas. É uma situação injusta e muito agressiva. O Rui deve ter-se sentido muito mal e magoou-se a ele próprio.

2- Eu nunca teria reagido assim, acho que não ia começar um conflito destes, há outras formas de nos entendermos.

### SUJEITO 3-

1- O Rui estava muito revoltado porque ele tem muitos problemas em casa com o pai e a mãe e então era muito agressivo também. Ele , para ele era o melhor, ele bate em todos, ele faz o que quer e lhe apetece, e o Rui era assim violento e muito agressivo, mas certas vezes, porque ele até é uma pessoa carente , ele necessita de carinho, já que não tinha o carinho dos pais. Ficava revoltado porque não tinha o carinho dos pais. , mas ao mesmo tempo era uma pessoa carente, queria que as pessoas gostassem dele e lhe chamassem a atenção. Eu falava com ele e defendia-o porque ele necessitava muito de carinho.

2-Eu sou diferente, penso que não reagia assim. Não sei não é meu costume, sou mais calma.

### SUJEITO 4-

1- Não sei, por não se poder revoltar contra ele talvez tivesse, talvez porque ele não podia bater em nenhum deles porque assim ainda comia mais, isso foi uma descarga de raiva por não se ter revoltado contra os outros e acabou por se ter revoltar ele próprio, que não tinha culpa nenhuma.

2-Provavelmente faria o mesmo se estivesse no lugar do Rui. Talvez tentasse defender-me ou ainda fugir. Não sei dependia da situação.

### SUJEITO 5-

1- Ele acho que foi injustiçado, sentiu-se revoltado e a maneira mais fácil que ele encontrou para libertar a sua revolta foi a agressividade. As pessoas quando se

sentem injustiçadas estão revoltadas podem é ter maneiras diferentes, ele encontrou esta agressividade que era o que precisava para se libertar.

2-Não sei , teria que estar por dentro do que aconteceu para lhe dizer. Talvez não tivesse permitido que tudo isto começasse.

#### SUJEITO 6-

1- Não sei o motivo que os levou a isso.

2-Eu tentava defender-me como pudesse, mas não ia dar cabeçada senão seria pior para mim.

#### SUJEITO 7-

1- Acho que ele ficou revoltado, que eram muitos contra ele sozinho, as pessoas da escola que viram não ajudaram nada e ele ficou sozinho, revoltado, cheio de fúria. Foi num jogo de futebol, ele começou a refilar com outro da equipa, conhecia uns aqui à volta e chamou os amigos dele. Acho bastante sacanagem, se era com ele , ele é que tinha que resolver.

2-Eu acho que resolvia sozinho a situação. Não está correcto chamar pessoas para ajudarem.

#### SUJEITO 8-

1- Foi num jogo, uns estavam sempre a meter falta e o árbitro não via, o Rui não gostou e virou-se ao outro e de repente saltam uns das bancadas e tentam bater no Rui e no dia seguinte eles foram lá e o Rui nervoso bateu com a cabeça numa coisa. No dia seguinte o Rui trouxe gente, amigos dele.

2- Eu também sou calmo e eu sou nervoso, mas às vezes sou calmo e calo-me para não arranjar confusões, eu não gosto mesmo da confusão. Se eu visse que ele estava mesmo a abusar eu dizia: "Vê lá se tens calma pá " mas se começássemos a discutir, já era mais complicado.

#### SUJEITO 9-

1- Eu acho que andaram à tareia , mas foi lá na escola e não havia motivos para chamarem outros porque está mal serem 5/ 6 contra um. Ele estava revoltado e não se podia vingar em ninguém e se calhar achou melhor descarregar as suas forças e os seus nervos no placard.

2-Não sei o que faria, mas acho que talvez não andasse à tareia. Não gosto disso. Não sei como reagia. Também acho que não me metia.

#### 1.4. FERREIRA BORGES 7º ANO 3ª

##### PERGUNTA 1

SUJEITO 1- Talvez por terem sido mimados quando eram pequenos, também sou assim.

SUJEITO 2-Pelo desemprego, e depois para sobreviver são agressivos Vão atrás dos pais, vêem o que eles fazem e depois fazem também.

SUJEITO 3-Quando os provocam podem estar nervosos, ser nervosos.

SUJEITO 4-Os pais não lhes dão o que eles merecem, não os tratam com carinho Eles sentem-se mal e depois querem seguir o que os pais fazem.

SUJEITO 5-É por causa da infância. Porque os pais se calhar tratavam mal os filhos, viveram mal, passaram fome, moravam em casas pré-fabricadas. As pessoas depois começam a ficar más.

SUJEITO 6- por não terem bom ambiente em casa, por verem os pais à zanga começam a ficar revoltados, pelo menos eu.

SUJEITO 7-Por causa da educação, porque se os pais brigam, os meninos depois estão revoltados claro. Por causa da educação e da inveja, das pessoas terem e eles não terem.

SUJEITO 8-É conforme a pessoa também. Deve ser o relacionamento com os pais, tem influência especialmente na infância. A criança fica no meio dos conflitos, ela vai ficar traumatizada ao nível psicológico. Ficarà mais agressiva por isso.

SUJEITO 9- Porque são parvos de fazê-lo.

SUJEITO 10- Por terem inveja umas das outras.

SUJEITO 11-Não tiveram boa educação, é também conforme os bairros. Depois vêem para a escola e se há gente desses bairros ficam assim também. Os dos bairros têm a mania de que são não sei bem o quê.

## PERGUNTA 2

SUJEITO 1- Têm inveja dos outros, ciúmes dos irmãos.

SUJEITO 2- Há uns que têm mais educação do que outros.

SUJEITO 3- Pode ser da timidez, são menos agressivos, eu sou assim.

SUJEITO 4- Há uns mais calmos e outros que são mais nervosos, são características pessoais.

SUJEITO 5- É o feitio das pessoas.

SUJEITO 6- Pode ser dos problemas familiares e das más companhias. As não agressivas podem não ter más companhias, ter boas relações familiares.

SUJEITO 7- Depende já das pessoas. Há pessoas mais calmas e outras menos.

SUJEITO 8- Uns são agressivos que é para se armarem em bons e em maus e ganharem popularidade na escola. Ganham fama de maus e isso é uma popularidade parva.

SUJEITO 9- Uns podem ter problemas na rua, e andarem sempre na rua e andarem só a roubar.

SUJEITO 10- Não faço a mínima ideia.

SUJEITO 11- Se os pais dão muita liberdade, não lhes dão educação, passam a vida na rua tornam-se agressivos. Fazem o que querem e os pais não dizem para não fazerem isso

## PERGUNTA 3

SUJEITO 1- Defendo-me.

SUJEITO 2- Às vezes fico enervada, outras vezes não ligo. Fico a tremer e depois fico a chorar.

SUJEITO 3- Sou agressiva também com eles. Falam mal comigo e eu também sou agressiva Mas já aconteceu andarmos à pancada.

SUJEITO 4-Eu fico calada e quando estou chateada também começo a lutar que é para não me chatearem. Se são pessoas que eu tenho muito respeito eu fico calada, senão digo "Não me chateies pá".

SUJEITO 5- Tento acalmá-lo.

SUJEITO 6-Tento manter a calma quando não consigo expludo, começo a fazer coisas que não devo perco a calma, sei lá começo a bater-lhes.

SUJEITO 7-Às vezes fico calmo e não ligo, outras vezes enervo-me, se me chamam nomes eu não vou deixar assim.

SUJEITO 8-Com um corpo como o meu ou menos desenvolvido eu digo para ele estar quieto, agora se fôr da minha idade que se começa a meter comigo, sou capaz de me atirar a ele.

SUJEITO 9-Não faço nada, chamo-lhe nomes porque eles me batem. Só bato às vezes.

SUJEITO 10-Defendo-me.

SUJEITO 11- Se tenho hipóteses viro-me a ele senão fujo.

#### **PERGUNTA 4**

SUJEITO 1- Penso que é uma situação péssima e no que devo fazer.

SUJEITO 2- Não devia ser nervosa porque eu não faço nada para me baterem.

SUJEITO 3- Se ele é mau para mim eu também vou ser.

SUJEITO 4- Que são parvos.

SUJEITO 5- Não penso, fico nervoso por isso não penso.

SUJEITO 6- Não sei só sei que me enervo e tudo o que vir à frente vai pelos ares Sinto pena de alguns acho que não lhes devia ter feito aquilo.

SUJEITO 7- É difícil, penso no que pode acontecer depois.

SUJEITO 8- Se fôr com razão eu deixo falar, se fôr sem razão digo para ir dar uma volta. Penso que são parvos.

SUJEITO 9- Não penso não lhes dou trela, penso que não devia ser.

SUJEITO 10- Não responde.

SUJEITO 11- Fico um bocado nervoso, agora já não, quando era mais pequeno tinha medo de ser atacado. Antes começava logo a tremer.

#### **PERGUNTA 5**

SUJEITO 1- Costumo, às amigas, porque convivo com elas e elas arranjam-me uma solução Porque estou numa situação péssima e para não ficar aflita vou desabafar com um colega e peço ajuda.

SUJEITO 2- Peço aos que estão ao pé de mim, vejo que não sou capa, que estou sozinha e peço ajuda.

SUJEITO 3- Quando é preciso peço se fôr mais velho do que eu e eu sei que não consigo, peço ajuda.

SUJEITO 4- Resolvo sozinha ou ficam por resolver.

SUJEITO 5- Não peço.

SUJEITO 6- Normalmente resolvo tudo sozinho.

SUJEITO 7- Às vezes quando eles não param, quando era mais novo eu pedia , agora já não preciso, eu trato das minhas coisas e pronto.

SUJEITO 8- Se vir que não tenho hipóteses sou capaz de pedir ajuda. Se eles chamam amigos eu também chamo quando é da minha idade.

SUJEITO 9- Peço ajuda às vezes ao meu irmão.

SUJEITO 10- Não, resolvo sozinho.

SUJEITO 11- Não, não vale a pena pedir ajuda a ninguém, eles não fazem nada as pessoas também têm medo.

## PERGUNTA 6

SUJEITO 1- Ajudo porque é mau ver que há colegas minhas que estão mal e isso.

SUJEITO 2- Tento ajudar, tento separa-los às vezes levam-se umas pancadas pelo meio.

SUJEITO 3- Sim, vou separar porque não é à pancada que se resolve deviam conversar

SUJEITO 4- Às vezes vou ajudar, porque eu acho que está mal as pessoas baterem-se umas nas outras.

SUJEITO 5- Ajudar a pessoa , separa-las.

SUJEITO 6- Tento separar.

SUJEITO 7- Ajudo-o a resolver o assunto.

SUJEITO 8- Sim , eu digo aos outros para estarem quietinhos.

SUJEITO 9- Separo-os, quando eles vêem que me estão a bater também me protegem.

SUEJITO 10- às vezes fico , porque senão posso ficar também na luta.

SUJEITO 11- Vou porque são meus colegas e eles também me ajudam.

## PERGUNTA 7

SUJEITO 1- Não fazem amigos com facilidade. Nunca tive nenhum amigo assim.

SUJEITO 2- Não têm amigos, porque são agressivos e depois as pessoas olham para eles e não gostam.

SUJEITO 3- Não porque são pessoas más companhias.

SUJEITO 4- Geralmente têm amigos, mas também são assim agressivos. Têm a mesma espécie de feitio. Há uns que são muito amigos mas afinal são muito amigos.

SUJEITO 5- Não porque andam sempre à briga com os amigos e depois eles deixam de ser amigos.

SUJEITO 6- Às vezes podem ter amigos, mas más companhias, porque se fôr má companhia é que quer andar com ele.

SUJEITO 7- Têm, eu também tenho amigos agressivos, eles são más companhias, mas podem ser amigos na mesma.

SUJEITO 8- Têm outros que também são agressivos, uma pessoa agressiva não se vai dar com uma pessoa calma, não tinha sentido.

SUJEITO 9- Não algumas.

SUJEITO 10- Têm amigos agressivos.

SUJEITO 11- Quando são ainda novos têm amigos, mas é porque têm medo deles. Mas quando forem maiores ninguém os quer.

## PERGUNTA 8

SUJEITO 1- Fracos, põem-se assim para ver se conseguem ter mais força e ser mais fortes e para não mostrarem medo.

SUJEITO 2- Alguns são fortes e outros são fracos. Algumas têm mais força para ser agressivas e outras não, não gostam de bater nas pessoas.

SUJEITO 3- Fortes, pelo jeito de falar e de se meter com as pessoas vê-se que são fortes.

SUJEITO 4- São fortes porque são agressivos, têm jeito para isso, é preciso ter alguma coragem.

SUJEITO 5- Fortes , andam sempre a bater nos outros.

SUJEITO 6-Fracos porque se deixam levar pelas más companhias, fazem tudo o que lhes mandam.

SUJEITO 7- Fraco ou forte não conta , é conforme o tipo dele.

SUJEITO 8- Podem ser agressivos, psicologicamente e corporalmente nã, há uns que têm a mania que são fortes porque têm amigos .

SUJEITO 9- Fortes.

SUJEITO 10- Fortes porque se armem em bons.

SUJEITO 11- Não tem nada a ver. Eu conheço um magrinho que pela aderência da chunga podia fazer medo.

## **PERGUNTA 9**

SUJEITO 1- Costuma haver agressividade.

SUJEITO 2- Alguns são agressivos, outros não.

SUJEITO 3- Às vezes são agressivos.

SUJEITO 4- Os meninos queridos tratam-nos bem, mas os outros não.

SUJEITO 5- Às vezes sim, outras vezes não.

SUJEITO 6- Depois de um dia exausto, os professores ficam mais agressivos.

SUJEITO 7- Às vezes são.

SUJEITO 8- Nunca vi, serem agressivos.

SUJEITO 9- Sim, mais verbal.

SUJEITO 10- Sim, quando falamos muito os professores mandam para a rua.

SUJEITO 11- Normalmente são agressivos.

## PERGUNTA 10

SUJEITO 1- Os professores mandam para a rua quando não estamos a fazer nada.

SUJEITO 2- Às vezes não avaliam bem. Às vezes estão de costas não vêem quem é que está a falar e acusam os outros. Não ouvem a nossa opinião.

SUJEITO 3- Têm sempre razão. Às vezes podem não ter , mas a maior parte das vezes têm razão. Os alunos merecem.

SUJEITO 4- Às vezes têm preferência por uns e depois os outros não tratam tão bem como aqueles que preferem.

SUJEITO 5- Pode estar a fazer barulho e o professor pensa que é o outro e de pois ralha com o outro.

SUJEITO 6- Às vezes somos nós que falamos e o professor manda-nos para a rua Nessas alturas o professor não vê, não pode estar a avaliar Manda um em vez do outro Às vezes manda injustamente. Claro que dão sempre razão aos professores.

SUJEITO 7- Mandam para a rua gritam, os professores querem vingar-se.

SUJEITO 8- Às vezes a pessoa não tem culpa de nada e metem na rua. Há um engano.

SUJEITO 9- Quando vêm saturados têm menos paciência. Aos que fazem sempre estragos, o professor manda sempre para a rua , mas se há um aluno calmo que um dia faz estragos, o professor não manda para a rua.

SUJEITO 10- Às vezes não avaliam bem.

SUJEITO 11- Há uns que são justos e outros que não. Às vezes o professor vê mal e em vez de mandar um para a rua manda o outro.

### EPISÓDIO CRÍTICO 7º 3ª

#### SUJEITO 1-

1- Passou-se na aula, ela meteu-se com a Rute, ela não gostou, ela avisou-as ela não ligou e chegou-se ao pé de nós e pôs-se a dizer coisinhas. A Rute foi atrás dela. Acho que por um lado foi a Rute que teve razão, porque a Carla é que se pôs na brincadeira com a Rute, e não foi bem brincadeira, eu sei bem o que ela disse. Foi um bocado mau porque a Carla nunca mais apareceu na escola.

2- Não sei, tentava falar melhor, pedir desculpas e voltar ao princípio.

#### SUJEITO 2-

1- Nós estávamos à conversa entre a Rute e umas amigas e ela não tinha nada que se meter, se ela não se metesse a Rute também não lhe batia. Depois a Rute também avisou, ela não quis saber, a Rute ficou nervosa e depois pronto. Acho que foi a Rute que teve razão porque a Carla não tinha nada que se meter. Ela podia ter reagido de outra maneira, falava com ela, não devia ter-lhe batido, falava com ela.

2- Eu não ligava, tentava ir ao pé dela, para ela não estar a refilar e se ela meteu-se pronto, meteu-se. Depois tentava falar com ela a dizer que não gostava que ela se metesse onde não era chamada.

#### SUJEITO 3-

1- Acho que ela fez muito mal, não devia resolver logo à pancada, devia ter ido falar com ela. Porque depois ela ficou com problemas de vir à escola porque muitas pessoas viram.

2-Também lhe batia. Eu não perdia a minha escola por causa dela.

#### SUJEITO 4-

1- Até certo ponto achei bem. Porque a Rute é autoritária, muito agressiva, quando que dar dá mesmo. E a Carla era nova e armou-se em boa e disse coisas que a Rute não gostou e deu-lhe. Ela no final deixou-a ir para casa, mas ela armou-se em campeã e meteu-se outra vez com ela. A Rute ficou furiosa e deu-lhe. Acho que está mal a Rute ter-lhe batido daquela maneira. Ela ficou tão assustada que não apareceu mais na escola. Nem uma nem outro tem razão. Porque a Carla não devia ter feito o que fez a armar-se em boa para a Rute, e a Rute também não devia ter batido daquela maneira.

2- Eu não tinha feito aquilo que ela fez, porque a Rute quando dá , dá mesmo. É agressiva.

#### SUJEITO 5-

1- Eu não vi o que aconteceu mas ouvi falar. Acho que sim que ela ficou com vergonha de gozarem com ela e não veio mais À escola. Não sei a Rute disse qualquer coisa, e a outra disse-lhe para pôr uma tampa de uma garrafa na boca, e depois lá fora bateu-lhe. Achei muito agressivo. Eu acho que era a outra que tinha razão.

2-Não sei, acho que não teria sido tão agressivo.

#### SUJEITO 6-

1- Acho que ela até estava a merecer. Armada em boazona, acho que estava a merecer, falávamos com ela a bem e ela começava logo com coisas. Não é flor que se cheire. Acho que foi a Rute que tinha razão, porque ela não tinha nada de a estar a provocar, e a Rute, também como não é fácil...

2- Talvez me tentasse defender, esta não conseguiu defender-se,

#### SUJEITO 7-

1- Não sei bem porque começaram logo à pancada. Se calhar ela não vem à escola , não tem a haver com isso. Nenhuma, no meio da sala começaram a chamar-se nomes e lá fora acabaram.

2- Não tinha acontecido assim. Não teria feito o mesmo que elas. Talvez tivesse mais calma.

#### SUJEITO 8-

1- Essa colega disse à Rute: Se tu não te calas meto-te uma rolha de uma pipa pela boca fora. A Rute toda enervada com ela, mete-se assim a pica-la que era para ver o que é que ela dizia mais. A outra também começou a provocar a Rute. Eu nem vi a Rute a dar nela. A Rute começou a falar e a dar bocas, a Rute dá-lhe um estalo e começam à porrada. A Rute Às tantas amanda coma cabeça dela pelo autocarro e depois vai-se embora nunca mais cá vei. Acho que foi pela humilhação. Acho isso parvo andarem À porrada por causa das bocas, mas isso acontece. A Rute, porque a Rute estava na brincadeira com ela e ela depois é que ofendeu a Rute. A Rute não tem papas na língua, também já andou À porrada duas ou três vezes com raparigas.

2-Iso não, eu e o Rapozo como já somos amigos à muito tempo nunca andamos À porrada, mas se não dá-se desprezo que é para não andarmos À pancada e às duas por três ela sente-se aparvalhada e cala-se.

SUJEITO 9-

1- Acho bem, então ela começou a chamar nomes, a Carla à Rute. Fez bem em ter batido. Ter deixado de ir à escola é problema dela, teve vergonha.

2- Eu não chamo nomes às pessoas.

SUJEITO 10-

1- Acho que ela nunca mais veio aqui. Teve medo que os outros lhe voltassem a bater. Não sei quem tinha razão. Só sei que não deviam ter andado à luta.

2- Voltava à escola.

SUJEITO 11-

1-A Rute não é agressiva, mas ela gosta de bater e falar alto, mas é para chamar a atenção dos outros é para se armar. Então ela deu umas bocas na aula de ciências, ela chateou-se e amandou-a contra o autocarro ali à frente de toda a gente, ela ficou envergonhada e nunca mais pôs os pés na escola. Nenhuma tinha razão, pareciam duas crianças.

2- Se eu fosse a outra rapariga eu também em virava à Rute.

**ANEXO IV**

**CATEGORIZAÇÃO DAS RESPOSTAS**

## 1. CATEGORIZAÇÃO DAS RESPOSTAS

São apresentadas para cada pergunta as unidades de discurso dos sujeitos retiradas do texto por parecerem significativas do conteúdo da resposta. Estas são categorizadas pelas várias categorias formadas a partir do discurso dos sujeitos..

### PERGUNTA 1

#### *Patronato Cristo Rei*

- 1- Não têm educação - A
- 2- A pessoa faz coisas que os outros não gostam - D
- 3- Há uns que são maus, ficam revoltados, começam com a agressividade - B
- 4- Não gostam como as outras pessoas são - B
- 5- Por maldade - B
- 6- Chateiam-se, irritam-se e começam-se a bater - D
- 7- Há meninos que só dizem asneiras e nós enervamo-nos e batemos-lhes - D
- 8- Porque se zangaram, pedem para brincar e os outros não deixam - D  
São mal educados - A
- 9- Quando me batem eu também bato - D
- 10- Porque os outros às vezes batem e fazem mal e começam-se a bater e isso - D

#### *Grão Vasco*

- 1- Não gostam dos outros, são maus - B
- 2- Acho que é porque ele tem tanta coisa que faz o que quer - B
- 3- Porque não gostam dos outros - B
- 4- Não gostam das outras pessoas - B  
Acham que elas fazem asneiras e gozam com elas e fazem asneiras para as pessoas olharem mais para eles - D
- 5- Porque estão furiosos - B
- 6- Lá por um ofender o outro não devia ofender também. - D
- 7- Não pensam no que fazem, são maus assustados - B
- 8- Porque as pessoas chateiam-nos - D  
Não gostam dos outros são burros e batem-lhes - B
- 9- Os pais não dão educação - A
- 10- Só batem porque alguém faz mal um ao outro - D

*Ferreira Borges 7º 2ª*

- 1- Por terem sido mimados - A
- 2- Pelo desemprego, vêm-se aflitas e para sobreviver são agressivas - C
- 3- Quando os provocam - D  
Podem ser nervosos - B
- 4- Os pais não lhes dão o que eles merecem - A
- 5- É por causa da infância - A
- 6- Por não terem bom ambiente em casa - A
- 7- Por causa da educação - A  
e da inveja - B
- 8- É conforme a pessoa - B  
Deve ser o relacionamento com os pais - A
- 9- Porque são parvos de fazê-lo - B
- 10- Por terem inveja - B
- 11- Não tiveram boa educação, conforme os bairros - A

*Ferreira Borges 7º 3ª*

- 1- Pela falta de calma das pessoas - B  
Pela maneira de ser - B  
Pela infância , pela vida em casa - A  
Se não têm afecto são mais agressivas - A
- 2- Ou não estão bem ,ou têm gosto em bater, porque têm algum problema - B
- 3- Porque têm problemas, alguns em casa - A  
Têm vontade de ser agressivos - B
- 4- Por terem problemas com os familiares - A  
Serem agressivos de si mesmos - B  
Gostar muito de fazer mal - B
- 5- Há uma certa revolta dentro deles e precisam de meter cá para fora - B  
Também porque não têm liberdade e a maneira mais fácil é pela agressividade. - C
- 6- É da educação e do ambiente em casa - A  
E dos amigos - C
- 7 - É também do exemplo dos pais - A  
Podem ser influenciados pela T.V. - C
- 8- Têm problemas em casa, vêm os pais - A
- 9- Uns já têm problemas em casa, pensam que o mundo é assim - A

## PERGUNTA 2

### *Patronato Cristo Rei*

- 1- Boa educação - A
- 2- Uns portam-se bem e outros mal - D  
Uns pais dão educação e outros não - A
- 3- Pessoas más e revoltadas - B  
Quando pequenas batiam nelas - C
- 4- Não gostam de ser bem comportados, querem fazer o que os pais gostam - D
- 5- Pais batem e eles também - A
- 6- São amigos, ou não são amigos - B
- 7- Ouvem os pais - A
- 8- Pais que educam mais do que outros - A
- 9- Maus, bons - B
- 10- Uns são bem educados os outros são mal educados - A

### *Grão Vasco*

- 1- Não ligam à educação fazem o que não devem - A
- 2- Há bulhas , brigas e a pessoa aprende - C
- 3- Talvez não andem na escola os pais não lhes ensinam - A
- 4- Uns querem ser mais populares e outros acham que sendo caladinhos são populares - D
- 5- Porque os pais não ensinam bem - A
- 6- Uns são pouco porque os pais não deixavam ver os filmes com as pistolas - C
- 7- Os pais não dão educação como deve ser - A  
Querem ter agressividade para se defender no futuro.
- 8- Uns acham que não devem fazer asneiras - D
- 9- Não pensam antes de fazer as coisas - B
- 10- Se calhar não são tão bons como os outros - B

### *Ferreira Borges 7º 2ª*

- 1- Somos nervosos / não somos - B  
Falta de carinho - A  
Pais rígidos / não rígidos - A  
Mais mimados / Não mimados - A
- 2- Problemas em casa - A  
Com colegas, podem não gostar do que dizem - C
- 3- Ambiente , família - A
- 4- Não têm apoio, pais borrifam-se - A

- 5- Maneira de ser mais calma - B  
As sozinhas, as que têm amigos - C
- 6- Depende da maneira como os tratam - C
- 7- Tendência para ser agressivo ou não - B
- 8- Sem confusões em casa - A  
Moram em bairros - C
- 9- Pensam que se resolve à tarefa - D

*Ferreira Borges 7º 3ª*

- 1- Inveja e ciúmes - B
- 2- Mais ou menos educação - A
- 3- Timidez, menos agressiva - B
- 4- Há uns mais calmos e outros nervosos, características pessoais - B
- 5- Feitio - B
- 6- Problemas familiares - A
- 7- Mais calmas / menos calmas - B
- 8- Armarem-se em bons e em maus pela popularidade - D
- 9- Andarem sempre na rua - C
- 10- Não sei
- 11- Pais dão muita liberdade , não dão educação - A

### **PERGUNTA 3**

*Patronato*

- 1- Chamo nomes - A  
Não ligo - C
- 2- Digo À professora - B
- 3- Às vezes vamos na tentativa de bater - A
- 4- Se me chamam nomes eu também chamo - A  
Digo a alguém para meter de castigo - B  
Quando me batem eu também bato - A
- 5- Às vezes também bato - A  
Vou dizer às pessoas, digo para ele ser castigado - B
- 6- Dizer às educadoras para que elas ralhem
- 7- Aviso-o - D  
Bato-lhe - A  
Chamo-lhe nomes - A
- 8- Viro as costas - C  
Também digo que se ele é mais forte do que eu não, porque senão eu fico magoado - A
- 9- Vou dizer à professora, ela mete de castigo - B
- 10- Também lhes digo nomes e bato, mas depois eu peço desculpa. - A/ D

*Grão Vasco*

- 1-Que está a dizer o que não devia - D
  - Não ligo nenhuma - A
  - Quando nervosa vou lá bater-lhe
- 2-Fico nervosa, dou um pontapé - A
  - Bato logo - A
- 3-Também bato - A
  - Digo às empregadas -B
- 4-Chamo as empregadas -B
  - Tenho que ser agressiva - A
  - Dou pontapés estaladas - A
- 5-Não bato, mas digo asneiras - A
- 6-Protejo-me, chamo nomes, batendo também A
- 7- Não ligo, viro as costas, vou-me embora C
- 8-Se fôr pequeno digo só para Ter cuidadinho -D
  - Se fôr maior, tenho que chamar nomes e bater - A
- 9- Às vezes bato, às mais maiores sim, aos mais pequenos não. A
- 10- Às vezes não ligo porque posso fazer uma grande asneira que não devo -C
  - Quando me batem eu também bato. A

*Ferreira Borges 7º 2ª*

- 1- Conversar, acalmar o outro - D
  - Quando estou no limite nem sei o que faço - A
- 2- Falar e dizer para não serem assim - D
- 3- Não ligo a provocações - C
  - Tento ajuda-los - D
  - Eu não dou resposta, oiço e fico quietinha - C
- 4- Posso não ligar - C
  - Responder - A
- 5- Temos que compreender a forma de ser - D
  - Fico um bocadinho sentida, não ligo - C
  - Penso porque é que teve que ser assim - D
- 6- Não se pode deixar baterem à vontade. Depende da maneira como bater - A
  - Por vezes não ligo - C
- 7- Também o agrido se não quer falar - A
  - Mando-o embora mas...- D
- 8- Eu também respondo - A
- 9- Quando estou na boa até ignoro as coisas - C
- 10- Eu viro-me também - A

*Ferreira Borges 7º 3ª*

- 1- Defendo-me A
- 2- Fico enervada, tremer, chorar - C
- 3- Sou agressiva também com eles - A
- 4- Quando chateada também começo a lutar - A  
Fico calada - C  
Não me chateies pá - A
- 5- Tento acalma-lo - D
- 6- Tento manter a calma - D  
Quando não consigo expludo, bato - A
- 7- Às vezes fico calmo e não ligo - C  
Se me chamam nomes , não deixo assim - A  
Outras vezes enervo-me
- 8- Se fôr da minha idade viro-me a ele - A  
Se fôr mais pequeno digo para estar quieto - D
- 9- Não faço nada - C  
Chamo-lhe nomes - A  
Só bato às vezes - A
- 10- Defendo-me - A
- 11- Se tenho hipóteses viro-me a ele - A  
Fujo - C

**PERGUNTA 4**

*Patronato*

- 1- Que me aleijei ,tenho dores, não posso andar - F
- 2- Que podiam ser melhores , ser amigos, não bulhar - E
- 3- Que vou ter um comportamento menos bom do que o que costumo - D
- 4- Que querem andar atrás de nós e não estar com as outras pessoas - C
- 5- Que são mal educados - C
- 6- Fico aborrecido e chateado - A  
Não devia ser assim é uma ofensa - E
- 7- Que o menino devia estar algumas vezes de castigo e algumas vezes ao ar livre - D
- 8- penso que também deve ser mau para ele - D
- 9- Que lhe vou bater - D
- 10- Que foi o coração que mandou, que podem estar arrependidos - C

*Grão Vasco*

- 1- Não gostam de mim, porque não são meus amigos - C
- 2- Fico furiosa - A
- 3- Que o que ele fez não está bem, que vai pelo caminho do mal - E

- 4- Que não devia ser assim. Jesus também era amigo de todos, se batem é porque são maus - E
- 5- Dá-me raiva - A  
Apetece-me estrangula-lo, bater-lhe - D  
Digo que para a próxima não fazes - D
- 6- Que me vai fazer mal, bater nos colegas, vai fazer mal - F
- 7- Que lhe devo avisar que é para ele estar bem avisado - D
- 8- Quando me enervo bato - D  
Que devia ser o contrário, devia haver paz sermos amigos - E
- 9- Não sei (Não responde)
- 10- Que está a ser mal educado para mim , que fazem brincadeiras que não se devem - E

*Ferreira Borges 7º 2ª*

- 1- É uma pessoa que não quer conversar e não vale a pena insistir - C
- 2- Que ele deve ser maluco - C
- 3- Porque as pessoas são assim ? - E  
Porque está a ser tão agressiva - E
- 4- Que podia não ser assim - E
- 5- Porque foi assim, porque não se podia falar calmamente - E
- 6- Quase nunca penso - B
- 7- Os pensamentos não são bons não sei dar pontapés, aleijá-lo - D
- 8- Não sei o que penso, se forem bocas fortes aí também dou - D
- 9- Nas consequências, no que pode acontecer - F  
Acho que as pessoas não se devem andar a bater - E  
Acho que uma conversa serve mais do que andarem-se a bater. - E

*Ferreira Borges 7º 3ª*

- 1- Penso que é uma situação péssima e no que devo fazer - D
- 2- Não devia ser nervosa porque eu não faço nada para me baterem - A
- 3- Se ele é mau , também vou ser - D
- 4- Que são parvos - C
- 5- Não penso, fico nervoso e não penso - A / B
- 6- Enervo-me e tudo o que vir à frente vai, não sei - A / D  
Sinto pena de alguns, acho que não devia ter feito isso - E
- 7- Penso no que pode acontecer depois - F
- 8- Digo para ir dar uma volta - D  
Penso que são parvos - C  
Não digo nada - B

9- Não penso, não lhes dou trela - B

Penso que não devia ser - E

10- Não responde

11- Fico um bocado nervosos, quando era pequeno tinha medo de ser atacado - A

## PERGUNTA 5

### *Patronato*

- 1- Digo às educadoras - B1 - Porque elas resolvem o problema. Às vezes não consigo sozinha
- 2- As educadoras ou à professora - B1 - Porque eu não gosto de bater
- 3- Peço às minhas amigas porque eles me aleijam - B2 Porque são fortes e são minhas amigas e gostam de me defender
- 4- As minhas amigas - B2 - Eu não sou suficiente, estou mais acompanhada com os amigos do que sozinha
- 5- Digo à minha professora. B1 Porque eu não consigo sozinha.
- 6- Quando são muitos chamo alguns, digo às educadoras fujo para ao pé delas - C
- 7- Eu não peço - A - Porque senão o outro vai chamar mais
- 8- Peço - B4 - Porque estou sozinha são muitos contra mim.
- 9- Não - A - resolvo sozinho
- 10- Sim. Tenho um colega que me ajuda sempre - B2

### *Grão Vasco*

- 1- Quando é necessário posso chamar uma empregada - C - Para que o menino não me continue a aleijar. A empregada põe de castigo ou diz para o menino não me aleijar mais.
- 2- Peço ajuda. - B4 - quando são muitos e são fortes
- 3- Quando é uma situação grave e muitos contra mim - B4 - Porque não consigo, porque eu sou só uma.
- 4- Sim às amigas e empregadas - B1 / B2 - Peço para me ajudarem a defender-me.
- 5- Sim às empregadas - B1- Porque são muitos e não consigo sozinha
- 6- Sim - B4 - Para nos ajudarem a bater nos outros
- 7- Sim se forem maiores - B4
- 8- Nem por isso. Acho que consigo fazer sozinho - A
- 9- Não. Acho que resolvo sozinho - A
- 10- Quando são muitos peço às empregadas C - Elas põe os meninos de castigo.

### *Ferreira Borges 7º 2ª*

- 1-Não- A - tento afastar-me para não haver problema ou converso para desabafar e acalmar.
- 2- Às vezes sim -C - Porque sinto que não consigo sair dali

- 3- Talvez aos meus pais - B3 - Ajudavam-me a resolver de maneira civilizada e não como o outro fez.
- 4- Não, nunca tive nessas situações -A - Sou alegre, se me agridem ou eu respondo ou não ligo.
- 5- Ajuda não - A - Sou capaz de falar com a minha mãe ou amigas
- 6- Não - A - Tenho que resolver eu, os outros não têm que se meter na conversa
- 7- Não peço - A - As coisas são comigo e não com os outros. Não têm nada a ver.
- 8- Só se os outros forem chamar alguém - C - Se é com ele , somos só nós dois e ninguém tem que se meter
- 9- Às vezes quando vejo que é mais velho do que eu. Peço porque está mal baterem-me - C

*Ferreira Borges 7º 3ª*

- 1- Sim, costumo às amigas quando estou aflita - B2 - Elas arranjam uma solução. Vou desabafar, peço ajuda.
- 2- Peço aos que estão ao pé de mim. - B - Vejo que não sou capaz , que estou sozinha
- 3- Quando é preciso, se fôr mais velho - C - Eu sei que não consigo
- 4- Resolvo sozinha ou fica para resolver - A
- 5- Não peço - A
- 6- Resolvo tudo sozinha - A
- 7- Agora já não, quando era mais novo pedia - A - Eu trato das minhas coisas
- 8- Sou capaz de pedir - C - Se vejo que não tenho hipóteses. Se ele chamar amigos eu também chamo
- 9- Peço às vezes ao meu irmão - C
- 10- Não resolvo sozinho - A
- 11- Não - A - Não vale a pena elas não fazem nada, as pessoas também têm medo

**PERGUNTA 6**

*Patronato*

- 1- De vez em quando , quando estão a bater eu digo às educadoras , ralho. -C
- 2- Separo e se não quiserem chamo uma pessoa adulta -A
- 3- Sim, digo que não devem ser assim, assim não gostamos dele - A
- 4- Sim, porque gosto dessa pessoa e essa pessoa gosta de ter amigos - A
- 5- Às vezes separo-os e vou dizer às educadoras - C
- 6- Vou separar, para fazerem as pazes e não haver lutas -A
- 7- Separar os dois , depois de saber da culpa digo à educadora -A
- 8- Ajudo, digo para não ligarem ao que estão a dizer , ou digo à educadora para eles não se magoarem mais. A
- 9- Vou porque é meu amigo, vou tentar defendê-lo - A
- 10- Vou separa-los, porque podem ficar aleijados - A

*Grão Vasco*

- 1- Às vezes, não faço muito isso porque são intronetidas na briga deles, mas quando não suporte vou lá e digo para pararem - C
- 2- Às vezes se forem muitos tenho que pedir ajuda a alguém - C
- 3- Quando acho, ajudo os que têm razão. - A
- 4- Ajudo, é chato a pessoa esta só sem amigos, por isso eu ajudo - A
- 5- Vou separar porque acho que estão a fazer a coisa errada, não gosto de ver as pessoas à luta, porque podem aleijar-se A
- 6- Acho que é delicado, que devo protegê-lo do menino maior - A
- 7- De vez em quando , quando as crianças maiores estão a bater no miúdo. C
- 8- Sim, acho que têm o direito de ajuda -A
- 9- Às vezes, outras vezes fico a olhar - C
- 10- Vou chamar as empregadas, elas sabem o que fazer - A

*Ferreira Borges 7º 2ª*

- 1- Sim. Porque as pessoas talvez não se consigam defender - A
- 2- Sim, intervenho Porque tenho pena, não gosto de ver as pessoas a baterem-se. Para não se baterem - A
- 3- Se é sério vou e ajudo. Não vou deixar que eles se chateassem sem ajudar. Aflige-me. Não gosto de ver as pessoas a darem-se mal. -C
- 4- Se acho que tem razão defendo-a - C  
Tento sempre ajudar, mas se há pessoas mais fortes do que eu, não vou. Ajudar o outro ainda vá, agora meter-me dentro da situação não.
- 5- Não tenho o hábito de intervir. Há coisas que devem ser resolvidas pelas próprias pessoas. C
- 6- Se me pedem eu ajudo - A
- 7- Se eu puder ajudo. Não é ir agredir mais. É separar - C
- 8- Se fôr meu amigo, mas normalmente não me costumo meter em briga sou muito nervoso-C
- 9- primeiro separo-os. Se não der é pedir a alguém, que ops separe e eu falo com o outro - A

*Ferreira Borges 7º 3ª*

- 1- Ajudo, porque é mau ver que há colegas minhas que estão mal -A
- 2- Tento ajudar, separar. Às vezes levam-se pancadas pelo meio. - A
- 3- Sim. Vou separar. Não é à pancada que se resolve - A
- 4- Às vezes vou ajudar. Porque acho que está mal as pessoas baterem-se umas às outras. C
- 5- Ajudar, separa-las -A
- 6- Tento separar - A

- 7- Ajudo a resolver o assunto -A
- 8- Sim eu digo para os outros estarem quietinhos A
- 9- Separo-os, quando eles vêm que me estão a bater também me protegem - A
- 10- Às vezes fico, não, luto , porque também posso ficar na luta - C
- 11- Sim, eles normalmente também de ajudam A

## PERGUNTA 7

### *Patronato*

- 1- Alguns têm , mas acho que não -D
- 2- Não, porque só fazem mal e assim ninguém faz amigos D
- 3- Não porque são maus e com maldade toda não fazem amigos -D
- 4- Acho que não. Porque são maus e se são maus , não têm amigos. Só Jesus -D
- 5- Só vão ter amigos agressivos porque um que não seja agressivo e tenha um amigo agressivo vai seguir o caminho -C
- 6- Os que batem mais. Às vezes não têm mais amigos porque batem muito. B
- 7- Não, miúdos agressivos, quase não têm amigos nenhuns D
- 8- Alguns saem de casa vão para a rua e têm amigos, mas eles lá sabem o tipo de amigos que têm. C
- 9- Não têm amigos, porque são maus para os amigos e depois não têm amigos -D
- 10- Acho que não, porque eles às vezes batem e depois já não são amigos e já não têm amigos. -D

### *Grão Vasco*

- 1- Muito poucos, são mal educados. Há poucas pessoas que gostam deles. Pode ser popular por estar sempre a ficar de castigo. B
- 2- Acho que não têm - D
- 3- Mais ou menos. Têm aqueles que são iguais a eles , pelo feitio -C
- 4- Se as pessoas gostam têm amigos, se não , não têm. Mas popular não é ter amigos pode ser popular e ninguém gostar deles -B
- 5- Acho que sim, são também agressivos e dão-se bem. -C
- 6- Acho que não, depois falem de agressividade e andam sempre a bater - D
- 7- Têm alguns que gostam da maneira de ser deles -B
- 8- Têm alguns que são iguais a eles e que também fazem isso mas também não estão sempre a fazer asneiras. -C
- 9- Têm , mas poucos porque as pessoas não gostam quando lhes batem B
- 10- Se se arrependem podem ter, mas menos B

*Ferreira Borges 7º 2ª*

- 1- Têm dificuldade em fazer amigos por isso mesmo os amigos afastam-se, porque a maneira de ser é muito diferente -A
- 2- Não fazem. Uma pessoa que não se sente bem ao pé de alguém que está sempre a bater. -D
- 3- Têm dificuldade em fazer amigos, são agressivos com eles e por isso perdem as amizades - A
- 4- Se têm amigos é por pouco tempo e é da mesma moeda que eles. As pessoas agressivas só gostam de andar com pessoas agressivas. -B
- 5- Têm poucos, não é bom ser amigo de alguém agressivo - B
- 6- Acho que não têm tantos como as pessoas calmas. Porque são agressivos, as pessoas deixam-nos para terem outros mais calmos. - B
- 7- é conforme. Há uns que querem ser populares é para dar nas vistas B
- 8- Têm amigos agressivos e se tem um que não é agressivo estão sempre a mandar vir com ele e assim ele torna-se agressivo. -C
- 9- Há pessoas agressivas que não conseguem ter bons amigos. São amigos que os levam por maus caminhos . Mais vale não ter. -C

*Ferreira Borges 7º 3ª*

- 1- Não fazem amigos com facilidade -A
- 2- Não têm amigos porque são agressivos e as pessoas não gostam. D
- 3- Não porque são pessoas más companhias. -D
- 4- Geralmente têm poucos amigos, mas também são assim agressivos. Têm a mesma espécie de feitio. Há uns que são agressivos , mas afinal são muito amigos. -C
- 5- Podem ter amigos, mas más companhias porque assim é que gostam de andar com eles. -C
- 6- Têm , eu também tenho amigos agressivos, são más companhias mas podem ser amigos na mesma. -C
- 7- Têm outros agressivos, não se vai dar com uma pessoa calma, não tinha sentido.-C
- 8- Não algumas. - D
- 9- Têm amigos agressivos -C
- 10- Quando são novos têm amigos mas é porque têm medo deles. Quando são maiores ninguém os quer. -B
- 11- Têm dificuldade em fazer amigos ao serem agressivos, quase ninguém quer ser amigo deles -A

## PERGUNTA 8

### *Patronato*

- 1- Alguns fortes e outros fracos .- A
- 2- Não são fortes nem fracos, são rabugentos - A
- 3- Fortes, para fazerem mal, têm que ser fortes -B
- 4- Fortes porque estão acostumados a bater B
- 5- Eles julgam-se fortes mas são mais castigados -B
- 6- São mais fortes, quando começam a bater são mais fortes -B
- 7- Fracos, o agressivo é que fica mais fraco porque os outros batem -C
- 8- Acho que são fracos e querem-se armar em fortes -C
- 9- Fortes, não sei -B
- 10- Fracos, porque quando vão a bater eles aleijam-se -C

### *Grão Vasco*

- 1- A maior parte das vezes são fortes -B
- 2- São fortes, os fracos sabem que eles são fortes B
- 3- Depende, há uns fortes e uns fracos -A
- 4- O forte dá muito mais, pode ser magro mas mesmo assim dá pontapés -B
- 5- São fortes, porque se fossem fracos não se iam meter -B
- 6- Acho que são fortes, eles pensam -se os maiores, mas não são -B
- 7- Acho que são fortes, porque se aleijam têm que ser fortes B
- 8- Todos iguais , uns têm um bocadinho mais coragem, não têm medo -A
- 9- Fortes, porque eles têm que mostrar a lutar -B
- 10- Por dentro mais fracos, por fora mais fortes. Por dentro não são fortes porque batem nos outros meninos que não fazem mal. B

### *Ferreira Borges 7º 2ª*

- 1- Tentam mostrar-se fortes, mas por dentro são como uma pessoa normal ou até mais fracos. Por dentro são sensíveis e escondem o que são. Têm medo de ser agredidos outra vez, e então tentam ser fortes para que isso não aconteça. -D
- 2- Pessoas fracas que não pensam, estão a bater não sei porquê -C
- 3- Depende. Há pessoas fracas que são agressivas, porque são influenciadas. E há pessoas fortes que é mesmo por maldade. -A
- 4- Ao princípio podem ser fracos, mas querem-se armar em boas e em fortes. No fundo até podem ser boas pessoas. -C
- 5- Normalmente são fortes, porque têm força e coragem, mas também podem ser pessoas assustadas que fazem por ser fortes. B
- 6- São mais fracos porque não tentam resolver as coisas a bem, vão logo para a agressividade. -C

- 7- Costumam ser fortes para se saberem defender. -B
- 8- São fortes porque já sabem que se têm que defender. -B
- 9- Alguns fortes , outros fracos. Os fracos precisam de amigos maus para os ajudarem, os fortes já são pela influência dos amigos.

Ferreira Borges 7º 3ª

- 1- Fracas, põem-se assim para ver se conseguem ter mais força e ser mais fortes e para não mostrarem medo .- C
- 2- Alguns são fortes e outros fracos. Alguns têm força para ser agredidos e outros não. - A
- 3- Fortes, pelo jeito de falar e de se meter com as pessoas, vê-se que são fortes B
- 4- São fortes , porque são agressivos, têm força para isso -B
- 5- Fortes, andam sempre a bater nos outros B
- 6- Fracos, porque se deixam levar pelas más companhias, fazem tudo o que lhes mandam - C
- 7- Fraca ou forte não conta, é conforme o tipo deles A
- 8- Podem ser agressivos corporalmente e psicologicamente não. Há uns que têm a mania que são fortes porque têm amigos. - B
- 9- Fortes -B
- 10- Fortes porque se armam em bons -B
- 11- Não têm nada a ver. Um magrinho que pela aderência da chunga podia fazer medo -C

## PERGUNTA 9

*Patronato*

- 1- Sim quando eles se portam mal. - A
- 2- Quando os professores têm razão são. - A
- 3- Só Às vezes quando os alunos são maus. -B
- 4- Eu acho que ele tem razão. Ele fez bem em gritar quando os meninos estão a brincar. -A
- 5- A minha professora não é agressiva - C
- 6- Batem com a régua. -A
- 7- Sim, às vezes. - B
- 8- Não, só quando nos portamos mal, mas raramente. -B
- 9- Quando não faz o que o professor manda depois o professor bate. -A
- 10- O professor ralha . A

*Grão Vasco*

- 1- Às vezes é preciso. -B
- 2- Sim. Um dia deu um par de estalos e depois pôs em cima de uma cadeira - A
- 3- Não, pelo menos o meu não. C
- 4- Não refere.

- 5- Não refere
- 6- Acho que sim -A
- 7- O professor não é tanto porque podem meter de castigo mas não batem. -C
- 8- Quando dão estalos não , não têm o direito de bater. - A
- 9- Não refere
- 10- Não refere.

*Ferreira Borges 7º 2ª*

- 1- Os professores não são de ferro, há sempre um limite de paciência em que há conflitos. -  
B
- 2- Quando são agressivos. - B
- 3- Eu acho que não, há alguns que às vezes são um pouco agressivos. -B
- 4- Se eles ralham ou chamam a atenção, no fundo devem ter razão. -B
- 5- Há , mas depende muito dos professores e alunos , os alunos sentem-se presos.  
Depende muito de professor para professor, mas há muitos que são agressivos porque não encontram outra forma de controlar os alunos. B
- 6- Os professores são mais culpados que os alunos, porque não têm outros meios de falar com os alunos -A
- 7- Acho que os professores são agressivos na maneira de falar, amandam bocas, que também é violento. -B
- 8- Depois os professores mandam logo para a rua.- A
- 9- Às vezes não gostam de ouvir as verdades e ameaçam logo que vão para a rua. -B

*Ferreira Borges 7º 3ª*

- 1- Costuma haver agressividade
- 2- Alguns são agressivos, outros não .- B
- 3- Às vezes são agressivos. -B
- 4- Os meninos queridos tratava-os bem, mas os outros não. - B
- 5- Às vezes sim, outras não .- B
- 6- Os professores ficam mais agressivos. -A
- 7- Às vezes são. -B
- 8- Nunca . -C
- 9- Sim . mais verbal. - A
- 10- Sim. -A
- 11- Normalmente são agressivos. -A

## PERGUNTA 10

### *Patronato*

- 1- Às vezes têm razão, outras vezes um bocado, outras vezes não. -C
- 2- O professor zanga-se com uma lá da sala , ele nunca se engana. -A
- 3- Acho que ela tem razão porque dentro da aula devemos fazer os trabalhos. Às vezes engana-se vai bater quando estamos quietinhos. -C
- 4- Às vezes podem enganar. -C
- 5- Elas às vezes gritam, porque nós não aprendemos, porque não queremos e eles batem. O professor Às vezes tem razão e outras não. Às vezes diz que é um, porque se porta muito bem é que está certo. Isso está mal. -C
- 6- às vezes têm razão, outras vezes não. Às vezes acontece que o professor se engana e vai bater no outro que não fez nada. -C
- 7- A minha professora não é assim tanto. Às vezes há enganar, mas se acontece a professora pede desculpa. -C
- 8- às vezes não é justo, quando eu me vou queixar a professora não liga e aos outros liga. Não sei porquê ? -C
- 9- Têm sempre razão. Mas não acho justo. Às vezes não é preciso bater. -C
- 10- Acho bem , a professora tem razão. -A

### *Grão Vasco*

- 1- O professor diz muitas vezes para o menino não fazer e é melhor pôr de castigo. Às vezes tem razão e outras não. Não põe de castigo sem ter razão para isso . -A
- 2- Eu acho isso uma parvoíce. -B
- 3- Os professores nunca batem sem razão. Os alunos portam-se mal. -A
- 4- Às vezes não é justo, mas às vezes é. Uns meninos que fazem muito barulho , e depois o professor já está cansado e depois um que faz só um bocado, pronto... o professor tem que pôr lá o nome. -C
- 5- Acho que têm sempre razão, nunca são injustos. -A
- 6- Às vezes há enganar. Na outra escola era eu e o professor pôs o outro de castigo. C
- 7- Não acho que seja sempre justo. Às vezes é sem querer e depois as empregadas põe de castigo ou batem .- C
- 8- Se temos um comportamento razoável, não é muito justo, mas se não tivermos já é. -C
- 9- O professor põe de castigo e é justo, mas já aconteceu que o professor julgar mal. Metem de castigo quando não fomos. -C
- 10- Pode haver enganar, não é frequente acontecer. - C

*Ferreira Borges 7º 2ª*

- 1- Nem sempre têm razão, há casos em que são injustos, não pensam o que é estar deste lado. Muitas vezes paga o justo pelo pecador. Para a rua vão sempre os mais agressivos, mesmo que toda a turma faça barulho. -C
- 2- Acho que têm sempre razão porque já são pessoas que sabem o que querem e se estão a fazer isso é porque sabem. Acho que podem avaliar mal, que se podem enganar mas... - A
- 3- A maior parte tenta compreender os alunos pelo diálogo, são bons professores. Acho que normalmente são justos. Eles não devem ser agressivos, porque mesmo que o aluno seja agressivo, eles não devem fazer o mesmo. Ele é que dá o exemplo. -A
- 4- Pode acontecer que o professor embirra com os alunos e um dia, mal disposto, e é aluno que paga. Ou então viu alguém a conversar e confunde e manda nós para a rua. -C
- 5- Os professores às vezes até têm razão, mas os alunos sentem-se injustiçados. Há professores que vêm chateados de casa e depois descarregam nos alunos de uma forma agressiva. -C
- 6- É logo "rua". Têm paciência para os mais calmos e não têm para os mais agressivos. -B
- 7- Uns são compreensivos, outros não, uns têm paciência para explicar e outros começam logo aos gritos. -C
- 8- O professor é que avaliou mal, fui para a rua e os outros é que estavam a conversar comigo. -C
- 9- Umhas vezes têm razão e outras não. Os professores já têm uma ideia diferente, já sabem que não vale andarem à tarefa. Às vezes avaliam bem, outras não. Às vezes dizem que não gostam de ouvir as verdades. -C

*Ferreira Borges 7º 3ª*

- 1- Os professores mandam para a rua quando não estamos a fazer nada. - B
- 2- Às vezes não avaliam bem. Às vezes estão de costas não vêm quem é que está a falar e acusam os outros. Não ouvem a nossa opinião. - C
- 3- Têm sempre razão, Às vezes podem não ter, mas a maior parte das vezes têm razão. Os alunos merecem. -C
- 4- Às vezes têm preferência por uns e depois os outros não tratam tão bem como aqueles que preferem. - C
- 5- Pode estar a fazer barulho e o professor pensa que é outro e depois ralha com o outro. - B
- 6- Às vezes somos nós que falamos e o professor manda-nos para a rua. Nessas alturas o professor não vê não pode estar a avaliar. Manda um em vez do outro. Às vezes manda injustamente. Claro que dão sempre razão aos professores. -C
- 7- Mandam para a rua, gritam, os professores querem vingar-se. - B
- 8- Às vezes a pessoa não tem culpa de nada e metem na rua. Há um engano. -C

9- Quando vêm saturados têm menos paciência. Aos que fazem estragos o professor manda sempre para a rua mas se há um aluno calmo que um dia faz estragos, o professor não manda para a rua.- B

10- Às vezes não avaliam bem. -C

11- Às vezes os professores vêm mal e em vez de mandar um para a rua, mandam o outro.

-C

## **ANEXO V**

### **APRESENTAÇÃO DOS QUADROS DE RESULTADOS**



APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS  
GRÃO VASCO

Perguntas → Categorias → Sujeitos ↓	Pergunta 6				Pergunta 7				Pergunta 8				Pergunta 9			Pergunta 10		
	A	B	A	B	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	A	B	C
1		X		X										X				
2		X				X			X								X	
3	X					X			X						X			
4	X			X						X								X
5	X					X				X					X			
6	X						X			X			X					X
7		X		X											X			X
8	X					X			X								X	
9		X		X														X
10	X			X							X							X
Total de respostas	6	4	0	5	2	3	2	2	2	7	0	1	3	1	2	3	2	5

CATEGORIAS POR PERGUNTA: PERG.6: A- Sim B- Às vezes PERG. 7: A- Tem dificuldade em fazer amigos B- Tem amigos por pouco tempo ou em condições precárias C- Tem amigos agressivos/ más companhias D- Não têm amigos. PERG. 8: A- Uns fortes, outros fracos B- Fortes C- Fracos D- Dentro fracos / Fora fortes. PERG. 9: A- Sim B- Só às vezes C- Não PERG. 10: A- São justos avaliam bem B- Não são justos C- Às vezes sim, outras não.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS  
PATRONATO

Perguntas → Categorias → Sujeitos ↓	Pergunta 1				Pergunta 2				Pergunta 3				Pergunta 4				Pergunta 5		
	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C
1	X				X				X						X				X
2				X	X			X					X						X
3		X				X	X		X							X			X
4		X						X	X	X						X			X
5		X							X	X						X			X
6				X		X										X			
7				X	X	X		X				X				X	X		
8				X	X	X			X		X							X	
9				X						X									
10				X	X							X							X
Total de respostas	2	3	0	6	6	3	1	3	7	5	2	2	2	2	0	2	2	1	1

CATEGORIAS POR PERGUNTA: PERG. 1: A- Influência do meio familiar B- Causas intrínsecas / características pessoais C- Em consequência de situações externas D- Comportamentos e acções directas.  
 PERG. 2: A- Influência familiar. B- Causas intrínsecas / características pessoais C- Consequência de situações ou acções do meio D- Consequência de comportamentos e acções directas dos outros.  
 PERG. 3: A- Defesa por agressão física ou verbal B- Queixa c- Fuga declarada / Ignorar D- Compreensão e conselhos verbais  
 PERG. 4: A- Sentimentos B- Não penso / Não ligo C- Atribuição de características a quem agride D- Forma de agir o que posso fazer ou dizer E- Juízo de valor/ Porquê da agressividade.  
 PERG. 5: A- Não B- Sim C- Às vezes.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS  
PATRONATO

Perguntas→ Categorias → Sujeitos ↓	Pergunta 6				Pergunta 7				Pergunta 8				Pergunta 9			Pergunta 10		
	A	B	A	B	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	A	B	C
1		X			X				X				X					X
2	X								X				X			X		
3	X							X		X				X				X
4	X				X			X		X			X					X
5		X					X			X					X			X
6	X												X					X
7	X							X				X				X		X
8	X						X					X		X				X
9	X							X		X						X		X
10	X							X				X		X				
Total de respostas	8	2	0	1	2	7	2	0	3	5	3	0	6	3	1	2	0	8

CATEGORIAS POR PERGUNTA: PERG.6: A- Sim B- Às vezes PERG. 7: A- Tem dificuldade em fazer amigos B- Tem amigos por pouco tempo ou em condições precárias C- Tem amigos agressivos/ más companhias; D- Não têm amigos  
PERG. 8 : A- Uns fortes, outros fracos B- Fortes C- Fracos D- Dentro fracos / Fora fortes.  
PERG. 9: A- Sim B- Só às vezes C- Não PERG. 10: A- São justos avaliam bem B- Não são justos C- Às vezes sim, outras não.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS  
FERREIRA BORGES 7º 2ª

Categorias → Sujeitos ↓	Pergunta 1				Pergunta 2				Pergunta 3				Pergunta 4				Pergunta 5				
	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	D	E	F	A	B	C
1	X	X			X	X			X			X							X		
2		X			X		X					X			X						X
3	X	X			X				X		X	X				X					
4	X	X			X				X		X					X			X		
5		X	X			X	X			X	X	X					X		X		
6	X		X				X		X		X			X					X		
7	X		X			X			X	X			X						X		
8	X				X				X		X					X					X
9	X							X	X								X	X			X
Total de respostas	7	5	3	0	5	3	4	1	6	0	5	5	0	1	2	2	4	1	5	1	3

CATEGORIAS POR PERGUNTA: PERG. 1: A- Influência do meio familiar B- Causas intrínsecas / características pessoais C- Em consequência de situações externas D- Comportamentos e ações directas.  
 PERG. 2: A- Influência familiar; B- Causas intrínsecas / características pessoais C- Consequência de situações ou ações do meio D- Consequência de comportamentos e ações directas dos outros.  
 PERG. 3: A- Defesa por agressão física ou verbal B- Queixa c- Fuga declarada / Ignorar D- Compreensão e conselhos verbais  
 PERG. 4: A- Sentimentos B- Não penso / Não ligo C- Atribuição de características a quem agride D- Forma de agir o que posso fazer ou dizer E- Juízo de valor/ Porquê da agressividade.  
 PERG. 5: A- Não B- Sim C- Às vezes.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS  
FERREIRA BORGES 7º 2ª

Perguntas → Categorias → Sujeitos ↓	Pergunta 6				Pergunta 7				Pergunta 8				Pergunta 9			Pergunta 10		
	A	B	A	B	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	A	B	C
1	X		X								X							X
2	X						X				X				X			
3		X	X					X					X			X		
4		X									X							X
5		X		X					X									X
6	X			X							X				X			
7		X		X					X									X
8	X	X				X							X					X
9						X							X					X
Total de respostas	4	5	2	4	2	2	1	3	3	2	3	1	2	7	0	2	1	6

CATEGORIAS POR PERGUNTA: PERG.6: A- Sim B- Às vezes PERG. 7: A- Tem dificuldade em fazer amigos B- Tem amigos por pouco tempo ou em condições precárias C- Tem amigos agressivos/ más companhias D- Não têm amigos PERG. 8 : A- Uns fortes, outros fracos B- Fortes C- Fracos D- Dentro fracos / Fora fortes.  
PERG. 9: A- Sim B- Só às vezes C- Não PERG. 10: A- São justos avaliam bem B- Não são justos C- Às vezes sim, outras não.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

FERREIRA BORGES 7º 3ª

Perguntas → Categorias → Sujeitos ↓	Pergunta 1				Pergunta 2				Pergunta 3				Pergunta 4				Pergunta 5					
	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	D	E	F	A	B	C	
1	X					X				X						X					X	
2			X		X							X		X							X	
3		X		X		X						X				X						X
4	X					X						X							X			
5	X					X							X	X					X			
6	X				X						X			X					X			
7		X				X													X			
8	X	X							X					X							X	
9		X									X										X	
10		X							X													
11	X				X								X						X			
Total de respostas	6	5	1	1	3	5	2	1	1	9	0	5	3	4	3	2	4	2	1	6	2	3

CATEGORIAS POR PERGUNTA: PERG. 1: A- Influência do meio familiar B- Causas intrínsecas / características pessoais C- Em consequência de situações externas D- Comportamentos e ações directas.  
 PERG. 2: A- Influência familiar B- Causas intrínsecas / características pessoais C- Consequência de situações ou ações do meio D- Consequência de comportamentos e ações directas dos outros.  
 PERG. 3: A- Defesa por agressão física ou verbal B- Queixa c- Fuga declarada / Ignorar D- Compreensão e conselhos verbais  
 PERG. 4: A- Sentimentos B- Não penso / Não ligo C- Atribuição de características a quem agride D- Forma de agir o que posso fazer ou dizer E- Juízo de valor/ Porquê da agressividade.  
 PERG. 5: A- Não B- Sim C- As vezes.

FERREIRA BORGES 7º 3ª

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Perguntas →	Pergunta 6		Pergunta 7				Pergunta 8				Pergunta 9			Pergunta 10			
	A	B	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	A	B	C	
Categorias → Sujeitos ↓																	
1	X		X					X						X			
2	X					X					X						X
3	X					X			X								X
4								X									X
5	X							X								X	
6	X											X					X
7	X					X				X							
8	X									X							X
9	X					X								X			
10										X				X			X
11	X		X								X			X			X
Total de respostas	9	2	2	1	5	3	2	6	3	0	5	5	1	0	4	7	

CATEGORIAS POR PERGUNTA: PERG.6: A- Sim B- Às vezes PERG. 7: A- Têm dificuldade em fazer amigos B- Têm amigos por pouco tempo ou em condições precárias C- Têm amigos agressivos/ más companhia D- Não têm amigos PERG. 8 : A- Uns fortes, outros fracos B- Fortes C- Fracos D- Dentro fracos / Fora fortes. PERG. 9: A- Sim B- So às vezes C- Não PERG. 10: A- São justos avaliam bem B- Não são justos C- Às vezes sim, outras não.

**ANEXO VI**  
**ESCALA DE AVALIAÇÃO DA AGRESSIVIDADE**

## AVALIAÇÃO DA AGRESSIVIDADE

NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

A avaliação de cada criança deverá ter em conta cada um dos 13 itens que se seguem. Quantifique as suas respostas escrevendo à frente de cada item a frequência com que lhe parece que esse comportamento ocorre nesta criança. Para isso utilize a seguinte escala:

- 2- Comportamento frequente.
- 1- Comportamento ocasional.
- 0- Comportamento que não se aplica.

O \_\_\_\_\_ é...

- 1- Muito agitado, não permanece no lugar
- 2- Destrói as sua próprias coisas ou as dos outros
- 3- Luta com as outras crianças
- 4- Os outros não gostam deles
- 5- Mexe-se continuamente, não sabe como ficar sem se mexer
- 6- Desobediente
- 7- Culpa os outros
- 8- Irritável
- 9- Maltrata, intimida as outras crianças
- 10- Diz mentiras
- 11- Não partilha os seus jogos
- 12- Não dá atenção aos outros
- 13- Bate, morde dá pontapés às crianças